

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO E DOUTORADO EM TEOLOGIA**

**JOÃO RAINER BUHR**

**UMA ANÁLISE DE MATEUS 5,10-12 E SUA RELAÇÃO COM A PERSEGUIÇÃO A  
MENNO SIMONS E AOS MENONITAS DO SÉCULO XVI – (1536-1561)**

**CURITIBA**

**2021**

**JOÃO RAINER BUHR**

**UMA ANÁLISE DE MATEUS 5,10-12 E SUA RELAÇÃO COM A PERSEGUIÇÃO A  
MENNO SIMONS E AOS MENONITAS DO SÉCULO XVI – (1536-1561)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pós-  
Graduação em Teologia da Pontifícia  
Universidade Católica do Paraná,  
como requisito parcial à obtenção do  
título de doutor em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Vicente Artuso

**CURITIBA**

**2021**



**Programa de  
PÓS-GRADUAÇÃO  
EM TEOLOGIA  
PUCPR**

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE Nº.013.2021  
DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO DE TEOLOGIA**

**João Rainer Buhr**

Aos vinte e sete dias de setembro de dois mil e vinte e um, às catorze horas reuniu-se por videoconferência a banca examinadora constituída pelos professores doutores Vicente Artuso, Ido Perondi, Cezar Bueno, e professoras doutoras Marivete Zanoni Kunz, Cleusa Caldeira para examinar a Tese de doutorado João Rainer Buhr ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia – Doutorado, no ano de 2018, na Área de concentração: Exegese e Teologia Bíblica, Linha de Pesquisa: Análise e Interpretação da Sagrada Escritura. O doutorando apresentou a tese intitulada: **UMA ANÁLISE DE MATEUS 5,10-12 E SUA RELAÇÃO COM A PERSEGUIÇÃO A MENNO SIMONS E AOS MENONITAS DO SÉCULO XVI – (1538-1561)**. O candidato fez uma exposição sumária da tese, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi Aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 16h e 45 min. Para constar, lavrou-se a presente Ata, que segue assinada pelo presidente da Banca Examinadora e pela coordenação do Programa. Os avaliadores(as) participaram da banca de Defesa da Tese por videoconferência e estão de acordo com termos acima.

***Vicente Artuso***

Prof. Dr. Vicente Artuso  
Presidente/Orientador

Prof. Dr. Ido Perondi

Convocado Interno

Prof. Dr. Cezar Bueno

Convocado Interno

Profa. Dra. Cleusa Caldeira

Convocada Externa

Profa. Dra. Marivete Zanoni Kunz

Convocada Externa

**Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner**

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia  
*Stricto Sensu*



Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central  
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

Buhr, João Rainer  
B931u Uma análise de Mateus 5,10-12 e sua relação com a perseguição a Menno  
2021 Simons e aos menonitas do século XVI – (1536-1561) / João Rainer Buhr ;  
orientador: Vicente Artuso. – 2021.  
215 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,  
2021

Bibliografia: f. 209-215

1. Teologia. 2. Perseguição religiosa. 3. Menonitas. 4. Bíblia. N.T. Mateus.  
5. Bem-aventuranças. 6. Menno Simons, 1496-1561. I. Artuso, Vicente.  
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pós-Graduação em Teologia.  
III. Título.

CDD 20. ed. – 230

**JOÃO RAINER BUHR**

**UMA ANÁLISE DE MATEUS 5,10-12 E SUA RELAÇÃO COM A PERSEGUIÇÃO A  
MENNO SIMONS E AOS MENONITAS DO SÉCULO XVI – (1536-1561)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pós-Graduação  
em Teologia da Pontifícia Universidade  
Católica do Paraná, como requisito parcial  
à obtenção do título de doutor em Teologia.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. VICENTE ARTUSO  
PUCPR

---

Prof. Dr. ILDO PERONDI  
PUCPR

---

Prof. Dr. CEZAR BUENO  
PUCPR

---

Profa. Dra. CLEUSA CALDEIRA  
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia -FAJE

---

Profa. Dra. MARIVETE ZANONI KUNZ  
FABAPAR – Curitiba e Faculdade Batista Pioneira de Ijuí –RS

Curitiba, 27 de setembro de 2021.

Dedico esse trabalho à comunidade Menonita mundial. Testemunhas vivas de que mesmo em meio a severa perseguição, com fé em Deus e persistência, é possível não somente sobreviver, mas praticar e ensinar valiosos princípios de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois é Ele quem me deu a vida e a sustenta, concedendo as condições e motivações para que as pesquisas sejam possíveis.

Agradeço a meu orientador, prof. Dr. Vicente Artuso, homem sábio e humilde, que com toda calma e paciência me orientou ao longo dessa desafiadora e incrível jornada.

Agradeço a Capes, pela bolsa concedida e também à PUC-PR, especialmente ao departamento de Teologia, da Escola de Educação e Humanidades, por todo o suporte e incentivo.

Agradeço a meus pais, João e Barbara Buhr, que com seu exemplo e apoio sempre demonstraram o valor do estudo.

Por fim, agradeço à minha querida esposa Tania Mara e às minhas filhas Rebeca e Cecília, que com seu amor, afeto e acolhimento, foram essenciais em toda a caminhada, em especial, em momentos de angústia e desânimo.

“Estenda e dirija o reino de Deus com todo o amor e seriedade, sem qualquer violência. Sem sangue ou espada, mas somente através do seu sábio conselho e por meio do exemplo de uma vida piedosa e sem culpa”.

(SIMONS, 2013b, p. 157)

## RESUMO

O tema principal da pesquisa é a perseguição, cujo significado foi pesquisado em duas diferentes épocas. O trabalho foi dividido em duas partes principais. A primeira ocupou os capítulos 2, 3 e 4. Nesta seção, o objetivo foi descobrir o que Jesus quis dizer sobre perseguição na bem-aventurança em Mt 5, 10-12. O principal método empregado foi o Histórico-Gramatical. A segunda parte, capítulos 5 e 6, foi dedicada à história e teologia Menonita. Nesta divisão, o objetivo foi extrair o pensamento teológico de Menno Simons sobre a “perseguição”. Para isso, foi empregada a abordagem da libertação. A prioridade da pesquisa foi verificar se os Menonitas, seguidores de Menno Simons, entre 1536 e 1561 se encaixam no perfil dos perseguidos ensinado por Jesus na bem-aventurança. Além disso, revelou também ensinamentos teológicos resultantes da perseguição sofrida pelos Menonitas. O resultado final é bastante satisfatório pois os objetivos foram plenamente alcançados. É nítida a semelhança entre os perseguidos mencionados por Jesus e os Menonitas. Há muitas conexões que sustentam essa conclusão. O legado teológico resultante da perseguição, sofrimento e opressão aos Menonitas também ficou evidente ao longo da pesquisa e é destacado no capítulo 7. Muitos princípios que a maioria das igrejas evangélicas praticam atualmente são consequências da perseguição imposta à Menno Simons e a seu povo no século XVI em alguns países europeus. São pilares de fé que foram desenvolvidos em meio a muito sofrimento e aflições. Como foram concebidos a partir de uma experiência real, nunca perdem seu valor, são sempre aplicáveis, trazendo consolo e direção a minorias perseguidas.

**Palavras-chave:** Perseguição, Bem-aventurança, Sermão do Monte, Menno Simons, Menonitas.

## ABSTRACT

The main theme of this research is persecution, the meaning of which was researched at two different times. The study will be divided into two main parts. The first occupied chapters 2, 3 and 4. In this section, the objective was to find out what Jesus meant about the persecution in the beatitude, Mt 5,10-12. The most important method used is the Grammatical History. The second part, was devoted to Mennonite history and theology. In this division, the objective was to extract the theological thought of Menno Simons on persecution. For this, the method of „liberation approach“ was used. The research priority was to verify if the Mennonites, followers of Menno Simons, between 1536 and 1561 fit the profile of the persecuted taught by Jesus in the beatitude. In addition, it also revealed theological teachings resulting from the persecution suffered by the Mennonites. The end result is quite satisfactory as the goal was fully achieved. The similarity between the persecuted mentioned by Jesus and the Mennonites is clear. There are many connections that support this conclusion. The theological legacy resulting from the persecution, suffering and oppression of the Mennonites was also evident throughout the research and is highlighted in chapter 7. Many principles that most evangelical churches practice today are consequences of the persecution imposed on Menno Simons and his people in the 16th century in some European countries. They are pillars of faith that were developed amidst much suffering and affliction. Because they were conceived from real experience, they never lose their value, they are always applicable, bringing comfort and direction to persecuted minorities.

**Key-words:** Persecution, Beatitude, Sermon on the Mount, Menno Simons, Mennonites.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2 A HISTÓRIA DAS PERSEGUIÇÕES E RESISTÊNCIAS DOS JUDEUS AO IMPÉRIO ROMANO</b> .....	24
2.1 A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS A PARTIR DA CHEGADA DO IMPÉRIO ROMANO .....	24
2.2 A PERSEGUIÇÃO DE HERODES AOS JUDEUS .....	26
2.3 A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS APÓS A MORTE DE HERODES .....	31
2.4 A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS A PARTIR DE 6 d.C. ....	34
2.5 GRUPOS JUDEUS DE RESISTÊNCIA AO IMPÉRIO ROMANO .....	37
2.5.1 Os bandidos sociais .....	38
2.5.2 A quarta filosofia .....	39
2.5.3 Os sicários .....	41
2.5.4 Os zelotas .....	42
2.6 A GUERRA JUDAICA .....	43
2.7 A VIOLÊNCIA ROMANA NA RECONQUISTA DA JUDEIA E A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS .....	44
<b>3 O EVANGELHO DE MATEUS: INTRODUÇÃO, ORIGEM HISTÓRICA E LITERÁRIA</b> .....	47
3.1 HISTÓRIA E ORIGEM DO EVANGELHO DE MATEUS .....	47
3.2 AUTORIA DO EVANGELHO DE MATEUS .....	50
3.3 DATA DE COMPOSIÇÃO DO EVANGELHO DE MATEUS .....	52
3.4 LUGAR DE COMPOSIÇÃO DO EVANGELHO DE MATEUS .....	55
3.5 MOTIVAÇÃO E PROPÓSITO DA ESCRITA DO EVANGELHO DE MATEUS ...	56
3.6 UNIDADE E ESTRUTURA DO EVANGELHO DE MATEUS .....	59
<b>4 INTRODUÇÃO AO SERMÃO DO MONTE E EXEGESE DAS BEM-AVENTURANÇAS NA PERSPECTIVA DAS PERSEGUIÇÕES</b> .....	61
4.1 INTRODUÇÃO .....	61
4.2 DELIMITAÇÃO DO TEXTO - Mt 5, 1-16 .....	65
4.3 CRÍTICA TEXTUAL .....	67
4.4 ANÁLISE FILOLÓGICA GRAMATICAL .....	68
4.4.1 Tabela de tradução .....	68

4.4.2 Tradução para o português .....	77
4.5 HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO: DOS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO ATÉ A REFORMA .....	77
4.5.1 Interpretação nos primeiros séculos do Cristianismo .....	78
4.5.2 Interpretação de Tertuliano .....	78
4.5.3 Interpretação de Crisóstomo .....	79
4.5.4 Interpretação de Agostinho .....	80
4.5.5 Interpretação de Tomás de Aquino .....	80
4.5.6 Interpretação de Martinho Lutero .....	81
4.5.7 Interpretação de Ulrico Zuínglio .....	82
4.5.8 Interpretação de João Calvino .....	83
4.5.9 Interpretação dos Anabatistas / Menonitas .....	84
4.6 INTERPRETAÇÃO DO SERMÃO DO MONTE ATUALMENTE .....	86
4.6.1 Ética de intenção .....	86
4.6.2 Ética provisória .....	87
4.6.3 Ética futurista .....	87
4.6.4 Ética para uma sociedade simples .....	87
4.7 ANÁLISE TEOLÓGICA DE MATEUS 5,10-12: A PERSEGUIÇÃO .....	88
4.7.1 Quem era e será perseguido? .....	88
4.7.2 Por quem eram perseguidos? .....	91
4.7.3 Quando (data) será a perseguição? .....	94
4.7.4 Onde (local) será a perseguição? .....	95
4.7.5 Por que (motivos) será a perseguição? .....	96
4.7.6 Como era a perseguição? .....	98
4.7.7 Qual a reação Jesus espera do perseguido? .....	102
4.7.8 Qual a recompensa Jesus oferece ao perseguido? .....	104
5 A PERSEGUIÇÃO AOS ANABATISTAS DO SÉCULO XVI NA SUÍÇA – FASE 1 .....	106
5.1 O INÍCIO: SOB A LIDERANÇA DE ULRICO ZUÍNGLIO .....	109
5.2 O ROMPIMENTO COM ZUÍNGLIO .....	112
5.3 CONSEQUÊNCIAS DO ROMPIMENTO COM ZUÍNGLIO: PERSEGUIÇÃO, SOFRIMENTO E MORTE .....	114
5.3.1 Conrado Grebel .....	115
5.3.2 Felix Manz .....	119

5.3.3 George Blaurock .....	122
5.3.4 Michael Sattler.....	124
5.4 BATISMO DE ADULTOS: SEU SIGNIFICADO NO SÉCULO XVI .....	128
5.5 SEPARAÇÃO ENTRE IGREJA E ESTADO: SEU SIGNIFICADO NO SÉCULO XVI .....	129
5.6 BATISMO DE ADULTOS E SEPARAÇÃO ENTRE IGREJA E ESTADO: A EXPLOSIVA UNIÃO QUE IMPULSIONA O SURGIMENTO DO ANABATISMO ....	133
6 A PERSEGUIÇÃO AOS MENONITAS DO SÉCULO XVI NA HOLANDA E ALEMANHA – FASE 2 .....	135
6.1 BIOGRAFIA DE MENNO SIMONS .....	136
6.2 BATISMO DE ADULTOS: O PRINCIPAL MOTIVO DE PERSEGUIÇÃO A MENNO SIMONS.....	143
6.3 EXEMPLOS DE PERSEGUIÇÕES A MENNO SIMONS .....	144
6.4. O PENSAMENTO TEOLÓGICO DE MENNO SIMONS SOBRE A PERSEGUIÇÃO .....	147
6.4.1 A cruz de Cristo.....	150
6.4.2 Quem persegue os Menonitas? .....	152
6.4.3 Por que os Menonitas são perseguidos? .....	153
6.4.4 Exemplos bíblicos de pessoas perseguidas – Antigo Testamento.....	155
6.4.5 Exemplos bíblicos de pessoas perseguidas – Novo Testamento.....	157
6.4.6 Menonitas são perseguidos como profetas e apóstolos bíblicos foram .....	161
6.4.7 Acusações dos perseguidores e refutações de Menno Simons.....	164
6.4.8 As vantagens da perseguição .....	175
6.4.9 Conclusão do pensamento teológico de Simons sobre a perseguição .....	181
7 COMPARAÇÃO DA TEOLOGIA DA BEM-AVENTURANÇA EM MATEUS COM A TEOLOGIA DE MENNO SIMONS NO CONTEXTO DA PERSEGUIÇÃO .....	184
7.1 VIDA CRISTÃ COERENTE .....	185
7.2 IGREJAS LIVRES DO PODER DO ESTADO .....	189
7.3 RESISTÊNCIA NO SOFRIMENTO .....	192
7.4 PACIFISMO E NÃO VIOLÊNCIA .....	196
8 CONCLUSÃO.....	200
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	209

## 1 INTRODUÇÃO

A palavra que melhor resume o objeto de pesquisa do presente trabalho é, sem dúvidas, a palavra “perseguição”. Ela será o tema unificador, que estará presente do começo ao fim. A perseguição será pesquisada a partir das palavras de Jesus proferidas no Sermão do Monte e registradas pelo evangelista Mateus e mais tarde, durante o século XVI, quando os Menonitas foram perseguidos na Europa. O trecho bíblico fundamental para essa investigação será Mateus 5,10-12:

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus. Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.<sup>1</sup>

Com base nesse texto, será pesquisado o que Jesus quis dizer com a palavra perseguição, mencionada três vezes por ele: uma vez em cada versículo na passagem destacada. Na tradução para o português, as Bíblias mencionam as palavras “perseguidos”, “perseguição”, “perseguirem” e “perseguiram” nos referidos versículos. O sentido das palavras de Jesus será extraído através de uma exegese de Mateus 5, 1-16. A exegese dessa parte considerável do Sermão do Monte é fundamental para que seja possível extrair o sentido exato das palavras de Jesus.

O Sermão do Monte, assim como as bem-aventuranças, é fundamental nos ensinamentos de Jesus. Nele, o Mestre traz instruções muito importantes a seus seguidores de todos os tempos. Além de relevantes, suas orientações muitas vezes são difíceis de entender e, principalmente, praticar. Nos versículos 10 a 12 do capítulo 5 - o foco principal da presente pesquisa - isso fica muito evidente. O Sermão do Monte também tem grande importância na Teologia Menonita. Pode-se dizer que é considerada uma das partes principais da Bíblia para esse grupo. Menonitas entendem que as Escrituras apontam para Jesus e, no Sermão do Monte, ele ensina como deseja que seus discípulos vivam.

É importante registrar que o termo “Menonitas” ou “Mennisten”, em alemão, referindo-se ao grupo que seguia Menno Simons, foi primeiramente utilizado a partir de 1544, no estado da Frísia Oriental, norte da Alemanha. Anteriormente, em 1525,

---

<sup>1</sup> Todos os textos bíblicos citados na presente pesquisa são extraídos da “Bíblia Sagrada Almeida Século 21”. A única exceção é com relação aos livros denominados “apócrifos”, que não constam nessa versão. Os textos desses livros serão citados da versão: “A Bíblia de Jerusalém”.

na Suíça, no início do movimento, o grupo era conhecido por “Irmãos Suíços” e, logo em seguida, por “anabatistas”. Atualmente, ainda se usa o termo “anabatistas” como designação mais ampla e geral. Os “Menonitas” ou a “igreja Menonita” são um grupo dentro do universo anabatista. Por vezes, os termos se confundem; e, quanto à Teologia, não há diferença, pois adotam os mesmos princípios teológicos. O termo “Irmãos Suíços” entrou em desuso, somente foi utilizado para o grupo que iniciou o movimento na Suíça.

A hipótese a ser confirmada na pesquisa é que Menno Simons e os Menonitas, seus seguidores, representam um exemplo de discípulos de Jesus que foram perseguidos por sua causa. A intenção é confirmar essa conexão através da bem-aventurança (Mt 5,10-12), um texto fundamental da Teologia Menonita, e o pensamento teológico de Menno Simons sobre perseguição. Também será confirmado se a perseguição sofrida pelos Menonitas trouxe contribuições para a Teologia. Em geral, o sofrimento descortina faces teológicas não visíveis em tempos de bonança. Essa procura será objetivo da pesquisa e complementa a hipótese.

O autor da pesquisa tem especial interesse pelo tema, pois além de ser pastor e professor de teologia Menonita, entende que a história Menonita ainda é muito pouco explorada. Todavia, contém valiosas contribuições teológicas que precisam ser investigadas e apresentadas, pois podem ter muito a acrescentar no mundo teológico e poderão fomentar importantes diálogos ainda hoje.

A investigação histórica sobre a perseguição aos Menonitas será limitada entre os anos de 1536 a 1561. Em 1536, Menno Simons adere ao movimento anabatista. Assim, iniciam-se as perseguições contra ele, as quais se perpetuam durante toda a sua vida: até 1561, o ano do seu falecimento. Observando sua história, parece que Simons e seus seguidores foram perseguidos por causa da justiça. Foram zombados, oprimidos e mentiras foram contadas sobre eles. A palavra “perseguição” conecta os dois períodos: tanto os ouvintes de Jesus, como os Menonitas do século XVI. A princípio, a perseguição que sofreram parece muito semelhante àquela prevista por Jesus.

Parece que eram pessoas corajosas e perseverantes, que se mantinham fiéis às suas crenças, apesar da grande perseguição e sofrimento enfrentados. Como conseguiam? As ameaças de morte não os faziam desistir: seguiam em frente, apesar dos perigos. Os primeiros anabatistas, na Suíça, no período que será denominado neste trabalho como fase I (capítulo 4), chegavam até mesmo a se alegrar, apesar de

sua iminente morte. Nesse ponto, parece haver grande semelhança com o discurso de Jesus. Ele declarou que: “Bem-aventurados sois, quando vos insultarem, perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa”. Mt 5,11 e ainda: “Alegrai-vos e exultai, pois, vossa recompensa no céu é grande; porque assim perseguiram os profetas, que viveram antes de vós”. Mt 5,12. A pesquisa investigará se Menno Simons e seus seguidores também estavam dispostos a morrer, pois argumentavam e denunciavam a perseguição. Parece que há uma notável mudança de atitude: eles procuravam manter-se alegres e confiantes, mas ponderavam com as autoridades e se queixavam sobre a perseguição recebida. Simons não se calava diante dos sofrimentos e injustiças.

Essas aparentes conexões entre o discurso de Jesus e a experiência dos Menonitas entre os anos 1536 e 1561, na Europa, é que sustentam a hipótese da pesquisa. Será que os Menonitas se encaixam nas características dos perseguidos, ensinadas por Jesus? E será que eles podem ser considerados um grupo de discípulos que foram perseguidos por causa de Cristo? É possível verificar semelhanças entre os perseguidos das bem-aventuranças e os Menonitas? É possível verificar contribuições teológicas dos perseguidos resultantes da perseguição aos Menonitas? Essas perguntas caracterizam a hipótese da pesquisa; e as respostas a elas serão procuradas ao longo do trabalho.

Sendo assim, o objetivo principal da pesquisa é verificar se Menno Simons e os Menonitas - que foram perseguidos no século XVI - se enquadram no exemplo de discípulos de Jesus que seriam oprimidos e foram citados e orientados por ele no Sermão do Monte, Mt 5,10-12. Também será confirmado se a severa perseguição trouxe contribuições teológicas. Para alcançar o objetivo proposto e facilitar a pesquisa, o trabalho será dividido em objetivos menores. Com relação à análise do texto de Mt 5,10-12, o propósito é verificar quem são os bem-aventurados que serão perseguidos por causa dele: será pesquisado, então, se Jesus referia-se somente aos doze discípulos da época ou ao grupo maior de discípulos que o seguiam. Havia também a multidão que o ouvia. Outra possibilidade é que Jesus se referiu a todos seus seguidores de todas as épocas. Há ainda a hipótese que Jesus atribui a perseguição aos missionários cristãos, àqueles que levam o Evangelho de Cristo a pessoas que ainda não ouviram a mensagem.

O objetivo será investigar a perseguição mencionada por Jesus e compará-la com a sofrida pelos Menonitas. A intenção é descobrir se a causa da perseguição aos

Menonitas é aquela que já fora prevista por Jesus. Afinal, ele antecipou que seus seguidores seriam perseguidos por causa da justiça e por “causa dele”. Também afirmou que seus discípulos seriam perseguidos, zombados e vítimas de mentiras e maldades. Apesar disso, deveriam se alegrar porque terão uma grande recompensa no céu e porque os antigos profetas foram perseguidos da mesma forma.

A pesquisa será dividida em duas partes maiores: a primeira, dedicada à análise da bem-aventurança (capítulos 2 a 4); e a segunda, dedicada à investigação da perseguição e sofrimento dos Menonitas (capítulos 5 a 6). O último capítulo (7) será dedicado a uma breve comparação do que foi encontrado nas duas partes anteriores e a busca de pensamentos teológicos relevantes que a perseguição produziu. Na primeira parte, os capítulos 2 e 3 são de aproximação, fundamentação e introdução para a análise teológica que será feita no capítulo 4. Na segunda parte, o capítulo 5 cumprirá esse objetivo. A contextualização histórica - ferramenta de fundamental importância para a Teologia - terá um papel fundamental durante a pesquisa. Toda revelação divina aconteceu no curso da história, evidenciando que a Teologia não pode ser entendida e explorada sem o auxílio dela.

Os três primeiros capítulos, após a introdução (capítulo 1), serão dedicados à análise do texto bíblico e sua interpretação. O capítulo 2, denominado: “A história das perseguições e resistências dos judeus ao Império Romano”, ajudará na contextualização do tema. É um capítulo de aproximação ao texto bíblico, sob a ótica da perseguição. Para uma melhor compreensão das palavras de Jesus sobre o tema, o mesmo é dedicado à história da perseguição em Israel. Será feito um breve levantamento do desenvolvimento da perseguição a partir da chegada do Império Romano à região, em 63 a.C., quando o general romano Pompeu entrou em Jerusalém. A análise se estenderá até a guerra judaica, por volta de 70 d.C. A opressão romana e a reação judaica, que formaram o contexto da “perseguição”, presente quando Jesus pronunciou o Sermão do Monte, serão analisados também. Essa verificação será útil para analisar o que os ouvintes de Jesus entenderam quando o ouviram falar sobre perseguição.

O terceiro capítulo “O evangelho de Mateus: introdução, origem histórica e literária” também faz parte da contextualização ou aproximação ao tema, e será dedicado a questões introdutórias sobre o evangelho de Mateus. História e origem, autoria, data, lugar de composição, motivação e propósito, unidade e estrutura serão analisados. Os dois primeiros capítulos servirão de fundamento para o terceiro, que

cumprirá um objetivo específico da pesquisa: a realização da exegese do texto de Mt 5,1-16. A exegese tem grande importância na pesquisa, pois revelará o que Jesus quis ensinar com seu discurso sobre perseguição.

O capítulo quatro é denominado: “Introdução do Sermão do Monte e exegese das bem-aventuranças na perspectiva das perseguições”. A exegese seguirá o seguinte caminho: delimitação do texto, crítica textual e análise filológica gramatical, que ocupará uma grande parte do capítulo, pois contém a tabela de tradução do texto grego. Para auxiliar a análise teológica do texto, será inserido um breve histórico da interpretação do Sermão do Monte. O capítulo será encerrado, fazendo-se uma análise de Mt 5,10-12 sob a ótica da perseguição (item 4.7).

O objetivo dessa pesquisa é também buscar respostas a oito perguntas, que lhe conferirão suporte e direcionamento, pois serão empregadas nos capítulos 4, 5 e 7, para a comparação com a situação de Menno Simons e seus seguidores. São importantes, porque auxiliam na confirmação - ou não - da hipótese da pesquisa: 1. Quem era e será perseguido? 2. Por quem eram perseguidos? 3. Quando (data) será a perseguição? 4. Onde (local) será a perseguição? 5. Por que (motivos) será a perseguição? 6. Como era a perseguição? 7. Qual a reação Jesus espera do perseguido? 8. Qual a recompensa Jesus oferece ao perseguido?

A exegese da perícopa de Mateus 5,1-16 será feita seguindo as instruções sugeridas nas seguintes obras: “Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia”, de Uwe Wegner e “Exegese do Novo Testamento a partir do método Histórico-Gramatical”, de Claiton André Kunz. São obras de referência, de autores que se dedicam à exegese bíblica do Novo Testamento e que fornecerão um fundamento sólido para essa etapa importante da presente pesquisa. Serão utilizadas ferramentas julgadas úteis de alguns métodos exegéticos, sem a preocupação de se seguir rigidamente um deles.

A segunda etapa da pesquisa, que se inicia no capítulo 5, verificará a perseguição sofrida por Menno Simons e os Menonitas entre o período de 1536 a 1561. A metodologia será a mesma aplicada na análise do texto de Mt 5,10-12, nos três primeiros capítulos. Em primeiro lugar, será feita uma contextualização; e a história da origem do movimento anabatista será analisada. O capítulo 5 inaugurará essa etapa, com o seguinte título: “A perseguição aos anabatistas do século XVI na Suíça - fase I”. Quatro personagens importantes da referida época serão apresentados: Conrado Grebel, Felix Manz, George Blaurock e Michael Sattler. Suas

histórias serão brevemente analisadas, seguindo as oito perguntas apresentadas no parágrafo anterior.

Serão verificados também os motivos que levaram à perseguição naquela fase: principalmente a insistência no batismo de adultos e na separação da igreja do estado. Na referida fase, serão denominados de “anabatistas”, porque foi o nome que acabou prevalecendo, em detrimento dos “Irmãos Suíços”. Eles têm total ligação com os Menonitas, nome do grupo adotado a partir do capítulo 6. Não há ruptura com a história e Teologia do grupo: os anabatistas da “fase 1” são os antecessores dos Menonitas.

A análise será feita também com base nos relatos contidos no livro: “Der blutige Schauplatz oder Märtyrerspiegel der Taugesinnten oder wehrlosen Christen” que, traduzido, significa: “O teatro sangrento” ou “O espelho dos mártires dos anabatistas ou dos cristãos indefesos”. O autor do livro, cuja primeira edição foi produzida em 1660, na Holanda, é Thielemann Jantz van Braght. A presente pesquisa utilizará a quinta edição em língua alemã, editada em 1870 na cidade de Elkhart, Indiana, nos Estados Unidos da América. Nesse livro, são narrados centenas de histórias de perseguições. É uma publicação muito importante para os Menonitas, pois relata as histórias de pessoas que foram perseguidas e mortas por causa da sua fé.

No capítulo 6: “A perseguição aos Menonitas do século XVI na Holanda e Alemanha – fase II”, o personagem principal passará a ser Menno Simons. Sua história de perseguições será apresentada, bem como os motivos que o levaram a ser perseguido. A partir do ponto 6.4, o pensamento teológico de Menno Simons sobre a perseguição será apresentado. Esse será um ponto de fundamental importância à pesquisa, pois, a partir dele, será possível fazer conexões e comparações com as palavras de Jesus sobre perseguição. Será verificado como Simons conseguia continuar vivendo, mesmo sob intensa perseguição. As respostas serão tiradas de um artigo que ele publicou no ano de 1554, denominado: “A Cruz dos Santos”. Esse ponto é marcante, pois cumpre um objetivo fundamental da pesquisa: verificar qual o pensamento teológico de Menno Simons sobre a perseguição.

A exposição das ideias de Menno Simons sobre perseguição, fundamentadas no artigo “A Cruz dos Santos”, encontram-se inseridas no livro “Os escritos de Menno Simons”, publicado em alemão (2013) e terá suas principais ideias teológicas traduzidas para a língua portuguesa. Por sua vez, o texto em alemão publicado em 2013 foi baseado nas seguintes publicações: Os escritos de Menno Simons, em

alemão, publicado em 1876; *Opera Omnia Theologica of alle de godtgeleerde Wercken van Menno Simons*, em língua holandesa, publicado em 1681 e a versão em inglês: *The Complete Writings of Menno Simons* publicada em 1956 e 1984. Com relação à metodologia, a pesquisa está interessada em conhecer e sociabilizar o pensamento e as reflexões de um movimento teológico minoritário (Menonitas). O foco da reflexão teórica terá como prioridade analisar, a luz das interpretações de Mt 5,10-12, como o paradigma da perseguição reverbera no movimento Menonita.

Igualmente significativo será verificar que Menno Simons cita o texto bíblico de Mt 5,10-12, analisado nos três primeiros capítulos desta pesquisa. Outro ponto interessante é que a base da pesquisa, a partir do capítulo cinco, será um livro denominado: “*Die Schriften des Menno Simons*”, cuja tradução significa: Os escritos de Menno Simons. É uma obra - em língua alemã, de aproximadamente 1200 páginas - muito importante, que contempla a biografia e todos os escritos conhecidos de Simons. Será uma fonte primária essencial que valorizará a pesquisa, pois empregará a importante, única e completa obra do próprio Menno Simons.

Para a compreensão do pensamento teológico de Simons sobre a perseguição, o método de interpretação da Bíblia - a partir do capítulo 5 - sofrerá uma grande modificação. Principalmente no capítulo 6, percebe-se que Simons busca versículos bíblicos e produz Teologia a partir da situação de perseguição que ele e seus seguidores estão vivendo. É um método “não tradicional”, tampouco rigidamente estruturado, muito parecido com a abordagem empregada posteriormente pela Teologia da Libertação; por isso, é conhecido por “Abordagem da Libertação”. “Ao invés de se contentar com uma interpretação objetivante, que se concentra sobre aquilo que diz o texto em seu contexto de origem, procura-se uma leitura que nasça da situação vivida pelo povo”. (BÍBLICA, p. 16, 1993). Também é uma interpretação típica de teólogos que vivem e pensam sob regimes autoritários, como: ditaduras, nazismo e comunismo.

É uma interpretação bíblica que parte da história, do contexto que se está vivendo. A realidade de angústias e perseguições não é ignorada, e produz - além de muita dor e sofrimento - esperança, uma busca de alívio à luz da Palavra de Deus. Não é um método novo; mas amplamente praticado, principalmente, por grupos oprimidos e desprezados pela maioria forte e poderosa. Essa metodologia não é perfeita nem isenta de perigos, pois “a leitura tão engajada da Bíblia comporta riscos. Como ela é ligada a um movimento em plena evolução, as observações que seguem

não podem que ser provisórias”. (BÍBLICA, p. 17, 1993). Uma grande vantagem é que ela parte de uma realidade que está sendo vivida; por isso, tem grande valor. Ela se inicia na prática e vai à Bíblia, buscando respostas para as dores e angústias da vida.

Se Menno Simons, a julgar pelas vicissitudes sofridas, fez uma interpretação a partir da resistência diante da perseguição, a opção metodológica de abordagem no presente trabalho é também na ótica do oprimido. Parte-se do contexto sociocultural de perseguição, conforme registrado no documento: “A interpretação da Bíblia na igreja”, da Pontifícia Comissão Bíblica. “Em circunstâncias de opressão é preciso recorrer à Bíblia para nela procurar o alimento”. (BÍBLICA, p. 16, 1993). Dessa leitura, percebe-se que surge uma nova práxis para o grupo perseguido dos Menonitas. É aqui que o princípio epistêmico empregado busca fundamento, é a partir do grupo sofrido e perseguido.

O capítulo 7 - “Comparação da teologia da bem-aventurança em Mateus com a teologia de Menno Simons no contexto da perseguição” - o último do trabalho, fará a comparação do pensamento teológico de Menno Simons sobre a perseguição com a teologia de Jesus registrada no evangelho de Mateus. Nesse ponto, o objetivo principal e a hipótese da pesquisa serão testados. Para essa análise, as oito perguntas - já mencionadas anteriormente e que serão utilizadas nos capítulos 4 e 5 - novamente serão empregadas. Primeiramente, em relação a Simons e aos Menonitas; e, em seguida, na comparação com as respostas que serão encontradas no item 4.7. Também será verificada a contribuição teológica que a perseguição produziu através dos Menonitas.

A pesquisa será exclusivamente bibliográfica, serão consultados livros e artigos sobre os temas. A primeira parte da pesquisa, que trata da análise do texto bíblico (Mt 5,10-12) e engloba os três primeiros capítulos, possui farto material bibliográfico. Serão pesquisados materiais em português, espanhol, inglês e alemão. Há bons livros disponíveis para a pesquisa desse assunto, entre os quais: os que falam a respeito do contexto de perseguição (capítulo 2), bons comentários do evangelho de Mateus (capítulo 3) e comentários exclusivos sobre o Sermão do Monte (capítulo 4).

A segunda parte do trabalho - a partir do capítulo 5 - não possui tanto material de pesquisa disponível. Quando se trata de anabatismo e Menonitas, é necessário procurar muito para encontrar as fontes. Há alguns livros em português, mas também em espanhol, inglês e, principalmente, em alemão - pois a história da época pesquisada, no século XVI, se desenvolve na Suíça, Holanda e, sobretudo, na

Alemanha. A principal fonte pesquisada serão os escritos próprios do personagem principal, Menno Simons, registrados em língua alemã. No entanto, mesmo em alemão, as fontes são escassas e raras, e em se tratando de um personagem (Simons) que vivia fugindo e se escondendo para não ser morto, há grandes dificuldades em definir muitos detalhes sobre sua vida e seus pensamentos teológicos.

A apresentação da “Cruz dos Santos”, obra fundamental para o ponto 6.4, além de inédita, poderá ser de grande importância. Resgatará o pensamento teológico produzido por Menno Simons, um importante reformador ainda muito desconhecido no mundo teológico. Além das circunstâncias em que foi produzida, entender o que ele pensava sobre a perseguição e sua conexão com a última bem-aventurança (Mt 5,12), é relevante e inédito. No ponto 6.4, a obra “A Cruz dos Santos” teve suas principais ideias teológicas traduzidas, sistematizadas e organizadas. Originalmente, ela existe somente em alemão ou inglês. Suas ideias principais serão apresentadas nessa pesquisa. Seus pensamentos teológicos, gerados sob intenso sofrimento e dores, não podem ser esquecidos. Precisam ser estudados e entendidos melhor, são muito ricos e, com certeza, terão lugar no universo teológico contemporâneo.

Os três últimos capítulos ressaltarão o ineditismo da pesquisa. Não há registros de pesquisas sobre esse tema, principalmente acerca da conexão da perseguição de Mateus 5,10-12 com a perseguição sofrida por Simons e seus seguidores. Esse texto bíblico também foi escolhido porque o Sermão do Monte é muito importante na Teologia Menonita. Os Menonitas entendem que esse é o principal discurso de Jesus, deve ser entendido literalmente e seguido por todos os cristãos. Por esse motivo, além de inédita, a pesquisa possui grande valor teológico.

Esta pesquisa é de grande importância, pois investigará partes do principal discurso de Jesus, o “Sermão do Monte” – Mt 5-7. A importância do Sermão do Monte é inegável, pois contém instruções éticas fundamentais para a vida de qualquer pessoa. (SHEDD 1999, p. 9), comenta: “As bem-aventuranças são a introdução ao Sermão da Montanha, que cristãos e pagãos reconhecem igualmente como uma das declarações mais importantes, em todos os tempos, do caráter moral”.

Além de importante, o discurso de Jesus é controverso, pois há diferentes maneiras de interpretá-lo. Há os que acreditam que suas instruções devem ser seguidas à risca por qualquer cristão. Por outro lado, há os que enxergam no Sermão do Monte instruções que devem ser seguidas somente por um grupo menor, os

vocacionados por Jesus. Para estes, Jesus focou os doze discípulos, os mais próximos com seus ensinamentos. Há ainda os que entendem que as exigências éticas de Jesus nesse discurso são tão elevadas que nenhum ser humano, em qualquer época, é capaz de seguir essas instruções, pois o alvo é a perfeição.

Essas diferentes opiniões sobre quem são os receptores que Jesus tinha em mente conferem ainda mais importância a esse trecho das Sagradas Escrituras. Há ainda a questão do alerta quanto às perseguições: um tema, infelizmente, sempre atual entre a humanidade. Em Mateus 5,10-12, Jesus claramente adverte que pessoas serão perseguidas por causa da justiça. Outras serão insultadas, perseguidas e caluniadas por causa dele. É muito importante pesquisar a quem se destinavam as palavras de Jesus, para que seja possível verificar se o grupo de Menonitas europeus, entre os anos de 1536 a 1561, podem ser tomados como exemplo de pessoas que ilustram o que Jesus quis dizer.

Outro ponto intrigante é o fato de Jesus afirmar que os que sofrem injustiças, insultos, perseguições e calúnias são bem-aventurados. Ele vai ainda mais longe, incentivando que os que sofrem esse tipo de dores devem se alegrar e se regozijar, porque grande será sua recompensa nos céus. Além de sofrer, parece que é preciso e possível manter a alegria, tendo algo maior em perspectiva. O sofrimento não é nada fácil para o ser humano. Sofrer mantendo a alegria é muito mais difícil. Parece muito contraditório e impossível de ser alcançado. Essa aparente incoerência nos dizeres de Jesus confere ainda mais importância à pesquisa. É necessário investigar e verificar exatamente o que Jesus quis ensinar quando deixou esses ensinamentos.

Como “perseguição” é o tema chave dessa pesquisa, é muito importante verificar o significado da palavra “perseguição”. Isso será feito inicialmente analisando o verbo “persigo”, representado pela palavra grega *διώκω* (*diókó*), utilizada em Mt 5, 10 e 11, outro texto fundamental nesse trabalho. Percebe-se que, além de “perseguir”, a palavra *diókó* pode ter outros sentidos: “correr atrás, caçar, afugentar, perseguir com severidade, procurar, buscar assiduamente e perseguição”. No Novo Testamento, o significado mais comum é “perseguir” e “ser perseguido”. Esse sentido aparece aproximadamente 30 vezes: principalmente nos Evangelhos, Atos, Epístolas Paulinas e Apocalipse.

Em português, o significado da palavra “perseguir” também transmite a ideia de “correr atrás, estar no encalço, causar aborrecimento, importunar e incomodar. Atormentar, dar castigo, punição”. A perseguição pode ser imposta por governos ou

autoridades totalitárias, que desejam impor sua ideia e pensamento à força. Grupos que entendem que têm a verdade e querem que outras pessoas tenham o mesmo pensamento, também podem perseguir e causar sofrimento. Essa gama de sentidos da palavra “perseguir” será levada em consideração no trabalho de construir o contexto do texto sob a ótica da perseguição.

## **2 A HISTÓRIA DAS PERSEGUIÇÕES E RESISTÊNCIAS DOS JUDEUS AO IMPÉRIO ROMANO**

O povo judeu sempre foi um povo muito perseguido e dominado por nações fortes e poderosas, por exemplo: a escravidão no Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, entre outros. Todavia, para a atual pesquisa, a análise da perseguição ao povo judeu será iniciada com a entrada do general romano Pompeu em Jerusalém, em 63 a.C. Essa análise será muito importante para uma melhor compreensão do contexto histórico e cultural vivido na época em que o Sermão do Monte e os ensinamentos de Jesus sobre perseguição foram escritos.

O contexto não se forma por fatos isolados, mas por sucessivos eventos que formam processos. Parece que o contexto de perseguição, palavra mencionada por Jesus em Mt 5,10-12, começa a ser desenvolvido com o crescimento do Império Romano no mundo conhecido na época. E se tratando da referida passagem bíblica, com a chegada do Império à terra de Israel. Sendo assim, esse capítulo será dedicado à construção do contexto das perseguições impostas pelo Império Romano aos judeus e cristãos, a partir de 63 a.C. até aproximadamente 73 d.C., data aproximada do final da guerra judaica.

### **2.1 A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS A PARTIR DA CHEGADA DO IMPÉRIO ROMANO**

Por volta de 280 a.C., Roma estava crescendo e se expandindo. Aproximadamente em 148 a.C., a Macedônia acabou caindo sob o domínio romano. Nesta época, Israel vivia a chamada Dinastia dos Hasmoneus. Este período, que iniciou com a revolta dos Macabeus, tinha como marca a preservação dos ideais judaicos e a luta contra costumes diferentes trazidos pelos reinados que dominavam

o país. A Dinastia dos Hasmoneus lutava ferozmente contra a crescente helenização.<sup>2</sup> Conseguiu, de fato, estabelecer um período de aproximadamente oitenta anos de independência com forte presença do nacionalismo judaico. Com o passar do tempo e a renovação da liderança, este fervor diminuiu, e os ideais dos macabeus foram sucumbindo, sendo substituídos pela helenização. Com o falecimento de Alexandra, que governou entre 76 a 67 a.C. e ainda era mais favorável a lei judaica, iniciou-se uma disputa pelo trono. “quando esperava que seu filho mais velho Hircano a sucedesse no trono, Judas Aristóbulo entendeu que era hora de se iniciar uma insurreição”. (SCHÜRER I, 1985, p. 303). Seus dois filhos, Hircano II e Aristóbulo II, aspiravam ao cargo.

Nesse tempo, Roma já era uma potência presente e com grande domínio político na região. Quando, em 63 a.C., o general romano Pompeu entrou em Jerusalém, Aristóbulo II tentou resistir, mas sucumbiu. Pompeu logo percebeu que Hircano II poderia ser mais leal a Roma e o colocou como sumo sacerdote. Antípater, um idumeu que era governador da Judeia, foi estabelecido como líder político em Israel. Parece que a entrada de Pompeu em Jerusalém foi o início de grandes mudanças em Israel, na terra em que, décadas mais tarde, Jesus nasceria e desenvolveria seu ministério. O domínio romano sobre Israel estava iniciando. O período de liberdade outrora vivido, principalmente na recente época dos Hasmoneus, havia terminado. Flavio Josefo, historiador judeu, resume bem o sentimento do povo judeu com este acontecimento: “Perdemos nossa liberdade e fizemos súditos dos romanos” (JOSEFO apud BARBAGLIO, 2003, p. 133).

Começava um novo e longo período sob o domínio romano. As mudanças logo seriam sentidas. Além da liberdade, princípios muito importantes aos judeus logo seriam substituídos por outros, impostos pelo poder dominante, Roma. As condições para a perseguição e sofrimento, que seriam sentidas também no tempo de Jesus, estavam começando a tomar forma. Choque de ideais e cosmovisões diferentes sobre o mundo, aliados à intolerância, formam o cenário ideal para as perseguições. Pouco a pouco, as convicções que foram o pilar da revolta dos Macabeus e marcaram a Dinastia dos Hasmoneus foram sendo substituídos por novas convicções, agora trazidas e impostas pelo poderoso Império Romano.

---

<sup>2</sup> Helenização é a introdução de ideias da civilização grega aos povos conquistados pelo Império Romano, que as absorveu e incorporou à sua cultura. Todavia, essa prática, não se iniciou com os romanos, pois já era empregada anteriormente.

Após um cerco de três meses e com grande violência, Pompeu tomou o Templo de Jerusalém, onde Aristóbulo resistia junto com seus soldados. Com certeza, o assalto violento e a profanação do Templo deram aos judeus uma amostra do horror e perseguição que fariam parte de suas vidas diárias a partir de então. Josefo narra este traumático evento:

Todos os lugares ficaram juncados de cadáveres. Parte dos judeus foi morta pelos romanos, os outros matavam-se entre si ou se precipitavam do alto ou incendiavam as próprias casas. A morte parecia-lhes mais doce que tão horrível desolação. Doze mil judeus vieram a perecer, mas poucos romanos”. (JOSEFO, 2013, pos 12947).

A tomada violenta de Jerusalém, aliada à profanação do Templo - deixando um rastro de destruição e morte - foi apenas o marco inicial de longas décadas de domínio romano sobre o território de Israel, onde, aproximadamente sessenta anos mais tarde, Jesus surgiria. As marcas do controle romano eram a violência, a destruição e a intolerância com relação a tudo que poderia ser uma ameaça a seu plano de controle do mundo conhecido na época. Não somente Jerusalém e a Judeia, mas os demais territórios judeus: Galileia, Pereia e Idumeia foram vítimas da violência e brutalidade dos romanos, que forçavam e perseguiam a população a fim de forçar sua submissão. Foi um tempo de grande agitação social e perseguição. “Repetidamente, os exércitos romanos incendiaram e destruíram completamente cidades e massacraram, crucificaram ou escravizaram as suas populações”. (HORSLEY e HANSON, 2007, p. 44).

## 2.2 A PERSEGUIÇÃO DE HERODES AOS JUDEUS

Por volta dos anos de 42 a 40 a.C., após alguns anos de reinado de Antípater, o idumeu que recebeu de Pompeu a autoridade para governar, uma luta pelo poder na região teve início. De um lado, Herodes - filho de Antípater - e de outro, Antígono, filho de Aristóbulo II, o legítimo descendente hasmoneu; portanto, o legítimo herdeiro do trono. Após uma temporária vitória de Antígono, em 37 a.C., Herodes prevaleceu, sendo reconhecido pelo senado romano como rei de Israel:

Quando a família sumo sacerdotal asmonéia persistiu na prolongada guerra civil ao longo da sensível fronteira com os partos, Júlio César e Marco Antônio escolheram o cruel, jovem e forte militar Herodes, para controlar a Palestina.

Tornando-se 'rei dos judeus' não por graça de Deus, mas por designação do senado romano. (HORSLEY, 2004, pos 690-692).

Herodes, também conhecido como “o Grande”, reinou até aproximadamente 4 a.C., e era o rei por ocasião do nascimento de Jesus. Portanto, seu governo auxiliou a criar o ambiente histórico e cultural que Jesus viveu durante o seu ministério. Percebe-se que algumas atitudes e decisões tomadas ao longo do seu reinado favoreceram o acirramento do clima de tensão entre romanos e judeus. Muitas vezes, Herodes provocou os judeus com sua conduta, gerando insatisfação, revolta e posterior perseguição e sofrimento à população judaica.

Todavia, parece que era uma figura com grandes habilidades políticas, visto o grande tempo que conseguiu ficar no poder. Muitas vezes, maltratava os judeus, tomando decisões arbitrárias e cruéis, que entraram em choque com os seus princípios. Por outro lado, tomava decisões que os favoreciam, e com elas parece que os anestesiava, deixando-os sem reação, e contribuindo, assim, com a implantação de seus projetos de helenização, que tanto agradavam ao poder romano. Parece que tinha grande consciência de sua posição: precisava agradar aos romanos, que o tinham colocado no poder e a quem devia lealdade. No entanto, apesar da necessidade de agradar aos romanos, reinava sobre um povo muito diferente, os judeus. E, para que seu reinado fosse longo, precisava agradar a estes também.

Apesar de muito amigo do líder romano Marco Antonio, rapidamente e com muita astúcia, conseguiu também o apoio de Otávio, o primeiro imperador romano. Otávio derrotou Marco Antonio em Actium, em 31 a.C. Após esta vitória, Otávio assumiu o título de Augusto, e reinou como imperador do Império Romano até 14 d.C. Herodes, então, conseguiu convencer Augusto que seria tão leal a ele como havia sido a Marco Antonio. “Ele não tentou esconder de Otávio sua amizade com Marco Antonio, mas garantiu-lhe que teria nele um bom amigo e aliado, assim como Marco Antonio tivera”. (BRUCE, 2019, p. 27). A boa relação de Herodes com o poder romano permitiu que ele tivesse sucesso e ficasse tanto tempo no poder. Também o obrigava a promover a helenização e romanização de Israel, que era feito de maneira sutil; todavia, parece que mantinha alguma tensão com os judeus. Esta inquietação - presente já na época de Herodes, o Grande - aumentaria no futuro, criando violência e perseguições.

Em seu reinado, havia uma sensação de paz, mesmo que provavelmente essa tenha sido conquistada com grande violência e intolerância para com os opositores.

Herodes matava oponentes e membros da própria família que ele julgava como ameaças a seu reinado. Normalmente era “duro e intransigente com seus súditos, por outro lado, submisso e complacente com seus superiores”. (SCHÜRER I, 1985, p. 385). Provavelmente, tinha uma paranoia; muitas vezes, via ameaças de golpe onde não havia perigo. Mandou executar vários filhos e, inclusive, Mariana, a esposa mais amada. Sua truculência e brutalidade eram bem conhecidos pelo povo, o que aumentava o medo e o receio de seus opositores, fazendo com que ninguém ousasse se opor a ele. Quem o fizesse, seria alvo de sua ira; e, provavelmente, seria morto.

Apesar de todas as maldades, parece que uma parcela do povo apoiava o rei. Havia um partido, denominado de herodianos, citado pela Bíblia, dando a entender que havia pessoas judias que tinham simpatia pelo rei Herodes: “Mas, assim que saíram dali os fariseus conspiraram com os herodianos contra eles, a fim de o matar”. Mc 3,6. Sem dúvidas, era uma autoridade que despertava sentimentos diferentes entre o povo. Alguns o apoiavam, mas outros sofreram perseguição durante seu reinado. O que interessa nesta pesquisa são as decisões que feriram o orgulho judeu, e desta maneira contribuíram para criar um ambiente de tensão e perseguição, percebido claramente durante o ministério de Jesus.

Herodes nomeava sumo sacerdotes a seu gosto, sem levar em conta que este cargo era hereditário e reservado aos descendentes de Arão. Apesar de tentar mostrar que era um judeu que observava as leis, inúmeras vezes deixou a entender que estava mais preocupado em se manter alinhado com os romanos e suas ideias helenistas, do que com os judeus. Josefo percebe bem esta situação. “Herodes se manteve mais próximo dos gregos que dos judeus”. (JOSEFO apud BARBAGLIO, 2003, 140).

Percebe-se que, aos poucos, foi se afastando dos costumes judeus e privilegiando costumes helenistas. Implantou jogos, corridas e lutas que aconteciam a cada cinco anos e eram em homenagem ao imperador Augusto. Para acomodar estas atividades, construiu um circo em Jerusalém e um grande anfiteatro fora da cidade. Estes imponentes edifícios causavam repúdio dos judeus, pois eles eram proibidos de assistir a estes eventos. Para promover os jogos, Herodes anunciava estes espetáculos em províncias distantes e prometia bons prêmios aos vencedores. Competidores, músicos e tocadores de instrumentos com costumes estranhos aos judeus foram atraídos. Herodes se esforçava para que seus jogos se tornassem famosos no mundo todo.

Os constrangimentos e ofensas à fé judaica não paravam de acontecer. No circo, havia inscrições de louvor ao imperador Augusto. Com certeza, esta atitude causava indignação aos judeus, pois violava o mandamento de adorar somente o seu único Deus. Leões e outros animais ferozes foram trazidos de longe para lutarem entre si. Além disso, os animais também eram colocados para lutar com homens condenados. Estas lutas causavam curiosidade e euforia entre os estrangeiros; todavia, os judeus se escandalizavam, pois, isso ia contra os costumes aprendidos de seus pais, violando grandemente seus preceitos religiosos. Temiam pelo futuro da nação.

Entregar homens para serem despedaçados por feras selvagens era considerado muito cruel pelos judeus. Abandonar seus costumes sagrados e abraçar práticas de povos idólatras igualmente era aberração para eles. Os troféus oferecidos aos vencedores dos jogos eram cobertos por figuras de homens, o que também contribuía para aumentar a rejeição de Herodes pelo povo judeu. Josefo registrou a indignação do povo judeu perante as atitudes do rei: “Aboliu os nossos antigos costumes, que lhe deveriam ser invioláveis, para introduzir outros, trazendo assim uma estranha mudança na disciplina que mantinha o povo no cumprimento do dever”. (JOSEFO, 2013, pos 14385-14387).

Herodes também era muito conhecido pelas construções que fez. Certamente, as construções eram utilizadas para atrair a simpatia do povo judeu. Sem dúvidas, com algumas delas, este objetivo foi alcançado. No entanto, para que isso fosse possível, cobrou altos valores de impostos do povo. Algumas construções também foram feitas para prevenir possíveis revoltas e manter os judeus sob seu controle. A reconstrução do Templo foi, sem dúvidas, uma obra que rendeu grandes dividendos ao rei. Muitos judeus o admiravam por isso. A obra empregou milhares de pessoas e durou vários anos. O povo ficou muito feliz, pois seu local de cultos foi reconstruído e seus sacrifícios incentivados pelo rei. Todavia, mesmo tendo ajudado a aumentar a popularidade de Herodes entre os judeus, esta obra não foi isenta de polêmicas e provocações, bem ao estilo do rei. O pivô da crise, já mais no final de sua vida, foi uma águia de ouro muito grande e de alto valor colocada no portal do Templo. Esta imagem contrariava as leis judaicas, que proibia os judeus de fazerem figuras de animais. Parece que foi tolerada por muito tempo, no entanto, chegou o dia em que houve uma séria controvérsia por causa dela.

Judas e Matias, dois judeus eloquentes e queridos pelo povo, lideraram seus seguidores numa revolta, que tinha o objetivo de tirar a águia do Templo. Eram motivados pelas notícias de que Herodes estava gravemente enfermo ou até morto, e também movidos pela motivação em acabar com uma figura que profanava sua religião e fé. Tiveram sucesso em sua empreitada: pois, em plena luz do dia, arrancaram e despedaçaram a águia. Todavia, o grupo de aproximadamente quarenta rebeldes judeus foi preso e, quando perguntados por Herodes sobre o motivo de sua empreitada, responderam: “Vingamos o ultraje feito a Deus e mantivemos a honra da lei de que somos discípulos. Achais estranho que tendo-a recebido das mãos de Moisés a quem Deus mesmo a deu, nós a tenhamos preferido às vossas ordens?” (JOSEFO, 2013, pos 15965-15966).

Josefo ainda relata que a vingança e a perseguição de Herodes não tardaram. Levou os rebeldes acorrentados a Jericó e mandou queimá-los vivos. Em sua visão, ele tinha feito o bem ao povo, reconstruindo o Templo - que ninguém outro tinha conseguido fazer - e ainda havia sido ultrajado com o ato dos insurgentes, que arrancaram uma figura consagrada a Deus por ele. Este episódio novamente demonstra que ele perseguia e maltratava os judeus, apesar de afirmar e querer demonstrar que era um deles e adorava o mesmo e único Deus. Parece que o incidente com a águia serviu de alerta ao rei. Cada vez mais ele temia que o povo se empenhasse em lutar contra tudo que estivesse em desacordo com seus costumes e que isso aumentaria o risco de revoltas populares. Por isso, decidiu atuar para reprimir possíveis rebeliões, fazendo construções para sua defesa. Até mesmo em algumas de suas maiores obras que fez e que causavam admiração do povo israelita era possível perceber um desejo de controle e perseguição aos judeus.

Este provavelmente é o caso da torre de Estratão, transformada na cidade de Cesareia, em homenagem a César. Em Jerusalém, havia duas fortalezas: uma no palácio onde o rei morava e a Antonia, próxima ao Templo. Samaria foi transformada numa “polis” grega, chamada Sebaste. Lá construiu outro Templo e fortificou a cidade para coibir revoltas na cidade e no campo, mesmo quando ele estivesse longe de Jerusalém. Castelos com guarnições de soldados ou cavalos foram construídos em um lugar chamado “O Campo”. Havia outros em Gabara, na Galileia e Estmonita, na Pereia. Herondio, uma cidade construída em homenagem à sua vitória sobre os partos, também tinha uma fortaleza e outra ainda foi construída em Massada.

Analisando a trajetória de Herodes, percebe-se que ele causou muito sofrimento e perseguição ao povo judeu durante o seu reinado. Provavelmente, muito mais do que o próprio Império Romano, que ele representava. Seu governo - de aproximadamente 33 anos (37 a 4 a.C.) - foi marcado por uma grande habilidade de se manter no poder e, inclusive, aumentá-lo. Por vezes, mostrava-se simpático e muito solidário com o povo que governava. Todavia, inúmeras vezes, foi sanguinário e cruel, perseguindo e matando as pessoas que não concordavam com suas ideias:

Comunas inteiras foram prejudicadas consoante procedimentos tirânicos, da dilapidação do dinheiro de uma população sugada ao extremo. Ao morrer, Herodes deixou um povo totalmente arruinado, de moral arrasada, submetido a toda espécie de desdita. (JEREMIAS, 1983, p. 176, 177).

Embora a perseguição não fosse sobre cristãos, mas sobre judeus, e o Evangelho de Mateus, incluindo o Sermão do Monte, ainda não fora escrito, percebe-se que a perseguição já estava presente e foi se desenvolvendo muito tempo antes. Resumindo, muitas decisões de Herodes irritaram e causaram indignação aos judeus: ele não era judeu, mas idumeu; aboliu a sucessão hereditária do cargo de sumo sacerdote - ele é que fazia a nomeação. Promoveu e incentivou o processo de helenização: enviou dois filhos para estudar em Roma, construiu um teatro e um anfiteatro em Jerusalém e outros lugares, ergueu templos pagãos e novas cidades tipicamente gregas. “Na verdade, Herodes se conformava bastante bem aos costumes político-religiosos típicos do Império Romano, o que sem dúvida escandalizava os judeus mais piedosos que sempre o consideraram um estrangeiro”. (MAZZINGHI, 2017, 163).

### 2.3 A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS APÓS A MORTE DE HERODES

Após a morte do rei Herodes, houve uma mudança substancial no governo da região sobre a qual ele reinava. Este período possui uma importância fundamental à presente pesquisa; pois, neste período, Jesus desenvolveu seu ministério. Herodes decidiu entregar o reino a três filhos que haviam sobrevivido: Arquelau, Antipas e Felipe. Arquelau promoveu medidas muito duras contra os judeus, que foram reclamar em Roma. O imperador Augusto decidiu que Arquelau reinaria sobre a Judeia, Samaria e Idumeia. Antipas reinaria sobre a Galileia e a Pereia. Felipe ficou com as províncias localizadas ao norte e ao leste da Galileia. Ele era um soberano moderado

e tolerante e governava um território habitado predominantemente por gentios. Esta combinação de fatores foi fundamental para que tivesse um reinado muito menos turbulento do que Arquelau e Antipas. A capital foi estabelecida em Cesareia de Felipe. Morreu em 34 d.C.; e, depois disso, sua tetarquia foi colocada debaixo do legado da Síria.

Além da divisão geográfica, percebe-se que houve uma maior influência e controle do Império Romano sobre as terras de Israel. Enquanto Herodes era o rei, apesar de inúmeras vezes desagradar os judeus, havia períodos de relativa paz:

Na situação política confusa da época, Jerusalém teve de sofrer particularmente enquanto capital dos judeus e cidade do seu santuário. Durante o reinado de Herodes, gozou de certa trégua, mas após sua morte e especialmente sob o domínio romano, as angústias da guerra reapareceram. (JEREMIAS, 1983, p. 179).

Parece que alguns de seus filhos também não tinham a habilidade política de seu pai. Este novo contexto começa a ficar visível na reclamação dos judeus contra Arquelau diretamente em Roma. E não tardaria a ficar ainda mais evidente, novamente envolvendo Arquelau: pois ele continuou perseguindo e tratando os judeus com violência, e estes continuaram levando suas queixas à Roma por causa do tratamento recebido. Acabou reinando por somente dez anos, até 6 d.C., quando o imperador romano o destituiu e o enviou ao exílio. O governo de Arquelau ficou marcado por uma grande opressão. A exemplo do pai, Herodes, fez grandes construções: mandou consertar os estragos feitos no Templo de Jerusalém, restaurou o palácio de Jericó, construiu um aqueduto para irrigar as palmeiras da cidade e criou um assentamento que chamou de Arquelaiia, em sua homenagem.

Por outro lado, escandalizou bastante os judeus ao casar com Glafira, uma princesa capadócia que havia sido casada com seu meio irmão Alexandre, já falecido. Os judeus se indignaram porque, pela sua lei, não era permitido casar com uma viúva de um irmão se a união houvesse gerado filhos, como era o caso do casamento de Glafira e Alexandre. Durante um protesto contra seu governo em uma festa de Páscoa, foram mortas cerca de três mil pessoas, quando seu exército atacou as pessoas na cidade e a cavalaria no campo. Este ataque gerou ainda mais revoltas. “Os judeus ficaram muito irritados; a festa de Pentecostes aproximava-se e eles vieram em grande número, de todos os lugares, não somente da Judeia, mas da Galileia, da Idumeia, de Jericó, e de além do Jordão” (JOSEFO, 2013, pos 15965-16180). Na festa

de Pentecostes, somente algumas semanas após a matança de 3.000 judeus, muitos camponeses vieram a Jerusalém, ávidos por vingança, e lutaram contra as tropas romanas.

Após sua destituição, entrou em vigor um novo tipo de governo na Judeia, rebaixada à condição de província romana, comandada por um governador, também chamado de procurador, que prestava contas diretamente ao imperador. A partir deste momento, o Império Romano estava mais presente, com a eliminação do rei intermediário. Parece que a transição não foi tranquila. O legado da Síria ficou encarregado de encerrar o reinado de Arquelau e calcular o valor de impostos que a nova província deveria pagar ao tesouro imperial. Judas, o galileu, foi o líder de uma revolta do povo judeu contra esta medida. O pagamento de impostos e uma submissão mais direta ao imperador eram motivo de grande insatisfação entre o povo judeu:

Entretanto, por causa da sua fé fundamental de que não deviam estar subordinados a nenhum rei, mas somente a Deus, o domínio romano e particularmente o tributo eram ofensivos ao povo judeu. Alguns consideravam que tal situação era igual à escravidão. (HORSLEY, HANSON; 2007, p. 47).

Após o controle da revolta, Copônio foi empossado como primeiro governador da Judeia. Parece que as tensões, perseguições e episódios de violência verificados no território herdado por Arquelau, não ocorriam com tamanha intensidade nas províncias herdadas por Herodes Antipas e Filipe. O primeiro governou sobre a Galileia, onde Jesus passou a maior parte de sua vida; e a Pereia. Provavelmente foi o filho mais habilidoso de Herodes, o Grande. Governou de 4 a.C. a 39 d.C., e foi um grande incentivador do helenismo, bem como um grande construtor. Um projeto importante foi Tiberíades e também a cidade de Séforis. Conseguiu se manter muito próximo do Império e, por governar territórios onde a maioria eram gentios, teve menos problemas.

Um episódio que ocorreu durante o seu governo foi a execução de João Batista, que o advertiu pelo casamento com Herodias. O casamento foi possível seguindo-se a lei romana do divórcio, pois Herodes Antipas era casado com a filha do rei dos nabateus, Aretas IV. Todavia, causou desconforto entre os judeus, que consideravam o divórcio pecado. Parece que até Jesus denunciou este procedimento: “E ele lhes respondeu: Aquele que se divorcia de sua mulher e casa com outra comete adultério

contra ela". Mc 10,11. Em outra passagem, os fariseus avisam Jesus que Herodes Antipas quer matá-lo, e ele responde de maneira dura, chamando o rei de raposa (Lc 13,31-32).

Apesar destas decorrências evidenciarem que havia diferença de opiniões entre judeus piedosos e Jesus em relação à Herodes Antipas, parece que não houve perseguições e grandes violências do rei contra seus críticos. Estava claro, no entanto, que havia importantes diversidades de pensamento entre romanos e judeus e que esses contrastes facilmente poderiam resultar em violência e perseguições. Isso acontecia porque o mais forte, no caso, o Império Romano, impunha sua vontade ao mais fraco, o povo judeu.

Filipe, o outro filho de Herodes que herdou parte do território do pai, governou de 4 a.C. a 34 d.C. sobre as províncias que formavam uma pequena região a oeste do alto Jordão. Faziam parte de sua jurisdição: Itureia, Gaulanites, Bataneia, Tracônites e Auranites. Como estes lugares eram habitados principalmente por gentios, ele não tinha os conflitos entre romanos e judeus. Poderia, por exemplo, mandar cunhas moedas com as imagens dos imperadores César Augusto ou Tibério, sem que isso trouxesse qualquer problema a ele. Parece que também era mais moderado e tolerante e isso também contribuiu para a ausência de conflitos importantes em seu território. Ampliou a cidade de Paneion, chamando-a de Cesareia em homenagem ao imperador. Também refundou a cidade de Betsaida, chamando-a de Júlias, em homenagem a Júlia, filha de Augusto.

#### 2.4 A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS A PARTIR DE 6 d.C.

Assim como aconteceu em 63 a.C., quando o Império Romano chegou à Palestina com Pompeu, promovendo uma série de mudanças na sociedade e impondo uma nova cultura e costumes, o ano de 6 d.C. foi igualmente significativo. A partir desta data, os romanos mudam a forma de governo no território que até aquele momento era governado pelo etnarca Arquelau, filho de Herodes, o Grande. Recapitulando, o território em questão é a Judeia, com a cidade de Jerusalém, a Samaria e a Idumeia. Os romanos, que já dominavam os judeus através de reis intermediários - que supostamente eram do povo, mas deviam lealdade a Roma - agora se fazem mais presentes através de seus próprios procuradores ou

governadores. Se para o Império isso significava mais controle, para o povo judeu era sinônimo de mais imposições, mais sofrimento e perseguições.

O mais conhecido procurador romano, e sobre o qual há mais informações disponíveis nos Evangelhos, é Pôncio Pilatos, que assumiu o cargo em 26 d.C. Era conhecido por sua arrogância e violência. Ele também foi o responsável pelo julgamento que condenou Jesus à morte. Sob o governo de Pilatos, a provocação aos judeus continuou. A primeira foi a introdução de estandartes com a imagem do imperador em Jerusalém. “Cedo em seu governo, ele instalou uma nova unidade de guarda na fortaleza Antônia de Jerusalém. A nova unidade, diferente de qualquer uma de suas predecessoras, identificava-se por estandartes que levavam medalhões do busto do imperador”. (STAMBAUGH, BALCH; 2020, p. 21). Certo dia, tropas levaram estes estandartes à noite a Jerusalém, e só foram percebidos pela manhã. Os judeus imediatamente foram à Cesareia Marítima, onde Pilatos morava, para reclamar.

Após sete dias de protestos, o procurador deu ordens ao exército, que envolveu a multidão e ameaçou matá-la. O povo se lançou ao solo, mostrando a garganta, deixando claro que preferiam morrer a violar o segundo mandamento<sup>3</sup>. Pilatos ficou impressionado com a reação e com o zelo religioso do povo e ordenou que os estandartes voltassem à Cesareia. Parece que Pilatos não tinha sensibilidade com relação ao caráter religioso de Jerusalém. Inúmeras vezes, tomou decisões que feriram a crença religiosa do povo judeu, colaborando para deixar o clima tenso. Ele foi o primeiro governador a tomar tal atitude, pois os outros tomavam o cuidado de utilizar estandartes sem imagens.

Outro incidente importante ocorreu quando o governador construiu um aqueduto para melhorar o abastecimento de água de Jerusalém. Uma iniciativa que beneficiava principalmente o Templo de Jerusalém, pois lá a necessidade de água era muito grande. A água era utilizada para os ritos que o povo deveria fazer, mas também para manter o local limpo após os muitos sacrifícios de animais. Para Pilatos, era natural que o tesouro Templo pagasse algo pela obra.

Todavia, esta visão entrou em conflito com as autoridades do Templo. Para estes, o dinheiro dedicado a Deus não poderia ser utilizado para fins seculares. Pilatos insistiu e confiscou o fundo formado para a manutenção dos serviços sacrificiais. Este valor era recebido de cada judeu masculino adulto de todo mundo, que contribuía com

---

<sup>3</sup> O segundo mandamento diz: (Não terá outros deuses além de mim. Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra ou nas águas debaixo da terra). Êxodo 20.3,4.

meio ciclo anual. A atitude insensível do procurador novamente causou enorme revolta entre os judeus, e outra vez foi reprimida com violência pelo mesmo: “Multidões de judeus indignados reuniram-se em protesto contra o sacrilégio, mas a manifestação foi abafada pelas tropas do imperador”. (BRUCE, 2019, p. 47). Parece que muitos foram assassinados.

O episódio que custou o cargo a Pilatos ocorreu no monte Gerizim. Alguns samaritanos, iludidos por um suposto profeta, subiram o monte que era sagrado para eles, esperando ver os utensílios sagrados do tabernáculo, supostamente enterrados por Moisés. O grupo era grande e estava armado. O governador enviou um grupo da cavalaria, que chegou ao topo antes dos samaritanos, prendeu vários e mandou cortar a cabeça dos líderes. A violência não ficou impune, pois os samaritanos foram se queixar a Lúcio Vitélio, legado da Síria, que ordenou que Pilatos fosse a Roma, se explicar ao imperador. O procurador foi com pressa; mas, quando chegou, o imperador Tibério já havia falecido. Calígula, seu sucessor, nomeou Marulo como novo governador. Pilatos ficou no cargo por dez anos, de 26 a 36 d.C., e seu governo foi marcado por muita tensão, fruto da sua intolerância, violência e perseguição aos judeus.

O governador romano Ventídio Cumano, que esteve no poder entre 48 e 52 d.C., também protagonizou perseguições aos judeus. Durante as festas, os judeus eram obrigados a celebrar debaixo de forte vigilância das tropas romanas. Durante uma festa de Páscoa, um soldado romano levantou o seu manto e mostrou o traseiro para o povo. A multidão ficou revoltada e dizia que tal procedimento ofendia também a Deus. Eles acusaram Cumano de dar ordens ao soldado. O governador mandou tropas para reforçar a segurança e isso assustou muito a multidão, que fugiu desesperada. A fuga, por ruas muito estreitas, acabou virando um pisoteamento em massa, que resultou em aproximadamente vinte mil mortos. “Assim, a alegria dessa grande festa converteu-se em tristeza. Cessaram as orações. Abandonaram-se os sacrifícios. Ouviam-se apenas gemidos, lamentos. E a causa de toda essa desolação deveu-se ao impudor sacrílego de um único homem”. (JOSEFO, 2013, pos. 18.183).

## 2.5 GRUPOS JUDEUS DE RESISTÊNCIA AO IMPÉRIO ROMANO

As perseguições ao povo judeu, sob a administração dos governadores romanos, aumentaram. Provavelmente, porque os mesmos não tinham qualquer ligação com o povo e não conheciam como os judeus prezavam sua religião. Outra mudança verificada é que grupos de judeus começam a se formar para resistir ao domínio romano. Parece que até este momento não havia reações organizadas às imposições e perseguições romanas ou elas eram muito tímidas. A resistência aumentou gradativamente, até culminar com a guerra judaica, que aconteceu a partir do ano 66 d.C. Motivos para a revolta e as reações dos judeus não faltavam.

Os judeus se incomodavam muito com a pesada tributação. Já pagavam o tributo ao Templo, e agora pagavam também um tributo a Roma. A tributação era dobrada e pesada, principalmente para os mais pobres e os camponeses, que perdiam suas terras se não conseguissem pagar o tributo. “Os produtores agrícolas judeus estavam agora sujeitos a uma dupla tributação, provavelmente bem acima dos 40 por cento da sua produção. Ainda havia outros impostos romanos que pesavam sobre o povo, mas o tributo era o dreno maior”. (HORSLEY, HANSON; 2007, p. 63). O fato de pagar imposto também significava escravidão aos judeus. Eles se consideravam um povo livre, escolhido por Deus e não admitiam ser dominados por outra nação. Quando o foram, Deus os libertou do Egito e agora deviam lutar por sua liberdade. Para eles não era da vontade de Deus que fossem dominados por um outro povo. Eles deviam lealdade somente a seu Senhor.

Além da questão econômica, havia um outro tema muito importante aos judeus. Eles entendiam que a submissão ao imperador violava o primeiro mandamento: “Não terá outros deuses além de mim”. Êx 20,3. Com certeza, sabiam que o imperador era considerado um deus nas culturas helenísticas e, por isso, eles não queriam se sujeitar a alguém outro além de Deus. O Império Romano também incentivava a cultura helenística, que ia contra os valores hebreus. Herodes foi um grande incentivador do helenismo, construindo um teatro, um anfiteatro e cidades em honra e culto a Augusto. Estas atitudes entravam em choque com a convicção religiosa judaica, de adorar somente ao seu único Deus.

Ainda relacionada à religião, havia a questão dos sumos sacerdotes. O princípio de que o sumo sacerdote deveria pertencer à linhagem de Zadoque havia sido quebrado há um bom tempo. “O último sumo sacerdote legítimo da linhagem de Zadoque a ocupar o cargo foi Onias III, deposto por Antíoco IV por volta de 174 a.C.

e assassinado três anos depois”. (BRUCE, 2019, p. 67). Herodes manteve a nomeação de sumo sacerdotes que não eram da linhagem de Zadoque, fato que obviamente não se alterou com a chegada dos governadores romanos. Um agravante é que o sumo sacerdote estava ainda mais alinhado e comprometido com as autoridades que representavam o Império Romano. Com isso, a classe sacerdotal participava da exploração aos pobres e camponeses, aumentando a ira do povo contra este grupo que, em princípio, deveria auxiliá-los em suas práticas religiosas, e não lhes causar danos e prejuízos.

A agitação social - percebida nas décadas imediatamente após 6 d.C. e antes da grande revolta judaica, iniciada em 66 d.C. - também foi ocasionada por fatores climáticos, além da perseguição romana ao povo judeu. Sabe-se que ao menos uma severa seca gerou escassez de alimentos e fome, castigando, assim, a Palestina no final da década de 40 d.C. Este fenômeno, com certeza, abalou ainda mais os já explorados camponeses e fez com que muitos deles perdessem seus bens e suas terras. O aumento da fome também contribuiu para a expansão da resistência e agitação social.

Durante o governo de Herodes, o Grande, as perseguições aos judeus não eram respondidas ou as respostas eram tímidas e espontâneas. O fato de ele ser um tirano, que perseguia e matava quem ousasse se manifestar com contra ele, contribuía para isso. Provavelmente também mantinha o povo sob controle, “anestesiando-o”. Afinal, passava-se por um judeu: muitas vezes, sendo simpático e atendendo alguns desejos da população judaica. Depois da sua morte, as reações ao Império Romano parecem mais constantes, menos tímidas e mais organizadas. Percebe-se que alguns grupos se formaram para resistir ao domínio e perseguições romanas, elevando ainda mais a tensão social. Na sequência, serão abordados e descritos brevemente os principais grupos de resistência judaica.

### **2.5.1 Os bandidos sociais**

Os camponeses expressavam sua insatisfação, liderados por indivíduos identificados como bandidos sociais:

O banditismo social surge em sociedades agrárias tradicionais, em que os camponeses são explorados por governos e proprietários de terras, particularmente em situações nas quais os camponeses são

economicamente vulneráveis e os governos administrativamente ineficientes. (HORSLEY, HANSON; 2007, p. 57).

A ação dos bandidos aumenta em épocas de crise econômica, em condições de fome e grande carga tributária, como era o caso da Palestina nas décadas de 40 a 60 d.C. Parece que grupos de bandidos atacavam a classe mais rica, roubando seus bens. Os camponeses, pobres e explorados não eram vítimas destas ações. Os bandidos refugiavam-se nas montanhas e cavernas da região. Uma forma de agir era a de roubar os bens de viajantes que andavam pelas estradas. Josefo fala de um certo Estêvão, funcionário de César que teve sua bagagem subtraída. Muitos grupos de bandidos eram grandes e atuavam por muito tempo. Muito camponeses aderiram a estes grupos. Estes bandos causavam grande agitação social e medo entre a aristocracia judaica, aqueles que apoiavam o Império Romano e exploravam os pobres e camponeses.

Percebe-se que o banditismo social foi uma importante reação de uma parcela expressiva da sociedade, porque os governadores romanos empreenderam muitos esforços para controlar suas ações. Cumanó (48-52) e Félix (52-60) enfrentaram muitos bandidos e gastaram muita energia para acabar com o movimento. Todavia, aparentemente o fenômeno cresceu bastante; e, imediatamente antes da revolta judaica, iniciada em 66 d.C., atingiu níveis epidêmicos. O governador Festo (60-62) prendeu muitas pessoas, tentando controlar a situação; e seu sucessor, Albino, aumentou a carga tributária. Parece que sob o governo de Géssio Floro (64 a 66), quando iniciou a revolta, o banditismo tinha se alastrado ainda mais, e cidades inteiras foram destruídas.

### **2.5.2 A quarta filosofia**

Com base na narração de Flavio Josefo, uma fonte primária da época disponível, é possível identificar um grupo denominado: “A Quarta Filosofia”, que agia ativamente contra o Império Romano nas primeiras décadas após o nascimento de Jesus Cristo. A origem do nome vem do fato de que Josefo considera o movimento uma escola filosófica, da mesma maneira como outras três: fariseus, saduceus e essênios. Há também opiniões diferentes, considerando que a quarta filosofia e os zelotas são o mesmo grupo. Todavia, para Josefo e alguns autores atuais há uma importante distinção - os membros desta filosofia não agiam com violência - ao

contrário dos zelotas: “Mas Josefo não dá nenhuma indicação de que Judas ou os membros da Quarta Filosofia efetivamente se envolveram em atos de violência ou numa revolução”. (HORSLEY, HANSON; 2007; p.171).

Era um grupo com princípios e ideais muito parecidos com o dos fariseus. No entanto, havia uma distinção importante. A Quarta Filosofia amava a liberdade. Não se conformava com a escravidão imposta pelos romanos: o pagamento de tributos e a violação do princípio de viver diretamente sob o governo de Deus. “Eram apaixonados pela liberdade, indomáveis, pois estavam convencidos que Deus era seu único chefe e dono”. (SCHÜRER II, 1985, p. 770). Os fariseus aguardavam pacientemente a ação de Deus para libertar seu povo. A Quarta Filosofia entendia que precisava se opor ao Império Romano. Não com violência como os zelotas, mas deveria se posicionar contra aquilo que tirava sua liberdade. Percebe-se que as diferenças com outros partidos judeus são sutis e nem sempre tão perceptíveis. Provavelmente por isso, por vezes não são identificados como um grupo autônomo e separado dos demais.

A primeira ação atribuída ao bando é a reação ao levantamento sobre o valor do imposto a ser cobrado do território que era reinado por Arquelau logo após a sua queda. Esta investigação estava a cargo de Quirino - legado da Síria - e Copônio, o novo governador empossado por Roma em 6 d.C. Este episódio já foi abordado anteriormente de forma resumida. O líder da revolta e da Quarta Filosofia é Judas, o galileu. Ele tentou coagir o povo a não se sujeitar à cobrança de impostos aos romanos. Afirmava que: se aceitassem a ordem, estariam infringindo a lei, pois como judeus deveriam servir somente a Deus. Em seguida, percebe-se que Judas tinha o apoio de um fariseu de nome Sadoque.

Parece que obtiveram sucesso inicial, porque seu número cresceu e as agitações contra o Império se espalharam pelo país. Não tinham medo de sofrer, nem da morte: preferiam ser mortos a ter que se submeter a homens e não somente a Deus. Havia escribas, mestres e outros intelectuais judeus que apoiavam esta ação contra a dominação estrangeira. Outro movimento de resistência atribuído ao grupo e também já bem descrita anteriormente, ocorreu ainda antes da morte de Herodes, o Grande. Havia rumores de que ele já tinha falecido e um grupo de jovens derrubou a águia de ouro sobre a grande porta do Templo. A grande contribuição deste grupo para a revolta armada contra os romanos em 66 d.C. foi a de disseminar a revolta e o

ódio contra a ocupação estrangeira. Isso foi feito durante algumas décadas e contribuiu para inflamar os ânimos dos judeus.

### **2.5.3 Os sicários**

Ao contrário dos membros da Quarta Filosofia, os integrantes dos sicários agiam com extrema violência. Sua atuação é mencionada pela primeira vez na década de 50. Seu nome deriva da arma que utilizavam: uma espécie de punhal. Segundo Josefo, eram “espadas curtas como as dos persas, e recurvas, como punhais que os romanos chamam de siques”. (JOSEFO, 2013, pos. 30614). Ao contrário dos bandidos sociais, que atuavam principalmente na zona rural, os sicários agiam nas cidades e, com maior incidência, nos dias de festas. Misturavam-se às pessoas, com seus punhais escondidos sob suas vestes e apunhalavam seus adversários em plena luz do dia. Quando as vítimas caíam, os sicários fugiam rapidamente, misturando-se com a multidão a fim de que não fossem identificados.

Assim como a Quarta Filosofia, aparentemente, também era um bando formado por mestres e intelectuais. É provável que seu líder fosse Manaém, filho ou neto de Judas da Galileia, apontado como o chefe da Quarta Filosofia. Parece que sua luta contra a domínio romano estava baseada nos mesmos princípios que os seguidores de Judas defendiam. Também lutavam contra a pesada tributação e igualmente contra as famílias sacerdotais ilegítimas, bem como a nobreza herodiana. Não atacavam a guarda nem funcionários romanos; atacavam, porém, integrantes da classe nobre judaica, que apoiava a ocupação romana e tirava vantagens desta situação, em detrimento dos camponeses e demais pobres.

Atuavam com três táticas. A primeira era o assassinato de pessoas escolhidas e que tinham um valor simbólico. Nesta estratégia, encaixa-se o assassinato do sumo sacerdote Jônatas. O sumo sacerdote era ilegítimo e colaborador de Roma; por isso, deveria ser punido. Também atuaram na zona rural, eliminando membros da nobreza judaica, ricos donos de propriedades e destruíram suas terras e bens. Em terceiro lugar, sequestravam pessoas importantes para pedir resgate. Um exemplo é o sequestro do secretário do sumo sacerdote Ananias, ocorrido durante uma festa na época do governador Albino (62-64).

Obviamente que as ações dos sicários não tiveram um efeito tão devastador; no entanto, espalharam muito medo e tensão sobre o grupo de nobres judeus. Ninguém

sabia quem seria seu próximo alvo. As possíveis vítimas se defenderam com pessoas armadas e esta situação aumentou em muito a violência na Palestina e, com certeza, contribuiu com a Guerra Judaica iniciada em 66 d.C. Parece que:

Permaneceram fiéis a seus chefes, considerados quase messiânicos, até a queda de Massada. Após o assassinato de Manaém e a fuga de seus partidários de Jerusalém, não há mais indícios de sua presença na cidade, suas atividades se limitaram a Massada. (SCHÜRER II, 1985, p. 773).

Os sicários não eram muito numerosos e não tiveram o papel principal na revolução judaica. No entanto, contribuíram, assim como os bandidos sociais, para criar um clima instável e tenso e fomentar o ódio contra o Império Romano.

#### **2.5.4 Os zelotas**

O último grupo que merece atenção para um melhor entendimento do contexto da violência e perseguições nas primeiras décadas após o nascimento de Jesus, são os zelotas. Provavelmente eram a turma mais violenta e ativa, contribuindo decisivamente para impedir o final da revolta judaica em 67 d.C. O nome do grupo deriva do zelo que tinham para com Deus. “As palavras semitas e gregas podem denotar igualmente não apenas zelo no sentido comum, mas zelo religioso em prol da honra exclusiva do Deus de Israel e contra quem ou qualquer coisa que ameaçasse lhe diminuir a honra”. (BRUCE; 2019, p. 99). Com o passar do tempo, o zelo por Deus acabou os transformando em um bando extremamente violento e cruel contra o Império Romano: que, para eles, era o símbolo maior da negligência a Deus.

Há controvérsias quanto à origem do grupo. Alguns estudiosos entendem que surgiram logo após a deposição de Arquelau, em 6 d.C., procurando convencer os judeus a não se sujeitarem aos impostos romanos. Neste trabalho, esta ação foi atribuída à Quarta Filosofia. Portanto, será adotada a posição de Josefo e Horsley / Hanson que entendem que o grupo surge no início da Guerra Judaica, quando são mencionados pela primeira vez pelo seu nome. Para Josefo, eles são os maiores culpados pelo confronto entre judeus e romanos. “A culpa pelos confrontos de 70 d.C. não podia ser colocada sobre os romanos, seus patronos (exceto casos esporádicos como o do procurador Floro), nem sobre seu povo como um todo; mas os zelotes...” (BRUCE 2019, p. 101). No próximo ponto, será abordada a Guerra Judaica e a

participação dos zelotas: fator decisivo para um melhor entendimento sobre quem era este grupo.

## 2.6 A GUERRA JUDAICA

Após anos de perseguições e sofrimentos impostos pelo Império Romano, finalmente explodiu uma grande revolta do povo contra o domínio estrangeiro. A revolta iniciou em maio de 66 d.C., quando Gesio Floro era o procurador romano. Floro era um tirano, que impôs grandes sofrimentos aos judeus. “Roubar pessoas individuais parecia muito pouco a ele, e conseqüentemente se dedicou a saquear e arruinar comunidades inteiras. De tal forma, que os bandidos estavam dispostos a compartilhar seus roubos com ele”. (SCHÜRER I, 1985, p. 602).

A guerra teve início após Floro ter subtraído 17 talentos do tesouro do Templo. Essa atitude esgotou a paciência dos judeus. “Floro, como se não soubesse fazer outra coisa, a não ser incitá-los à guerra, enviou ao tesouro homens sagrados para que sacassem 17 talentos, fingindo que eram necessários para cobrir os gastos de César”. (JOSEFO, 2010, pos 2633). Essa atitude deflagrou um protesto irônico dos judeus. Eles levantaram ofertas para ajudar o “pobre” procurador. Seguiram-se violentas repressões por parte das tropas do procurador e reações igualmente intensas da população judaica. O conflito saiu do controle e a guerra estava iniciada.

No início, os judeus obtiveram sucesso, expulsando os romanos da Judeia e da Galileia, pois eles não conseguiram reconquistar Jerusalém e conter a revolta dos judeus. Todavia, parece que, no meio do ano de 67, o general Vespasiano já tinha reconquistado a Galileia e agora investia sua energia na recuperação da Judeia. Enquanto avançava, um grande número de camponeses, organizado em bandos de salteadores, fugiu para Jerusalém para se juntar e fortalecer o partido dos zelotas. Jerusalém ainda era governada pelo sumo sacerdote. Os zelotas atacaram os nobres herodianos e, por sorteio, elegeram pessoas comuns para o cargo de sumo sacerdote, tentando tomar o controle da cidade. Matavam membros da aristocracia dominante: grandes proprietários de terras que exploravam os camponeses e eram aliados aos romanos.

A partir daí, houve uma série de combates entre grupos judeus que lutavam pelo controle de Jerusalém. Os sumos sacerdotes - entre eles, Anano e Jesus - com a ajuda de outros habitantes da cidade conseguiram derrotar os zelotas e levá-los

para dentro do pátio interno do Templo. Em seguida, os idumeus vieram em socorro aos zelotas que, livres, atacaram membros da nobreza judaica. Os zelotas enfrentaram tensões e lutas internas, pois a maioria não queria se submeter a João de Gíscala. Também lutaram contra o movimento messiânico de Simão Bar Giora. Quando os romanos chegaram com força em Jerusalém, finalmente, os grupos rivais se concentraram em resistir contra o inimigo em comum.

Os zelotas eram um grupo menor do que os grupos de João de Gíscala, de Simão, e também menores que os idumeus. Também não tinham um líder forte; por isso, sua importância na resistência foi menor do que a dos outros grupos. Apesar disso, não desistiram, lutaram até o final contra o poderoso Império Romano. A conquista final - e consequente término da revolta - levou alguns anos. Na fortaleza de Massada, havia judeus resistindo ao cerco romano. Há uma diferença de opinião entre os autores atuais sobre quem era o grupo que resistia. Horsley e Hanson entendem que os sicários é que eram este bando: “Quando, finalmente, os romanos prepararam o cerco de Massada em 73, como parte das operações de “limpeza” na Judeia, os sicários não ofereceram nenhuma resistência ativa”. (HORSLEY, HANSON; 2007, p. 185).

A interpretação tradicional entende que os zelotas foram os que resistiram aos romanos até o final da guerra. O fato é que quando, finalmente, os romanos terminaram de construir a rampa de acesso para o ataque final à fortaleza, constataram que as 960 pessoas que ainda resistiam lá dentro haviam cometido suicídio coletivo. Havia homens, mulheres e crianças que preferiram morrer a se entregar e submeter aos romanos. A guerra de 66 a 73 d.C. não foi somente uma revolta contra Roma, mas também uma luta interna entre as classes judaicas.

## 2.7 A VIOLÊNCIA ROMANA NA RECONQUISTA DA JUDEIA E A PERSEGUIÇÃO AOS CRISTÃOS

A tática do líder romano Vespasiano foi deixar que a guerra civil entre grupos judeus enfraquecesse o inimigo. “Era mais prudente, em sua opinião, deixar a guerra civil continuar até causar a aniquilação total de Jerusalém e seus homens”. (Schürer I, 1985, p. 627). Por esse motivo, ele foi reconquistando aos poucos os territórios judeus. Ele também tinha o foco em outros acontecimentos do império, principalmente no que dizia respeito à política: a morte de Nero, em 68 d.C., e o repentino e rápido

assassinato de Galba, seu sucessor. Quando, em 69 d.C., Vespasiano foi proclamado imperador romano, coube a seu filho Tito comandar a fase final da guerra judaica contra Roma.

A Judeia e Jerusalém, foco da resistência judaica, ficaram por último: sua reconquista era uma questão de tempo. Obviamente, a retomada seguiu o padrão romano: foi executada com muita violência, perseguição e requintes de crueldade:

Vespasiano e seus oficiais executaram uma política sistemática de “terra arrasada” região após região, arrasando aldeias, massacrando dezenas de milhares de camponeses, vendendo milhares de outros como escravos e nomeando como administradores públicos seus próprios soldados ou a nobreza judaica que tinha entregue a sua cidade. (HORSLEY, HANSON; 2007, p.191).

Esta onda de violência causou pânico e terror primeiramente entre os camponeses, os que estavam no caminho do exército romano até Jerusalém. A matança e a devastação das aldeias inimigas eram uma marca das conquistas dos romanos, e aqui não foi diferente. Aos camponeses não restavam muitas alternativas, senão lutar até serem mortos ou fugir, adiando temporariamente o encontro com a morte, que certamente viria quando as tropas romanas os alcançassem. Os nobres que desertavam para o lado romano recebiam cargos públicos e escapavam da matança.

Após a retomada inicial, que teve grande sucesso, lutas e esporádicas continuaram a acontecer em menor escala, seguindo a estratégia pensada por Vespasiano. “Guerrilheiros judaicos capturados foram crucificados pelos romanos. Erigiram-se cruzes em cima dos diques, ao redor da cidade, para assustar os defensores”. (LOHSE, 2000, p. 44). Em Jerusalém, ainda havia certa resistência e judeus que aguardavam uma milagrosa intervenção divina para salvar seu povo. No entanto, resistir aos romanos era uma tarefa muito difícil, quase impossível. Aos poucos, eles foram avançando, quebrando os anéis dos muros de proteção da cidade. Não tardou para que o general Tito retomasse o controle da cidade e destruísse o Templo.

Tito continuou a guerra. Ele cercou Jerusalém durante um ano e finalmente conquistou a colina do Templo em meados de 70 d.C. Entrou no Santo dos Santos, apossou-se dos paramentos sagrados para adornar seu triunfo em Roma, e depois incendiou o próprio Templo. Precisou de outro mês para eliminar a última resistência dentro da cidade, e depois Tito mandou destruir

as muralhas da cidade e o recinto do Templo. (STAMBAUGH, BALCH; 2020, p. 24).

Após a violenta tomada e destruição do Templo, o último grande foco de resistência aos romanos foi a fortaleza de Massada. Lá, zelotas e/ou os sicários resistiam ao cerco comandado pelo comandante Tito. Foi necessário que o exército romano construísse uma grande rampa de terra para atacar com violência as pessoas que ainda faziam oposição ao Império. O desespero do grupo de judeus que resistia ao cerco enquanto a rampa foi construída com certeza influenciou no desfecho catastrófico. A violência romana, bem como a convicção judaica de não se submeter mais ao domínio estrangeiro, também colaboraram para o fim trágico.

O acontecimento em Massada foi um marco na perseguição dos romanos aos judeus. Além de marcar o fim da guerra judaica, parece que, a partir daquele momento, os cristãos começam a ser perseguidos com mais intensidade pelo Império Romano. Até este ponto da história provavelmente eles eram confundidos com os judeus. O fato de eles não terem atuado com os judeus na guerra fez com que os romanos agora os vissem como um grupo diferente, mas igualmente ameaçador e que precisava ser combatido.

Mesmo após a guerra judaica, foram mantidos os direitos concedidos anteriormente aos judeus. Inicialmente, o serviço público romano considerava também os cristãos como judeus ou como seita judaica. Todavia, logo depois, judeus e cristãos se separaram, os cristãos não puderam mais desfrutar dos direitos adquiridos pelas sinagogas. (LOHSE, 2000, p. 209).

Alguns cristãos fugiram de Jerusalém já durante a sangrenta guerra civil que aconteceu em meio à guerra contra Roma. “Deve ter sido nesta época, ou um pouco antes, que a comunidade cristã fugiu de Jerusalém. Abandonaram a cidade ‘seguindo uma indicação divina’ e se estabeleceram na gentilícia e pacífica cidade de Pela, na Pereia”. (SCHÜRER I, 1985, p. 627). A guerra judaica marcou uma mudança de postura dos romanos em relação aos cristãos, que foram perseguidos com mais frequência e maior crueldade. Esse período de perseguições à igreja durou até o século IV, quando o imperador Constantino declarou o Cristianismo como religião lícita, acabando com a perseguição. Um pouco mais tarde, 27 de fevereiro de 380, o imperador Teodósio, declarou o Cristianismo como a única religião imperial legítima.

Outro exemplo acontece em 64 d.C., ainda um pouco antes da guerra judaica. Após o incêndio que devastou parte da cidade de Roma, o imperador Nero culpou os

cristãos pela tragédia e os perseguiu implacavelmente. Apesar de não ter acontecido em Jerusalém, esse episódio também confirma que os romanos perseguiram os cristãos. Em algum momento, eles perceberam que havia distinção entre a fé judaica e a fé cristã. Mais a respeito da perseguição aos cristãos será apresentado no próximo capítulo.

### **3 O EVANGELHO DE MATEUS: INTRODUÇÃO, ORIGEM HISTÓRICA E LITERÁRIA**

O texto bíblico que está sendo pesquisado é Mt 5,1-12, com ênfase nos versículos 10 a 12, que tratam da perseguição. Portanto, para uma melhor aproximação ao texto com a finalidade de entender com maior precisão o que é ensinado sobre perseguição, é necessário analisar o Evangelho de Mateus. Nas Bíblias cristãs, ele é o primeiro Evangelho que aparece, abrindo o Novo Testamento e, segundo alguns especialistas, o mais utilizado pela igreja primitiva. Por muito tempo, acreditou-se que ele tinha sido também o primeiro a ser escrito. Atualmente, porém, há grandes discussões sobre sua origem e não há mais unanimidade sobre o assunto.

#### **3.1 HISTÓRIA E ORIGEM DO EVANGELHO DE MATEUS**

Uma citação de Eusébio, bispo de Cesareia, falecido por volta de 339, é a mais antiga referência conhecida ao Evangelho de Mateus. Eusébio é autor de uma coleção de dez volumes denominada: “História da igreja”. Esta obra é a mais antiga história eclesiástica conhecida, iniciando em Jesus Cristo, passando pelo tempo dos apóstolos e chegando até aproximadamente 324. Nesta obra, Eusébio cita Papias, bispo de Hierápolis. Papias era autor de cinco livros exegéticos, datados por volta de 135, obra que foi preservada até a Idade Média em algumas bibliotecas europeias, mas não estão mais disponíveis.

As palavras de Papias, registradas por Eusébio, foram: “Mateus compilou os discursos de Jesus em língua hebraica (aramaica), mas cada um os traduziu da melhor maneira que sabia”. (RIENECKER, 1998, p. 24). No início, essa tradução era a mais aceita e não havia muita discussão a respeito, acreditava-se que o apóstolo Mateus tinha escrito o Evangelho grego primeiramente em hebraico e aramaico.

Alguns pais da igreja davam suporte a esta ideia. Irineu, bispo de Lyon, ao final do segundo século, não tinha dúvidas que Mateus fora o primeiro evangelho a ser escrito: “Este documento original foi escrito por Mateus, ao tempo que Pedro e Paulo estavam pregando o Evangelho em Roma e fundando a Igreja, isto antes da composição do Evangelho de Marcos”. (TASKER, 1999, p. 8). Jerônimo, o destacado teólogo que viveu nos séculos IV e V, também entende que o apóstolo Mateus foi o primeiro a escrever um Evangelho, e mais: que o escreveu na Judeia, em hebraico, para os judeus convertidos. Para ele, só restava uma dúvida: quem, mais tarde, traduziu a obra ao grego. (TASKER, 1999, p. 8).

A posição tradicional começou a ser questionada com mais veemência a partir do século XVIII, quando alguns autores levantaram a questão dos evangelhos sinóticos<sup>4</sup>. Griesbach (1745 – 1812) foi um dos teólogos que fundamentou a discussão sobre os evangelhos sinóticos. As palavras de Papias com relação ao Evangelho de Mateus já não estavam mais tão claras, e alternativas à tradução comumente aceita foram levantadas: “Mateus (compôs? / compilou? / organizou?) os (ditos? / discursos? / Evangelho?) em língua (aramaica? / hebraica?), e todos (interpretaram? traduziram? transmitiram?) da melhor maneira que sabia”. (CARSON, 2011, p. 27). Agora havia questionamentos e dúvidas a respeito do primeiro Evangelho e a tradução acima demonstra algumas possibilidades de interpretação e dificuldades.

No início das discussões a respeito dos Sinóticos, ainda se acreditava que Mateus tinha sido composto antes de Lucas e Marcos. Mateus era aceito como fonte para os outros dois; e Marcos, além de posterior, é um resumo de Mateus e Lucas. No final do século XIX, por influência da obra de Holtzmann (1834 – 1910), surgiu a hipótese das duas fontes. Esta hipótese sugere que Marcos foi o primeiro Evangelho a ser escrito. Aproximadamente 90% do material de Marcos é encontrado em Mateus e com muita frequência Mateus concorda com a ordem das perícopes e com a linguagem de Marcos.

Mateus e Lucas utilizaram Marcos para comporem seus Evangelhos. Mateus e Lucas, além de fazerem uso de Marcos, utilizaram uma segunda fonte, denominada de “Q”. Esta dedução foi sugerida porque há 250 versículos comuns entre Mateus e

---

<sup>4</sup>Mateus, Marcos e Lucas são considerados Evangelhos Sinóticos, “pois possuem muito material em comum”. Não é só por isso. Sugestão: “São chamados “sinóticos” os três Evangelhos: Mateus, Marcos e Lucas, porque os três apresentam entre si muitas semelhanças e ao mesmo tempo divergências, que podem ser observadas quando colocados em paralelo. A palavra vem de dois termos “*syn*” + “*ótico*” = *com os olhos*. Ou seja, uma coisa que pode ser vista num olhar”.

Lucas. Nestes versículos, percebe-se que a ordem é a mesma e há muita semelhança entre a linguagem em longas passagens, minimizando a possibilidade de estas passagens em comum serem resultado de tradições orais. “A hipótese das duas fontes permanece a solução geral mais atraente. Isso não quer dizer que ela pode ser provada com certeza matemática nem que todos os argumentos desenvolvidos em seu favor sejam convincentes”. (CARSON, 2011, p. 32).

Além do “problema sinótico”, outros estudos, como a crítica da fonte, a crítica da forma e a crítica da redação trouxeram importantes contribuições e avanços com relação à história e origem dos Evangelhos. A crítica da forma, representada por Schmidt, Dibelius e Bultmann, foi aplicada para averiguar a influência do tempo passado entre a partida de Jesus e os primeiros registros escritos sobre ele. Ao final da Segunda Guerra Mundial, já em meados do século XX, a crítica da redação enfatizou que os evangelistas não eram somente compiladores de tradições orais ou organizadores de histórias preservadas, mas deveriam ser reconhecidos como teólogos, pois também registraram suas próprias convicções em seus trabalhos.

Streeter defendeu a hipótese das quatro fontes. Para ele, o evangelho de Lucas possui um “proto-Lucas”, que foi completado por Marcos e por Q. Sendo assim, o proto-Lucas é tão confiável quanto Marcos. Esta hipótese ainda tem seguidores atualmente, bem como ainda há teólogos que defendem que Mateus foi o primeiro Evangelho a ser escrito. Outras hipóteses e sugestões surgiram com o passar dos anos; e provavelmente continuarão surgindo. Todavia, dada a dificuldade de encontrar provas, falta de dados e fontes irrefutáveis e o tempo decorrido em relação à redação dos Evangelhos (aproximadamente 1950 anos), uma unanimidade dificilmente será alcançada.

Nesta pesquisa será adotada a teoria das duas fontes para explicar a origem do Evangelho de Mateus. Admite-se que Marcos, seguindo o testemunho do apóstolo Pedro, foi o primeiro a redigir seu Evangelho. Mateus e Lucas se valeram de Marcos e da fonte Q para escreverem seus respectivos materiais. Além disso, muito provavelmente, Mateus e Lucas também tinham fontes próprias, de onde saíram os relatos exclusivos de cada um. Obviamente que a adoção desta hipótese terá reflexos na análise do Evangelho, principalmente em questões sobre autoria, data e local de escrita.

### 3.2 AUTORIA DO EVANGELHO DE MATEUS

A questão da autoria do Evangelho de Mateus passou por um processo parecido com aquele que estuda a origem da obra. No início, poucos se atreviam a questionar a autoria de Mateus. Provavelmente, esta convicção vinha da citação de Papias, já mencionada anteriormente e do testemunho da igreja primitiva, que aparentemente nunca questionou esta questão. Todavia, o próprio Evangelho em nenhum momento cita o seu autor. Martin Hengel, autor do livro: “Estudos no Evangelho de Marcos”, acredita que o fato de o documento circular desde muito cedo entre as igrejas, ainda durante o primeiro século, com o título “segundo Mateus”, atesta que o apóstolo Mateus seja o autor do Evangelho.

No entanto, é possível que a própria citação de Papias gere dúvidas. É possível interpretar que ele primeiramente escreveu em hebraico e aramaico. Como esta cópia não está mais disponível, somente cópias da obra em grego, algumas perguntas continuam sem resposta. Papias se refere a algum proto-Mateus em hebraico / aramaico, que difere do Evangelho de Mateus conhecido hoje? Quem fez a tradução para o grego? O próprio Mateus, ou algum autor diferente? A citação de Papias está correta, ou ele pode estar enganado? São questionamentos legítimos, que naturalmente surgiram com o passar do tempo.

Há dúvidas sobre o que Mateus teria escrito. Teria ele somente compilado os ditos de Jesus ou discursos de Jesus? Neste caso, alguém deve ter feito uso do trabalho dele para compor o Evangelho. Também é possível deduzir da afirmação de Papias, que Mateus escreveu o Evangelho completo? É possível que Mateus tenha escrito um documento em hebraico ou aramaico e alguém outro o traduziu para o grego. A atual crítica literária oferece inúmeros motivos que fomentam questionamentos capazes de extinguir as certezas de outrora com relação à autoria deste Evangelho.

Se a hipótese das duas fontes estiver correta, é difícil conceber que o apóstolo Mateus, que andou com Jesus, fundamentou seu escrito em Marcos, escrito por uma pessoa que não era apóstolo nem testemunha ocular. Estudos fundamentados na crítica da redação negam que o autor deste Evangelho seja judeu. Apesar do grande conhecimento sobre a vida judaica que Mateus demonstra ter, é possível alegar que o grego de Mateus tem um nível incompatível com um simples judeu. Percebe-se que descobrir o autor do Evangelho de Mateus não é tarefa fácil e mais, ter absoluta

certeza é impossível. Há várias hipóteses disponíveis e é necessário adotar alguma e enfrentar as vantagens e dificuldades que esta decisão fatalmente trará.

Parece que há três opções mais aceitas para a autoria de Mateus: é possível que o autor tenha sido o próprio apóstolo. Especialistas que defendem esta posição: Gundry, Albright e Mann, Wikenhauser. A segunda opção, defendida por muitos teólogos, entende que o autor de Mateus é um judeu cristão. Weiss, Bacon, Kümmel e Luz estão entre este grupo. A terceira opção defende que o autor foi um cristão gentio. Clark, Frankemölle e Cook são simpatizantes desta via. Não há consenso sobre a autoria do Evangelho, embora haja bons argumentos em todos os grupos.

Apesar de o nome do autor não estar informado ao longo do Evangelho, é possível ter pistas. Uma passagem interessante está em Mt 10,3, quando os doze apóstolos são chamados pelo nome e Mateus é identificado como o publicano, aquele que trabalhava cobrando impostos para o governo romano. Este detalhe chama a atenção porque, nas passagens paralelas, em Marcos e Lucas, Mateus não é caracterizado como o publicano. Com esta observação é possível passar a impressão que o autor do Evangelho conhece melhor o autor do que os outros; no caso, ele mesmo seria o autor.

O fato de Mateus ser cobrador de impostos e trabalhar para o Império Romano também pode demonstrar que ele dominava a língua grega, que era a língua oficial e comercial do Império. Sendo assim, ele poderia ter redigido partes do texto, ditos e discursos de Jesus primeiramente em sua língua materna, aramaico ou hebraico e, em seguida, escrito a versão final em grego. Esta possibilidade estaria em acordo com a citação de Papias. Um judeu que trabalhava para o governo romano provavelmente dominava três línguas: aramaico, hebraico e grego.

Se isto for verdade, torna Mateus o mais preparado entre os discípulos de Jesus para escrever algo sobre seu mestre. Parece que entre o grupo, composto na maioria por pescadores e homens simples, Mateus se destacava por dominar o idioma grego. Além do mais, o cargo de publicano que ocupava também o capacitou acima dos demais apóstolos. Pois, provavelmente, sua função exigia que tomasse notas e prestasse contas ao governo romano. O fato de ele ser da Galileia, onde o grego, juntamente com o hebraico e aramaico era muito utilizado na fala e escrita, também reforça a ideia de que ele dominava o idioma grego.

Luz entende que o apóstolo Mateus não seja o autor do evangelho de Mateus: “Eu pressuponho que o apóstolo Mateus não seja o autor do primeiro evangelho. ‘Se

fosse, teria utilizado o livro de alguém que não era testemunha ocular como fonte principal, sendo ele mesmo testemunha ocular’?” (LUZ, 1993, p. 99). No entanto, se Marcos de fato escreveu baseado no testemunho de Pedro, como Papias também sugere, fica mais fácil de aceitar que o apóstolo Mateus não se baseou em um escrito de alguém que não era testemunha ocular da vida de Jesus. Pedro, que muitas vezes demonstrava certa liderança sobre os apóstolos, era alguém muito próximo de Jesus. Nesse caso, parece não haver problema que Mateus tenha utilizado e ampliado as narrações dele para produzir seu próprio Evangelho com características diferentes. O Evangelho de Mateus não perde valor, mas sim, agrega valor sobre a história e testemunho de Jesus, narrada por duas pessoas que caminharam com ele.

O testemunho da igreja primitiva e dos pais da igreja também não pode ser negligenciado. Eles eram os que estavam mais próximos do autor e da época em que foi redigido o livro. Portanto, eles - muito melhor do que alguém que vive muito tempo depois - têm condições de opinar sobre a autoria. Como eles não tinham dúvidas de que o autor do Evangelho era o apóstolo Mateus, é uma opinião que precisa ser levada em conta. “Independentemente da conclusão a que se chegue, parece melhor referir-se a esse Evangelho como ‘Mateus’, por falta de uma designação melhor”. (KEENER, 2017, p. 43). Apesar de ser um assunto complexo e não ser possível afirmar com certeza absoluta - como já exposto anteriormente: nesta pesquisa, o apóstolo Mateus, o publicano, será considerado o autor do Evangelho que leva o seu nome.

### 3.3 DATA DE COMPOSIÇÃO DO EVANGELHO DE MATEUS

A data de escrita do Evangelho de Mateus também tem sido alvo de intensos debates e discussões. Sua exata definição traria o benefício de se poder estudar com maior precisão o contexto em que o livro foi concebido, o que traria grandes benefícios para a análise da obra. No entanto, uma variação de alguns anos também não influencia tanto o contexto. O que a maioria dos estudiosos concorda é que o Evangelho foi escrito na segunda metade do primeiro século. Todavia, a data depende de algumas decisões sobre a história da composição e autoria. Neste caso, a afirmação de Papias, utilizada anteriormente, parece que pouco auxilia.

Se Mateus foi o primeiro a ser escrito, há maior flexibilidade, e uma data mais antiga pode ser provável. Como nesta pesquisa adotou-se a hipótese das duas fontes, é obrigatório levar em conta que Marcos foi escrito antes de Mateus. Neste caso, uma

questão de difícil solução é a data da escrita de Marcos. Um fato que influencia bastante na datação do Evangelho é como o mesmo trata um evento marcante ocorrido em Jerusalém entre 66 e 73 d.C.: a guerra judaica, já mencionada no capítulo anterior.

A pergunta decisiva é: Mateus cita o fato em seu livro? Nesse caso, a lógica é a seguinte: Mateus não poderia ter ocultado um fato tão importante da história judaica se ele já tivesse acontecido. Ou seja, se o fato não é mencionado, significa que o livro foi escrito antes do ocorrido. Se for mencionado, com certeza, o livro foi escrito depois. Todavia, nem mesmo nesta questão há unanimidade. É possível que o evento tenha sido mencionado, não diretamente, mas em meio a uma parábola, como será analisado no próximo parágrafo. Também é perfeitamente viável que mesmo que a guerra já tivesse acontecido no momento da redação, Mateus não a mencionaria; pois, a derrota denegriria a imagem de Israel. Neste caso, o argumento não teria valor para defender uma redação anterior ao evento.

Há dois versículos que fazem parte da denominada “parábola da festa de casamento” que, por vezes, são associados com a tomada de Jerusalém pelo Império Romano durante a guerra judaica: “e os outros, agarrando os servos, maltrataram-nos e os mataram. Mas o rei ficou furioso e, enviando seus exércitos, destruiu aqueles homicidas e incendiou as cidades deles”. Mt 22,6-7. Parece que há duas explicações razoáveis sobre o texto. É possível que essas palavras de Jesus sejam uma confirmação histórica sobre a queda de Jerusalém. Neste caso, seriam um argumento a favor de uma escrita após 70 d.C. Por outro lado, caso as palavras de Jesus sejam interpretadas como uma profecia, sobre algo que ainda estaria para acontecer, seriam um bom argumento a favor de uma datação anterior a 70 d.C.

É importante observar que os versículos mencionados fazem parte de uma parábola de Jesus. A parábola é uma história inventada por Jesus, que utiliza costumes e situações comuns da época para ensinar uma verdade central. Parece que profecia e história não são os objetivos primários de nenhuma parábola. O grande desafio em uma parábola é encontrar o princípio central ensinado por Jesus: o que, por vezes, se torna ainda mais difícil quando Jesus mesmo não explica a parábola, como é o caso desta. Deduzir dicas históricas e proféticas de uma parábola para datar o Evangelho de Mateus de uma parábola não parece um caminho correto.

Se a lógica acima é legítima, é necessário também validar o argumento que sustenta que a data de Mateus é anterior a 70: porque, em algumas passagens (5,23-

24; 12,5-7; 23,16-22; 26,60-61), o Templo ainda é mencionado. Mateus também cita várias vezes os saduceus, que provavelmente desapareceram após a revolta judaica. “De forma relevante, Mateus registra mais advertências contra os saduceus que todos os outros escritores do Novo Testamento juntos; e após 70 d.C., os saduceus não existiam mais como centro de autoridade”. (CARSON, 2011, 38 - 39).

Atualmente, pesquisas recentes sobre o “judaísmo formativo” podem dar uma luz sobre a data de autoria de Mateus. Parece que antes da destruição do Templo, o judaísmo era muito diverso em teoria e prática. Após 70 d.C., o judaísmo se resume a dois ramos mais visíveis: o Judaísmo Rabínico, que continua o legado deixado pelos fariseus; e o Cristianismo Judaico, que teve maior importância a partir da metade do século II:

Visto que Mateus dá mais atenção do que Marcos ao movimento rabínico dos fariseus em ascensão e que esses rabinos começam a conquistar poder político na Síria-Palestina principalmente depois do ano 70, alguns estudiosos defendem que Mateus escreveu seu Evangelho na década de 70. (KEENER, 2017, p. 43).

Outra observação relevante é que, na época da escrita de Mateus, provavelmente havia uma grande tensão entre judeus e cristãos. Mais ainda entre judeus com cristãos que saíam do Judaísmo para abraçar a nova religião fundada por Jesus Cristo, ou seja, ex-judeus. Esta situação se encaixa muito bem ao Evangelho de Mateus, pois percebe-se grande tensão entre estes dois grupos. “Portanto devemos lembrar que o Evangelho foi escrito num tempo quando uma igreja tinha se desenvolvido de modo a incluir os judeus e cristãos gentios”. (MARSHALL, 2012, p. 107). Também ajuda a explicar porque Mateus apresenta Jesus como o cumprimento de todas as profecias judaicas. O próprio Jesus, em suas falas, parece alimentar essa tensão ao falar sobre a missão aos judeus (Mt 10.5-6; 15.24) e a missão a todos os povos (Mt 24.14; 28.19-20).

A partir destas observações, é possível entender que este contexto era mais provável entre 80 e 100 d.C.; e, por este motivo, Mateus pode ter sido escrito durante este período. Provavelmente, essa seja a opinião mais comum atualmente. Parece que a data mais tardia possível é 100 d.C., pois, no início do segundo século, os pais da igreja já citavam Mateus frequentemente. Apesar de ser a mais aceita, a proposta não é unânime:

Todos os principais estudos da crítica da redação tentam definir o contexto histórico no qual o evangelista escreve, as circunstâncias da comunidade que põem a composição desse evangelho (conforme se acredita) entre 80 e 100 d.C. e presta pouca atenção útil ao contexto histórico de Jesus. (CARSON, 2011, p. 20).

Também é evidente que, mesmo na época de Jesus, já havia tensão entre judeus e cristãos. Jesus, no próprio Evangelho de Mateus, fala muito contra os líderes judeus. Na própria crucificação, percebe-se o ódio dos líderes judeus contra Jesus. Parece que o clima de tensão já era uma realidade nesta época. Algo parecido se observa nos escritos de Paulo, muitos datados antes dos Evangelhos. O livro de Atos dos Apóstolos também deixa claro este clima de tensão. Sendo assim, é pouco provável que este contexto seja perceptível apenas no final do primeiro século.

Levando-se em conta todos os argumentos citados acima, não é possível ter certeza da data exata de composição do Evangelho. É provável que tenha acontecido entre 60 e 100 d.C. Nesta pesquisa, será adotada uma data por volta do ano 80 d.C. como uma possível data para a composição do Evangelho de Mateus. Entende-se que o escrito depende de Marcos, que deve ter sido escrito por volta do ano 70. Conforme já mencionado, apesar de não haver evidências sobre a queda de Jerusalém no livro de Mateus, entende-se que uma data mais próxima do ano 80, não muito mais tardia, está em acordo com as descobertas e pesquisas mais recentes. Essa data será adotada como a provável época da composição do Evangelho de Mateus. “No entanto, o Evangelho de Mateus não pode ser datado muito depois dos anos 80”. (LUZ, 1993, p. 98).

#### 3.4 LUGAR DE COMPOSIÇÃO DO EVANGELHO DE MATEUS

O lugar de composição também é alvo de muitas discussões e especulações. Tudo porque, no texto, não há nenhuma informação clara e precisa a respeito. “Uma resposta definitiva sobre o lugar de origem não é possível, pois há poucas informações disponíveis”. (LUZ, 1993, p. 94). Muitas sugestões de possíveis lugares têm sido feitas pelos especialistas: Jerusalém ou Palestina, Cesareia Marítima, Fenícia, Alexandria, Leste do Jordão (Pela), Edessa, Síria e Antioquia. Não há unanimidade sobre o assunto nem provas definitivas e claras que indiquem o lugar de composição do Evangelho de Mateus.

Uma observação é que a primeira evidência da utilização do Evangelho vem de Inácio, bispo de Antioquia, no início do século II. Recentemente, Alexandria, Edessa (província da Síria) e até Tiro são mencionados. No próprio texto, não há nenhuma indicação clara. Alguns versículos podem fornecer alguma evidência: Mt 4, 15 e 19,1 mencionam: “além do Jordão” e “para o outro lado do Jordão”, que poderiam indicar uma possível redação em algum lugar da província da Síria. Ulrich Luz afirma que a expressão “nazareno”, em Mt 4,24, “foi uma designação síria aos cristãos”. (LUZ, 1993, p. 96). O mesmo autor também sugere que a menção à Síria, em Mt 4, 24, é digna de nota.

Também pesa a favor da Síria, o fato de, no Evangelho, haver dicas que o mesmo é produto de um centro judeu-cristão, e este é o caso de Antioquia, na Síria. Provavelmente, a província romana da Síria seja a melhor opção como local de escrita do Evangelho de Mateus. Precisar a cidade seria algo complicado e desnecessário. Se tiver sido em outro lugar, também não influenciará ou invalidará esta pesquisa, pois o local de escrita não possui importância decisiva.

### 3.5 MOTIVAÇÃO E PROPÓSITO DA ESCRITA DO EVANGELHO DE MATEUS

Descobrir a motivação e propósito da escrita do Evangelho de Mateus não é uma tarefa fácil. No próprio texto, não há nenhuma indicação clara a respeito. Também é um grande desafio reconstruir o contexto em que Jesus viveu e o contexto em que Mateus escreveu. A distância de tempo entre o Jesus histórico e a data de composição do escrito também cria alguma dificuldade. Provavelmente, o contexto já tinha mudado um pouco e a realidade da época de Jesus já podia ser outra no momento da escrita.

Parece que Mateus se propôs a falar sobre Jesus, e não sobre uma comunidade cristã que se forma após a partida de Jesus. Ele deseja apresentar Jesus como o Messias prometido no Antigo Testamento. Fez isso, baseando-se em sua própria experiência de caminhada com seu mestre, no testemunho de Pedro registrado por Marcos e fundamentado em uma fonte comum aos outros Evangelhos Sinóticos, denominada “fonte Q”. Provavelmente este era o objetivo primário. Então, procurar outros motivos além deste é arriscado, sem fundamentos sólidos; portanto, pouco preciso.

Em Mateus, há algumas afirmações que parecem contraditórias em comparação com os outros sinóticos, e são exclusivas. Somente em Mateus (10,5-7),

aparece a ordem que Jesus dá aos discípulos, orientando-os a não irem aos gentios, e nem a entrar na cidade dos samaritanos. Eles deveriam privilegiar a ida às ovelhas perdidas da casa de Israel. Nestes versículos, Jesus afirma que há ovelhas perdidas na casa de Israel e que essas devem ter prioridade ao receber as boas-novas. Fundamentados em afirmações como essas, é possível entender que a motivação do Evangelho é orientar os judeu-cristãos ou que a comunidade de Mateus era formada por judeus que estavam se convertendo ao Cristianismo.

Todavia, já no final do livro, há uma clara mudança de foco: quando Jesus orienta seus discípulos a fazerem discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (Mt 28,19-20). Aqui, os gentios estão incluídos na missão dos onze discípulos. “Por causa dessa bifurcação, alguns estudiosos sugerem que Mateus está preservando as tradições de duas comunidades distintas – uma comunidade que permanece estreitamente judaica e outra que era mais voltada para os de fora”. (CARSON, 2011, p. 41). Com esta passagem, é possível admitir que a comunidade de Mateus era formada por judeus, cristãos-judeus e cristãos-gentios.

Não é difícil imaginar que o Cristianismo primitivo sofreu um processo gradual de ruptura com o Judaísmo, pois os discípulos e os primeiros cristãos eram judeus. Descobrir como e quando exatamente ocorreu essa ruptura é bem mais difícil. Outro detalhe que precisa ser levado em conta é que existe uma diferença de pelo menos trinta anos entre o ministério de Jesus e a escrita de Mateus. Provavelmente, os contextos mudaram nesse intervalo de tempo e nem sempre é fácil distinguir a qual época Mateus está se referindo: à época de Jesus ou à época da escrita.

Parece que a Guerra Judaica (66 a 73 d.C.) foi um marco decisivo nesse sentido. Ela pode ter representado uma ruptura definitiva entre judeus e cristãos. Não se tem notícias de cristãos lutando a favor dos judeus e contra os romanos durante o conflito. Essa postura pode ter deixado claro tanto para judeus como para romanos que os cristãos eram um novo grupo: uma nova religião que tem fundamentos em comum com o Judaísmo, mas também grandes diferenças. O desafio é detectar este momento de ruptura ao longo do Evangelho de Mateus. Se for verdade que ele não menciona a queda de Jerusalém, e, portanto, foi escrito antes deste conflito, é possível imaginar que a ruptura entre judeus e cristãos estava em curso durante a escrita do Evangelho de Mateus.

A passagem de Mt 10,5-6, que pode mostrar a primeira ordem de Jesus a seus discípulos, provavelmente não reflete o que acontecia na época da escrita de Mateus. Possivelmente, a estratégia de Jesus era começar a propagar o Evangelho primeiramente aos judeus, passando depois ao anúncio também aos gentios e a todas as nações, não deixando ninguém de fora. Neste caso, nenhum povo pode alegar que foi preterido e não recebeu as boas-novas ensinadas por Jesus. Se este for o caso, fica mais complicado admitir ideias conflitantes na comunidade de Mateus. Luz percebe essa mudança das prioridades em passagens de Mateus:

O Evangelho de Mateus descreve como Israel se converte em 'os judeus' (28,11-15). A resposta para isso é o mandato do Ressuscitado para transformar os pagãos em seus discípulos (28,16-20). Esta ruptura se efetuou também na história da comunidade, que fracassou em sua missão à Israel, viveu o juízo divino da destruição de Israel e agora é convidada pelo evangelista a uma nova empreitada. (LUZ, 1993, p. 86).

Há inúmeros motivos possíveis para a escrita de Mateus; todavia todos carecem de evidências concretas. A ligação de Mateus com o Antigo Testamento e o povo judeu aparece também em outras passagens. A genealogia de Jesus no primeiro capítulo parece testificar que ele é filho de Davi e filho de Abraão, ou seja, um descendente judeu. Ele é o Messias prometido ao povo judeu no Antigo Testamento, ele é o Filho de Davi. Provavelmente, Mateus pretende mostrar que a inauguração do reino messiânico é o cumprimento das profecias do Antigo Testamento.

O reino, que todo judeu esperava, é inaugurado pela vinda de Jesus, pelo seu ministério, morte e ressurreição. Após a passagem de Jesus, Mateus deseja mostrar que a igreja, formada por judeus e gentios, é a comunidade daqueles que seguem a Jesus. Os judeus perderam a exclusividade como povo escolhido, todavia, continuam fazendo parte do reino de Deus agora juntamente com todos os povos e raças que se submetem ao senhorio de Jesus. Por outro lado, também se percebe em Mateus que muitos líderes judeus não entenderam esta dinâmica e são constantemente cobrados e confrontados por Jesus.

Provavelmente o Evangelho de Mateus foi empregado para instruir e catequizar novos cristãos e convencer judeus que Jesus era o Messias por eles esperado desde o Antigo Testamento. Encorajar cristãos a viver a sua fé, mesmo em meio a um mundo hostil que os perseguia, também parece ter sido um propósito da escrita deste livro. Entretanto, parece que o principal objetivo para a escrita seja a apresentação de Jesus

como o Messias, o Salvador enviado por Deus para trazer salvação à humanidade. Por mais óbvio e simples que possa ser, parece que este era o motivo principal da escrita de Mateus. Ele quis apresentar aquele com quem caminhou e se convenceu de que era o Filho de Davi, enviado por Deus para inaugurar o seu reino.

### 3.6 UNIDADE E ESTRUTURA DO EVANGELHO DE MATEUS

Nesta pesquisa, a hipótese adotada para a formação do Evangelho de Mateus é a das duas fontes, ou seja, que Mateus fundamentou seu trabalho no Evangelho de Marcos e na fonte Q. Observando o texto de Mateus, esta hipótese é verificada, pois se percebe que o evangelista narra muitas ações de Jesus que também estão registradas em Marcos. Principalmente até o capítulo 8, Marcos é um evangelho que prioriza as ações de Jesus, narrando muitas curas, milagres e maravilhas que ele fez. A grande maioria destas ações são narradas também em Mateus. Todavia, Mateus prioriza os discursos de Jesus. Parece que as realizações de Jesus estão interligadas por cinco discursos ao longo do Evangelho.

Os cinco discursos estão distribuídos ao longo do livro: o primeiro e mais extenso está dos capítulos 5 ao 7, muito conhecido como “o Sermão do Monte”. O segundo, localizado no capítulo 10, é o discurso de envio dos doze discípulos de Jesus. Nele, Jesus detalha a missão e instrui seus discípulos. O capítulo 13, composto primordialmente por parábolas, contém o terceiro discurso, que pode demonstrar Jesus como o que promove sua comunidade. O capítulo 18, que também contempla uma parábola, é dedicado ao quarto discurso, que apresenta Jesus como aquele que organiza sua comunidade. O quinto e último discurso ocupa os capítulos 24 e 25 do evangelho. Parece que o tema principal deste é escatologia.

Mateus contém narrativas das ações de Jesus intercaladas com as falas de Jesus, e formando um livro coeso. Ao final de cada fala, aparece uma fórmula parecida: “Ao concluir esse discurso...” Mt 7,28; “Terminando de dar instruções aos seus doze discípulos...” Mt 11,1; “E, tendo concluído essas parábolas...” Mt 13,53; “Tendo Jesus falado essas palavras...” Mt 19,1; “Havendo Jesus concluído todas essas palavras...” Mt 26,1. Através desta forma de composição, parece claro o trabalho do evangelista. Ele não era um simples narrador de histórias de histórias sobre Jesus, mas fez o seu trabalho de escritor.

Há especialistas que avançam ainda mais, comparando Jesus com Moisés, como o segundo grande legislador da lei. Os que pensam assim comparam os cinco discursos com os cinco livros de Moisés. “Assim como a Torá consiste de cinco livros e contendo narrativa e discurso, assim também o evangelho. O evangelista Mateus, um “rabi convertido”, um “cristão legalista”, ordenou suas fontes para produzir um novo Pentateuco”. (ALLISON, DAVIES; 1988, p. 59). Todavia, os mesmos autores também mencionam Gundry, afirmando que não é possível tentar impor um esboço a Mateus, pois ele “não pensava baseado em termos fixos, portanto não há um grande esquema a ser descoberto”. (ALLISON, DAVIES; 1988, p. 61). Esta opinião reforça o fato de que não é tarefa fácil descobrir qual a estrutura utilizada por Mateus.

Outra característica que chama a atenção é que parece que Mateus pressupõe que seus leitores conhecem o contexto judaico. Ele não explica costumes, tradições e expressões idiomáticas dos judeus. Exemplo: o costume de lavar as mãos (Mt 15,2 e Mc 7,2); os filactérios usados nos braços (Mt 23,5). A questão do divórcio é formulada como os rabinos da época a formulavam (Mt 19,3). A validade da lei não foi interrompida (Mt 5,19; 23,3). As fórmulas de citação: as profecias do AT em relação ao Messias são cumpridas por Jesus no NT, ele é o Messias de Israel (Mt 1,1; 2,6, 15,17; 3,3; 4,14-16; 8,17; 12,17-21; 15,35; 21,4; 17,9).

Marcos, ao contrário, utiliza explicações para expressões aramaicas, leis e costumes judaicos, por exemplo: Mc 3,17; 5,41; 7,34; 9,43; 10,46; 14,36; 15,22,34. Este fato pode indicar que sua audiência era composta por pessoas gentias, não familiarizadas com o judaísmo. Seguindo a mesma linha, parece que Mateus omite estas explicações sobre diversos rituais porque ele era judeu e estava escrevendo para um público primordialmente judeu, para convencê-los de que Jesus era o Messias por eles esperado. Também é possível que estava escrevendo para cristãos de origem judaica, que são fortalecidos e ensinados que a ruptura pela qual estão passando não é tão grande, porque o Cristianismo deriva do Judaísmo.

## 4 INTRODUÇÃO AO SERMÃO DO MONTE E EXEGESE DAS BEM-AVENTURANÇAS NA PERSPECTIVA DAS PERSEGUIÇÕES

O principal objetivo desse capítulo é fazer a exegese das bem-aventuranças, com ênfase na perseguição. Inicialmente será feita uma breve introdução ao Sermão do Monte. Em seguida, a exegese, obedecendo os seguintes passos: delimitação do texto, crítica textual e análise filológica gramatical. Antes da análise teológica de Mt 5,10-12, que é uma parte importante da pesquisa, será feita uma breve análise da história da interpretação do Sermão do Monte. O objetivo desse recorte histórico é enriquecer o contexto e auxiliar na interpretação atual do referido texto bíblico.

### 4.1 INTRODUÇÃO

O primeiro e mais extenso discurso de Jesus é denominado o “Sermão do Monte” ou o “Sermão da Montanha”. O Sermão do Monte ocupa os capítulos 5, 6 e 7 do Evangelho de Mateus. Logo no início, numa parte denominada “as bem-aventuranças”, encontra-se o texto que é objeto de pesquisa deste trabalho. O trecho em questão é Mt 5,1-12, com especial atenção aos versículos 10 a 12, nos quais aparece o tema “perseguição”. Esse tema é recorrente nos discursos de Jesus, pois aparece em três de seus cinco discursos. O tema aparece também no segundo discurso (Mt 10,17-25) e no terceiro (Mt 13,21). No último discurso, não aparece uma palavra relacionada à perseguição, mas a ideia está lá, em Mt 24,9;29. A palavra perseguição aparece um pouco antes, em Mt 23,34. Assim sendo, apenas a terceira fala de Jesus, em Mateus 18, não contempla o tema perseguição. Isso mostra a importância do tema “perseguição” no Evangelho de Mateus.

Atualmente poucos estudiosos consideram o Sermão do Monte totalmente autêntico, ou seja, que contenha somente as palavras de Jesus. Também é difícil encontrar teólogos que consideram que o discurso todo foi feito em uma única ocasião, com Jesus sentado no monte e seus discípulos e a multidão ouvindo um ensinamento tão longo. Dada a quantidade de assuntos e profundidade, um sermão assim levaria muitas horas para ser feito. O mais provável é uma sugestão feita por Carson:

Hoje, a proposta mais comum é que esses capítulos preservam algum ensino autêntico de Jesus, originalmente apresentado em várias ocasiões e reunido

e moldado pela tradição oral. A esse material, o evangelista teria acrescentado o ensinamento da igreja, talvez aprendido por meio de um profeta inspirado falando pelo Cristo exaltado; depois, o discurso pode ter sido mais modelado por considerações catequéticas e litúrgicas. (CARSON, 2011, p. 155).

Parece muito evidente que Mateus atuou ativamente, não somente reproduzindo falas e ensinamentos de Jesus, mas: selecionando, organizando, arranjando e interligando os diversos discursos de Jesus. Aliás, isso aconteceu com todos os outros evangelistas, principalmente os sinóticos. Se não fosse assim, provavelmente haveria ao menos três Evangelhos praticamente idênticos, visto que neste trabalho, foi admitida a hipótese que ambos utilizaram a fonte Q. Também é preciso levar em conta que entre a partida de Jesus e a escrita do Evangelho de Mateus haviam transcorrido ao menos trinta anos, o que também reforça o argumento de que Mateus teve tempo para desenvolver e amadurecer seu escrito.

Apesar de estar localizado imediatamente após o resumo do circuito de Jesus em Mt 4,23-25, é pouco provável que o Sermão do Monte foi pronunciado por Jesus nesta sequência. O mais provável é que ele tenha sido proferido durante suas viagens e ensinamentos. Um pouco antes da chamada dos primeiros discípulos e a descrição do circuito de Jesus, está um versículo chave: “Daí em diante, Jesus começou a pregar, dizendo: Arrependei-vos, porque o reino do céu chegou”. - Mt 4,17. Parece que Jesus inaugurou o reino de Deus, aqui em Mateus denominado de “Reino dos Céus”, apontado por Luz como o tema central, ou o que unifica o Sermão do Monte. Este tema também aparece na primeira e na última bem-aventurança (Mt 5,3,10). “O Reino dos Céus prometido permeia todo o Sermão da Montanha”. (LUZ, 1993, p. 253).

Os cinco discursos de Jesus também tratam do reino. O primeiro discurso (capítulos 5 a 7) trata da justiça do reino. O segundo discurso (capítulo 10) fala da missão dos que proclamam o reino. O capítulo 13, do texto bíblico de Mateus, trata da natureza do reino. No quarto discurso (capítulo 18), Jesus ensina como imagina a restauração da comunidade do reino, através do perdão. No último discurso, que se localiza nos capítulos 24 e 25, é mostrado como o reino inaugurado por Jesus se manifestará no final dos tempos. Assim sendo, é possível perceber que o novo Reino dos Céus, inaugurado pelo rei Jesus, é o assunto que permeia não somente o Sermão do Monte, mas todo o Evangelho de Mateus.

É possível entender o Sermão do Monte como uma descrição de como Jesus imagina a vida no reino que ele inaugurou. Jesus deixou claro qual a ética que Ele

desejava dos seus seguidores, os participantes do seu reino. O Reino dos Céus é mencionado explicitamente duas vezes nas oito bem-aventuranças (Mt 5,3,10). O Sermão do Monte está localizado imediatamente após dois versículos que relatam que o conteúdo da pregação de Jesus contemplava o reino (Mt 4,17,23). O “Reino dos Céus” também aparece em 5,17-20, que conecta a relação do Antigo Testamento com o reino. No Pai Nosso, o tema volta a ser mencionado (6,10), bem como em 6,33. Em 7,21-23, a entrada no reino é citada como objetivo a ser alcançado pelos seres humanos.

Por ser o primeiro e mais extenso, o Sermão do Monte pode ser considerado o discurso mais importante de Jesus. Ele tem uma importância muito grande para os seguidores de Jesus:

É uma espécie de ‘discurso inaugural’ em que o Messias que anuncia a chegada do reino, anuncia também o espírito que orienta e os princípios que caracterizam o novo estilo de vida próprio dos participantes do novo reino. O Sermão do Monte é um resumo básico da maneira em que a vida se ordena na comunidade messiânica. (DRIVER, 1995, p. 37, 38).

Também é possível comparar Jesus com Moisés. Um ponto em comum é a montanha. Moisés subiu no monte Sinai para receber a lei e as orientações da aliança de Deus com seu povo. Jesus sobe no monte para ensinar as diretrizes que regem o novo pacto dele com seu povo. Tanto Deus como Jesus, orientaram seu povo com discursos sobre a montanha. O cenário é o mesmo, “na montanha, Jesus está sentado, ou melhor, reina, como um professor ou um rei”. (GNILKA, 1998, p. 109).

Parece que a ideia de Jesus ser um profeta comparado a Moisés não era estranha aos judeus. Pedro, em um de seus discursos, citou as palavras de Moisés, mostrando a semelhança entre ele e Jesus. “Pois Moisés disse: O Senhor vosso Deus, levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo que vos disser” - At 3,22. Estêvão, em seu discurso de defesa no Sinédrio, em uma passagem muito parecida, mencionou palavras de Moisés que igualmente estabelecem a referida conexão: “Este é o Moisés que disse aos israelitas: Deus vos levantará dentre vossos irmãos um profeta como eu”. - At 7,37.

As bem-aventuranças, que Mateus posicionou no início do Sermão, normalmente aparecem na divisão denominada de “introdução” ou “abertura” do discurso de Jesus. Em geral, a divisão mais usual do Sermão é algo parecido com o que segue: 1. Introdução (5,2-20); 2. Antíteses (5,21-48); 3. Instruções (6,1-23); 4.

Viver perante Deus (6,2 - 7,12); 5. Conclusão (7,13-27). Luz também entende que as bem-aventuranças estão na introdução do Sermão do Monte; no entanto, para ele, a estrutura do mesmo é em forma circular, no qual o centro é o Pai Nosso (6,9-13). (LUZ, 1993, p. 252, 253).

O evangelista Mateus, além de judeu, é o que parece ter mais ligações com o Judaísmo dentre os outros sinóticos, e seu Evangelho possui muitas conexões com o Antigo Testamento. As bem-aventuranças ou “macarismos” não são criações dele, também já apareciam no Antigo Testamento. Nos Salmos e nos livros sapienciais, é possível encontrar este tipo de expressão. Um exemplo é Salmo 33,12: “Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, o povo que ele escolheu como herança”. “Nos Salmos, via de regra, os macarismos descrevem o relacionamento das pessoas com Deus”. (GNILKA, 1986, p. 116). Também há nos Salmos, macarismos com uma promessa, muito semelhantes com as bem-aventuranças em Mateus: “Bem-aventurado é o que dá atenção ao pobre; o Senhor o livrará no dia da calamidade. O Senhor lhe dará proteção e preservará a sua vida; ele o fará feliz na terra. Não o entregará à vontade dos seus inimigos”. – Sl 41,1-2.

Outros Salmos que contêm macarismos podem ser citados, a saber: Sl 84,4-5; Sl 119,1-2; Sl 128,1. Não é difícil perceber que as bem-aventuranças em Mateus não são inéditas; como demonstrado, há exemplos em livros do Antigo Testamento. Uma diferença perceptível é que, no Antigo Testamento, elas seguem uma linha mais voltada à literatura de sabedoria. Se a pessoa for temente a Deus e seguir suas recomendações, terá sucesso na vida terrena. Em Mateus, as bem-aventuranças são mais escatológicas: parece que Jesus promete bênçãos no futuro, na consumação do Reino, àqueles discípulos que forem fiéis a ele na vida terrena. Todavia, na primeira e na última bem-aventurança, o verbo está no presente: “deles é o reino do céu”, enfatizando o aspecto “já ainda não”, do Reino. Ele já foi inaugurado pela vinda de Jesus à terra, mas será consumado com sua segunda vinda.

Como o objetivo desta pesquisa é analisar em especial o tema “perseguição”, vale destacar a posição de Allison e Davies, teólogos que concordam que este tema é chave nas bem-aventuranças. Na ótica desses estudiosos, os oito macarismos podem ser divididos em duas partes de quatro. Na primeira parte (5,3-6), estão todos os que iniciam com a letra “π” em grego e mostram a condição passiva de perseguidos dos discípulos: πτωχοὶ - os pobres; πενθοῦντες – os que choram; πραεῖς – os mansos; πεινῶντες – os que têm fome. Na segunda parte (5,7-12), as quatro bem-aventuranças

formam uma unidade porque mostram as qualidades éticas que levam à perseguição. Eles também destacam que: “as bem-aventuranças 1-4 contém trinta e seis palavras, assim como também há trinta e seis palavras nas bem-aventuranças 5-8”. (ALLISON, DAVIES; 1988, p. 429).

#### 4.2 DELIMITAÇÃO DO TEXTO – Mt 5,1-16

A partir desse momento, será feita a exegese do texto. O modelo adotado é influenciado em sugestões de autores da área, seguindo-se principalmente o artigo: Exegese do Novo Testamento a partir do Método Histórico Gramatical, de Claiton André Kunz; e o livro: Exegese do Novo Testamento – Manual de Metodologia, de Uwe Wegner. O primeiro passo para a realização da exegese é fazer a delimitação do texto. Em seguida, a tradução e a crítica textual. A perícopé escolhida para a presente dissertação é Mateus 5,1-16. O interesse principal recai sobre os versículos 10, 11 e 12, pois estes versículos contêm palavras derivadas de “perseguição”. O versículo 10 traz o substantivo “perseguidos”; o versículo 11, o verbo “perseguirem”; e o versículo 12, o verbo “perseguiram”.

Evidentemente, não é possível uma perícopé com somente estes três versículos, pois eles fazem parte de um contexto maior. É necessário perceber como eles estão conectados com os versículos anteriores e posteriores. Eles fazem parte de um texto maior, não estão isolados; e, para compreender o significado deles, é necessário fazer a delimitação da perícopé que os influencia e dá sentido aos mesmos.

Alguns elementos precisam ser levados em conta para a definição de uma perícopé. Os versículos em questão fazem parte do “Sermão do Monte” de Jesus. Este extenso e conhecido discurso de Jesus inicia-se no capítulo 5 do Evangelho de Mateus. Neste ponto, percebem-se algumas mudanças com relação ao capítulo 4, que indicam o início de uma nova perícopé. O capítulo 4 de Mateus encerra-se com o relato da chamada dos primeiros discípulos de Jesus, que acontece às margens do mar da Galileia (4,18-22). Em seguida, o evangelista faz um resumo das atividades de Jesus ao percorrer toda a Galileia (4,23-24), informando que grandes multidões o seguiam, procedentes da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e do outro lado do Jordão (4,25).

No início do capítulo cinco, há uma clara mudança de cenário. Agora, Jesus vê as multidões e sobe ao monte. Também se percebe um acréscimo nos personagens. Se, no final do capítulo anterior, a narração indicava que multidões de vários lugares seguiam Jesus, no início do capítulo 5, há o acréscimo dos discípulos. Agora é Jesus que toma a iniciativa de ensinar. Não há mais uma narração sobre o que ele realizava, porém, ele mesmo age, ensinando os discípulos e as multidões. O tema também mudou: o foco agora são as “bem-aventuranças”, que se estendem até o versículo 12.

O Sermão do Monte estende-se até o final do capítulo 7 de Mateus: o versículo 28 indica o término do discurso e o primeiro versículo do oitavo mostra que Jesus desceu do monte. Todavia, Jesus aborda diferentes temas ao longo da sua fala, não somente sobre perseguição, que é o tema de interesse desta pesquisa. Para manter o foco neste tema, é necessário limitar o texto.

Logo após a questão da perseguição, Jesus falou sobre a necessidade de que seus ouvintes sejam o sal e a luz da terra (Mt 5,13-16). Parece que este assunto tem conexão com a perseguição, principalmente com o versículo 12. Provavelmente Jesus esperou que seus seguidores fossem sal e luz, apesar das perseguições. A partir do versículo 17, há uma clara mudança de assunto. Jesus começou a focar no Antigo Testamento, passando a ensinar sobre pontos da lei e como Ele os interpretava. Este tema se estende até o final do capítulo cinco. Por este motivo, o texto foi delimitado até o versículo 16, pois os versículos 13 a 16 têm mais conexão com a perícopé anterior, do que a posterior. Também não é aconselhável interromper a perícopé com o último versículo importante para o tema da pesquisa; no caso, o versículo 12.

As opiniões dos comentaristas em relação à delimitação dessa perícopé são bastante diversas. Luz também entende a perícopé com essa delimitação (5,1-16): pois, para ele, a introdução ao Sermão do Monte estende-se até o versículo 16 (LUZ, 1993, p. 252). A perícopé 5,13-16 se “conecta com o versículo 11s através do pronome ‘vós’”. (LUZ, 1993, p. 299). No versículo 17, o assunto muda bastante, Jesus começou a tratar da lei, indicando o início de uma nova perícopé. Tasker também entende que os versículos 1 a 16 pertencem à mesma perícopé, intitulada de “Características do discipulado cristão”, (TASKER, 1999, p. 48). Segundo a opinião desses autores, na presente pesquisa, o texto também será delimitado dessa maneira (Mt 5,1-16). Essa perícopé será traduzida.

### 4.3 CRÍTICA TEXTUAL

A crítica textual será fundamentada na tabela de tradução feita no ponto 4.4.1 e com auxílio do aparato crítico contido no Novo Testamento Grego Nestle-Aland versão 28. Também foi consultado o livro: “Variantes textuais do Novo Testamento”, de Roger L. Omanason, que fez uma adaptação do Comentário Textual de Bruce M. Metzger. O texto estudado, Mt 5,1-16, não traz grandes complicações na tradução. Há algumas palavras que não constam em alguns manuscritos, mas não influenciam muito na tradução. No primeiro versículo da perícopé (5,1), a palavra αὐτῷ (auto), que significa dele, não consta em B<sub>2</sub>. No entanto, mesmo se a palavra for incluída, o sentido não mudará. Nos versículos 4 e 5 (Mt 5,4-5), há algumas palavras que estão em ordem diferente em alguns manuscritos; no entanto, no grego, isso não é um problema porque não é a ordem das palavras que confere sentido às frases. Ainda no versículo 4, percebe-se o acréscimo da palavra νῦν (nun), que significa “agora” em alguns manuscritos. Porém, este acréscimo também não altera nada na frase, que já está no presente.

A próxima sutil variante textual aparece somente no versículo 9 (5,9), e novamente não muda o sentido do versículo. A palavra αὐτοῖς (autois), (pronome pessoal eles), é omitida em vários manuscritos. O versículo que tem mais variantes textuais é o de número 11. Há dois grupos de duas palavras que estão em ordem diferente em alguns textos, mas como já comentado acima, isso não muda o significado do texto. A palavra ψευδόμενοι (pseudomenoi), que inclusive está entre chaves e significa “mentindo”, não consta em alguns poucos manuscritos. Parece que esta palavra reforça o “falar mal contra vós”. Falar mal contra alguém é uma mentira. Mesmo com a ausência desta palavra, o sentido de mentira permanece.

A ausência dessa palavra (mentindo) pode suscitar algumas dúvidas. “É difícil decidir se o particípio ψευδόμενοι (pseudomenoi) faz parte do texto ou não”. (OMANSON, 2010, p.5). A Bíblia em português, Almeida Século 21, que está sendo utilizada no presente trabalho, contém a palavra ψευδόμενοι (pseudomenoi) – “mentindo”. Assim como a Bíblia de Jerusalém e a tradução em alemão de Martinho Lutero. Todavia, as versões NVI e NTLH, ambas em português, não contêm a expressão “mentindo”. Uma hipótese é que tenha sido tirada pelos copistas para ficar em acordo com Lc 6,22.<sup>5</sup> Se foi acrescentada pelos copistas, pode ter sido feito “para

---

<sup>5</sup> Lucas 6, 22 também não contém a expressão ψευδόμενοι (pseudomenoi) “mentindo”.

restringir um pouco o alcance generalizado das palavras de Jesus” (Omanson, 2010, p. 5). Como a versão bíblica Almeida Século 21 contém a palavra “mentindo”, essa hipótese será admitida nessa pesquisa.

Por outro lado, há o acréscimo da palavra ρῆμα (rema), que significa “palavra falada” para enfatizar o mal falado contra uma pessoa. Esse acréscimo se observa em vários manuscritos, entre eles: C, K, W, f 1.13, 33, 565, 579, 700, 892, 1241, 1424, 1844, etc.). Há ainda duas substituições de palavras ao longo do versículo. διώξωσιν (dioxosin) é substituído por διώξουσιν (dioxusin) em alguns manuscritos (κ, D, W, Δ, Θ, f<sup>13</sup>) e ἔμοῦ (emu) é substituída por δικαιοσύνης (dikaiosunes) em dois manuscritos (D, it). No versículo 12, a palavra ὑπαρχοντας (uparchontas) foi acrescentada em dois manuscritos (D<sup>2</sup>, sy<sup>c</sup> o). No versículo seguinte, a palavra ἔτι (eti) “ainda, já” é omitida em alguns manuscritos (D, W, it, sy<sup>scp</sup>, Cyp), sem prejuízo algum na tradução. No último versículo (16), a palavra ἔργα (erga) “obras”, é omitida no manuscrito B, o que não causa grande impacto na tradução, pois quando não está lá, pode ser considerada implícita.

#### 4.4 ANÁLISE FILOLÓGICA GRAMATICAL

##### 4.4.1 Tabela de tradução

O texto grego utilizado na tradução é o que está no Novum Testamentum Graece, Nestle-Aland, 28<sup>a</sup>. Edição Revisada. A tradução foi feita com o auxílio dos seguintes materiais de apoio: Gramática do grego do Novo Testamento, de James Swetman, Dicionario Exegético Del Nuevo Testamento, de Horst Balz e Gerhard Schneider; Dicionário do NT Grego, de W. C. Taylor; Gramática Instrumental do Grego, de Antonio Renato Gusso. Além desses, também foi consultado o programa: Bible Works, versão 10.

	Forma no texto grego	Análise gramatical	Significado	Forma léxica	Tradução
1	ἰδῶν	Verbo, aoristo, particípio, ativo, singular, nominativo, masculino	Olhar, ver, contemplar	ὄρω	Tendo visto, vendo
	δὲ	Conjunção	Mas, e, porém, ora, também	δὲ	E
	τοὺς	Artigo, plural, acusativo, masculino	Os, as	ὁ	As
	ὄχλους	Substantivo, plural, acusativo, masculino	Multidão, povo	ὄχλος	Multidões

	ἀνέβη	Verbo, aoristo, indicativo, ativo, 3 p. singular	Subir	ἀναβαίνω	Subiu
	εἰς	Preposição acusativo	Em, para cima, para dentro	εἰς	Em
	τὸ	Artigo, singular, acusativo, neutro	O, a	ὁ	O
	ὄρος	Substantivo, singular, acusativo, neutro	Monte	ὄρος	Monte
	καὶ	Conjunção		καὶ	E
	καθίσαντος	Verbo, aoristo, particípio, ativo, singular, genitivo, masculino	Faço sentar, sentar	καθίζω	Tendo sentado, sentando
	αὐτοῦ	Pronome pessoal, 3 p., singular, genitivo, masculino	Ele, ela	αὐτός	Ele
	προσῆλθαν	Verbo, aoristo, indicativo, ativo, 3 p., plural	Chegar, vir, aproximar-me	προσέρχομαι	Aproximaram-se
	αὐτῷ	Pronome pessoal, singular, dativo, masculino	Ele, dele	αὐτός	Dele
	οἱ	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	μαθηταὶ	Substantivo, plural, nominativo, masculino	Discípulos	μαθητῆς	Discípulos
	αὐτοῦ	Pronome pessoal, 3 p., singular, genitivo, masculino	Ele, ela	αὐτός	Dele
<b>2</b>	καὶ	Conjunção	E	καὶ	
	ἀνοίξας	Verbo, aoristo, particípio, ativo, singular, nominativo, masculino	Abrir	ἀνοίγω	Tendo aberto
	τὸ	Artigo definido	o, a	ὁ	A
	στόμα	Substantivo, singular, nominativo, neutro	Boca	στόμα	Boca
	αὐτοῦ	Pronome pessoal, 3 p., singular, genitivo, masculino	ele, ela	αὐτός	Dele
	ἐδίδασκεν	Verbo, imperfeito, indicativo, ativo, 3 p., singular	Ensinar	διδάσκω	Ensinava
	αὐτούς	Pronome pessoal, 3 p, plural, acusativo, masculino	Eles, elas	αὐτός	Eles
	λέγων	Verbo, presente, particípio, ativo, 3 p., singular, nominativo, masculino	Dizer, falar	λέγω	Dizendo
<b>3</b>	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	οἱ	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	πτωχοὶ	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Pobre	πτωχός	Pobres
	τῷ	Artigo, singular, dativo, neutro	O, a	ὁ	De
	πνεύματι	Substantivo, singular, dativo, neutro	Vento, espírito	πνεῦμα	Espírito
	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Pois
	αὐτῶν	Pronome pessoal, plural, genitivo, masculino		αὐτός	Deles

	ἔστιν	Verbo, presente, indicativo, ativo, 3 p., singular	Ser, estar	ἔμι	É
	ἡ	Artigo, singular, nominativo, feminino	O, um	Ο	O
	βασιλεία	Substantivo, singular, nominativo, feminino	Reino, domínio	βασιλεία	Reino
	τῶν	Artigo, plural, genitivo, masculino	De + os	Ο	Dos
	οὐρανῶν	Substantivo, plural, genitivo, masculino	Céus	οὐρανός	Céus
4	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	οἱ	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	πενθοῦντες	Verbo, presente, particípio, ativo, plural, nominativo, masculino	Lamentar, chorar	πενθέω	que choram
	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Pois
	αὐτοὶ	Pronome pessoal, plural, nominativo, masculino	eles, elas	αὐτός	Eles
	παρακληθήσονται	Verbo, futuro, indicativo, passivo, 3 p., plural	Confortar, consolar, animar	παρακαλέω	serão consolados
5	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	οἱ	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	πραεῖς	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Manso, gentil	πραΰς	Mansos
	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Pois
	αὐτοὶ	Pronome pessoal, plural, nominativo, masculino	eles, elas	αὐτός	Eles
	κληρονομήσουσιν	Verbo, futuro, indicativo, ativo, 3 p., plural	Herdar	κληρονομέω	Herdarão
	τὴν	Artigo, singular, acusativo, feminino	O, a	ὁ	A
	γῆν	Substantivo, singular, acusativo, feminino	Terra, solo	γῆ	Terra
6	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	οἱ	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	πεινῶντες	Verbo, presente, particípio, ativo, plural, nominativo, masculino	Estar com fome, estar faminto	πεινάω	os que têm fome
	καὶ	Conjunção		καὶ	E
	διψῶντες	Verbo, presente, particípio, ativo, plural, nominativo, masculino	Ter sede	διψάω	os que têm sede
	τὴν	Artigo, singular, acusativo, feminino	O, a	ὁ	A
	δικαιοσύνην	Substantivo, singular, acusativo, feminino	Retidão, justiça, integridade	δικαιοσύνη	Justiça, integridade

	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Pois
	αὐτοὶ	Pronome pessoal, plural, nominativo, masculino	eles, elas	αὐτός	Eles
	χορτασθήσονται	Verbo, futuro, indicativo, passivo, 3 p., plural	Saciar, fartar, satisfazer	χορτάζω	eles ficarão saciados
<b>7</b>	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	οἱ	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	ἐλεήμονες	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Misericordioso	ἐλεήμων	miseri-cordiosos
	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Pois
	αὐτοὶ	Pronome pessoal, plural, nominativo, masculino	eles, elas	αὐτός	Eles
	ἐλεηθήσονται	Verbo, futuro, indicativo, passivo, 3 p., plural	Ter compaixão de, alcançar misericórdia	ἐλεέω	Receberão misericórdia
<b>8</b>	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	οἱ	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	καθαροὶ	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Limpo, puro	καθαρός	Puros
	τῇ	Artigo, singular, dativo, feminino	Os, as	ὁ	De
	καρδία	Substantivo, singular, dativo, feminino	Coração, mente	καρδία	Coração
	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Pois
	αὐτοὶ	Pronome pessoal, plural, nominativo, masculino	eles, elas	αὐτός	Eles
	τὸν	Artigo, singular, acusativo, masculino	O, a	ὁ	A
	θεὸν	Substantivo, singular, acusativo, masculino	Deus	θεός	Deus
	ὄψονται	Verbo, futuro, indicativo, voz média, 3 p., plural	Olhar, ver, contemplar	ὄραω	Verão
<b>9</b>	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	οἱ	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	εἰρηνοποιοί	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Pacífica-dor, o que estabelece relações amistosas entre pessoas	εἰρηνοποιός	Pacíficos
	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Pois
	αὐτοὶ	Pronome pessoal, plural, nominativo, masculino	eles, elas	αὐτός	Eles

	υιοι	Substantivo, plural, nominativo, masculino	Filhos	υιός	Filhos
	θεοῦ	Substantivo, singular, genitivo, masculino	Deus	θεός	de Deus
	κληθήσονται	Verbo, futuro, indicativo, passivo, 3 p., plural	Chamar, convidar	καλέω	serão chamados
10	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	οι	Artigo, plural, nominativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	δεδιωγμένοι	Verbo, perfeito, particípio, passivo, plural, nominativo, masculino	Seguir, perseguir	Διωκω	perseguidos
	ἐνεκεν	Preposição, genitivo	por causa de, por amor de	ἐνεκα	Por causa
	δικαιοσύνης	Substantivo, singular, genitivo, feminino	Retidão, justiça, integridade	δικαιοσύνη	integridade
	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Pois
	αὐτῶν	Pronome pessoal, plural, genitivo, masculino	Ele	αὐτός	Deles
	ἐστιν	Verbo, presente, indicativo, ativo, 3 p., singular	Ser, estar	ἐίμι	É
	ἡ	Artigo, singular, nominativo, feminino	O, um	ὀ	O
	βασιλεία	Substantivo, singular, nominativo, feminino	Reino, domínio	βασιλεία	Reino
	τῶν	Artigo, plural, genitivo, masculino	De + os	ὀ	Dos
	οὐρανῶν	Substantivo, plural, genitivo, masculino	Céus	οὐρανος	Céus
11	Μακάριοι	Adjetivo, plural, nominativo, masculino	Bem-aventurados, felizes	μακάριος	Felizes
	ἐστε	Verbo, presente, indicativo, ativo, 2 p., plural	Ser, estar	ἐίμι	Sois
	ὅταν	Conjunção		ὅταν	Quando
	ὀνειδίσωσιν	Verbo, aoristo, subjuntivo, ativo, 3 p., plural	Injuriar, censurar	ὀνειδίζω	Injuriarem
	ὑμᾶς	Pronome pessoal, plural, acusativo	Vós	σύ	Vos
	καί	Conjunção		καί	E
	διώξωσιν	Verbo, aoristo, subjuntivo, ativo, 3 p., plural	Perseguir, seguir	Διωκω	perseguirem
	καί	Conjunção	E	καί	E
	εἴπωσιν	Verbo, aoristo, subjuntivo, ativo, 3 p., plural	Falar	Λεγω	Falarem
	πᾶν	Adjetivo, singular, acusativo, neutro	Cada, todos	πᾶς	Todo
	πονηρὸν	Adjetivo, singular, acusativo, neutro	Mau, maligno	πονηρὸς	Mal
	καθ	Preposição, genitivo	Para baixo, contra	Κατα	Contra

	ὑμῶν	Pronome pessoal, plural, genitivo	Vós	σύ	Vos
	[ψευδόμενοι]	Verbo, presente, particípio, voz média, plural, masculino	Mentir	ψευδόμαι	Mentindo
	ἔνεκεν	Preposição, genitivo	por causa de, por amor de	ἔνεκα	por causa de
	ἐμοῦ	Pronome pessoal, singular, genitivo	Eu	ἐγώ	de mim
1 2	χαίρετε	Verbo, presente, imperativo, ativo, 2 p., plural	Regozizar, alegrar	χαίρω	vos alegrai
	καί	Conjunção		καί	E
	ἀγαλλιᾶσθε	Verbo presente, imperativo, médio, 2 p., plural	Exultar, grandemente me alegrar	ἀγαλλιᾶω	vos exultai
	ὅτι	Conjunção	Porque, pois, visto que	ὅτι	Porque
	ὁ	Artigo definido, singular, nominativo, masculino	O, a	ὁ	A
	μισθός	Substantivo, singular, nominativo, masculino	Recompensa, salário, prêmio, galardão	μισθός	recompensa
	ὑμῶν	Pronome pessoal, plural, genitivo	Vós	σύ	Vos
	πολύς	Adjetivo, singular, nominativo, masculino	Grande, muito mais	πολύς	Grande
	ἐν	Preposição, dativo	Em, dentro de, no	ἐν	Em
	τοῖς	Artigo definido, plural, dativo, masculino		ὁ	Os
	οὐρανοῖς	Substantivo, plural, dativo, masculino	Céus	οὐρανος	Céus
	οὕτως	Advérbio	Assim, desta maneira, deste modo, como	οὕτως	Assim
	γάρ	Conjunção	Pois, porque, ora	γάρ	Pois
	ἐδίωξαν	Verbo, aoristo, indicativo, ativo, 3 p., plural	Perseguir	διωκω	eles perseguiram
	τούς	Artigo, plural, acusativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	προφήτας	Substantivo, plural, acusativo, masculino	Profetas	προφήτης	Profetas
	τούς	Artigo, plural, acusativo, masculino	Os, as	ὁ	Os
	πρὸ	Preposição, genitivo	Antes de, a, ante	πρὸ	Antes
	ὑμῶν	Pronome pessoal, plural, genitivo	Vós	σύ	Vós
1 3	Ἕμεῖς	Pronome pessoal, plural, nominativo	Vós	σύ	Vós
	ἐστε	Verbo, presente, indicativo, ativo, 2 p., plural	Ser, estar	εἰμί	Sois

τὸ	Artigo, singular, nominativo, neutro	Os, as	ὁ	O
ἄλας	Substantivo, singular, nominativo, neutro	Sal	ἄλας	Sal
τῆς	Artigo, singular, genitivo, neutro	O, a	ὅ	Da
γῆς	Substantivo, singular, genitivo, neutro	Terra, solo	γῆ	Terra
ἐάν	Conjunção, singular, genitivo, neutro	Se	ἐάν	Se
δέ	Conjunção	Mas, e, também, ora,	δέ	Mas
τὸ	Artigo, singular, nominativo, neutro	Os, as	ὁ	O
ἄλας	Substantivo, singular, nominativo, neutro	Sal	ἄλας	Sal
μωρανθῆ	Verbo, aoristo, subjuntivo, passivo, 3 p., singular	Tornar insípido, perder o sabor	μωραίνω	se torna insípido
ἐν	Preposição	Em, diante de, dentro de	ἐν	Em
τίνι	Pronome interrogativo dativo, neutro	Quem, que, qual,	τίς	Que
ἁλισθήσεται	Verbo, futuro, indicativo, passivo, 3 p., singular	Salgar, temperar com sal	ἁλίζω	para salgar
εἰς	Preposição, acusativo	Em	εἰς	Em
οὐδέν	Adjetivo, singular, acusativo, neutro	Nada, nenhum	οὐδεὶς	Nada
ἰσχύει	Verbo, presente, indicativo, ativo, 3p., plural	Ter força, ter poder	ἰσχύω	tem poder
ἔτι	Advérbio	Ainda, já,	ἔτι	Ainda
εἰ	Conjunção	Se	εἰ	Se
μὴ	Partícula de negação	Não	μὴ	Não
βληθὲν	Verbo, aoristo, passivo, singular, nominativo, neutro	Jogar, atirar, lançar	βάλλω	Lançar
ἔξω	Advérbio	Fora	ἔξω	Fora
καταπατεῖσθαι	Verbo, presente, infinitivo, passivo	Atropelar, pisar pelos pés	καταπατέω	ser pisado
ὑπὸ	Preposição, genitivo	Por meio de	ὑπὸ	Por
τῶν	Artigo, plural, genitivo, masculino	os, as	ὁ	Os
ἀνθρώπων	Substantivo, plural, genitivo, masculino	Ser humano, homem	ἄνθρωπος	seres humanos
<b>1</b> <b>4</b> Ὑμεῖς	Pronome pessoal, plural, nominativo	Vos	σύ	Vós
ἔστε	Verbo, presente, indicativo, ativo, 2 p., plural	Ser, estar	εἰμί	Sois
τὸ	Artigo, singular, nominativo, neutro	O, a	ὁ	A
φῶς	Substantivo, singular, nominativo, neutro	Luz	φῶς	Luz

	τοῦ	Artigo, singular, genitivo, masculino	O, a	ὁ	Do
	κόσμου	Substantivo, singular, genitivo, masculino	Universo, mundo (a soma das coisas criadas), os habitantes da terra toda	κόσμος	Mundo
	οὐ	Advérbio de negação	Não	οὐ	Não
	δύναται	Verbo, presente, indicativo, voz média, 3 p., singular	Poder, ser capaz, ter poder	δύναμαι	se pode
	πόλις	Substantivo, singular, nominativo, feminino	Cidade, cidadão	πόλις	Cidade
	κρυβῆναι	Verbo, aoristo, infinitivo, passivo	Esconder, ocultar	κρύπτω	Esconder
	ἐπάνω	Preposição, genitivo	Sobre, em cima	ἐπάνω	Sobre
	ὄρους	Substantivo, singular, genitivo, neutro	Monte, montanha	ὄρος	Monte
	κειμένη	Verbo, presente, participio, passivo, singular, nominativo, feminino	Situar, colocar	κεῖμαι	Situada
<b>1</b> <b>5</b>	οὐδὲ	Conjunção negativa	Nem, nem mesmo, também não	οὐδὲ	não
	καίουσιν	Verbo, presente, indicativo, ativo, 3 p., plural	Acender, abrasar	καίω	acen-dem
	λύχνον	Substantivo, singular, acusativo, masculino	Candeia, vela, lâmpada.	λύχνος	Candeia
	καὶ	Conjunção		καὶ	E
	τιθέασιν	Verbo, presente, indicativo, ativo, 3 p., plural	Colocar, depositar	τίθημι	Colocam
	αὐτόν	Pronome pessoal, singular, acusativo, masculino	Mesmo	αὐτός	Mesmo
	ὑπὸ	Preposição, acusativo	Sob, debaixo	ὑπὸ	Debaixo
	τόν	Artigo, singular, acusativo, masculino	O, a	ὁ	A
	μόδιον	Substantivo, singular, acusativo, masculino	Medida, Cesto para medir secos	μόδιος	Cesto
	ἀλλ'	Conjunção	Contudo, porém, mas	ἀλλά	Mas
	ἐπὶ	Preposição, acusativo	Sobre, em	ἐπὶ	Sobre
	τήν	Artigo, singular, acusativo, feminino	O, a	ὁ	A
	λυχνίαν	Substantivo, singular, acusativo, feminino	Candelabro, velador, castiçal, suporte da candeia	λυχνία	Candelabro
	καὶ	Conjunção		καὶ	E
	λάμπει	Verbo, presente, indicativo, ativo, 3 p., singular	Brilhar, resplan-	λάμπω	Ilumina

			decer, iluminar		
	πᾶσιν	Adjetivo, plural, dativo, masculino	Cada, todo, tudo	πᾶς	Todo
	τοῖς	Artigo, plural, dativo, masculino	O, a	ὁ	Os
	ἐν	Preposição, dativo	Em, diante de, dentro de	ἐν	Em
	τῇ	Artigo, singular, dativo, feminino	Os, as	ὁ	De
	οἰκία	Substantivo, singular, dativo, feminino	Casa, família, propriedade	οἰκία	Casa
<b>1</b> <b>6</b>	οὕτως	Advérbio	Nisto, assim	οὕτως	Assim
	λαμψάτω	Verbo, aoristo, imperativo, ativo, 3 p., singular	Brilhar, resplandecer , iluminar	λάμπω	Brilhe
	τὸ	Artigo, singular, nominativo, neutro	O, a	ὁ	A
	φῶς	Substantivo, singular, nominativo, neutro	luz	φῶς	Luz
	ὑμῶν	Pronome pessoal, plural, genitivo	Vós	σύ	Vos
	ἔμπροσθεν	Preposição, genitivo	Adiante, por diante, de	ἔμπροσθεν	Diante
	τῶν	Artigo, plural, genitivo, masculino	O, a	ὁ	Dos
	ἀνθρώπων	Substantivo, plural, genitivo, masculino	Ser humano, homem	ἄνθρωπος	seres humanos
	ὅπως	Conjunção	Afim de que, para que	ὅπως	para que
	ἴδωσιν	Verbo, aoristo, subjuntivo, ativo, 3 p., plural	Olhar, ver, contemplar	ὀράω	Vejam
	ὑμῶν	Pronome pessoal, plural, genitivo	Vós	σύ	Vos
	τὰ	Artigo, plural, acusativo, neutro	Os, as	ὁ	Os
	καλὰ	Adjetivo, plural, acusativo, neutro	Lindo, bom, excelente	καλός	Boas
	ἔργα	Substantivo, plural, acusativo, neutro	Trabalho, obra	ἔργον	Obras
	καί	Conjunção		καί	E
	δοξάσωσιν	Verbo, aoristo, subjuntivo, ativo, 3p., plural	Glorificar, honrar, exaltar	δοξάζω	Glorifi- quem
	τὸν	Artigo, singular, acusativo, masculino	O, a	ὁ	A
	πατέρα	Substantivo, singular, acusativo, masculino	Pai	πατήρ	Pai
	ὑμῶν	Pronome pessoal, plural, genitivo	Vós	σύ	Vos
	τὸν	Artigo, singular, acusativo, masculino	O, a	ὁ	A
	ἐν	Preposição	Em, diante de, dentro de	ἐν	Em
	τοῖς	Artigo, plural, dativo, masculino	O, a	ὁ	Os

οὐρανοῖς	Substantivo, plural, dativo, masculino	Céus	οὐρανος	Céus
----------	--	------	---------	------

#### 4.4.2 Tradução para o português

Após alguns ajustes, a tradução final do texto de Mt 5,1-16 para a língua portuguesa ficou como segue:

<sup>1</sup>E vendo as multidões, subiu no monte e sentando ele, aproximaram-se dele os discípulos dele. <sup>2</sup>E abrindo a boca dele ensinava eles dizendo: <sup>3</sup>Felizes os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus. <sup>4</sup>Felizes os que choram, pois serão consolados. <sup>5</sup>Felizes os mansos pois, eles herdarão a terra (solo). <sup>6</sup>Felizes os que têm fome e os que têm sede de integridade, pois eles ficarão saciados. <sup>7</sup>Felizes os misericordiosos, pois eles receberão misericórdia. <sup>8</sup>Felizes os puros de coração, pois eles a Deus verão. <sup>9</sup>Felizes os pacificadores, pois eles serão chamados de filhos de Deus. <sup>10</sup>Felizes os perseguidos por causa da integridade, pois deles é o reino dos céus. <sup>11</sup>Felizes sois quando vos injuriarem, e perseguirem e falarem todo mal contra vós, mentindo por causa de mim. <sup>12</sup>Vos alegrai e vos exultai, porque a recompensa vos grande nos céus, pois eles perseguiram os profetas antes de vós. <sup>13</sup>Vós sois o sal da terra, mas se o sal se torna insípido e sem poder para salgar, senão para ser lançado fora e pisado pelos seres humanos. <sup>14</sup>Vós sois a luz do mundo, não se pode esconder a cidade situada sobre o monte. <sup>15</sup>Não se acende a candeia e coloca debaixo de um cesto, mas sobre o candelabro e ilumina todos os da casa. <sup>16</sup>Assim brilhe a luz de vós diante dos seres humanos, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso pai dos céus.

#### 4.5 HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO: DOS PRIMEIROS SÉCULOS DO CRISTIANISMO ATÉ A REFORMA

Um tema chave, que não pode ser negligenciado porque influencia a aplicação do Sermão do Monte, é definir como ele pode ser interpretado. Ao longo dos séculos, várias propostas surgiram, mas nenhuma é unânime; portanto, não há unidade na interpretação. Talvez a maior dúvida que tem intrigado estudiosos ao longo dos séculos é: como interpretar os ensinamentos de Jesus em seu discurso. As exigências parecem muito duras ou até mesmo tão utópicas que nenhum ser humano é capaz de cumprir. Basicamente, a interpretação tem seguido três linhas principais: os requisitos

devem ser cumpridos por todos os seguidores de Jesus, por uma parte deles, ou em épocas diferentes. Na sequência, as principais alternativas propostas - desde o tempo dos apóstolos até a Reforma Protestante - serão mencionadas.

#### **4.5.1 Interpretação nos primeiros séculos do Cristianismo**

A Didaquê - uma breve orientação atribuída aos apóstolos, escrita provavelmente no início do segundo século - faz menção a alguns versículos do Sermão do Monte, principalmente os versos relacionados à não-resistência, perfeição e mansidão, como por exemplo: “O cristão não age por simples impulso instintivo. Diante da violência, ele não responde com outra semelhante, mas com a violência maior do amor, que é capaz de desarmar o violento”. (DOS SANTOS, A. CLAUDIANO, 2010, pos. 83-83).

Justino Mártir, que viveu no segundo século, entende que o Sermão do Monte contém exemplos da doutrina de Cristo. Em sua obra apologética (Primeira Apologia), faz referência à luxúria e adultério, divórcio, o amor aos inimigos, ansiedade, oração e falsos profetas. Irineu de Lião entendia que a mensagem de Jesus não era contrária à antiga lei, mas um cumprimento e extensão da mesma. Para ele, O Evangelho significa um avanço da moral em relação à Lei. “Pelas palavras do Senhor mostra-se, que ele não aboliu, mas ampliou e completou os preceitos da lei natural, que justifica o homem, preceitos que foram observados, mesmo antes do dom da lei, pelos que eram justificados pela fé e agradavam a Deus”. (LIÃO, 1995, p. 190). O homem passa a ser responsável não somente pelos seus atos, mas também por suas palavras (Mt 5,21-22).

#### **4.5.2 Interpretação de Tertuliano**

Tertuliano, considerado o pai da Teologia escrita em latim, escreve bastante para combater as heresias de Marcião. Escreveu bastante, por exemplo, uma obra de cinco volumes denominada: “Contra Marcião”. Entre os capítulos 14 a 17, refere-se ao Sermão do Monte. Ele utiliza as bem-aventuranças para enfatizar a bênção, em contraste com o deus de Marcião, que nunca abençoa ninguém. Assim como Irineu, também considera que Jesus cumpre e amplia a lei, não há descontinuidade entre a antiga e a nova lei, como Marcião ensinava. Orígenes, um estudioso da Bíblia que

viveu antes do Concílio de Niceia (325), escreveu um comentário sobre Mateus, dividido em 25 livros. Infelizmente, os nove primeiros foram perdidos. “Do segundo volume, que contém o Sermão do Monte, restou somente um pequeno fragmento. Bem-aventurados os pacificadores”. (KISSINGER, 1975, p. 9).

Parece que uma marca importante do período anterior ao Concílio de Niceia - portanto, “pré-Constantino” - é que, para os apóstolos de Jesus e os pais da igreja, “o Sermão do Monte era frequentemente empregado para definir os ensinamentos e a doutrina de Cristo e para responder e refutar as acusações levantadas contra a antiga comunidade cristã” (KISSINGER, 1975, p. 9). Nos escritos dos apóstolos e dos pais da igreja, fica evidente que eles entendiam que a ética do Sermão do Monte deveria ser vivida por eles e por todos os que ouviam suas pregações, ou seja, por todos os seguidores de Jesus. Não havia o entendimento que as exigências do Sermão da Montanha seriam para um período futuro, quando Jesus reinaria sobre a terra. Este pensamento influencia ainda hoje a interpretação do Sermão por alguns grupos. Os anabatistas e Menonitas pensam da mesma forma. Para este grupo, o Sermão da Montanha precisa ser vivido por todos os seguidores de Jesus hoje.

#### **4.5.3 Interpretação de Crisóstomo**

Contemporâneo de Agostinho, provavelmente nascido no mesmo ano (354), em Antioquia, e já no período imediatamente posterior a Constantino, Crisóstomo foi reconhecido como o grande pregador de sua cidade. Escreveu homilias de vários livros bíblicos e seguia a interpretação literal, em detrimento da alegórica, como era de se esperar de um teólogo de Antioquia. Com relação ao Sermão do Monte, “ele está ao lado dos que entendem que o Sermão do Monte é relevante e aplicável a cada cristão”. (KISSINGER, 1975, p. 12). Mesmo que Jesus tivesse seus discípulos em mente quando inicia o seu sermão público, este deveria ser ensinado e vivido por todos que ouvissem sua pregação através deles. Sendo assim, Crisóstomo segue a tendência de interpretação dos apóstolos e pais da igreja que viveram antes dele.

#### 4.5.4 Interpretação de Agostinho

Agostinho, nascido em 354, um grande teólogo cristão que influenciou muito a Teologia com suas contribuições, também escreveu um comentário de dois volumes a respeito do Sermão do Monte. Aliás, o termo “Sermão do Monte” provavelmente foi primeiro utilizado por ele, sendo largamente difundido desde então. É considerado o primeiro comentário sobre o assunto. No início de seu comentário, Agostinho deixa claro que está convencido que o Sermão de Jesus contém recomendações com as mais elevadas exigências morais; para ele, nesse discurso de Jesus, encontra-se a moral mais elevada, a medida perfeita da vida cristã. Ele conclui isso das próprias palavras de Jesus:

Quem quiser meditar com piedade e recolhimento o sermão que nosso Senhor Jesus Cristo pronunciou na montanha, tal como o lemos no Evangelho segundo Mateus, encontrará aí, creio eu, um programa perfeito de vida cristã destinado à direção dos costumes. Ousamos fazer tal afirmação, sem temeridade, pois nos baseamos nas próprias palavras do Senhor. Com efeito, eis a conclusão desse sermão, onde ele declara se encontrarem aí todos os preceitos necessários à perfeição da vida cristã. (AGOSTINHO, 2017, p, 15).

As “palavras do Senhor” às quais ele se refere na citação anterior, estão registradas no final do Sermão, em Mt 7,24-27. Agostinho vai ainda mais longe. Ele está “convencido de que o conteúdo ético do Sermão da Montanha não era um código moral para uns poucos escolhidos, mas sim, uma regra e um padrão perfeito para cada cristão”. – (KISSINGER, 1975, p. 13). As exigências de Jesus são um padrão de conduta de vida cristã. Todos os que carregam o nome “cristãos” e se consideram seguidores de Jesus, precisam obedecer e praticar o que Jesus ensina. Nesse ponto, a interpretação de Agostinho sobre o Sermão do Monte concorda com a visão dos anabatistas / Menonitas, que será destacada no ponto 4.5.9.

#### 4.5.5 Interpretação de Tomás de Aquino

O advento da Idade Média, por volta de 600, marcado pelo papado de Gregório o Grande, trouxe significativas mudanças na maneira de interpretar o Sermão do Monte. Este período foi repleto de superstição, violência, massacres de povos e utilização do poder eclesiástico e do estado pelos cristãos. Por outro lado, também foi uma época de grande criatividade e muito desenvolvimento do ocidente. No campo da Filosofia e Teologia, um nome importante que surgiu é Tomás de Aquino, que viveu

entre 1225 e 1274. Ele era um representante da Escolástica, método filosófico racional que procura harmonizar a razão grega com a fé cristã, muito utilizado nas universidades europeias neste período. Também é considerado por alguns como “o pai da Teologia Católica”. Uma importante e conhecida obra de Tomás de Aquino é a “Summa Theologica”.

É na “Summa Theologica” que ele faz referências ao Sermão do Monte e traz a grande novidade para a interpretação do mesmo. Tomás de Aquino fala sobre “precepts” e “counsels”. (KISSINGER, 1975, p. 19). Este pensamento também é conhecido por ser uma visão de “duplo padrão”. Ambos estão presentes no Sermão e possuem diferentes níveis de exigências. A obediência aos *precepts* é necessária para conseguir salvação, são obrigações que cada cristão tem. A obediência aos *precepts* da nova lei é essencial; sem isso, não há salvação. Os *counsels* são normas de conduta que não são essenciais à salvação. Mas, se cumpridas, aproximam os seres humanos da perfeição e de Jesus. Tradicionalmente são associadas às virtudes de pobreza, castidade e obediência. Além do Sermão do Monte, outras passagens têm sido interpretadas utilizando esse sistema de duplo padrão, entre eles Mt 19,16-30 e 1 Cor 7,38. (KISSINGER, 1975, p. 19).

Sem dúvidas, a proposta de Tomás de Aquino significa uma revolução na forma de interpretação do Sermão do Monte que havia até então. Até esta data, entendia-se que a ética do Sermão do Monte deveria ser seguida integralmente por todos os cristãos. Conforme já visto, os apóstolos, os pais da igreja, Crisóstomo e Agostinho tinham esta opinião. O pensamento de Tomás de Aquino foi tão revolucionário porque amenizou as mais difíceis exigências éticas que Jesus fez no Sermão do Monte. Portanto, nem todas são exigências: os “counsels” - normas não essenciais à salvação – serão seguidos voluntariamente por aquela pessoa que quer ser melhor.

#### **4.5.6 Interpretação de Martinho Lutero**

Os reformadores, no século XVI, trouxeram novos argumentos e pensamentos em relação ao Sermão do Monte. Martinho Lutero, considerado o precursor da Reforma, escreveu sobre o assunto. Ele criticou a interpretação da igreja católica e a dos anabatistas. Lutero considerava que o “duplo padrão”, proposto por Tomás de Aquino e seguido pela teologia católica, erra porque imputa valor às obras para a salvação. Para ele e os outros reformadores, a salvação é conseguida unicamente

pela graça de Deus. Com relação aos anabatistas, eles erram porque não reconhecem dois tipos de reino: o secular e o espiritual. (KISSINGER, 1975, p. 20).

Lutero enxerga estes dois reinos sendo ensinados por Jesus no Sermão do Monte. A passagem de Mt 5,38-42, por exemplo, refere-se ao reino espiritual. Essa passagem indica padrões de comportamento que devem ser seguidos pelos cristãos no reino espiritual. No entanto, no reino secular, é impossível que um discípulo de Jesus siga estes mesmos valores. Para ele, “os católicos confundem os dois reinos ao atribuir autoridade ao papa, enquanto os anabatistas confundem os reinos, sustentando que o reino secular poderia ser governado com a lei de Deus, através dos dez mandamentos ou do Sermão do Monte”. (KISSINGER, 1975, p. 21). Segundo Lutero, o princípio da “não resistência” vale para o reino espiritual, não para o secular. Lutero distingue entre o papel da pessoa como cristão e seu papel em seu trabalho. No reino secular, ela deve resistir ao mal e buscar a punição de outro, quando necessário.

Outra forma bastante comum de interpretar o Sermão do Monte na confissão luterana é a denominada “interpretação pedagógica”. Os ensinamentos de Jesus são lei; e, assim sendo, é impossível que os cristãos os cumpram. A lei tem uma função pedagógica, ou seja, conscientizar as pessoas que é preciso depender exclusivamente da graça de Deus para a salvação. “O Sermão é um ideal inatingível, cujo propósito é conscientizar as pessoas de seus pecados e fazê-las buscar perdão em Cristo”. (CARSON, 2018, p. 169). O objetivo de Jesus com os ensinamentos no Sermão do Monte não era que suas recomendações fossem obedecidas, mas conduzir os seres humanos ao arrependimento. Este argumento procura achar uma solução para as dificuldades que as exigências de Jesus impõem.

#### **4.5.7 Interpretação de Ulrico Zuínglio**

Ulrico Zuínglio, reformador suíço de Zurique, também fez interpretações do Sermão do Monte. Suas leituras sobre os ensinamentos de Jesus aparecem principalmente quando duelava com os anabatistas, que discordavam veementemente dele. Um dos assuntos que gerava discórdia é a “não-resistência” dos seguidores de Jesus, que devem amar seus inimigos. Ele entende que Jesus era perfeito, mas seus seguidores, os cristãos, não precisavam ser. Sendo assim, a espada é uma ordenança de Deus

fora da perfeição de Deus e necessária em situações em que o cristão não alcança a perfeição.

Com relação a Mt 7,1-5, onde Jesus instrui que não se deve julgar, Zuínglio entende que Jesus teve duas missões bem distintas: quando veio a primeira vez ao mundo, veio para salvar. Na segunda vinda, ele virá para julgar. Então não pode haver uma indicação dele que não se deve julgar, pois ele mesmo virá para julgar a humanidade. Outra questão importante é quanto aos juramentos. Parece que, em Mt 5,33-37, Jesus proíbe qualquer juramento a todos os cristãos. Após analisar a palavra “juramento” em grego, latim e alemão, Zuínglio conclui que “jurar por uma ‘obrigação sagrada’ não é pecado”. (KISSINGER, 1975, p. 24) O juramento proibido por Jesus não tem relação nenhuma com o juramento requerido por uma autoridade pública. Jesus apenas tinha em mente palavrões na convivência diária. Sobre Mt 5,37, da mesma forma, Zuínglio o aplica ao conviver diário em família, não com sua palavra às autoridades.

#### **4.5.8 Interpretação de João Calvino**

João Calvino, o outro reformador suíço, também não interpretava o Sermão do Monte literalmente em sua totalidade. Ele também tinha dificuldades com a proibição total do juramento. Para ele, nem sempre o juramento era proibido. Ele entendia que a Bíblia permite e inclusive incentiva certos tipos de juramento. Para exemplificar, cita exemplos do apóstolo Paulo, Abraão, Isaque, Jacó, Labão, Boaz e Obadias. Os juramentos que são devassos, imprudentes e destruidores devem ser evitados. Porém, os que glorificam a Deus ou edificam o próximo não precisam ser ignorados. Para Calvino, a “não resistência” também não deve ser entendida literalmente. Desde que a resistência não seja por vingança e para proteção própria e da propriedade privada, pode ser empregada.

No tema do amor aos inimigos e “não resistência”, Calvino também deixava claro que não é possível entender os ensinamentos de Cristo literalmente. “Ele criticava a interpretação literal e a ética radical dos anabatistas e sugere que a proibição da vingança e o amor aos inimigos poderiam ser enquadrados como ‘counsels’, ou seja, poderiam ser obedecidos, ou não”. (KISSINGER, 1975, p. 27). Na tentativa de lidar com as dificuldades impostas por Jesus no Sermão da Montanha, ele ainda sugeria a “Teologia da Graça”. Segundo esta posição, pela graça de Deus, os cristãos estariam

livres das exigências da lei. Em resumo, Calvino não entende todas as palavras de Jesus no Sermão literalmente; e critica os anabatistas, que o fazem.

#### **4.5.9 Interpretação dos Anabatistas / Menonitas**

Logo após a Reforma de Lutero, surgiu um grupo que, sem dúvidas, gerou um grande desconforto e foi alvo de grande resistência dos outros grupos oriundos da Reforma. Lutero, Zuínglio e Calvino procuraram refutar a interpretação que os anabatistas tinham do Sermão do Monte. Os anabatistas, que serão melhor apresentados a partir do capítulo 5, surgiram na Suíça, por volta de 1525, apenas alguns anos após o movimento iniciado por Lutero (1517). Nasceram de um grupo de estudantes dissidentes de Ulrico Zuínglio.

Ao contrário do reformador de Zurique, eram contra o batismo infantil e criam na separação da igreja e do estado. “Eles passaram a acreditar que a igreja deveria ser composta por aqueles que, quando adultos, fazem uma confissão de fé e se comprometem a seguir Jesus no seu dia a dia”. (BECKER, 2019, p. 27). Nesses pontos, insistiam numa volta aos preceitos e práticas da igreja primitiva. Entendiam que o imperador Constantino (313), ao unir igreja e estado, havia desviado a igreja dos verdadeiros objetivos de Cristo.

Para eles, o Sermão do Monte era fundamental, pois nele Jesus ensina quais princípios esperava de seus seguidores, ou seja, de todos os cristãos. “Viver de acordo com o Sermão do Monte – que se tornou possível por meio da presença capacitadora do Espírito Santo – era o ideal para todos os membros”. (BECKER, 2019, p. 29). Entendiam-no literalmente, e os princípios ali ensinados deveriam ser seguidos em todas as esferas da vida terrena, não em algum reino separado ou futuro. Nesse ponto é que divergiam da maioria dos reformadores, que entendiam que a igreja deveria ser legitimada e apoiada pelo estado e, por isso, muitas vezes era necessário utilizar a força, apoiar os juramentos e julgar pessoas. Para os anabatistas, os cristãos não deveriam se envolver com assuntos do estado, pois esse age com violência, injustiças e promove julgamentos, todos proibidos por Jesus. A igreja, criada para a salvação, é que precisa ser seguida. O estado foi criado por causa do pecado e, por isso, não deve ter a participação dos cristãos. Para eles, o Sermão do Monte é essencial; para Zuínglio, ele é periférico.

Os anabatistas enfatizam o amor aos inimigos, que significa que não podem matá-los ou agir com violência contra eles. Também levam muito a sério a “não resistência”: não se deve criar conflitos, mas resolvê-los sem agressão e perseguição. Os inimigos devem ser amados e ajudados. Menno Simons, o nome mais conhecido entre eles, entendia que “os regenerados não fazem parte de brigas ou guerras. Eles são filhos da paz que converteram as suas espadas em enxadões e suas lanças em foices e não aprendem mais a guerrear”. (SIMONS apud BENDER, HORSCH; 2015, p. 88).

Os juramentos são proibidos (Mt 5,33-37), a palavra de um seguidor de Cristo deve ser suficiente. Eles entendem as palavras de Jesus literalmente; e, assim, procuram viver hoje, neste mundo. Todo seguidor de Jesus precisa viver de acordo com os ensinamentos dele no Sermão do Monte, que contém as regras de Jesus para os cristãos. Essa interpretação cria grandes abismos entre eles e os outros grupos religiosos da época, que discordam da sua radicalidade. Por isso, são perseguidos; mas preferem morrer do que deixar de seguir algum ponto do Sermão do Monte.

A igreja Menonita, que representa o maior grupo entre os anabatistas atualmente, ainda interpreta as palavras de Jesus no Sermão do Monte com simplicidade e literalmente. “Longe de ser um código de leis aplicáveis à sociedade em geral, com as modificações necessárias, o Sermão do Monte é uma descrição da vida no reino que Jesus inaugurou”. (DRIVER, 1995, p. 31). Para esse grupo, Jesus ensina várias éticas através do Sermão do Monte. A primeira das citadas é a ética de arrependimento, “Arrependei-vos, porque o reino do céu chegou” – Mt 4,17. Para ter acesso ao novo reino de Jesus, é preciso arrepender-se dos pecados.

A segunda ética citada é voltada para os discípulos: somente os que decidem seguir Jesus voluntariamente é que conseguem viver desta maneira. “É evidente que os ensinamentos do Sermão do Monte se destinam a discípulos. É uma ética para discípulos”. (DRIVER, 1995, p. 28). A terceira ética é a comunitária. Os preceitos de Jesus precisam ser vivenciados em uma comunidade de seguidores de Jesus. “Compreender o contexto fundamentalmente comunitário do Sermão do Monte nos livrará do moderno espírito atomista que interpreta as ações de Jesus em termos de esforços heroicos individualistas em meio de um ambiente social indiferente”. (DRIVER, 1995, p. 29). Jesus espera que a comunidade de seus seguidores viva uma ética de testemunho: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai, que está no céu”. – Mt 5,16.

Jesus tem em mente uma ética de cumprimento: ele deseja “fomentar o cumprimento pleno do espírito e a intenção da antiga lei da aliança com Israel (Mt 5, 17)”. (DRIVER, 1995, p. 29). Ele pretende implantar uma ética de amor, no qual amar inclusive os inimigos é fundamental (Mt 5,38-48). Amar os inimigos e orar pelos seus perseguidores, deixa claro também a ética de excesso. É preciso muito mais do que amar somente os amigos e as pessoas que querem o bem da pessoa. A última ética enfatizada por Jesus no Sermão do Monte é a ética de reconciliação. O discípulo de Jesus precisa estar preocupado com o bem-estar de seu irmão (Mt 5,22-24). Viver de acordo com o Sermão do Monte é possível com a ajuda do Espírito Santo.

#### 4.6 INTERPRETAÇÃO DO SERMÃO DO MONTE ATUALMENTE

Percebe-se que muitos tipos de interpretação sugeridos ao longo da história ainda são empregados hoje. A linha luterana de encarar os preceitos de Jesus no Sermão do Monte como lei perfeita, que tem a função de incentivar os seres humanos falíveis a clamar por graça, continua sendo aplicada. A sugestão de Tomás de Aquino de dividir as orientações de Jesus em “precepts” – obrigatórios - e “counsels” - voluntários para quem quer a perfeição ou pertence ao clero - ainda está muito presente na tradição católica. Também a tradição anabatista, que assim como os apóstolos e os pais da igreja interpreta o Sermão do Monte literalmente, não alterou sua forma de interpretação. Além destas, há ainda outras maneiras de interpretação do Sermão do Monte ainda muito utilizadas nos dias atuais. Algumas, percebidas pelo teólogo Menonita Driver, serão mencionadas na sequência.

##### 4.6.1 Ética de intenção

A ética de intenção foi defendida pelo teólogo alemão Wilhelm Hermann, no final do século 19. Seu propósito foi “libertar os preceitos contidos no Sermão do Monte de todo legalismo judaico.” (DRIVER, 1995, p. 23). A solução foi enfatizar a importância das intenções dos homens. Os ensinamentos de Jesus pretendem mudar a disposição interior e espiritual do ser humano. Não é intenção de Jesus que haja atitudes exteriores de obediência. Com certeza, Jesus esperava que suas instruções resultassem em transformação espiritual interior. Por outro lado, toda transformação

interior trará frutos exteriores visíveis. Além disso, há muitas exigências de Jesus no Sermão do Monte que exigem obediência, que será visível através de atitudes.

#### **4.6.2 Ética provisória**

No início do século XX, Johannes Weiss e Albert Schweizer propuseram esta maneira de interpretar o Sermão do Monte. Para eles, as exigências de Jesus só seriam necessárias por um curto período de tempo, antes do final catastrófico do mundo. “Segundo eles, Jesus esperava um fim apocalíptico em alguns meses, no máximo um ou dois anos”. (DRIVER, 1995, p. 24). Portanto, Jesus deixou essas recomendações para que seus seguidores se comportassem da referida maneira apenas nesse breve período antes da consumação do final dos tempos. Além de o mundo não ter acabado no tempo que previam, parece que no Sermão do Monte não há indicações da limitação da validade das exigências de Jesus.

#### **4.6.3 Ética futurista**

Muito parecida com a anterior, a ética futurista é praticada pelo dispensacionalismo moderno e popularizada através da Bíblia editada por Scofield, que entende que a história de salvação de Deus é composta por sete dispensações. Após Jesus pregar o evangelho e arrependimento aos judeus, que a rejeitaram, ele oferece salvação aos gentios através dos apóstolos e do Espírito Santo. Assim, os preceitos do Sermão do Monte ficam reservados para a dispensação do reino futuro, iniciada pela segunda vinda de Cristo. “O Sermão do Monte não apresenta em sua aplicação primária nem o privilégio nem o dever da igreja”. (DRIVER, 1995, p. 25). O dispensacionalismo clássico sugere que o Sermão do Monte é a lei para o reino milenar de Jesus. Nesse caso, oferecido por Jesus primeiro aos judeus.

#### **4.6.4 Ética para uma sociedade simples**

Essa interpretação entende que os preceitos de Jesus valem somente para sociedades simples como aquela em que Jesus vivia na época em que os ensinou. Naquele tempo, o contexto era agrário, rural. Jesus falava de aves, plantas e situações de vida simples. Sendo assim, seus ensinamentos só são aplicáveis em contextos

semelhantes e não é possível viver desta maneira em sociedades industrializadas pós-modernas, como a atual. Nesse caso, os princípios do Sermão do Monte só valem para os galileus do primeiro século, para os franciscanos da Idade Média ou sociedades que vivem de maneira similar, em condições muito simples. Os seguidores dessa interpretação reduzem muito o alcance dos ensinamentos do Sermão do Monte, excluindo sociedades muito diferentes das primeiras comunidades cristãs. Para eles, “os ensinamentos de Jesus não são aplicáveis à vida urbana complexa de nossos tempos”. (DRIVER, 1995, p. 26)

#### 4.7 ANÁLISE TEOLÓGICA DE MATEUS 5,10-12: A PERSEGUIÇÃO

A análise teológica do texto será focada na oitava bem-aventurança, que trata da perseguição e é o assunto deste trabalho. Este tema inicia em Mt 5,10 e é expandido nos dois versículos seguintes. Sendo assim, o texto que será analisado com mais cuidado é Mt 5,10-12. O objetivo da análise é buscar respostas a oito perguntas:

1. Quem era e será perseguido?
2. Por quem eram perseguidos?
3. Quando (data) será a perseguição?
4. Onde (local) será a perseguição?
5. Por que (motivos) será a perseguição?
6. Como era a perseguição?
7. Qual a reação Jesus espera do perseguido?
8. Qual a recompensa Jesus oferece ao perseguido?

##### 4.7.1 Quem era e será perseguido?

Conforme a contextualização histórica sob a ótica da perseguição realizada no primeiro capítulo do trabalho, fica evidente que “perseguição” era algo que fazia parte da vida das pessoas no primeiro século em Israel. Não era uma situação incomum, parece que fazia parte do cotidiano. A maneira como Roma governava incluía a perseguição e o emprego da violência contra toda a população subjugada que não se rendesse às ordens do imperador. Não foi diferente em Israel, terra onde Jesus viveu e pronunciou o Sermão do Monte. A partir de 63 a.C., quando o general romano

Pompeu entrou em Jerusalém, a perseguição dos romanos aos judeus tornou-se algo corriqueiro, como os muitos episódios narrados comprovam. Isso já durava ao menos noventa anos quando Jesus iniciou seus ensinamentos.

Por esse motivo, quando Jesus falava sobre perseguição, seus ouvintes sabiam muito bem sobre o que ele estava falando, pois viviam isso em seu dia a dia. Havia uma “cultura de perseguição”, na qual o mais forte impunha seus valores e modo de pensar ao mais fraco ou subjugado. Se houvesse alguma resistência, violência e perseguição eram empregados. Parece que, sob a ótica romana, a perseguição não era religiosa. Os romanos usavam violência para submeter os judeus às suas diversas ordens. Provavelmente, os judeus consideravam a perseguição religiosa, pois eles eram monoteístas, e precisavam seguir à risca a lei do Senhor. Qualquer lei romana que infringisse a lei de Deus podia levar à perseguição, caso fosse descumprida.

Para entender quem eram os perseguidos mencionados por Jesus, é importante verificar a quem foram destinadas as palavras do Sermão do Monte. Verificando o texto bíblico, percebe-se que isso não fica totalmente claro. Em Mateus 5,1 e 2, Mateus narra: “Quando viu as multidões, Jesus subiu ao monte; havendo se sentado, seus discípulos se aproximaram, e ele começou a ensinar-lhes, dizendo”. O texto imediatamente anterior também menciona a multidão: “E grandes multidões o seguiam, procedentes da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e do outro lado do Jordão”. Mt 4,25.

A dúvida que fica é: se somente os discípulos ouviram o discurso de Jesus, porque se aproximaram dele, ou se a multidão também ouviu esta mensagem, e, portanto, está incluída nas instruções que se seguiram. Ao final do Sermão do Monte, Mateus narra o seguinte: “Quando Jesus desceu do monte, grandes multidões o seguiam”. - Mt 8,1. A referida expressão sugere que as multidões também ouviram as instruções de Jesus. Todavia, se o sermão de Jesus não foi pregado em uma só oportunidade, como é muito provável, é possível entender que o mesmo é fruto da composição literária de Mateus. Portanto, a presença da multidão ao final do discurso não significa que a plateia que ouviu o sermão envolvia também outros, além dos discípulos.

Essa dúvida também se verifica nos autores que estudaram e escreveram a respeito. Lloyd Jones (JONES, 2017, p.119) e Carson (CARSON, 2011, p. 172) entendem que todo cristão, seguidor de Jesus, será perseguido. Rienecker

(RIENECKER, 1998, p.76), tem uma posição parecida, afirmando que o Sermão do Monte traz exigências aos seguidores de Jesus, não ao mundo. Para Tasker, as regras do Sermão do Monte não podem ser obedecidas integralmente por todos (TASKER, 1980, p. 48). Ulrich Luz entende que o Sermão do Monte é uma ética para os discípulos, mas também válida para o povo que escuta (LUZ, 1993, p. 268). Para Zeilinger, em geral, o Evangelho de Mateus era destinado aos judeu-cristãos (ZEILINGER, 2008, p. 9). Mais adiante, ele afirma que, no Sermão do Monte, a multidão também estava presente na montanha (ZEILINGER, 2008, p. 39). Gnilka também entende que as orientações de Jesus sobre o Monte são para o “povo de Deus”, para todos os cristãos (GNILKA, 1986, p. 109). No Antigo Testamento, os pobres e necessitados eram perseguidos. Agora, a igreja de Jesus sofrerá perseguição.

A palavra μαθητής (mathétēs) “discípulo” era empregada para alguém que está vinculado a outro para adquirir conhecimento prático e teórico. “Somente se pode ser um mathétēs na presença de um didaskolos, um “mestre” ou “professor”, a quem o mathétēs, desde os dias dos sofistas, tinha de pagar emolumentos, de modo geral”. (MÜLLER, 2000, p. 581). Na referida passagem, as duas palavras também aparecem conectadas. No versículo 1, aparece mathétēs; e, no versículo seguinte, ἐδίδασκεν (edidasken) “ensinava”, ou διδάσκω, (didasko), “ensinar”. Jesus viu as multidões e subiu ao monte, assentando-se. Quando seus discípulos se aproximaram dele, ele começou a ensiná-los. Na época de Sócrates (séc. V a.C.), o sentido de discípulo em relação ao seu mestre não era tão evidente entre os filósofos. Naquela época, outras palavras eram empregadas para definir os discípulos: “amigo”, “perito”, “seguidor”.

No Novo Testamento, o verbo no presente “manthanó”, aparece 25 vezes; 6 vezes nos Evangelhos, sendo 3 vezes em Mateus. Significa aprender a vontade de Deus, que somente Jesus conhece. O verbo διδάσκω, (didasko), “ensinar”, é muito mais comum. Todavia, o substantivo “mathétēs”, aparece 264 vezes no Novo Testamento, exclusivamente nos Evangelhos e Atos. O sentido é dedicação total a alguém, no discipulado. Parece que o sentido do grego secular, de aprendiz, aluno ou estudante, não aparece. Um ponto decisivo para entender o sentido de “mathétēs”, nos Evangelhos, é a fé. A fidelidade do discípulo ao seu Senhor é fundamental.

No Evangelho de Mateus, discipulado significa seguir a Jesus. Os discípulos de Jesus estão sujeitos ao sofrimento (Mt 8,19-26), à renúncia (Mt 23,7s), à humildade (Mt 18,1s), à pobreza (Mt 19,23s), e à disposição para sofrer (Mt 10,17s). Estas

situações apontam a características do verdadeiro discipulado: humildade e pobreza. No Evangelho de João, que reflete muito sobre o tema discipulado, parece que “mathétés” frequentemente é um sinônimo para o termo “cristão” (Jo 8,31; 13.35; 15,8). Lá não aparece o termo “apóstolos”, todos são discípulos, inclusive os doze. Nesse caso, o dever do discípulo é ser testemunha de Jesus durante toda a sua vida.

A tendência dos autores consultados é admitir que a multidão também ouviu o Sermão do Monte e escutou a advertência de Jesus com relação à perseguição. Desse modo, parece que a perseguição seria sentida por todos os seguidores de Jesus, não somente pelo círculo de discípulos mais próximo. Mesmo que esse fosse o caso, os discípulos passariam os ensinamentos de Jesus aos novos seguidores. Esse princípio está presente nas últimas ordens que Jesus deu aos seus onze discípulos no final do Evangelho de Mateus (28,19-20a): (Portanto, ide fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei;). O estudo do significado da palavra μαθητής (mathétés), “discípulos”, também aponta na direção de que todos os seguidores de Jesus, que se submetem ao seu senhorio, estão sujeitos à perseguição. Sendo assim, parece que todos os cristãos, reunidos na igreja universal, estão sujeitos a enfrentar perseguição. É possível que nem todos sofrerão perseguição, mas todos estão sujeitos a ela.

#### **4.7.2 Por quem eram perseguidos?**

O texto não fala em nenhum momento sobre os autores da perseguição aos discípulos ou seguidores de Jesus. Para buscar uma resposta a esta questão é necessária uma análise do ambiente da época. A perseguição dos romanos aos judeus vinha de longa data, conforme visto no primeiro capítulo deste trabalho. É difícil afirmar que era puramente religiosa e quão frequente era. Os romanos consideravam o imperador como um deus. “Quando Augusto morreu em 14 d.C., não se questionava mais sua posição entre os deuses”. (LOHSE, 2000, p. 208). Ele era considerado o verdadeiro salvador da humanidade e o culto ao imperador era praticado. Como os judeus eram monoteístas e podiam adorar somente ao seu único e verdadeiro Deus, não se submetiam à adoração ao imperador. O Império Romano considerava a religião dos judeus uma “religio licita”, ou seja, os judeus podiam praticar sua religião. Eles

não precisavam cultuar o imperador, desde que diariamente oferecessem um sacrifício a ele no Templo.

Esta liberdade religiosa não era concedida a outros povos do império; e teoricamente garantiria a paz e ausência de conflitos, violência e perseguições em território judeu. Obviamente, nem tudo era perfeito; e, várias vezes, houve conflitos e focos de violência e perseguição entre romanos e judeus ao longo da história. Quando se falava de perseguição, os judeus sabiam muito bem o que era isso, pois eram constantemente perseguidos por causa do seu fervor religioso. Um pouco mais tarde, com o nascimento de Jesus e o início do Cristianismo, os discípulos de Jesus é que seriam perseguidos, como Jesus parece alertar no Sermão do Monte, principalmente em Mt 5,10-12.

Os cristãos mantinham a mesma posição que os judeus com relação ao culto ao imperador: eles não o praticavam e, por isso, estavam sujeitos à ira e perseguição dos romanos. Alguns imperadores eram mais moderados; outros, mais exigentes, como Calígula (37 a 41 d.C.), Nero (54 a 68 d.C.) e Domiciano (81 a 96 d.C.). Os dois primeiros faziam questão de imprimir suas imagens nas moedas, fato que causava constrangimento a judeus e cristãos. Nero perseguiu bastante os cristãos: “Quando Nero viu consolidado seu poder, começou a empreender ações ímpias e muniu-se contra o culto do Deus do universo”. (CESARÉIA, 2000, cap. 25, item 1). Ele também acusou os cristãos de serem responsáveis por atear fogo em Roma em 64 d.C. Parece que a perseguição se limitou aos cristãos da capital do Império.

Provavelmente, a perseguição do Império Romano aos cristãos aumentou após 70 d.C., quando Jerusalém e o Templo foram tomados pelos romanos. Até aquela data, o Cristianismo era considerado pelos romanos como uma seita dentro do Judaísmo, uma religião lícita pelo Império. Como o Judaísmo era uma religião antiga, poderia ser praticada e não se exigia dos judeus “a participação no culto ao soberano. Em seu lugar, oferecia-se, diariamente, no Templo, um sacrifício pelo imperador, até o início da guerra judaica”. (LOHSE, 2000, p. 209).

A partir de então, quando os cristãos não auxiliaram os judeus na guerra, ficou evidente que eram religiões diferentes e, assim, o Cristianismo passou a ser mais perseguido pelo Império Romano. Ao contrário dos judeus, os cristãos também não participavam do culto ao imperador. Eles respeitavam sua autoridade e o serviço público como uma ordem instituída por Deus; porém, não o veneravam. Essas atitudes provocaram cada vez mais perseguições do império aos cristãos.

Além da perseguição promovida pelo Império Romano, na época do Cristianismo primitivo, quando o Evangelho de Mateus foi escrito, havia ainda outra fonte de perseguição aos cristãos: os judeus. Provavelmente, os judeus sempre perseguiram os cristãos. O próprio Jesus acusou os escribas e fariseus de matar e perseguir profetas, sábios e mestres que ele enviou (Mt 23,34). Em algum momento, os cristãos foram expulsos das sinagogas pelos judeus. O próprio Jesus prevê este fato, alertando seus discípulos que isso aconteceria (Jo 16,2). O evangelho de João ainda tem outras referências a este episódio (Jo 9,22; 12,42).

Em Mt 5,12, Jesus afirma que os profetas, que viveram antes dos discípulos, no Antigo Testamento, também foram perseguidos. Essa afirmação pode indicar que assim como os judeus perseguiram os profetas no passado, perseguiram também os discípulos de Jesus no tempo que o Sermão foi ensinado. O apóstolo Paulo é um exemplo de alguém que foi muito perseguido por judeus após a sua conversão. Em Atos 13,50, há um exemplo: (Mas os judeus incitaram as mulheres devotas de alta posição e os principais líderes da cidade, provocando uma perseguição contra Paulo e Barnabé, e os expulsaram do seu território). Antes do seu encontro com Jesus, ele - como judeu, do partido dos fariseus - perseguia os cristãos:

Saulo, porém, ainda respirando ameaças e morte contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote e pediu-lhe cartas para as sinagogas de Damasco, a fim de que, caso encontrasse alguns do Caminho, tanto homens como mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém. At 9,1-2.

Quando Jesus alerta seus discípulos que eles seriam perseguidos, provavelmente, referia-se a duas forças opressoras da sua época: o Império Romano e os judeus. Ao longo dos séculos, o Império Romano foi se desintegrando, mas a relação entre judeus e cristãos ainda gera focos de tensão até os dias de hoje. No entanto, em qualquer época, parece haver forças e grupos que continuam trazendo perseguição aos cristãos. Zeilinger também identifica o Império Romano, ao lado do comunismo soviético, como organizações que perseguiram os cristãos. (ZEILINGER, 2008, p. 68). Em todas as épocas, é possível que poderes se voltem contra os cristãos; o alerta de Jesus continua válido, pois.

### 4.7.3 Quando (data) será a perseguição?

A passagem bíblica (Mt 5,10-12) não fala nada sobre a data da perseguição. No entanto, como já visto no item anterior, havia perseguições acontecendo na época em que Jesus pronunciou essas palavras. Também levando em conta as possíveis respostas da primeira questão, é possível deduzir que haverá perseguição enquanto houver seguidores de Jesus. A tendência é imaginar que sempre, em todas as épocas, haverá cristãos sendo perseguidos. Segundo Carson, um dos objetivos do Evangelho de Mateus é mostrar “que ao longo dessa era os verdadeiros discípulos de Jesus devem suportar a perseguição de um mundo hostil” (CARSON, 2011, p. 44). Nem todos serão perseguidos, mas uma parcela de perseguidos e oprimidos por causa da sua fé em Jesus sempre haverá.

Zeilinger, analisando Mt 5,10, traz uma importante contribuição com relação ao tema, enfatizando que a perseguição aos cristãos é algo que iniciou com os primeiros seguidores de Jesus e sempre continuará acontecendo:

Por isso, usa-se também a forma verbal grega do perfeito para “os que estão sendo perseguidos” (*dediognénoi*), que expressa uma situação de perseguição que surgiu no passado e que perdura no presente. Para Mateus, ser perseguido é claramente um “sinal universal do ser cristão”. (ZEILINGER, 2008, p. 65).

A perseguição era algo corriqueiro no primeiro século e um tema recorrente nos discursos de Jesus em Mateus. Há, neste evangelho, cinco discursos de Jesus, segundo (ZEILINGER, 2008, p. 17): O Sermão da Montanha (cap. 5-7); o discurso de envio (10,5-42); o discurso das parábolas (cap. 13); as regras da comunidade (cap. 18) e o discurso de julgamento (cap. 23-25). Somente nas regras da comunidade é que não aparece a palavra “perseguição”. Essa insistência no assunto por parte de Jesus, quando fala a seus discípulos, mostra que é algo importante e que de fato aconteceria muitas vezes. Se não fosse o caso, Jesus não teria repetido tantas vezes o tema “perseguição” em seus discursos. Sua ênfase no assunto mostra que ele queria prepará-los para a perseguição, que sempre afligiu seus seguidores. Parece que, enquanto houver igreja (discípulos de Jesus reunidos em seu nome), haverá perseguições a ela. “Durante quase dois milênios, em alguma parte do mundo, a Igreja sempre foi e é caluniada ou efetivamente perseguida”. (ZEILINGER, 2008, p. 68).

A menção aos (profetas que viveram antes de vós), em Mt 5,12, confirma que estes importantes personagens do Antigo Testamento também foram perseguidos.

Embora tivessem vivido séculos antes de Jesus, o Mestre os conecta com seus discípulos. Isso mostra que a perseguição não é novidade e que sempre existirá. Esta dica de Jesus parece enfatizar que sempre, em qualquer época, haverá perseguidos dentre os discípulos de Cristo. Pelos exemplos estudados, parece que a perseguição aos cristãos nunca cessará.

#### **4.7.4 Onde (local) será a perseguição?**

Naquela época, parece que havia perseguição onde estavam os seguidores de Jesus. Zeilinger aponta para a passagem de Mt 4,25, que informa de que lugares vinham as multidões que seguiam Jesus: Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e do outro lado do Jordão. Por volta de 60 a 80 d.C., esse era um dos locais em que acontecia a perseguição dos cristãos. Com o avanço do Cristianismo a partir de Jerusalém, é possível perceber que, aonde ele chegava, trazia consigo a perseguição aos cristãos. O livro de Atos demonstra esse processo: primeiramente, Pedro teve dificuldades em entender que o Evangelho deveria ser pregado a todos os povos. Quando ele percebe isso, precisa se justificar com os cristãos judeus de Jerusalém.

Em seguida, o apóstolo Paulo é muito perseguido por levar o Evangelho para o mundo gentio, mais distante de Jerusalém. Durante seu trabalho, foi perseguido por judeus, judaizantes e gentios. Nunca teve uma vida tranquila. Através do seu trabalho, o Cristianismo foi espalhado a todo o Império e a perseguição deixou de estar concentrada apenas em Israel. Quando o Evangelho chega a Roma, não tarda para que os cristãos fossem perseguidos lá também, pelo imperador Nero. Desde o início, uma marca da igreja e dos cristãos, seguidores de Jesus, é a perseguição. Ainda hoje é assim, em vários lugares a igreja cristã é perseguida. Sempre há notícias de perseguição a cristãos em vários lugares do planeta.

Aliado a isso e, levando-se em consideração também a resposta à primeira pergunta (4.7.1), é possível deduzir que há perseguição onde quer que haja seguidores de Jesus. Nem todos serão perseguidos, mas parece que todos estão sujeitos a ela. Jesus já previu esta situação; e, analisando a história da igreja, não é difícil comprovar o fato.

#### 4.7.5 Por que (motivos) será a perseguição?

A busca pelos motivos da perseguição mencionada por Jesus encontra uma resposta nos versículos 10 e 11 do quinto capítulo de Mateus (Mt 5,10-11). No versículo 10, consta: “os perseguidos por causa da justiça”. O primeiro motivo que gera perseguição aos seguidores de Jesus é a justiça que, em grego, é a palavra δικαιοσύνη (dikaiosyné). Essa palavra aparece em duas ocasiões nas bem-aventuranças. Uma vez em 5,10, como mencionado; mas também aparece na quarta bem-aventurança, Mt 5,6, na qual Jesus afirma que os que têm fome e sede de justiça serão saciados. A primeira consequência dos que têm justiça é boa, pois serão saciados. Já a segunda gera perseguição, que naturalmente não é algo bom nem desejado por qualquer ser humano. A pergunta que surge é: o que significa esta justiça no contexto de Mateus? A que Jesus se referia ao utilizar essa palavra?

Encontrar o sentido exato da palavra “justiça” não é tarefa simples e tem suscitado variadas opiniões de teólogos ao longo do tempo. Parece que todas as palavras que falam de justiça são derivadas de (diké), que significa castigo. No entanto, a raiz original significava “instrutora” ou “instrução”. “No seu significado religioso básico, portanto, e em comum com todas as coisas divinas na religião gr., diké é uma força cósmica elemental que os homens consideram superior a eles mesmos”. (SEEBASS, 2000, p. 1118). Em conexão com a polis, há justiça “quando cada homem cumpre as tarefas que lhe pertencem”. (SEEBASS, 2000, p. 1118). Derivado desta ideia, o homem justo (dikaios), era o indivíduo cujo comportamento se moldava ao padrão da sociedade. O substantivo dikaisyné aparece mais tarde, denotando a qualidade do homem justo, que é reto conforme a lei. Também é o padrão que o juiz é obrigado a exigir.

No Antigo Testamento, percebe-se uma compreensão diferente. Lá a justiça é “um comportamento que está em conformidade com o relacionamento bidirecional entre Deus e o homem”. (SEEBASS, 2000, p. 1121). Nos profetas, justiça é sinônimo de paz e salvação (Is 51,5-8; 52,7). No Novo Testamento, percebe-se o emprego do adjetivo dikaios em quase todos os livros, com destaque ao Evangelho de Mateus e em Paulo. Em Mateus, dikaios aplica-se a Cristo, a homens justos e a coisas. Dikaisyné aparece em Mt 3,15; 5,6,10 e 20; 6,1,33; e 21,32. Parece que a doutrina da justiça é parte central da mensagem em Mateus. A obra de João Batista também tem ligação com a justiça, pois veio apontar “o caminho da justiça”. Jesus se submeteu

ao batismo de João. A justiça é dom gratuito de Deus, mas é necessário viver de acordo com a vontade de Deus.

Uma possibilidade - sustentada pelo contexto imediato de esperança para a ação escatológica de Deus - é que justiça pode ser justificação, salvação escatológica. No entanto, parece que, no Evangelho de Mateus, justiça significa boas relações com Deus, que se consegue submetendo-se à sua vontade. O Evangelho de Mateus é o Evangelho da justiça (3,15; 5,6,10,20; 6,1,33; 21,32). Jesus nasce no ambiente de um homem justo (Mt 1,19) e suas primeiras palavras nesse Evangelho são sobre justiça (Mt 3,15). Ele se inclui é o primeiro a cumprir justiça. O julgamento de Deus será pela justiça e misericórdia praticada (Mt 25,31-46). Por isso, seus seguidores devem buscar a justiça (Mt 6,33).

E mais: uma pessoa justa não deseja isso somente a ela, mas que haja justiça em todos os lugares. Uma pessoa justa não se satisfaz somente com justiça pessoal e social, ela anseia por ambas. Luz destaca o que entende sobre justiça; “δικαιοσύνη pode designar: 1. Uma conduta humana; 2. Um dom divino ou poder de Deus; 3. A combinação de ambas interpretações, a ordem da aliança de Deus como dom e tarefa”. (LUZ, 1994, p. 285, 286). Para ele, a conduta humana é o ideal de uma vida virtuosa, tem conexão com obras, atitudes e não desejos; a justiça significa a prática cristã. Gnilka sustenta que, no contexto judeu, “justiça pode ser o mesmo que misericórdia divina” (GNILKA, 1998, p. 124). Em geral, a maioria dos estudiosos entende a justiça como a busca da santificação, reconhecendo a necessidade do ser humano limitado frente a um Deus perfeito. Essa justiça contrasta com a justiça dos fariseus, que se acham bons suficientes, orgulhosos. Os justos trabalham para que os propósitos de Deus sejam realizados.

No versículo seguinte (Mt 5,11), a perseguição é por outro motivo: “por minha causa”, que seria por causa de Jesus. Zeilinger aponta que a perseguição “inflama-se a partir daquela relação fundamental com Cristo, resulta daquela práxis de vida que é justa perante Deus e, portanto, a única que é correta e segundo Deus”. (ZEILINGER, 2008, p.66). Carson enxerga na expressão “por minha causa” uma ligação com a vida justa e uma vida que imita a Jesus: “Isso confirma que a vida justa em vista é a imitação de Jesus. Simultaneamente, também identifica o discípulo de Jesus com a prática da justiça por Jesus, na qual não há lugar para submissão confessa a Jesus se essa não for plena de justiça”. (CARSON, 2011, p. 171). Provavelmente, os seguidores de Jesus, aqueles que procuram segui-lo e viver de acordo com seus

ensinamentos, podem esperar perseguição. Jesus era o servo sofredor e os seus seguidores também serão perseguidos. Como já verificado nos itens anteriores, essa é uma condição que a igreja primitiva experimentou e que permanece até hoje.

Apesar de o texto não afirmar, é possível que a perseguição tenha conexão com a sétima bem-aventurança, com os pacificadores. Para os estudiosos citados logo na sequência, não é à toa que a bem-aventurança que trata dos pacificadores precede a última, pois eles também estão sujeitos à perseguição. Pacificadores trabalham ativamente para promover paz e isso traz perseguição. Paz não é somente ausência de guerra, mas um bem-estar geral, com saúde e uma vida equilibrada no sentido material e espiritual; a justiça gera paz. Essa ideia já está bem presente no Antigo Testamento, onde a paz é fruto da justiça (Is 32,17).

Carson entende que a perseguição atingirá também os pacificadores que são mencionados na bem-aventurança anterior (CARSON, 2011, 170). Lloyd Jones tem a mesma opinião (JONES, 2017, p.119). No versículo 11, Carson aponta que os imitadores de Jesus é que serão os perseguidos. Tasker afirma que os perseguidos “sofrem simplesmente por sustentarem os padrões divinos de verdade, justiça e pureza, recusando-se a ajustar-se ao paganismo ou a curvar-se perante os ídolos que os homens erguem como substitutos de Deus.” (TASKER, 1980, p. 50). Gnilka também entende que a promoção da paz pode gerar perseguições por intermédio de governos de países. “Os que se empenham pela paz é que são perseguidos em nome da justiça”. (GNILKA, 1998, p. 127).

#### **4.7.6 Como era a perseguição?**

Conforme já mencionado no início do trabalho, quando o objetivo era estudar o contexto sob a ótica da perseguição (item 2), neste momento, é importante relembrar o significado da palavra “perseguição” ou “perseguir”. No Novo Testamento em grego, a palavra διώκω (diókó), que aparece nos versículos 10 e 11 do capítulo 5 de Mateus, é traduzida por “perseguir” em português. Além de perseguir, a palavra diókó pode ter outros sentidos: correr atrás, caçar, afugentar, perseguir com severidade, procurar, buscar assiduamente e perseguição. Na Septuaginta, diókó é empregado primariamente para a “perseguição” praticada por soldados hostis (Êx 15,9), ou perseguição feita por qualquer pessoa com intenções hostis (Gn 31,23). Nos Salmos, perseguições e perseguidores são circunstâncias que fazem o salmista sofrer. Outro

sentido que aparece no Antigo Testamento é o de “esforçar-se” para atingir um objetivo. Por exemplo, perseguir é esforçar-se para honrar a Deus de modo sincero.

No entanto, no Novo Testamento, o significado mais comum da palavra (dioko), é “perseguir” e “ser perseguido”. Este sentido aparece aproximadamente 30 vezes, principalmente nos Evangelhos, Atos, Epístolas Paulinas, Apocalipse. O sentido figurado, de buscar com zelo, aparece somente nas Epístolas. Os profetas foram perseguidos no Antigo Testamento (Mt 5,12); Jesus sofreu perseguições (Jo 5,16) e seus discípulos serão perseguidos, como já verificado no item 4.7.1. Aqueles que seguem fielmente a Jesus estão sujeitos a perseguições e sofrimentos. Os versículos de Mateus 5,11 e 12 indicam como será a perseguição: através de insultos, mentiras e dizendo o mal contra os discípulos.

A palavra mentira, como antítese da verdade, tem origem no teatro. Ocorria quando o ator não se identificava com o seu papel. Nesse caso, ele cometia uma hipocrisia. ψευδόμεναι (pseudomai), a palavra grega na forma verbal ψευδόμενοι, utilizada em Mt 5,11, é uma palavra que expressa o oposto da verdade (alétheia) de modo ainda mais enfático. No Novo Testamento, (pseudomenai) aparece 12 vezes. Na Septuaginta, pseudomai é empregado para a tradução da palavra hebraica “kahas”, que significa: negar, repudiar, agir secretamente, enganar, mentir. Sendo assim, parece que os perseguidores contarão mentiras a respeito dos seguidores de Jesus. São os que agem com falsidade e não falarão a verdade, a fim de enganar as pessoas a respeito dos cristãos, que estão do lado da verdade. Uma observação importante é que pseudomai foi omitido em alguns manuscritos.

Em uma primeira análise, as palavras utilizadas para descrever a perseguição não indicam execução ou morte dos perseguidos. A perseguição seria através de insultos, mentiras e falar coisas más acerca dos seguidores de Jesus. “O ‘disserem todo mal contra vós’ significa, no final das contas, a rejeição dos cristãos e do modo de ser cristão”. (ZEILINGER, 2008, p. 67). Assim como Jesus seria rejeitado e condenado, seus seguidores também serão. “Portanto, a intenção deles só pode ser amaldiçoar os seguidores de Jesus e a ele próprio. Daí, quem ‘ouve’ o ensinamento de Jesus (sobre a montanha) expõe-se necessariamente à perseguição por ‘sua causa’”. (ZEILINGER, 2008, p. 67, 68). Parece que, quando Jesus se ausentasse da Terra, seus seguidores é que se tornariam alvo da perseguição. Ao longo da história, essa afirmação é comprovada. Em 2000 anos de história, a igreja de Cristo foi sempre perseguida em alguma região do planeta.

A perseguição aqui mencionada por Jesus é a que acontece por causa dele. No versículo 11, observa-se uma variação da terceira para a segunda pessoa: o que reforça a observação e deixa o alerta ainda mais pessoal. Parece que Jesus vai de uma orientação geral - observada durante todos os macarismos (em terceira pessoa) - para uma fala mais direta a seus discípulos ou seguidores, conforme observado na expansão da oitava bem-aventurança em Mt 5,11-12. Esta mudança é significativa e não pode ser negligenciada. Luz entende que: “de certo modo, a perseguição é uma marca geral de todo o cristão”. (LUZ, 1993, p. 292) e que “a comunidade precisa contar com a injúria e a perseguição”. (LUZ, 1993, p. 292).

Ao longo do Novo Testamento, há várias menções à perseguição e ao sofrimento que os cristãos tiveram. Os onze discípulos não tiveram vidas fáceis, a maioria foi perseguida e morta. Pedro, em sua primeira epístola, relata palavras muito parecidas com as que Jesus ensinou no Sermão do Monte:

Mas alegrai-vos por serdes participantes dos sofrimentos de Cristo, para que também vos alegreis e exulteis na revelação da sua glória. Se sois insultados por causa do nome de Cristo, sois abençoados, porque sobre vós repousa o Espírito da glória, o Espírito de Deus. 1 Pd 4,13-14.

Ainda em 1 Pedro, há outras passagens que mencionam a perseguição por Cristo: 1 Pd 2,12; 3,13-17; 4,12-17. Apesar das palavras que descrevem a perseguição não indicarem, não é difícil perceber que a perseguição aos cristãos muitas vezes resultava em morte. O Império Romano crucificava cristãos e os jogava para serem devorados por animais ferozes. Parece que estas eram as principais formas de perseguir e matar cristãos utilizadas pelos romanos. Nero foi o primeiro imperador romano a decretar perseguição aos cristãos. O objetivo era exterminar o Cristianismo. Na época, as pessoas se lançavam contra os cristãos. “A frenética resolução de desarraigar o Cristianismo começou em Roma e difundiu-se através de cada Província e cidade do Império”. (REILLY, 2014, posição 480). Os magistrados de cada cidade e aldeia tinham licença para prender, torturar e matar os cristãos. Parece que estas perseguições - às vezes mais, outras vezes menos cruéis - duraram até no século IV: quando, sob o governo de Constantino, cessaram. Por trezentos anos, a igreja de Cristo foi perseguida, como Jesus mesmo admitiu que poderia acontecer no Sermão do Monte.

As perseguições aos cristãos até o governo do imperador Constantino e a instituição do édito de Milão<sup>6</sup>, em 312, foram muito graves e resultaram na morte de muitos. Os que morriam por conta dessa perseguição eram denominados de “mártires”. No entanto, percebe-se que a palavra “mártir” nem sempre teve esse significado. A palavra μαρτύρων (marturon) significava “testemunha”. O mártir era considerado uma testemunha de Cristo, que o confessava sem morrer por ele. Aos poucos, o significado original acabou mudado:

Mas o mártir é sobretudo a testemunha da verdade do mundo vindouro, como se pode inferir da narrativa da paixão em Lucas, em que se vê Jesus passar diretamente da cruz ao paraíso, levando consigo o bom ladrão (Lc 23,43), ou o relato da morte do primeiro mártir cristão, Estêvão. (LOUTH, 2014, p. 1099).

Não demorou muito para o mártir ser identificado com Jesus e sua morte. Seus seguidores são incentivados a seguir seu exemplo. “É assim que Inácio de Antioquia suplica aos cristãos de Roma que nada façam que o impeça de ser ‘um imitador da paixão de seu Deus’ (Rm 6,3) e considera seu corpo martirizado como tornando-se ‘um puro frumento de Cristo’”. (LOUTH, 2014, p. 1100). Esse sentido do martírio logo se propagou e os três séculos de perseguição do Império Romano aos cristãos contribuíram para isso. Havia veneração a condenados à morte e a figura do mártir se tornou um santo. Nessa época, muitos cristãos queriam ser mártires. O que interrompe essa prática é a promulgação do édito de Milão, que cessa com a perseguição e morte dos cristãos.

Os judeus perseguiam e expulsavam os cristãos das sinagogas. O apóstolo Paulo, depois de se tornar cristão, foi apedrejado por judeus e uma multidão inflamada por eles. A violência foi tamanha, que foi dado como morto (At 14,19). Paulo foi encarcerado pelos judeus, acusado de perverter a lei e trazer gregos ao interior do Templo (At 21,28). No final da vida, foi encarcerado novamente e provavelmente executado pelo Império Romano em Roma. Ou seja: trata-se de uma perseguição que resultou em morte. O caso de Estêvão também mostra uma perseguição mais séria; afinal, foi apedrejado até a morte (At 7,58-60). Mesmo que as palavras de Jesus não apontassem para a morte de seus seguidores, muitos deles pagaram com suas vidas.

---

<sup>6</sup> É um documento que torna o Império Romano neutro com relação à religião. Na prática acaba com a perseguição religiosa. A partir desta data, os cristãos tinham liberdade de culto e não foram mais perseguidos.

#### 4.7.7 Qual a reação Jesus espera do perseguido?

Em Mt 5,12, o versículo que conclui o raciocínio de Jesus sobre a perseguição deixa claro qual é a reação esperada daqueles que sofrem perseguições. A conduta desejada por Jesus aos que sofrem perseguição é surpreendente: “Alegrai-vos e exultai, pois, a vossa recompensa no céu é grande; porque assim perseguiram os profetas e que viveram antes de vós”. Mt 5,12. Jesus não esperava vingança ou retaliação, que seriam as prováveis atitudes do ser humano; mas desejava que os perseguidos mantivessem a alegria. Para enfatizar o pensamento, percebe-se que os dois verbos no grego estão no imperativo, reforçando a ideia de ordem.

Dos três grupos de palavras que indicam alegria humana no Novo Testamento, duas são utilizadas no versículo 12. A primeira é χαίρω (chairó); e a segunda, ἀγαλλιᾶω (agalliaó) ou (agalliomai). (Chairó) é a alegria proporcionada pelo conforto e bem-estar físico. Já (agalliomai) é uma demonstração externa de alegria, orgulho e exaltação que se experimenta em um culto público. As duas começaram a ser utilizadas a partir de Homero (850 a.C.) (BEYREUTHER, FINKENRATH; 2000, p. 50).

(Chairó) significa “estar alegre por alguém ou algo”. Quando a palavra está no imperativo presente, como neste caso (chairete), significa: “Salve, saudações”. (BEYREUTHER, FINKENRATH; 2000, p. 53). Um exemplo é a saudação de Jesus aos seus discípulos, Mt, 28.9. É bastante utilizada no início das cartas, advertindo os destinatários a não receberem os que ensinam doutrinas heréticas. No Novo Testamento, o verbo ocorre 74 vezes, principalmente nos Evangelhos e nas epístolas de Paulo. (BEYREUTHER, FINKENRATH; 2000, p. 54). Também é bastante empregada em passagens que mencionam o cumprimento escatológico em Cristo, a alegria de estar com ele e ter esperança nele. Nos Evangelhos Sinóticos, a vinda de Jesus traz um tempo de alegria. Mesmo que seguir a Jesus se torne um sofrimento, ainda assim, não se deve perder a alegria, como em Mt 5,12. Jesus voltará como juiz, isso deve garantir alegria a seus seguidores. Naquele dia, eles serão recompensados. Por isso, quem permanece fiel à palavra pregada por Jesus tem essa alegria.

A segunda palavra dita por Jesus, agalliaomai, reforça a ideia da alegria, pois significa “exultar-se”, “regozijar-se grandemente” ou “transbordar de alegria”. Na Septuaginta, agalliaomai e agalliasis traduzem geralmente a alegria festiva do culto, que se expressa em público por causa dos atos salvíficos de Deus. O motivo da alegria era a constante ajuda de Deus; que, inclusive, libertará seu povo com a chegada do Messias. No Novo Testamento, agalliaomai aparece 11 vezes; assim como agalliasis,

que também aparece 11 vezes. Agora, a alegria volta-se para Deus, porque Jesus Cristo já iniciou a era escatológica da salvação, que será completada gloriosamente com a volta de Cristo. Em Mt 5,12, a alegria tem este mesmo sentido, pois é proporcionada pela recompensa no céu, que será concedida na volta de Cristo.

A princípio, é difícil compreender a ordem de Jesus para que seus seguidores se alegrem e exultem em meio às perseguições. A descrição das perseguições mostra quão severas elas podem ser e a grande dificuldade que é alegrar-se em meio a uma situação tão complicada. Manter-se alegre só é possível quando se leva em conta as definições das palavras descritas acima, de que o motivo da alegria deve ser o fato de que Jesus voltará e resgatará seus seguidores. Ele, o justo juiz, recompensará ou condenará a todos naquele dia. Ele fará justiça, e corrigirá injustiças e perseguições que seus seguidores sofreram por causa dele.

Outro aspecto importante, para entender que a alegria em meio a perseguições é possível, é olhar para a recompensa prometida por Jesus para quem enfrenta as perseguições terrenas: “pois a vossa recompensa no céu é grande”. A recompensa no céu, que está prometida, precisa ser levada em conta para analisar o possível paradoxo: de alegrar-se em meio à perseguição. Os cristãos devem se alegrar e se regozijar não por causa do seu sofrimento, mas pela grande recompensa do céu que lhes está prometida. A perseguição não deve ser buscada, não deve ser um objetivo a ser alcançado. Mas, quando ela vier, não deve causar desespero; mas sim esperança: por causa do futuro glorioso prometido por Jesus a seus discípulos.

O fato de Jesus prever a perseguição de seus discípulos pode servir de confirmação que seus seguidores estão no caminho certo. Esse raciocínio é mais um aspecto positivo de uma perseguição:

Como a cruz foi o veredito do mundo sobre a vida e a obra de Jesus, aqui as injúrias e perseguições são o veredito do mundo sobre a justiça própria do reino que a comunidade de discípulos vem praticando. A maledicência pode ser compartilhada com alegria, pois serve para identificar os discípulos do Senhor (1 Pd 4,13-14). (DRIVER, 1995, p. 51).

É possível enxergar uma grande vantagem na comparação dos discípulos com os profetas. Tasker argumenta que a alegria em meio a perseguições deve estar presente porque sabem que, quando este sofrimento vier, eles passarão pelas mesmas dificuldades dos profetas, que eram figuras fundamentais no Antigo Testamento. “Eles deviam alegrar-se muito, sabendo que tal sofrimento seria a

indicação de estarem eles na linha de descendência dos profetas que anunciaram a vinda do Messias”. (TASKER, 1980, p. 50).

Mesmo que o discurso de Jesus, a priori, não indique a condenação à morte por sua causa, parece não haver diferença alguma em relação à reação do perseguido quando sua vida está em risco. Jesus entende que, mesmo que a perseguição resulte em condenação à morte, a reação do seu seguidor deve ser de alegria e exultação. Conforme já verificado no item 4.7.6, muitos cristãos foram perseguidos - e inclusive mortos - principalmente no início do Cristianismo. O Império Romano, os judeus, os gentios, os judaizantes (cristãos dedicados às práticas judaicas) são alguns grupos que perseguiram cristãos. João Batista foi decapitado por Herodes; e Estêvão é considerado o primeiro mártir do Cristianismo. Além deles, o apóstolo Paulo e muitos dos doze discípulos de Cristo foram perseguidos e mortos. Parece que a perseguição - e, na maioria das vezes, a morte - é uma marca que caracteriza os seguidores de Jesus.

No início da igreja, ser cristão, seguidor de Jesus, era muito perigoso. “O leitor está avisado: acolher a mensagem de Jesus é um empreendimento arriscado!”. (ZEILINGER, 2008, p. 68). Parece que, a partir do imperador Constantino, há uma grande mudança: quando, em 313 d.C., ele edita um documento em favor da tolerância da fé dos cristãos. Teodósio, o neto de Constantino, foi ainda mais longe: “Coube ao imperador Teodósio, em 380 d.C., promover o cristianismo ao status de religião oficial do Estado”. (PAULS, 2010, p. 24). Parece que, a partir da referida data, a igreja, apoiada pelo estado, torna-se perseguidora de pagãos, ao invés de perseguida. Muitos pagãos tornam-se “cristãos”: não por livre decisão, mas por medo e imposição.

#### **4.7.8 Qual a recompensa Jesus oferece ao perseguido?**

Tanto na primeira como na última bem-aventurança a recompensa que Jesus oferece é a mesma: deles é o reino dos céus. Essa é a promessa que consta na primeira e na última bem-aventurança (5.3 e 5.8). O Reino dos Céus (βασιλεία τῶν οὐρανῶν) é dos pobres em espírito (5.3) e dos perseguidos por causa da justiça. Para um melhor entendimento da recompensa oferecida por Jesus, é importante verificar o significado de “Reino dos Céus”. O significado original do termo basileia é o “ofício do rei”, ou “soberania real”. Outro ponto importante é que a categoria do rei é comprovada

pelo tamanho sobre o qual ele reina. Esse é o aspecto geográfico, onde a área sobre o qual o rei reina determina sua importância.

Na Septuaginta, o substantivo *basileus* (rei) ocorre mais de 2000 vezes. A forma verbal *basileuó* aparece aproximadamente 300 vezes; e o substantivo *basileia*, por volta de 250 vezes. Normalmente, traduzem a raiz hebraica *mlk* (*melek*). Essa raiz refere-se a três classes de reis: humanos (90%); messiânico (13 referências) e divino (41 referências). Em 1 Sm 8,20, há um resumo das atividades de um rei: julgar o povo, liderar e lutar nas guerras. “Em resumo, a raiz *mlk* significa ter ou exercer autoridade suprema sobre um povo em um determinado lugar”. (JR, 2000, p. 2027). Somente Javé é o verdadeiro rei de Israel. Esse reino começou com a obediência de Abrão; e Javé reinará para sempre. Nos Salmos, há vinte referências a Deus como *melek*. Em textos posteriores (Is 24,23; Zc 14,9; Ob 21), inicia o reconhecimento de um reino de Javé no fim dos tempos, em um sentido escatológico, sem barreiras nacionais.

No Novo Testamento, *basileia* (reino) aparece mais do que *basileus* (rei) e *basileuó* (reinar). Ambas aparecem com maior frequência nos Evangelhos Sinóticos. Assim como no Antigo Testamento, o título de “rei”, no sentido pleno, é atribuído somente a Deus e Cristo. O termo *basileia*, como Reino de Deus ou de Cristo, aparece 52 vezes em Mateus; 16, em Marcos; 43, em Lucas; e 2, no Evangelho de João (Jo 3,3-5). Somente em Mateus aparece “reino dos céus”, como em Mt 5,3,8. Onde aparece reino dos céus em Mateus, Marcos e Lucas empregam reino de Deus, confirmando que ambos são sinônimos. Reino dos céus é uma forma judaica, que fica sem sentido na cultura grega. “É um conceito dinâmico no ensino de Cristo. Denota o exercício de Deus na Sua atividade como redentor e juiz da humanidade, no cumprimento das promessas messiânicas contidas no Antigo Testamento”. (ZABATIERO, 2000, p.2036). Uma outra possibilidade é que Mateus, escrevendo a judeus, não cita “Deus” para evitar uma ofensa a eles.

Nos Sinóticos, o conceito de reino de Deus precisa ser definido em relação à duas variáveis: tempo e sua natureza. Em relação ao tempo, é possível dizer que ele é um conceito escatológico, será concretizado na “consumação dos séculos”, quando será plenamente concretizado. Todavia, o reino de Deus já está presente, pois foi inaugurado com a vinda de Jesus à terra, consumando a profecia do Antigo Testamento. João Batista foi o primeiro a pregar a chegada do Reino dos Céus em Mateus (Mt 3,2). Jesus anunciou uma mensagem idêntica (Mt 4,17). Quanto à natureza, o reino de Deus é o exercício da soberania de Deus sobre os homens. No

reino de Deus, a vontade dele é feita tanto na terra como no céu. Seu reino não terá fim e entrar nele significa a salvação para os seres humanos, é uma dádiva dada por Deus.

Em Mateus, o Reino do Céus é uma força dinâmica, não há tantas referências a um domínio territorial. Para entrar nesse reino, parece que o arrependimento é necessário: tanto João Batista (Mt 3,2) quanto Jesus (Mt 4,17) enfatizam esse pré-requisito. Além disso, para participar deste reino, é preciso ter um comportamento exigido por Jesus. Os que aceitam estes preceitos, os seguidores de Jesus, que se submetem à sua vontade, já fazem parte desse reino. Entre os quais, os pobres em espírito e os perseguidos. A outra dimensão do reino dos céus é futura. Quando Jesus retornar (Mt 24,29-41), na parousia, o reino se consumará, e os seguidores de Jesus experimentarão a plenitude do reino: sem dor, sem pobreza, sem perseguições nem sofrimentos.

Além da promessa de que o reino dos céus é deles, outro ponto em comum entre a primeira e a última bem-aventurança é que o verbo está no presente. O reino já é deles. Nas outras bem-aventuranças, o verbo está no futuro, “será”. Há teólogos que entendem que este fato não deve ser destacado, “pois o tempo presente pode funcionar como futuro, o tempo futuro pode enfatizar certeza, não mera futuridade”. (CARSON, 2010, p. 166). Os seguidores de Jesus já fazem parte do reino dos céus no presente e experimentarão a plenitude na consumação. Essa é a recompensa prometida por Jesus nas duas bem-aventuranças. O reino “já” é deles, porém “ainda não” totalmente consumado, o que acontecerá quando Jesus retornar para estabelecê-lo integralmente. Esse é o sentido escatológico do reino, o tempo de salvação e consumação do mundo. É certo que os seguidores de Jesus terão esta recompensa: de estar da presença do rei Jesus por toda eternidade.

## **5 A PERSEGUIÇÃO AOS ANABATISTAS DO SÉCULO XVI NA SUÍÇA – FASE 1**

A igreja de Cristo é uma igreja perseguida. Aliás, esse fato já foi constatado e analisado nos capítulos anteriores, quando os ditos de Jesus sobre a perseguição foram verificados, evidenciando que uma das marcas da igreja de Cristo é a perseguição. Há fartos exemplos e passagens do Novo Testamento que comprovam essa afirmação. Inclusive, o livro do Apocalipse, provavelmente o último a ser escrito, faz menção aos perseguidos por causa da Palavra de Deus (Ap 6,9-11):

Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que haviam sido mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho que deram. Eles clamaram em alta voz, dizendo: Ó Soberano, santo e verdadeiro, até quando aguardarás para julgar os que habitam sobre a terra e vingar o nosso sangue? Cada um deles recebeu túnicas brancas e lhes foi falado que repousassem ainda por um pouco mais de tempo, até que se completasse o número de conservos que haveriam de ser mortos, assim como eles também haviam sido.

Ser perseguido por causa de Jesus é uma verdade muito enfatizada no Novo Testamento: Jesus falou sobre esse tema, Paulo experimentou perseguições por ser seguidor de Jesus e o apóstolo João revela que os perseguidos por causa de Cristo e da Palavra de Deus serão recompensados. Alguns já foram e outros ainda serão mortos por serem seguidores de Jesus. No entanto, serão recompensados no julgamento final. Nenhum sofrimento ou morte por Jesus acontecerá em vão. Essa certeza deve acompanhar os que fazem parte da igreja de Cristo.

Ao longo da história da igreja, houve momentos em que ela era mais perseguida; outros, menos. Houve períodos em que a igreja se tornou perseguidora, principalmente através das Cruzadas, que “foram expedições militares promovidas pela cristandade ocidental com a finalidade de reagir à terra santa pelos muçulmanos”. (FERREIRA, 2013, p. 119). A primeira aconteceu em 1095, convocada pelo papa Urbano II. O ciclo das Cruzadas encerrou-se quando o exército cruzado foi derrotado pelos otomanos na batalha de Nicópolis, em 1396. Foi um período triste, em que a igreja cristã perseguia muçulmanos, invertendo a lógica de perseguição anunciada por Jesus.

Um pouco adiante, já no início da Idade Moderna, chega-se ao século XVI, objeto de pesquisa do presente trabalho. Nesse tempo, a igreja participava e se beneficiava bastante do sistema agrário feudal. Na Alemanha, a igreja controlava aproximadamente um terço das terras e exercia domínio sobre os camponeses. O alto clero da igreja participava da aristocracia europeia e era dependente das receitas produzidas pelos escravos e agricultores arrendatários. Os mosteiros também se beneficiavam da exploração do campo. A igreja tinha direito aos dízimos obrigatórios e aos impostos extraídos dos escravos e arrendatários de terras. Toda essa situação serviu para aumentar o ressentimento dos camponeses contra o clero. “O feudalismo trouxera muita opressão aos camponeses, os quais em seus ‘Doze Artigos’, de 1525,

pediram uma reforma dos abusos feudais, que podiam ser confirmados como abusos com base na autoridade das Escrituras”. (CAIRNS, 2008, p. 265).

Havia nesse tempo - principalmente na Alemanha, berço da Reforma Protestante - um sentimento de ressentimento do povo “comum” em relação à igreja. A igreja era vista como opressora e o clero como privilegiado às custas da população menos favorecida: como, por exemplo, os camponeses. Para esse grupo de pessoas, a reforma de Lutero não foi completa, mas muito conservadora, pois manteve os privilégios da igreja e do clero. O anseio de camponeses e outros menos favorecidos era por uma reforma que estabelecesse uma sociedade mais justa e igualitária.

Em 1525, a Guerra dos Camponeses - liderada por Thomas Münzter, aliado de Lutero no início da Reforma - evidenciou toda a frustração e revolta: “Müntzer liderou os camponeses na batalha de Frankenhausen, na qual foram massacrados. Ele mesmo foi capturado e decapitado”. (MCGRATH, 2012, p. 70). As autoridades, sob influência e apoio de Lutero, “massacraram aproximadamente cem mil camponeses”. (CAIRNS, 2008, p. 265). O movimento anabatista, da mesma forma, buscava uma comunidade mais solidária e justa, sem explorações. Esses grupos tinham em comum um sentimento anticlerical muito forte, pois se sentiam abusados pela igreja.

Ainda hoje há muita confusão de termos quando o assunto é o grupo denominado de anabatistas ou Menonitas. No início do movimento - surgido no século XVI, na Suíça, mais precisamente, a partir do ano de 1525 - os adeptos foram primeiramente chamados de “Irmãos Suíços” e, em seguida, foram pejorativamente chamados de anabatistas. Anabatista significa “batizar novamente”; e porque sua prática incluía o batismo de adultos, acabaram sendo chamados assim. “O nome anabatista foi-nos dado pelos que não estavam de acordo com nossas crenças. Era uma forma de zombaria, mas, assim como acontece hoje muitas vezes, a alcunha permaneceu”. (MARTÍNEZ, 1997, p. 13). Para um melhor entendimento e divisão, nesse trabalho, o período na Suíça será denominado de “fase 1” e será abordado no presente capítulo.

Somente alguns anos mais tarde, surge o nome “Menonitas”, denominando assim as pessoas que seguiam Menno Simons, um monge holandês que aderiu ao movimento anabatista. “Foi nesse contexto que o homem de quem o movimento anabatista no norte da Europa recebeu (involuntariamente) seu nome, Menno Simons, o qual surgiu como pastor para um povo sem liderança”. (WIENS, 2018, p. 14). Ele deixou a igreja oficial, unindo-se aos anabatistas no ano de 1536. A partir daí,

começou a pastorear e guiar pessoas que se uniam ao grupo de anabatistas na Holanda e norte da Alemanha, para onde fugiu devido às fortes perseguições que sofreu. O período sob a liderança de Menno Simons, a partir de 1536, será denominada “fase 2” e será melhor analisado no capítulo 6.

### 5.1 O INÍCIO: SOB A LIDERANÇA DE ULRICO ZUÍNGLIO

Os anabatistas são descendentes da reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero, na Alemanha, no ano de 1517. Ao contrário do que acontecia em Wittenberg - cidade que era o centro da reforma promovida por Lutero - no sul da Alemanha e Suíça, não havia uma cidade que concentrava o movimento. Nessa região, havia cidades-estados independentes, cada qual “com suas próprias leis, comércio e interesses religiosos”. (DYCK, 1992, p. 34). Nesse contexto, um reformador que se destaca é Ulrico Zuínglio - pregador e responsável pela Grossmünster, igreja da cidade suíça de Zurique - que rapidamente empolgou as pessoas porque diariamente pregava diretamente da Bíblia, continuando onde havia parado no dia anterior.

Zuínglio desejava mudanças radicais; seu objetivo também era reformar a igreja. Todavia, tinha certeza que suas ideias não seriam apoiadas pelos bispos ou autoridades da igreja na época. Em novembro de 1522, Zuínglio renunciou ao seu cargo de sacerdote da Igreja Católica Romana e rejeitou a autoridade da igreja sobre ele a partir daquele momento. Era esperado que automaticamente fosse excluído do Conselho dos Duzentos, grupo que governava a cidade de Zurique. No entanto, foi reintegrado a esse grupo, sob a autoridade do próprio Conselho. Essa manobra foi criticada pela Igreja Católica Romana, que não concordava com a participação de um herege no Conselho da cidade. Essa ação do governo, de nomear um pregador independente, marcou o início da Reforma da igreja suíça, rompendo com a igreja estatal.

Para remediar a acusação de ter nomeado um herege, o Conselho convocou um debate sobre as ideias de Zuínglio, cujo intuito era demonstrar que suas interpretações eram bíblicas. O debate acabou não ocorrendo: pois Johannes Faber, o enviado do bispo de Constança, responsável pela igreja de Zurique, afirmou que o Conselho de Zurique não tinha autoridade teológica para promover esse tipo de discussão. Como também não houve vozes contrárias à proposta de Zuínglio, ele foi reafirmado e instruído pelo Conselho a continuar pregando somente o “evangelho da

verdade”. Agindo assim, o Conselho enfatizava ainda mais a ruptura com a hierarquia romana e deixava claro que nomearia pregadores independentes, mesmo que fossem considerados hereges pela igreja oficial.

Com o passar dos meses, o Conselho entendeu que as pregações de Zuínglio eram cada vez mais revolucionárias e perigosas. Ele pregava contra a cobrança de juros. Também propôs substituir a missa católica por um culto evangélico. Em sua opinião, todas as gravuras e estátuas deveriam ser retiradas das igrejas. Sua intenção era celebrar uma Santa Ceia diferente no natal de 1523. A taça não seria mais exclusividade do sacerdote. O Conselho vetou as mudanças, afirmando que não haveria mudança nenhuma na missa. Zuínglio submeteu-se às recomendações do Conselho. Esta atitude, se por um lado agradou os governantes da cidade, trouxe também insatisfação a alguns discípulos próximos do seu grupo, principalmente alguns alunos de Zuínglio, que não tardaram em expressar suas insatisfações.

Os aliados de Zuínglio queriam mais reformas, mais independência do estado. Enxergavam, na submissão de Zuínglio ao Conselho, um caminho equivocado. Entendiam que a igreja deveria ser obediente somente a Deus, sem a obrigação de prestar contas aos governantes. No início, a discussão se baseou em uso ou não de túnicas pelo clero: os dissidentes entendiam que o uso de roupas especiais ressaltava a ideia de que a missa era um sacrifício. Também eram contra o uso de canções e orações prescritas.

O Conselho que governava a cidade de Zurique não aceitou essas mudanças e isso causou uma cisão entre Zuínglio e alguns de seus seguidores. Para esses, era mais importante seguir a Palavra de Deus, e não as orientações de um Conselho formado por políticos. Perceberam que o estado não estava disposto a fazer as reformas rapidamente, e isso os afastou cada vez mais de Zuínglio.

Além da insatisfação com a interferência do estado na igreja e com o ritmo lento das reformas realizadas por Zuínglio, outro ponto causou tensões com seus seguidores: discordavam do batismo infantil. Eles defendiam que a fé era uma resposta consciente de obediência e arrependimento. Para os seguidores de Zuínglio, esse princípio invalidava o batismo de bebês recém-nascidos. Para eles, o batismo infantil não passava de uma ação vazia e sem sentido, que somente “molhava as crianças”, porque elas não tinham consciência nenhuma do que estava acontecendo. Como não havia decisão consciente e arrependimento de pecados, o batismo infantil

não tinha razão de existir. O batismo servia de admissão da pessoa à igreja e tornava-a sujeita à disciplina da igreja.

Para esse grupo de dissidentes, a Reforma promovida por Lutero foi um bom começo, sua coragem era algo elogiável. No entanto, a reforma do monge alemão era incompleta, havia alguns temas que precisavam ser mudados e foram esquecidos. Eles “regozijaram-se com o trabalho que Lutero havia feito, porém, chamaram-na de Reforma semiacabada”. (DYCK, 1992, p. 32). Ao contrário de Lutero, os “Irmãos Suíços”, como primeiramente foram denominados, entendiam que Ceia não é sacramento: é um memorial da obra redentora de Cristo. Batismo infantil não salva; além do mais, Jesus não o recomendou, nem foi batizado como criança. A igreja primitiva não batizava crianças; portanto, o mesmo não deveria ser praticado.

Defendiam que somente adultos podem tomar o passo consciente do batismo para então fazer parte da igreja. Afirmavam ainda que a igreja é lugar de pessoas crentes em Jesus: os membros devem participar por arrependimento de pecados, não porque foram batizados algum dia como crianças. Naquela época, na Europa, todos, com exceção dos judeus, eram batizados e faziam parte da igreja, mesmo que sua conduta não mostrasse mudança de vida. Também defendiam a autonomia da igreja quanto à disciplina dos seus membros; os governantes, portanto, não poderiam se intrometer nessa questão. “Para eles, a igreja, de acordo com o Novo Testamento, deveria ser constituída somente de crentes”. (DYCK, 1992, p. 32)

Outro ponto marcante no grupo é que eram contra o uso da violência para a defesa do Evangelho. Preferiam sofrer e ser perseguidos ao invés de pegar em armas para sua defesa. Parece que estavam conformados: se a perseguição viesse, isso demonstraria que eram verdadeiros cristãos. Conrado Grebel, um dos integrantes, escreveu cartas para os líderes reformadores Martinho Lutero, André Carlstadt e Tomas Müntzer. Um trecho da correspondência enviada ao último relata que:

...o Evangelho e seus adeptos não devem ser protegidos pela espada, nem tampouco devem eles mesmos se proteger... Os verdadeiros crentes cristãos são ovelhas entre lobos, ovelhas para o matadouro; eles devem ser batizados na angústia e na aflição, na tribulação, na perseguição, no sofrimento e na morte; eles devem ser provados pelo fogo e devem alcançar a pátria do eterno descanso, não ao matar seus inimigos corporais, mas ao mortificar seus inimigos espirituais. Nem tampouco usam eles espadas e guerras mundanas, pois toda matança cessou com eles... (DYCK, 1992, p. 41).

Parece que esse primeiro grupo de anabatistas suíços não se importava em ser martirizado. Além de não utilizarem armas para se defender, esses anabatistas suíços iam ainda mais longe, não se importando ou até mesmo buscando e valorizando uma morte como mártir. Para eles, o destino dos verdadeiros cristãos era perseguição e morte, não havia outro caminho. Esse procedimento radical logo trouxe o rompimento com Ulrico Zuínglio, bem como perseguições e sofrimentos, como será destacado na sequência.

## 5.2 O ROMPIMENTO COM ZUÍNGLIO

No início de 1523, Guilherme Reublin já pregava contra o batismo infantil em Zolikon e Witikon, dois lugares no campo, próximos a Zurique. Sua atitude foi punida com prisão. Os habitantes do campo estavam insatisfeitos por pagarem tributos ao Conselho de Zurique e de não ter autonomia em suas paróquias. “O povo que morava nos arredores de Zurique ressentia-se de pagar o imposto urbano e do controle do Conselho da cidade sobre suas paróquias. O povo queria eleger seu próprio clero. O Anabatismo parecia apoiar muitas das aspirações dos camponeses”. (DYCK, 1992, p. 40). No final de 1524, o Conselho se preocupou com a questão do batismo infantil. A questão poderia criar dificuldades sociais, pois o imposto era cobrado após cada batismo. O batismo significava a entrada do bebê na igreja como cristão, e mais um contribuinte aos cofres do estado.

Zuínglio foi instruído a se reunir com os dissidentes para tratar do tema batismo. Após dois encontros, ele mesmo abortou o plano, alegando que achava perigosa a discussão com os que não concordavam mais com sua autoridade espiritual. Respondendo a uma solicitação de Felix Mantz, o Conselho de Zurique decidiu, em 18 de janeiro de 1525, que todas as crianças deveriam continuar sendo batizadas. Os pais que se recusassem deveriam ser expulsos das terras da cidade. A partir daquele momento, “a força seria usada para perseguir minorias religiosas nesta área”. (DYCK, 1992, p. 44).

Todavia, a determinação dos governantes, criada com o propósito de estancar as vozes contrárias e conter a rebeldia dos dissidentes, teve um efeito contrário. O batismo nem era o tema central no início das desavenças, mas tornou-se assunto fundamental após a decisão do Conselho de Zurique. Restaram dois caminhos ao grupo que não aceitava a determinação de Zuínglio: a aceitação ou o exílio. Uma

reunião para decidir o que fariam foi marcada para a noite do dia 21 de janeiro de 1525, na casa de Felix Mantz. Além dele, com certeza, estavam presentes Conrado Grebel e George Blaurock. Parece que ainda havia mais pessoas.

Após clamarem a Deus, para que tivesse misericórdia deles, Blaurock levantou e pediu que Conrado Grebel o batizasse. Conrado atendeu seu pedido e o batizou. Depois disso, batizou também os demais. “Logo após seu batismo, feito por Grebel, Blaurock batizou os outros que estavam presentes e estes, por sua vez, comprometeram-se a viver afastadas do mundo, a ensinar o evangelho e manter a fé”. (ESTEP, 2017, p. 14). O fato deste grupo questionar o batismo de infantes e promover o batismo de adultos, pois conscientemente tomavam este passo, os fez ser denominados “anabatistas” pelos seus opositores. “Anabatista é um nome inventado, que significa ‘rebatizadores’. Foi dado aos cristãos do século XVI que viam pouco valor no batismo de crianças, e, portanto, se batizavam quando adultos sob a confissão de fé”. (BECKER, 2010, p. 1).

Esta data, 21 de janeiro de 1525, marca o início oficial do anabatismo. Foi um marco, pois iniciava ali um grupo novo, uma igreja livre, não mais controlada pelo Estado. Pelo menos, essa era a expectativa dos chamados “irmãos suíços”. O batismo não foi planejado; aliás, pouco além do agendamento da reunião havia sido intencional. O grupo tinha certeza que tudo que aconteceu naquele encontro havia sido realizado pelo poder e presença do Espírito Santo.

O objetivo dos “irmãos” não era resistir ao decreto do Conselho; muito pelo contrário: faziam planos de compartilhar suas convicções recém-descobertas com outras pessoas. No entanto, não foi isso que aconteceu: Zuínglio e o Conselho de Zurique não tinham o mesmo entendimento. Os dissidentes - aqueles que desafiaram os governantes e sonharam com uma igreja livre - em muito pouco tempo, descobriram que seriam severamente perseguidos. Teriam que investir muito tempo tentando preservar suas vidas. Perceberam logo cedo que a perseguição seria um grande desafio a ser enfrentado pelo novo e reduzido grupo de irmãos. Desde o início, a perseguição é uma marca da igreja anabatista.

### 5.3 CONSEQUÊNCIAS DO ROMPIMENTO COM ZUÍNGLIO: PERSEGUIÇÃO, SOFRIMENTO E MORTE

Quatro importantes personagens anabatistas, três deles presentes à reunião de 21 de janeiro de 1525, foram severamente perseguidos: Conrado Grebel, Felix Manz, George Blaurock e Michael Sattler. Nem todos foram mortos, mas têm em comum a severa perseguição que sofreram. O que chama a atenção é que, apenas quatro anos após o surgimento do movimento, os quatro já haviam falecido. Três deles morreram após dois anos. Blaurock, foi o que teve sua vida um pouco prolongada, vivendo mais quatro anos após seu batismo como adulto. Conrado Grebel morreu em consequência da peste em agosto de 1526, em Maienfeld, Suíça. Felix Manz foi afogado em janeiro de 1527, em Zurique, na Suíça. George Blaurock foi perseguido e finalmente queimado na estaca em setembro de 1529, perto de Klausen, atualmente Chiusi, na Itália. Michael Sattler foi queimado em maio de 1527 na cidade de Rottenburg, à beira do rio Neckar, na Alemanha.

A partir de agora, será feita uma breve análise da história desses quatro importantes personagens, que tiveram um papel fundamental no início do movimento anabatista. A principal fonte de pesquisa será o livro “O espelho dos mártires dos anabatistas ou dos cristãos indefesos”. Thielemann Jantz van Braght, autor do livro, fez uma profunda pesquisa sobre os cristãos que foram perseguidos e morreram como mártires desde a época de Cristo até o ano de 1660. Van Braght era pastor na igreja Menonita de Dordrecht, Holanda. O livro foi publicado pela primeira vez no ano de 1660, em língua holandesa. Em 1685, surgiu a segunda edição em Amsterdã. A primeira edição em alemão foi produzida em 1748 e 1749, em Ephrata, na Pensilvânia, EUA. A presente pesquisa utilizará a sexta edição do livro em alemão, de 1870.

Provavelmente esta é a primeira e ainda a mais completa obra produzida quando o assunto é a perseguição de cristãos anabatistas/Menonitas. São aproximadamente 1400 páginas de histórias de cristãos que foram perseguidos e pagaram com suas vidas porque eram fiéis a suas crenças. Van Braght “reconhecia a necessidade de contar aos futuros cidadãos as histórias de fé de pessoas que não consideravam suas vidas mais preciosas que as verdades cristãs”. (BRAGHT, 1870, p. 32 da primeira parte).

O livro era muito importante para as famílias anabatistas que perderam seus entes queridos. “O Espelho dos Mártires é o livro mais importante após a Bíblia em muitas famílias.” (BRAGHT, 1870, p. 32 da primeira parte). O autor deixa claro que

um dos seus objetivos com o livro é fazer “uma descrição histórica dos santos mártires que sofreram por causa do batismo ou porque eram testemunhas de Jesus Cristo”. (BRAGHT, 1870, p. 43 da primeira parte). Há registro de aproximadamente 700 casos de perseguição e morte de anabatistas durante o referido período na obra.

A análise da vida dos quatro personagens será feita através de oito perguntas. Essas perguntas auxiliares já foram utilizadas no capítulo 1 para analisar a perseguição mencionada por Jesus. Agora, algumas serão ajustadas para o contexto dos personagens. A última pergunta (8) foi alterada. Aqui está formulada da seguinte maneira: Como terminou a perseguição? No capítulo anterior, a pergunta era: Qual a recompensa Jesus oferece ao perseguido?

1. Quem era o perseguido?
2. Por quem foi perseguido?
3. Quando (data) foi a perseguição?
4. Onde (local) foi a perseguição?
5. Por que (motivos) foi perseguido?
6. Como foi a perseguição?
7. Qual a reação do perseguido?
8. Como terminou a perseguição?

### **5.3.1 Conrado Grebel**

1. Quem era o perseguido?

Estep, um importante escritor sobre a história e teologia anabatista, faz a seguinte afirmação sobre o mesmo: “Conrado Grebel morreu pouco mais de um ano depois de ter instituído o batismo de crentes entre ‘os irmãos suíços’. De fato, seu ministério como pregador anabatista não durou mais de um ano e oito meses”. (ESTEP, 2017, p. 32). Van Braght não cita Grebel em sua obra, pois ele não morreu como mártir. Faleceu em decorrência da peste, provavelmente em 25 de agosto de 1526. Grebel foi muito importante ao movimento anabatista também porque participou do primeiro batismo de adultos. Isso aconteceu na noite de 21 de janeiro de 1525, quando, na casa de Felix Manz, Grebel, batizou a George Blaurock.

Grebel era considerado um erudito humanista boêmio e tinha se convertido em um entusiasmado evangelista. Era de família nobre, seu pai Jacob Grebel, serviu como magistrado em Grüningen, nas proximidades de Zurique (Suíça). Mais tarde,

Jacob fez parte do Conselho que administrava a cidade de Zurique. Por ser filho de um pai influente, Conrado teve oportunidades para estudar. Estudou em Zurique, na Basileia e, posteriormente, em uma universidade de Viena.

A partir de 1514, na Universidade da Basileia, estudou e morou numa bursa<sup>7</sup> sob a orientação do renomado humanista evangélico Glarean, que era um seguidor de Erasmo. Glarean desafiava seus alunos a serem seguidores de Cristo. No ano seguinte, Grebel abandonou a Basileia e foi estudar na universidade de Viena, sob a orientação do professor suíço Vadian, que era médico e professor de geografia. Ficou três anos em Viena e desenvolveu uma profunda amizade com seu mestre. Em 1519, Vadian se casou com a irmã de Grebel. Grebel se interessava muito pelos clássicos de latim e da nova disciplina de geografia.

O humanismo em Viena era parecido com o italiano: com pouca ênfase no Renascimento do Cristianismo e com nenhuma ênfase na moral. Grebel não obteve nenhum título, mas estava totalmente imerso no Renascimento italiano. Durante os três anos que ficou em Viena, Grebel se envolveu com brigas e mulheres. Das suas relações imorais com mulheres, foi infectado por uma doença que perdurou o resto da sua vida. Viena lhe proporcionou um grande ganho na vida intelectual; porém, também uma séria decadência na vida moral.

Após sua saída de Viena, rumou para Paris, para estudar com Glarean, seu professor da Basileia. Em Paris, permaneceu 20 meses, recheados de confusão e pouca dedicação aos estudos. Em três meses, foi expulso da bursa porque participava de brigas com alunos estrangeiros. Acabou se envolvendo em uma briga que provocou a morte de dois franceses. Houve períodos em que sofreu com sua saúde, convalescendo do seu “antigo problema” e de ansiedade. Depois de um ano e oito meses, retornou à casa de seu pai, em Zurique, em julho de 1520.

Parece que, em Paris, conseguiu somente iniciar seus estudos em grego e talvez hebraico. Quando retornou, era um jovem humanista sem qualquer motivação e ainda sem conhecer a Cristo. Tentou voltar à Basileia, mas retornou depois de dez semanas. Naquele momento, iniciou o estudo dos clássicos gregos, sob a orientação de Ulrico Zuínglio. Em novembro de 1521, já estavam lendo Platão. No começo de 1522, Felix Manz - outro que viria ser um líder anabatista – tornou-se o décimo participante desse grupo de estudos. No início, o interesse de todos era humanista.

---

<sup>7</sup> Bursa era um lugar que acolhia estudantes, também conhecido por república.

No entanto, Zuínglio incluiu estudos de grego e hebraico. Com isso, pretendia atrair para si jovens capazes e garantir apoio para seu programa de reforma.

Em 1522, contrariando os pais, casou-se com uma jovem chamada Bárbara, mulher de classe social mais baixa. Apesar do casamento complicado, teve uma conversão, um encontro com Jesus Cristo. Estep escreve sobre esta transformação: “Os detalhes da experiência não são conhecidos, mas ocorreu sem sombra de dúvidas. Os acontecimentos na vida de Grebel nos anos posteriores, apontam, sem receios, para uma transformação interna”. (ESTEP, 2017, p. 38).

Nesta mesma época, após três anos de reuniões de estudo com Zuínglio, a Reforma em Zurique avançava a passos largos. Em 29 de março do mesmo ano, Zuínglio pregou um sermão com o seguinte título: “A liberdade de escolha em relação à comida e à bebida”. Em sete de julho, Grebel e alguns amigos “foram acusados perante o Conselho da cidade de ocupar os púlpitos do mosteiro Domiciano e denunciar seus ensinamentos”. (ESTEP, 2017, p. 39). Nessa época, Grebel e seus amigos ainda estavam em unidade com Zuínglio, agindo em favor da Reforma em Zurique. Ainda no mês de julho, Grebel defendeu publicamente o evangelho e expressou o desejo de ser reconhecido como ministro religioso.

Parece que a primeira divergência entre Grebel e Zuínglio surgiu em um debate em 19 de dezembro de 1523. O tema era a Ceia do Senhor. Grebel defendia uma volta à simplicidade do tempo apostólico. No entanto, Zuínglio não permitiu nenhuma mudança na missa. Este fato deixou Grebel profundamente desgostoso; e iniciou seu distanciamento do reformador de Zurique. Estep percebe esta ruptura: “em 1524, ele (Grebel) estava claramente distanciado de Zuínglio”. (ESTEP, 2017, p.39). A partir da noite histórica de 21 de janeiro de 1525, Grebel e Felix Manz passaram a caminhar de casa em casa, evangelizando, batizando adultos e celebrando a Ceia do Senhor segundo a crença dos “irmãos suíços”. Grebel teve um ministério muito frutífero. Muitas pessoas foram batizadas em Zurique e arredores, como Schaffhausen e St. Gallen, onde provavelmente 500 pessoas foram batizadas.

## 2. Por quem foi perseguido?

Foi perseguido pelo Conselho da cidade de Zurique, liderado por Ulrico Zuínglio e St. Gallen.

### 3. Quando (data) foi perseguido?

A perseguição a Conrado Grebel foi breve, porque ele faleceu precocemente. Começou após a noite de 21 de janeiro de 1525 e terminou com sua morte, em agosto de 1526.

### 4. Onde (local) foi perseguido?

Grebel foi perseguido na Suíça, principalmente na região de Zurique, St. Gallen e Grüningen, povoado onde passou sua infância.

### 5. Por que (motivos) foi perseguido?

Parece que o principal motivo porque era perseguido foi o batismo de adultos. Quando condenado em Grüningen, foi condenado “pelo seu Anabatismo e pela sua conduta imprópria”. (ESTEP, 2017, p. 42). Zuínglio acusava os anabatistas de sedição. Ambos, Grebel e Felix Manz continuaram afirmando que o batismo de crianças era incorreto e que tinham convicção que o batismo de crentes era o sinal de ser membro na verdadeira igreja.

### 6. Como foi a perseguição?

Grebel, muitas vezes, foi obrigado a esconder-se. Tinha medo de aparecer publicamente, pois Zuínglio queria encarcerá-lo. Entre o final de abril e junho de 1525, manteve-se escondido, mantendo contato com seus irmãos por correspondência. A perseguição piorou muito seu estado de saúde e sua pobreza. Em 08 de outubro de 1525, foi detido em Grüningen. Após um mês encarcerados, Grebel e Blaurock foram julgados em 18 de novembro de 1525. A sentença os condenava à prisão na torre, com uma dieta de pão e água, por tempo indeterminado. Ninguém, com exceção dos guardas, podia visitá-los.

Após cinco meses de encarceramento, Grebel pediu que seu manuscrito feito na prisão fosse publicado. A reação foi forte. Em 5 e 6 de março de 1526, foi novamente julgado e, juntamente com outros acusados, condenado à prisão perpétua, em 07 de março. Nesse mesmo dia, o ato de batizar foi declarado um delito passível de pena de morte. Catorze dias depois, Grebel e outros prisioneiros conseguiram fugir. Apesar de continuar sofrendo perseguição pelas autoridades de seu cantão natal, Grebel e Felix Manz continuaram a pregar e batizar pessoas.

### 7. Qual foi sua reação à perseguição?

Grebel aproveitou o tempo na prisão para escrever um documento sobre o batismo. Segundo testemunhas, ele gostaria de debater com Zuínglio sobre o tema. Se Zuínglio fosse o vencedor, estava disposto a ser queimado. No entanto, ele não gostaria de ver Zuínglio queimado, caso ele próprio fosse o vencedor. Grebel entendia que não se deve usar a espada para a defesa da fé. Para ele, os cristãos não podiam empregar a espada nem a guerra, porque matar é completamente proibido. Mesmo condenado e perseguido, continuou pregando e batizando adultos. Grebel não foi condenado à morte, mas à prisão perpétua.

### 8. Como terminou a perseguição?

A perseguição terminou com a morte de Conrado Grebel. Vencido pela peste, faleceu provavelmente em 25 de agosto de 1526, em Maienfield. Essa localidade está a aproximadamente 100 km ao sudeste de Zurique.

## 5.3.2 Felix Manz

### 1. Quem era o perseguido?

Felix Manz foi muito importante nos primeiros momentos do anabatismo. Foi mais eloquente e popular que Grebel. Também foi o primeiro mártir anabatista, morrendo nas mãos de protestantes em Zurique, cidade onde também nasceu, provavelmente em 1498. Filho de um sacerdote católico romano da Grossmünster, catedral de Zurique, era bem instruído em latim, grego e hebraico. Em 1522, juntou-se ao grupo de Zuínglio para estudar o Novo Testamento grego.

Parece que a decepção de Manz com Zuínglio iniciou-se no debate de outubro de 1523. Os temas eram o uso de imagens e a missa, considerada abominação a Deus. A esperança era que a missa fosse transformada na prática da Ceia do Senhor. O grupo de seguidores de Zuínglio esperava que ele desse instruções ao Conselho da cidade quanto à abolição da missa. Todavia, no final das discussões, isso não ocorreu. Esta posição foi confirmada no debate seguinte, em 19 de dezembro de 1523. Felix Manz, assim como outros do grupo, perceberam que as mudanças desejadas não aconteceriam e que Zuínglio estava completamente rendido ao Conselho. Isso, com certeza, trouxe uma grande decepção, tornando a ruptura com Zuínglio inevitável.

Provavelmente, no final de 1524, um pequeno grupo de fervorosos cristãos, dissidentes de Zuínglio, havia começado a se reunir na casa de Félix Manz, na rua Neustadt, nas proximidades da Grossmünster. Muitas vezes, Manz liderava os estudos da Bíblia. Nesse mesmo local, foi realizado o primeiro batismo anabatista em 21 de janeiro de 1525.

2. Por quem foi perseguido?

Foi perseguido pelo Conselho da cidade de Zurique, liderado por Ulrico Zuínglio.

3. Quando (data) foi a perseguição?

Foi perseguido a partir do momento em que se posicionou contra Zuínglio e o Conselho da cidade de Zurique; e, mais intensamente, após o batismo de adultos realizado em sua residência, em 21 de janeiro de 1525. A perseguição perdurou até o dia da sua execução, em 05 de janeiro de 1527.

4. Onde (local) foi perseguido?

Manz foi perseguido na Suíça, principalmente na região de Zurique e Grüningen, locais onde foi encarcerado, julgado e morto.

5. Por que (motivos) foi perseguido?

Por causa de sua posição contrária a Zuínglio e ao Conselho da cidade de Zurique, Manz foi acusado por alguns de ser “revolucionário e animal” (ESTEP, 2017, p. 47). Foi sentenciado à morte porque era contrário à lei e aos costumes cristãos e se envolveu com o Anabatismo. Manz queria reunir os que desejavam se batizar e seguir a Cristo. Ele incentivava as pessoas a se separar da igreja cristã, a ponto de organizar uma “seita” própria.

6. Como foi a perseguição?

A primeira prisão aconteceu já em 30 de janeiro de 1525, quando - junto com George Blaurock, 24 batizados na região de Zollikon e outros que ainda não tinham sido batizados - foi preso no antigo mosteiro agostiniano em Zurique. Manz estava com Grebel e Blaurock quando estes foram presos em Grüningen, em 08 de outubro de 1525. Ele conseguiu escapar; porém, foi preso em 31 de outubro do mesmo ano e

encarcerado junto com seus dois companheiros no Castelo de Grüningen. Em seguida, os três foram presos na Torre da Bruxa em Zurique, de onde fugiram posteriormente. Foi preso novamente em 12 de outubro de 1526, desta vez em St. Gallen, praticamente um ano após sua primeira prisão em Grüningen. Foi colocado em liberdade pouco tempo depois; e novamente detido num bosque de Grüningen, dois meses depois. Esse foi seu último aprisionamento. Em 05 de janeiro de 1527, foi sentenciado à morte.

#### 7. Qual foi sua reação à perseguição?

Num primeiro momento, Manz tentou explicar sua posição em relação ao batismo de crentes perante o pequeno e grande Conselho da cidade de Zurique. Parece que o referido documento foi escrito entre 13 e 28 de dezembro de 1524, aproximadamente 4 a 6 semanas antes do primeiro batismo. Ele o fez por escrito porque, segundo ele, não o ouviram e não o deixaram expor os versículos bíblicos que apoiavam sua posição.

Em sua defesa, negou que tinha a intenção de tumultuar a ordem pública. Também defendia que o batismo de adultos não ameaçava de nenhuma forma a estabilidade do governo. Sua preocupação maior era praticar o batismo conforme ensinava o Novo Testamento. Por isso, citou várias passagens do Novo Testamento para dar fundamento à sua argumentação. Apesar do clima tenso em relação a Zuínglio e o Conselho da cidade, ia de casa em casa pregando, batizando e praticando a Ceia de maneira muito simples. Fez isso na região de Zurique, Zollikon, Chur e Appenzell; muitas vezes, acompanhado de Blaurock. Mesmo perseguido, Manz não deixava de agir nos intervalos de liberdade entre suas prisões, sua atitude não mudou.

Mesmo em direção ao local de sua execução, Manz não cessava de louvar a Deus. Louvava que, apesar de pecador, morreria pela verdade. Também declarou que o batismo de crentes era o verdadeiro batismo segundo a Palavra de Deus. A voz da sua mãe podia ser ouvida, incentivando o filho a permanecer fiel a Cristo neste momento de prova.

#### 8. Como terminou a perseguição?

A perseguição terminou com seu afogamento em 05 de janeiro de 1527. Ele foi levado da prisão de Wellenberg em direção ao barco, que estava à beira do rio Limmat. O barco o levou a uma cabana de pescadores, ancorada no meio do rio. Suas

mãos e pernas foram amarrados e, em seguida, foi jogado dentro do rio gelado. O autor Van Braght indica que a condenação e execução se deu durante o ano de 1526. “Felix Manz foi executado por afogamento em Zurique, o primeiro martírio de um anabatista pelas mãos de um governo protestante”. (ESTEP, 2017, p. 66)

### 5.3.3 George Blaurock

#### 1. Quem era o perseguido?

George Blaurock era suíço, nascido no povoado de Bonaduz, aproximadamente em 1491. Era filho de camponeses; mas, mesmo assim, conseguiu estudar na Universidade de Leipzig (Alemanha) por um curto tempo. Esses estudos não lhe interessavam muito. Em 1516, já era sacerdote vicário em Trins, na diocese de Chur: ficou dois anos nesta função. Em 1524, já casado, chegou a Zurique como um ex-sacerdote boêmio, que queria aprender mais sobre a Reforma suíça.

Era de alta estatura, não impressionava pelos seus conhecimentos, mas por seu zelo e entusiasmo. Foi ele que pediu o batismo na casa de Félix Manz, tornando-se o primeiro adulto batizado do novo grupo, na noite de 21 de janeiro de 1525. Nunca foi um profundo teólogo, mas um pregador incansável; muitas vezes, afoito e destemido. Provavelmente, por isso sofreu grande perseguição; todavia contribuiu muito para a expansão da fé anabatista.

#### 2. Por quem foi perseguido?

Foi perseguido pelo Conselho da cidade de Zurique, liderado por Ulrico Zuínglio. Após sua saída da Suíça e estada na Áustria, foi perseguido pelo arquiduque Fernando da Áustria, que era o irmão mais novo do Sacro Imperador Romano-Germânico, Carlos V.

#### 3. Quando (data) foi a perseguição?

Foi perseguido a partir de quando se posicionou contra Zuínglio e o Conselho da cidade de Zurique; e, mais intensamente, após seu batismo, realizado em 21 de janeiro de 1525. A perseguição perdurou até o dia da sua execução, em 06 de setembro de 1529.

#### 4. Onde (local) foi a perseguição?

Blaurock foi perseguido na Suíça, principalmente na região de Zurique e Zollikon, que fica a aproximadamente 7 km de distância. Depois, foi perseguido em Berna e em Biel, na região de Berna.

#### 5. Por que (motivos) foi perseguido?

A primeira prisão se deve ao fato de ter interrompido um culto em uma igreja reformada de Zollikon, no dia 29 de janeiro de 1525. Ele alegou ter sido enviado a pregar a Palavra no lugar do ministro local. Em seguida, foi ao púlpito e pregou. A segunda prisão ocorreu no mesmo povoado, porque Blaurock estava pregando e batizando muitas pessoas ali. Em Grüningen, também foi preso por se apoderar de um púlpito em uma igreja. Era impetuoso, lançando maldições contra Zurique e seus “falsos profetas”. Já na Áustria, foi sentenciado à morte pelos seguintes motivos:

Por ter abandonado seu ofício de sacerdote papista, por não ter mantido o batismo de infantes e ter pregado um novo batismo para as pessoas; por ter rejeitado a missa e a confissão conforme foram instituídas pelos sacerdotes; por deixar de invocar ou adorar a mãe de Cristo. (BRAGHT, 1870, p. 54 - segunda parte)

#### 6. Como foi a perseguição?

A primeira prisão ocorreu em 30 de janeiro de 1525, quando - na companhia de Manz, 24 batizados na região de Zollikon e outros que ainda não tinham disso batizados - foi preso no antigo mosteiro agostiniano em Zurique. A segunda prisão não tardou: ocorreu em 16 de março do mesmo ano, após um suposto debate individual com Zuínglio e pessoas que o apoiavam. Zuínglio, como de costume, foi declarado vencedor sobre os anabatistas. Blaurock e sua esposa, junto com outras quatro pessoas, foram banidos do cantão. Em julho, teve problemas em Chur, onde foi preso e rapidamente colocado em liberdade graças à ação de amigos. Em outubro, foi preso em Grüningen.

No dia da execução de Felix Manz, (5 de janeiro de 1527), foi selvagemmente espancado com varas. Foi despido até a cintura e espancado pelo carrasco até o sangue escorrer pelas suas costas. Depois desse episódio, dirigiu-se à Berna, onde Zuínglio debateu com ele e outros anabatistas para tentar convencê-los do seu erro. A tentativa não teve êxito, e Blaurock e seus companheiros foram expulsos de Berna.

O mesmo aconteceu em Biel, Grisones e Appenzell, onde foi detido e deportado em 22 de abril.

Cansado das severas perseguições e punições em solo suíço, foi para a região do Tirol, na Áustria. Lá se tornou pastor de uma igreja anabatista no Vale Adige, que havia perdido seu pastor, queimado preso a uma estaca. Teve muito sucesso: multidões ouviam suas pregações, eram batizadas e novas igrejas foram implantadas. Em 14 de agosto de 1529, Blaurock e o leigo Hans Langegger foram colocados sob custódia pelas autoridades de Innsbruck, na Áustria. Foram cruelmente torturados e, em 6 de setembro de 1529, foram queimados na estaca na região de Klausen, atualmente Chiusi, na Itália.

#### 7. Qual foi a reação do perseguido?

Blaurock era sincero e tinha um sentido de urgência muito apurado. Quando libertado da primeira prisão, acelerou suas atividades. Não parava de pregar e batizar pessoas. Os últimos atos de Blaurock na prisão, foram escrever uma carta, um breve sermão e dois hinos. Nestes escritos é visível e marcante o louvor a Deus, mesmo diante da morte iminente. Sua fé no juízo final de Deus permaneceu inabalável. Ele ainda incentivava a conversão das pessoas através do arrependimento e fé.

#### 8. Como terminou a perseguição?

A perseguição terminou quando foi queimado na fogueira, em 6 de setembro de 1529, nas proximidades de Klausen, no Tirol, Áustria.

### **5.3.4 Michael Sattler**

#### 1. Quem era o perseguido?

Por volta de 1490, nascia Michael Sattler, em Stauffen, no Breigsau, nas proximidades de Freiburg, na Alemanha. Provavelmente era um pároco no mosteiro de São Pedro, um claustro beneditino na floresta Negra. Parece que dominava o latim e, talvez, o grego e hebraico. No mosteiro, estudou as epístolas paulinas e isso “aumentou sua insatisfação com o vício e a hipocrisia de seus colegas monges.” (ESTEP, 2017, p. 60), e o fez romper com o mosteiro e a igreja de Roma. Havia uma rebelião dos camponeses na região naquela época. Sattler deixou o mosteiro no dia

que os camponeses o ocuparam, em 12 de maio de 1525. Os camponeses, entre eles alguns anabatistas, exigiam justiça.

A trajetória dele é obscura, não se tem muitas informações sobre como se conectou com os anabatistas. Parece que, até novembro de 1525 não havia se juntado aos irmãos suíços em Zurique. Provavelmente foi batizado entre maio de 1525 e agosto de 1526. Em algum momento, casou-se com Margaretha, reconhecida como uma mulher talentosa, inteligente e uma cristã fiel. Como passou por lugares ao sul da Alemanha, na divisa com a Suíça, por onde andavam Grebel, Manz e Blaurock, provavelmente observou e teve contato com os anabatistas.

Após sua deportação de Zurique, foi a Estrasburgo buscar apoio de outros reformadores, entre eles: Martin Bucer e Wolfgang Capito. Esses não concordaram com sua posição contra o batismo infantil, mas sua conduta e espírito pacífico os impressionaram. Ele não foi expulso da cidade, foi embora por livre vontade. Após sua partida, escreveu uma carta a Bucer e Capito, chamando-os de “irmãos em Deus” e pontuando suas divergências teológicas. Também pediu a libertação de anabatistas que estavam presos em Estrasburgo. Não agia de forma radical, como Grebel e seus companheiros.

A convite de Wilhelm Reublin, trabalhou na região de Rottenburg, sul da Alemanha. Conseguiu ganhar vários convertidos, organizou várias igrejas nas casas e, provavelmente, escreveu cinco tratados para orientar e edificar os novos membros das igrejas. A tradição indica que foi o autor da Confissão de Fé de Schleithem, a primeira confissão anabatista da história. Não há provas contundentes que escreveu essa declaração. O que existe é uma carta dele endereçada à uma igreja da cidade de Horb. Anexa à correspondência, vai a primeira versão escrita Confissão de Fé. Essa é uma das evidências de que estava presente e até mesmo liderou a reunião na cidade de Schleithem, em 24 de fevereiro de 1527, ocasião em que foi elaborada a Confissão de Fé dos anabatistas. Como era uma pessoa muito capaz, rapidamente se tornou um líder muito respeitado pelos participantes do movimento.

A Confissão de Fé de Schleithem foi um marco muito importante: pois, pela primeira vez, ordenou e registrou o que os diversos e dispersos anabatistas criam. Esse importante documento teológico reuniu os princípios fundamentais da fé anabatista, tratando igualmente da ordem e da disciplina dentro das congregações. Temas como: batismo, excomunhão, a Ceia do Senhor, a separação do mundo, os pastores, a espada e os juramentos são contemplados. Tinha o propósito de instruir

os seguidores contra as heresias e fazer uma clara distinção para as igrejas reformadas, lideradas por Zuínglio e Calvino. Outro objetivo era criar normas que ajudariam a igreja a perseverar em meio à perseguição.

A reunião secreta para a formalização da confissão foi realizada em Schatten am Randen, nas proximidades de Schaffhausen. Ela se tornou marcante por um motivo a mais: o encontro foi descoberto pelas autoridades de Rottenburg. Então, quando Sattler, sua esposa Margaretha e outros irmãos retornaram a suas residências, foram presos pelas autoridades governamentais em Horb. Em seguida, foram transferidos para a torre de Bindsdorf. Desde o início, os anabatistas experimentaram uma violenta e implacável perseguição.

## 2. Por quem foi perseguido?

Foi perseguido pelas autoridades austríacas. O arquiduque Fernando da Áustria havia declarado que o terceiro batismo (afogamento) era a melhor resposta contra o Anabatismo. Devido a sua posição de liderança entre os anabatistas, o rei havia sugerido que Sattler fosse afogado imediatamente.

## 3. Quando (data) foi perseguido?

A perseguição a Michael Sattler foi relativamente curta, do início do ano de 1527, até o dia da sua execução, em 20 de maio de 1527.

## 4. Onde (local) foi perseguido?

Sattler foi deportado de Zurique. Em seguida, dirigiu-se a Horb, na cidade de Rottenburg, no sul da Alemanha, onde as perseguições não só continuaram, como se acentuaram.

## 5. Por que (motivos) foi perseguido?

A acusação contra Sattler, feita durante seu julgamento, em 17 de maio de 1527, era composta por nove itens:

1. Que ele e seus discípulos agiram contra o decreto do imperador.
2. Ele ensinou, afirmou e acreditou que o corpo e o sangue de Cristo não estão presentes em seu sacramento.
3. Ele ensinou e acreditou que o batismo de infantes não promovia a salvação.
4. Ele rejeitou o sacramento da unção.
5. Ele desprezou e insultou a mãe de Deus e condenou os santos.
6. Ele declarou que os homens não devem jurar perante um magistrado.
7. Ele iniciou um novo e desconhecido costume com relação à Ceia do Senhor, pondo o pão e o vinho num prato,

comendo-o e bebendo-o. 8. Contrário à norma, ele se casou. 9. Ele disse que se os turcos invadissem o país, não deveríamos resisti-los, e que se ele aprovasse a guerra, lutaria contra os cristãos, e não contra os turcos, embora seja um assunto de muita gravidade incentivar os maiores inimigos da nossa fé contra nós mesmos. (BRAGHT, 1870, p. 38 – segunda parte).

#### 6. Como foi a perseguição?

Na carta que escreveu da prisão, relata que sofreu várias acusações. Foi ameaçado com a forca, com a fogueira e com a espada. Durante o julgamento, o clima era tenso. Um secretário o ameaçou, afirmando que tiraria sua vida ali mesmo. Enquanto os juízes deliberavam, Sattler foi ameaçado e ridicularizado. Sua morte foi muito cruel. Na praça da cidade, o carrasco cortou sua língua; em seguida, foi amarrado a um vagão e - com um alicate de ferro incandescente - foram arrancados dois pedaços de seu corpo. Quando chegou ao local da execução, antes de ser queimado na fogueira como herege, foram arrancados mais cinco pedaços do seu corpo. Em seguida, foi amarrado a uma escada e jogado no fogo.

#### 7. Qual foi sua reação à perseguição?

Mesmo preso, Sattler não demonstrou amargura. Numa carta escrita da prisão à sua igreja em Horb, enfatiza o amor como principal motivação da vida cristã. Seus argumentos sobre o amor estavam fundamentados na epístola aos Romanos, capítulo 13, 8-10. Mesmo à beira da morte, estava preocupado com o bem-estar das ovelhas. Ela anima a igreja a continuar sua caminhada com alegria e alerta que a carta pode ser sua despedida. Pede que cuidem com os falsos irmãos e orem pelos encarcerados.

Durante o julgamento que o condenaria à morte, manteve-se calmo, sereno e tranquilo, mesmo após ouvir as acusações. Ele se defendeu das acusações e solicitou uma oportunidade para debater as Escrituras com os juízes, no idioma que eles escolhessem. Os juízes riram do pedido e o ameaçaram, afirmando que o carrasco discutiria com ele. Em resposta, Sattler afirmou: “Faça-se a vontade de Deus”. No caminho para o local da execução, ainda orou pelos seus perseguidores. Antes de morrer, exortou os juízes a se arrependem e se converterem. Em seguida, orou e levantou os dedos indicadores para indicar que a morte do mártir era suportável. Suas últimas palavras, segundo pessoas que estavam próximas foi: “Pai, em tuas mãos encomendo o meu espírito”.

#### 8. Como terminou a perseguição?

A perseguição terminou após ser condenado a morrer na fogueira em 18 de maio de 1527. No dia 20, foi massacrado e queimado na fogueira, na cidade de Rottenburg, Alemanha.

A breve análise da vida de Conrado Grebel, Felix Manz, George Blaurock e Michael Sattler evidencia claramente as perseguições, sofrimentos e até morte a que foram submetidos. Provavelmente, nem eles imaginaram que suas vidas seriam devastadas e que eles passariam por tamanhas angústias após a reunião de batismo de 21 de janeiro de 1525. Nas páginas seguintes, os motivos de tamanha perseguição serão melhor analisados. É preciso uma análise mais detalhada para um melhor entendimento do porquê de tamanho sofrimento.

#### 5.4 BATISMO DE ADULTOS: SEU SIGNIFICADO NO SÉCULO XVI

Não é difícil perceber que o principal motivo que levou os primeiros líderes anabatistas, os chamados “Irmãos Suíços”, serem perseguidos e perderem sua vida, foi o batismo. Atualmente, é difícil imaginar alguém ser condenado por causa da forma de batismo que pratica. O que para eles significava condenação à morte, hoje, com raras exceções, não leva mais ninguém a uma condenação tão severa. O que de tão grave havia no simples ato de praticar o batismo de adultos, que pessoas eram sacrificadas por causa dessa prática? Para evitar uma confusão com nomenclaturas, a partir desse momento, esse grupo será denominado de anabatistas.

Para um melhor entendimento da perseguição aos anabatistas, é fundamental uma compreensão do significado do batismo na época em que viveram, o século XVI. Havia um claro descompasso do que o mesmo significava na época para o estado e igreja oficial, e o que os anabatistas entendiam sobre o tema. O batismo materializava as ideias anabatistas. Era através dele que os princípios anabatistas e a discordância com os outros grupos se evidenciaram. O batismo de adultos escancarava o ideal anabatista: a igreja deveria ser livre. Independente do estado e formada somente por pessoas que conscientemente se tornassem seguidoras de Jesus.

Os anabatistas propuseram uma ruptura mais profunda. Com o batismo, rompiam com o estado e com a igreja oficial da época. Os outros reformadores ativos naquele momento, Lutero e Zuínglio, promoveram somente a ruptura com a igreja, e

não com o estado. Cada um deles tinha alguma ligação e proteção dos governantes. A ligação da igreja com o estado vinha de longa data. O imperador Constantino, no século IV, havia sido o primeiro a oficializar o Cristianismo como a religião oficial do Império Romano. A partir de então, igreja e estado começaram uma caminhada conjunta; e essa união levantava críticas dos anabatistas.

Para um melhor entendimento do papel do batismo na crença anabatista, é necessária uma breve reflexão do que diferenciava os anabatistas dos outros grupos reformadores. O batismo, na realidade, evidenciava um outro grande sonho e diferencial deste movimento: uma igreja livre da intervenção do estado, uma igreja que priorizasse a obediência à Deus, o único dono da comunidade. “O batismo significava a aceitação do crente na qualidade de membro e na disciplina da congregação cristã”. (DYCK, 1992, p. 41). O batismo, que incluía o crente em uma igreja e não ao estado, demonstrava obediência à Deus.

Os anabatistas propuseram uma mudança profunda no entendimento do batismo. Ele não é mais considerado um meio para obtenção de graça, mas tão-somente um memorial: “os sacramentos da tradição cristã não são considerados como meios de graça, mas tão-somente memorial dos atos salvíficos de Deus, através dos quais o fiel presta testemunho de sua fé e compromisso com Cristo e sua igreja”. (KLEIN, 2005, p. 287). Esse raciocínio está em acordo com o pensamento de Zuínglio, que desconstrói os sacramentos, considerados apenas sinais e símbolos de realidades.

## 5.5 SEPARAÇÃO ENTRE IGREJA E ESTADO: SEU SIGNIFICADO NO SÉCULO XVI

Apesar de o batismo ser a principal causa da forte perseguição sofrida pelo movimento anabatista no século XVI, o sonho de formar uma igreja livre, independente do estado, também contribuiu para isso. Além de ser um ideal anabatista, a separação era uma consequência imediata da negação do pedobatismo. Não batizando os bebês, o movimento automaticamente rompia com o estado e também com uma tradição que já durava muitos séculos. Batismo de adultos e separação da igreja do estado estavam intimamente ligados e, apesar de aparentemente serem dois princípios anabatistas diferentes, o primeiro obrigatoriamente levava ao segundo. Nesse ponto, o objetivo é verificar como era a união da igreja e do estado e porque a posição anabatista era inédita mesmo entre os outros movimentos de reforma.

Mesmo com a dissolução do Império Romano do Ocidente, que iniciou com a derrota do imperador romano Flávio Rômulo Augusto em 4 de setembro de 476, parece que a união da igreja com o estado era uma ideia que perdurou. Muitos séculos mais tarde, quando a igreja estava sob o comando do papa Inocêncio III (1198 a 1216), o poder político da igreja aumentou ainda mais. Em outubro de 1198, através do decreto “Sicut universitatis conditor”, o papa estabeleceu o princípio da subordinação do estado à igreja. O argumento para tal resolução: “Da mesma forma como Deus estabeleceu luminárias “maiores” e “menores” no céu para governar o dia e a noite – referência ao sol e à lua – também Deus ordenou que o poder do papa excedesse qualquer monarca”. (MCGRATH, 2012, p. 24, 25).

No século XVI, a atual Alemanha, berço da Reforma Protestante, integrava o Sacro Império Romano Germânico, que era o remanescente do antigo Império Romano. Esse Império de caráter feudal durou do ano 800 ao ano 1806. No auge, era formado pela Alemanha, Áustria, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, República Checa e República Eslovaca e Eslovênia. Além disso, incluía também uma porção do leste da França, o norte da Itália e uma parte do Oeste da Polônia. Além da Alemanha de Martinho Lutero e posteriormente também de Menno Simons, a Holanda - país natal de Simons - também fazia parte desse império, formado por uma centena de condados, ducados, principados e cidades imperiais.

Esse “império nascera cristão e o imperador tinha a responsabilidade honrosa de defender a igreja. A Europa estava então definida entre o império (poder temporal, ou secular), a igreja (poder espiritual) e as monarquias locais (com certo status de ducados)”. (NETO, 2016, p. 91). Nesse império, somente o papa podia coroar um imperador, que tinha mais prestígio que os monarcas locais, todavia sempre disputava com o papa quem tinha mais poder. Havia uma forte integração entre a igreja e o estado, pois havia dois poderes muito fortes: o poder temporal, representado pelo imperador do Sacro Império e o poder espiritual, representado pelo papa.

Com o passar do tempo, no final da idade Média, principalmente a partir do século XIV, houve um crescimento do sentimento de pertencimento local, o que fomentou o nascimento das novas nações-estado no noroeste da Europa. Elas se opunham à ideia de uma igreja e um poder temporal universal que reivindicava o controle sobre a nação. Havia uma insatisfação com a subordinação ao papa, que intervinha nos assuntos religiosos e temporais. O que também alavancou as ideias da valorização individual, tanto de pessoas como nações, foi a influência do

Renascentismo, impulsionado pelo humanismo. A Reforma Protestante foi motivada por inúmeros fatores, e entre eles, um que se destaca, é o ideal nacionalista.

Uma reforma na igreja era desejada por várias pessoas. Muitos haviam tentado, mas fracassado em seus propósitos, alguns pagando muito caro, pois foram mortos. Entre os que foram sacrificados estão: Girolamo Savonarola (Itália, 1498) e Jan Hus (República Tcheca, 1415). John Wycliffe (Inglaterra, 1384) e Pedro Valdo, (França, 1205) os quais fizeram reformas locais promissoras, mas não foram mortos por isso. O objetivo inicial de Martinho Lutero também era propor reformas na igreja. No entanto, sua tentativa de reforma acabou gerando uma grande ruptura com a igreja romana oficial, pois ele discordou do papa. A história da Reforma é muito complexa e envolve muitos aspectos, já muito pesquisados e explorados em inúmeros livros. Todavia, o que interessa para essa pesquisa é a relação da Reforma com os dois poderes dominantes na época: a igreja, representada pelo papa e o poder temporal, representado pelo imperador e seus representantes locais.

Lutero, com sua oposição às práticas da igreja, principalmente contra as indulgências, acabou rompendo com o papa, ou seja, com a igreja. Como o papa tinha uma unidade e um poder grande sobre o imperador, certamente a ruptura com o estado seria o caminho natural. No entanto, o imperador Carlos V, que governou o Sacro Império Romano de 1500 a 1558, estava muito ocupado em resolver assuntos mais urgentes naquela época. Os turcos, que professavam a fé muçulmana, avançavam continuamente sobre a Europa desde a tomada de Constantinopla, em 1453. Portanto, o imperador estava muito empenhado em deter o avanço dos muçulmanos e não dedicou muitos esforços para impedir a propagação das ideias de Lutero.

Alguns debates (Lepizig, 1519) e dietas (Worms 1521) para discutir e condenar as ideias de Lutero foram convocados (FERREIRA, 2013, p. 161). Todavia, percebe-se claramente que o imperador tinha problemas mais urgentes e graves para resolver. Parece que o fato de focar a invasão muçulmana - e não priorizar a resolução do conflito com Lutero - gerou uma “janela de oportunidades” importante para o reformador alemão. O elo entre a igreja (papa) e estado (imperador) estava momentaneamente enfraquecido e isso dificultou o combate às ideias reformistas, gerando uma grande ocasião para Lutero. Aliado a isso, também havia uma grande insatisfação do povo alemão com a obrigação de enviar recursos à Roma. Lutero mesmo, em sua visita a Roma, tinha ficado chocado com o que havia presenciado:

No inverno de 1510 e 1511, sua ordem o enviou a Roma a negócios. Lá ele viu um pouco da corrupção e da luxúria da Igreja Romana e começou a compreender a necessidade de uma reforma. Passou muito tempo visitando igrejas e vendo as numerosas relíquias que estavam em Roma. Ficou chocado com a leviandade dos sacerdotes italianos, capazes de rezar várias missas enquanto ele rezava uma. (CAIRNS, 2008, p. 259, 260).

Parece que a decepção de Lutero com a igreja oficial era a mesma do povo alemão. E a publicação das 95 teses na porta da igreja do Castelo de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, externou esses sentimentos comuns e ocultos até aquele momento. A atitude também serviu de combustível para que essa insatisfação ganhasse forma e volume. O povo e os governantes locais aderiram às suas ideias; e a reforma tomou corpo. O príncipe Frederico, que governava a Saxônia e era eleitor do imperador, rapidamente apoiou Lutero. Tanto que, quando a vida do reformador estava em perigo, após a dieta de Worms, em 1521, Lutero foi sequestrado e escondido no Castelo de Wartburg. Essa manobra só foi possível graças à intervenção de Frederico e outros príncipes alemães. Sem essa ajuda do estado local, provavelmente, Lutero teria tido o destino de tantos outros considerados hereges: a morte.

Em 1546, quando o imperador Carlos V finalmente estava livre para lutar contra os protestantes alemães, as ideias de Lutero já tinham se espalhado e a tarefa de acabar com o movimento já não era mais tão simples. Lutero faleceu em 1546; então, coube a Melanchton assumir a liderança do movimento. De 1546 a 1552, aconteceram as lutas do Império contra os protestantes alemães, denominadas guerras Schmalkádicas. A disputa só terminou com o tratado de paz de Augsburg, em 1555. Esse acordo concedeu ao luteranismo igualdade legal com o catolicismo romano na Alemanha. “Ao príncipe cabia determinar a religião em seu território, mas aos dissidentes seria dado o direito de emigrar”. (CAIRNS, 2008, p. 266).

Conforme já mencionado anteriormente, aos olhos anabatistas, a Reforma Luterana teve êxito ao se libertar da igreja romana oficial. No entanto, apesar de também conseguir autonomia em relação ao poder temporal maior: o Império, continuava amarrada ao poder temporal menor, pois tinha o respaldo dos príncipes da região onde estava estabelecida. “Ao longo da Idade Média, a igreja romana desenvolveu uma Teologia que justificava o batismo de crianças, por aspensão e,

recém-nascida e batizada, no contexto da Cristandade, a criança já fazia parte tanto da Igreja quanto da sociedade". (NETO, 2016, p. 101).

Com certeza, a cobertura do estado dava segurança à igreja, ainda mais numa época em que a força bélica muitas vezes era utilizada para obrigar as pessoas a aceitarem determinadas ideias. Com a prática do batismo infantil, o estado coagia e tirava a liberdade das pessoas. Na Europa, no século XVI, através da prática do pedobatismo, todos eram considerados cristãos. Isso independia da decisão e da vontade pessoal e criava uma igreja imposta à força, onde ninguém precisava crer em Jesus e mudar de vida, como as Escrituras Sagradas ensinam. A proposta anabatista era totalmente nova e radical. O batismo de adultos, e não de crianças, além de incluir a liberdade de decisão das pessoas e a necessidade de gerar uma mudança de vida, significava a separação da igreja do estado. Isso era revolucionário e perigoso, pois causaria o rompimento de uma união que já durava aproximadamente 1200 anos: desde o século IV, com o imperador Constantino.

## 5.6 BATISMO DE ADULTOS E SEPARAÇÃO ENTRE IGREJA E ESTADO: A EXPLOSIVA UNIÃO QUE IMPUSLIONA O SURGIMENTO DO ANABATISMO

No início do século XVI, quando a Reforma chegou à Suíça, incentivada e conduzida por Ulrico Zuínglio, o território suíço era o mais livre de toda Europa. Apesar de oficialmente fazer parte do Sacro Império Romano, era formada por 13 cantões em que cada um tinha a liberdade de se desenvolver como república autogovernada. Naquela época, já havia um espírito democrático nos cantões, e cada qual estava livre para decidir qual religião seguir. Por esse motivo, a Suíça era o lugar mais propício e tolerante ao surgimento de novas ideias.

Como já mencionado no ponto 5.2, Zuínglio foi fundamental para que a Reforma acontecesse em território suíço. Todavia, é um personagem que gera diferentes reações nos anabatistas. Assim como Lutero, é reconhecido por ter tido coragem de romper com a igreja romana oficial. Por outro lado, gera grande decepção: por não ter aprofundado a reforma, rompendo com o estado. É verdade que, por sua posição de maior independência com relação ao Sacro Império Romano, não teve grandes dificuldades de se desvencilhar desse; porém, estava preso ao Conselho da Cidade de Zurique, do qual o próprio Zuínglio fazia parte. Como já relatado, essa insistência foi o estopim para o surgimento do anabatismo.

Zuínglio e Lutero tinham pontos de vista bastante divergentes em alguns pontos; no entanto, concordavam que uma igreja sem apoio estatal não tinha condições de sobreviver. Parece que Zuínglio deixou de defender o batismo infantil porque previa que essa atitude levaria as pessoas a perderem suas cidadanias. Ele entendeu que a reforma só poderia prosperar com o apoio do estado. Esse foi o motivo porque seus alunos Conrado Grebel e Félix Mantz romperam com ele e iniciaram um movimento mais radical, que defendia a ruptura com a igreja romana oficial e com o poder temporal.

Zurique - cidade suíça onde Zuínglio residia e trabalhava na igreja - decidiu, em janeiro de 1523, que a igreja da cidade seguiria fielmente à “Palavra de Deus”. Outra decisão importante é que a interpretação da Bíblia ficaria a cargo do Conselho da cidade. Nem o papa e nem Zuínglio, mas o Conselho da cidade - formado por representantes eleitos pelos cristãos da cidade - interpretaria a Bíblia e daria direção aos fiéis. Os conselhos das cidades substituíram os antigos governos patrícios. No caso de Zurique, o conselho contava “com cerca de 200 representantes, escolhidos pelas associações comerciais para governar a vida toda, e pelo Pequeno Conselho, formado por cinquenta representantes selecionados pelo Grande Conselho e pelas associações”. (MC GRATH, 2012, p. 40). Esse modelo de administração, adotado por outras cidades da região, facilitava a propagação das ideias reformistas.

A autoridade religiosa foi transferida do papa para os cidadãos das cidades, tornando a religião democrática. Zuínglio participava de debates em outras cidades para convencê-las a adotar as ideias reformistas. Berna, Basileia, Genebra e Saint Gallen aderiram aos princípios defendidos por Zuínglio. Conforme já mencionado, o fato de a igreja continuar vinculada ao estado - algo muito parecido com o que aconteceu com a Reforma de Lutero - desagradou a alguns alunos de Zuínglio, que se separaram e deram origem a um grupo: chamado, primeiramente, de “Irmãos Suíços” na Suíça; depois, “anabatistas”, porque praticavam o rebatismo. Esse grupo sonhava com mais: gostaria de ter uma igreja completamente livre da intervenção estatal.

## 6 A PERSEGUIÇÃO AOS MENONITAS DO SÉCULO XVI NA HOLANDA E ALEMANHA – FASE 2

Após a primeira fase, na Suíça, surge, mais ao norte, Menno Simons - o líder e organizador na segunda fase - atuando na expansão do movimento na Holanda e no norte da Alemanha. Apesar de não ter sido morto, Simons também foi perseguido porque praticava o batismo de adultos. Sem dúvidas, é a figura mais conhecida do movimento anabatista, que inclusive dá origem ao nome da maior igreja que se formou do movimento. Ele nunca quis que seus seguidores fossem conhecidos como “Menonitas”. Também não participava do movimento desde a sua origem, em 1525, na Suíça. Ele era um monge católico holandês, que aderiu ao movimento anabatista oficialmente em 1536. Pertenceu a uma fase posterior do anabatismo, não vivia na Suíça. Era holandês, que posteriormente fugiu para o norte da Alemanha. Acredita-se que se ele não tivesse surgido, o movimento anabatista provavelmente teria sucumbido e deixado de existir, tamanha oposição e perseguição que enfrentou. Foi um personagem importante para a expansão do movimento.

Simons não tinha nenhum título, não era tão estudado como outros reformadores. Tinha um perfil mais “pastoral”, pois “reunia os irmãos, batizava os que criam, fundava igrejas, celebrava a Ceia, comissionava pastores, e em momentos oportunos, registrava por escrito seus pensamentos”. (EDITORIAL, 2013, p. 15). O que tem em comum com os pioneiros do movimento na Suíça é que também sofreu muita perseguição. O que o difere, é que não foi morto: faleceu idoso e de causas naturais. Também não estava disposto a morrer passivamente como mártir. Teve mais tempo para escrever e instruiu seus seguidores sobre como entender teologicamente a perseguição, como não desanimar e seguir em frente. Entre uma e outra fuga - e principalmente no final da sua vida, quando teve um pouco de paz - conseguiu registrar algo sobre Teologia, aquilo que acreditava e ensinava.

Atualmente, sua biografia e todos seus escritos estão publicados em um livro denominado: “Die Schriften des Menno Simons”, que traduzido, significa: “Os escritos de Menno Simons”. Essa publicação será a importante fonte primária a ser utilizada a partir de agora, pois os escritos de Menno Simons formam a maior parte da obra. Esse livro de aproximadamente 1200 páginas relata a vida e reúne todos os escritos teológicos conhecidos de Simons.

Essa obra, publicada em língua alemã em 2013, é a mais atual, mais completa e mais confiável pesquisa já produzida sobre o ainda muito desconhecido Menno

Simons que se tem conhecimento. Como já mencionado na introdução, foi fundamentada em outras obras mais antigas: uma alemã de 1876, uma em holandês de 1681 e uma em inglês de 1956 e atualizada em 1984. Por esse motivo, e pela grande dificuldade de se encontrar outras obras confiáveis a respeito de Menno Simons, optou-se por utilizar essa publicação como referência principal, e utilizar outras publicações, quando disponíveis, como apoio.

Os próprios editores desta obra de 2013, relataram que seu trabalho foi árduo e difícil, mas muito importante para tornar Menno Simons mais conhecido no meio teológico. As “expressões antigas e a estrutura dos livros antigos” (MOUSSAULT, 2013, p. 17), tornaram o trabalho ainda mais desafiador. Esses mesmos desafios foram enfrentados também por essa pesquisa, apesar do esforço dos editores alemães em produzir um texto mais atualizado e entendível nos dias atuais. No ponto 6.4, o objetivo será verificar o pensamento teológico de Menno Simons sobre a perseguição. Para extrair e entender o pensamento de Simons, será utilizado um dos seus escritos, denominado “A cruz dos santos”, também integrante do livro “Os escritos de Menno Simons”. Esse texto é um verdadeiro tesouro, muito desconhecido, mas muito útil para orientar minorias perseguidas.

Normalmente sua vida estava a prêmio; por isso, ninguém sabe qual era sua aparência. Simons também sempre fez questão de apontar para Jesus: portanto, não queria a honra das pessoas que com ele caminhavam. Tinha um lema em sua vida: “Em palavra ou ação, que Jesus seja o único a ser visto”. (MOUSSAULT, 2013, p. 19). Sua grande contribuição foi organizar o movimento, o que trouxe a expansão mais ao norte da Europa. Teve mais tempo, e um pouco mais de tranquilidade, entre uma fuga e outra, para organizar igrejas, registrar a Teologia do grupo e corrigir distorções e equívocos. Era um homem decidido e seguro.

## 6.1 BIOGRAFIA DE MENNO SIMONS

Menno Simons nasceu em 1496, em uma vila chamada Witmarsum, na Frísia, Holanda. Foi dedicado ao serviço na igreja romana oficial pelos pais e, por isso, muito cedo, foi internado em um mosteiro próximo à sua casa, provavelmente o mosteiro Franciscano de Bolsward. “Foi aqui que Menno se dedicou por longos anos aos exercícios espirituais exigidos pelos monges, bem como aos estudos tradicionais requeridos aos candidatos do alto ofício do sacerdócio... ele aprendeu a ler e escrever

bem o latim e também a ler o grego”. (BENDER, HORSCH; 2015, p. 1). Não chegou a ser professor ou doutor; mas fez o exame e, em março de 1524, foi reconhecido como sacerdote da igreja católica.

No mesmo ano, foi destinado como vigário na vila de Pingjum, terra natal de seu pai, e distante aproximadamente 3 km de Witmarsum. Além dele, havia dois outros sacerdotes na paróquia e sua função era auxiliar o padre da vila. Apesar do cargo, Simons afirma que nunca tinha lido a Bíblia até aquele dia. Levava uma vida pouco comprometida com a posição que ocupava: gastava tempo com jogos, bebidas, linguajar impróprio e vaidades. Após dois anos de trabalho na igreja em Pingjum, teve sérias dúvidas com relação à transubstanciação. Começou a ler a Bíblia atentamente e descobriu que o pão e o vinho não se transformavam no corpo e sangue de Cristo, mas somente lembram os cristãos da obra de Cristo na cruz. Sendo assim, o ensinamento que tinha recebido não era verdadeiro e começou a estudar com dedicação a Palavra de Deus.

Em 20 de março de 1531, aconteceu outro fato que trouxe perturbações a Simons. Nessa data, na cidade de Leeuwarden, foi decapitado um homem chamado Sikke Snijders. Seu crime: no natal de 1530, havia sido batizado como adulto, em Emden, na Alemanha. Simons começou a pesquisar o tema batismo na Bíblia, e não encontrou fundamentos para o batismo infantil. Foi conversar com o padre, seu superior que, após longas discussões, finalmente reconheceu que o batismo infantil não tinha base bíblica. Não conformado, Simons pesquisou os pais da igreja e o que os reformadores falavam sobre o tema: Lutero, Bucer (Estrasburgo) e Bullinger (discípulo de Zuínglio). Decepcionado, chegou à seguinte conclusão: “Eu percebi claramente, que também com relação ao batismo infantil fomos enganados”. (SIMONS apud WÖLK, 2013, p. 32).

Ainda em 1530, após sete anos de trabalho em Pingjum, Simons recebe um convite e volta à sua terra natal, agora como o padre principal da paróquia de Witmarsum. Ficou cinco anos, que ele descreve como sendo anos em que procurou seu próprio benefício, conforto, reconhecimento e honra das pessoas. Para ele, foi um período “escuro” da sua vida. Apesar disso, estudava com esmero, continuava lendo os pais da igreja e os reformadores. Dava especial atenção a Erasmo de Roterdã e principalmente à Bíblia, já que dominava o latim.

O anabatismo foi trazido à Holanda por Melchior Hoffmann, um ex-seguidor de Lutero que foi um dos líderes da tragédia em Münster<sup>8</sup>. Ele teve contato com anabatistas em Estrasburgo, na França, mas foi expulso da cidade em 1530. “No mesmo ano seguiu em direção ao norte da Alemanha, propagando a mensagem anabatista”. (WÖLK, 2013, p. 33). Na sequência, em companhia de Jan Trypmaker, percorreu a Holanda com a mensagem anabatista. Era uma figura controversa, nunca foi reconhecido pelos anabatistas suíços. Pelo contrário: em um debate, em 1538, eles repudiaram publicamente qualquer ligação com Hoffmann, cuja pregação enfatizava que a segunda vinda de Cristo estava à porta, e que as pessoas precisavam se converter com urgência. Também pervertia o Evangelho e propagava heresias que não eram pregadas por nenhum reformador. Por isso, os anabatistas suíços não o reconheciam.

Contudo, na Holanda, muitas pessoas aderiram às suas pregações e foram batizadas, pois provavelmente o único ponto que compartilhava com os anabatistas era o batismo de adultos, mediante a fé pessoal. Também aqui foram chamados pejorativamente de “anabatistas” por seus opositores. Eles, ao contrário, se autodenominavam: “igreja da aliança”, porque entendiam que com o batismo “correto” formavam uma verdadeira aliança com Deus. A mensagem dos anabatistas também chegou aos ouvidos de Menno Simons, numa época em que ele lia muito a Bíblia e questionava vários ensinamentos da igreja oficial. Ele também já tinha desenvolvido laços de amizade com os irmãos Obbe e Dirk Phillips, que haviam sido batizados em 1533.

Naqueles dias, a fé anabatista era pouco estruturada e muito confusa. Havia várias vertentes e, inclusive, heresias sendo propagadas. Na Suíça, onde o movimento havia surgido, os principais líderes já haviam sido assassinados, não tiveram tempo para escrever nada. As comunidades clandestinas que se reuniam às escondidas tinham como maior preocupação preservar suas vidas. Não tinham tempo, nem ânimo e provavelmente nem conhecimento suficiente, pois, em geral, eram formadas por pessoas menos favorecidas e camponeses. Por isso, quando Hoffmann surge, na Holanda, falando como um anabatista, suas ideias são confusas, recheadas de opiniões pessoais e heréticas. O crescimento do movimento anabatista em solo holandês é desordenado, confuso e recheado de heresias.

---

<sup>8</sup> Um levante sangrento de um grupo de anabatistas fanáticos e hereges, nessa cidade alemã, em 1534. Mais detalhes, mais à frente, ainda nesse tópico.

Dois episódios sangrentos marcaram profundamente a vida de Menno Simons e sua relação com o anabatismo. O primeiro aconteceu numa vila holandesa denominada Bolsward, distante aproximadamente 9 km de Witmarsum. Lá, em 30 de março de 1535, um grupo de 300 entusiastas anabatistas, influenciados por “profetas” de Münster, tomou um mosteiro denominado “Oldeklooster”. Imagens foram destruídas, a hóstia foi pisoteada e os monges foram expulsos sem violência. Soldados foram chamados para retomar o mosteiro: vinte e quatro homens invasores foram enforcados; quinze, decapitados. Os que sobraram foram mortos no interior do mosteiro; mulheres e crianças foram afogadas. Entre os mortos estava Peter Simons, irmão de Menno, que ficou profundamente abalado com o acontecido. Mais tarde, Menno Simons confessou que o sangue dessas ovelhas enganadas se tornaram um fardo muito pesado para ele. Ele se lamentava porque não as advertiu contra as ideias erradas. “O episódio no mosteiro de ‘Oldeklooster’, deixou Simons profundamente abalado”. (WÖLK, 2013, p. 35).

Enquanto isso, a cidade alemã de Münster havia sido tomada, desde o início de 1534, por outro grupo de sonhadores anabatistas, liderados por Jan van Leiden e Gerrit von Kloster. Eles eram discípulos de Melchior Hoffmann, que havia perdido a liderança do grupo durante sua prisão. Van Leiden substituiu Jan Matthys, líder do grupo que tomou a cidade e expulsou todos os “infiéis”. Jan van Leiden se coroou como o rei da cidade após a morte de Matthys. Durante seu “reinado”, foi instituída a comunhão de bens entre casais e a poligamia. Autodenominava-se “o segundo rei Davi” e decapitava seus oponentes. A cidade foi cercada pelas tropas do bispo Franz von Waldeck. A fome começou a apertar e, em maio de 1535, mulheres e crianças foram liberadas da cidade. Simons ficou indignado quando escutou sobre a situação e imediatamente escreveu uma dura carta de advertência a Jan van Leiden. Na carta, alertava que cristãos jamais podem utilizar a espada para defender a sua fé. Semanas mais tarde, as tropas do bispo retomaram o controle da cidade.

Simons ficou profundamente chocado com essas catástrofes e facilmente poderia ter desistido de aderir ao movimento anabatista, que ele já acompanhava há cerca de dez anos. Motivos para isso não faltavam. Ele nunca defendeu a violência ou uso de armas. Para ele, isso era detestável; e, lamentavelmente, ocorrera em ambos os casos. No entanto, Simons tomou o caminho contrário: passou a lutar contra esse movimento fanático com todas suas forças. Visitando as pessoas e advertindo contra as heresias proclamadas pelo grupo. Continuou pregando na paróquia de

Witmarsum, alertando contra a tragédia que havia ocorrido em Münster. Fez uma profunda meditação sobre o Salmo 25. Em meio à crise interna que o assolava, chegou a afirmar: “Eu me ajoelhei perante imagens esculpidas e fundidas e exclamei: ‘Salva-me, você é meu Deus’”. (WÖLK, 2013, p. 37). Após muito tempo de meditação e luta, num domingo, 30 de janeiro de 1536, decidiu deixar a igreja oficial romana e aderir ao movimento anabatista.

Assim, Simons deixou Witmarsum. E, no outono europeu do mesmo ano, foi batizado por Obbe Phillips e uniu-se a um pequeno grupo de irmãos liderado por ele. Também casou com uma mulher chamada Geertruida. Tiveram várias filhas e um filho, Jan. Imediatamente, Simons continuou a pregar e a batizar adultos. Não demorou muito para que Obbe Phillips o procurasse e sugerisse que ele se tornasse o líder da igreja anabatista na Holanda. Simons pediu um tempo para orar a respeito. Estava preocupado com sua saúde e com as perseguições que certamente viriam. Após uma segunda consulta, ele entendeu que não poderia deixar as ovelhas sem pastor, andando errantes e sendo enganadas por falsos profetas. O convite foi aceito e “Obbe Phillips, na cidade de Groningen, impôs as mãos sobre ele, o reconhecendo como líder principal da igreja”. (WÖLK, 2013, p. 39).

Não muito tempo depois, um duro golpe: Obbe Phillips deixa a igreja. Ele - que fora o líder desde a tragédia de Münster, que batizou e introduziu Simons como líder - agora deixa a igreja. Mesmo assim, Simons não se abalou: continuou firme, determinado a conduzir o rebanho. Todavia, não tardou para que as perseguições contra os anabatistas piorassem. Assim como havia acontecido no início, na Suíça, a história se repetia na Holanda. Anabatistas eram queimados e decapitados; inclusive, alguns dos que foram batizados por Menno Simons. Ele próprio teve que fugir de Groningen; pois, em 21 de janeiro de 1539, as autoridades editaram uma lei condenando à fogueira todos os anabatistas, incluindo mulheres e crianças. A partir de então, começou sua vida de fugitivo. Vagava de local a local para preservar sua vida e a de sua família. Ficar escondido era uma necessidade, não havia outra saída. Ele estava indignado com as autoridades. Como podiam matar tantas pessoas inocentes que não faziam mal a ninguém? Somente queriam viver sua fé em paz, não fazendo mal a nenhuma pessoa.

Na Holanda, sua situação ficou insustentável. Vivia escondido, pois sua cabeça estava a prêmio. A recompensa para delatá-lo, 100 Carolus-Gulden, valia quase duas vezes mais do que seu salário anual no primeiro ano como vigário, de 60 Carolus-

Gulden. Certa vez, estava viajando em uma carroça, que foi parada para verificações. O policial perguntou se ali viajava o senhor Menno Simons. Então, ele imediatamente se pôs em pé e perguntou aos desconhecidos que viajavam com ele: “Menno Simons está nesta carroça”? (WÖLK, 2013, p. 41). Como todos negaram, a viagem seguiu tranquilamente.

Provavelmente, no início de 1543, chegou ao norte da Alemanha, no estado da Frísia Oriental. Lá ainda não havia perseguição, pois, a governadora Anna von Oldenburg permitia liberdade religiosa. Inclusive, a igreja luterana funcionava no estado. Nesse lugar, em 1544, os anabatistas, foram recebidos como pacíficos e denominados pela primeira vez como “Mennisten”, ou os “Menonitas”, seguidores de Menno.” Essa observação foi feita em uma carta escrita por Anna von Oldenburg”. (WÖLK, 2013, p. 42). O objetivo da correspondência era diferenciar os Menonitas de outros grupos que eram tratados como “sonhadores”. No entanto, infelizmente para Menno e seus seguidores, a paz não durou muito. Já em 1544, a mesma governadora, sob pressão do governo central, foi obrigada a editar um decreto contra os anabatistas. Simons teve que deixar o estado no verão do mesmo ano.

Após ser obrigado a deixar a Frísia, Simons seguiu em direção à Colônia. Lá encontrou proteção, pois o arcebispo da cidade tinha simpatia pela Reforma e pregava segundo a Teologia Protestante. Apesar de ter a aprovação do povo, o papa e o imperador não gostavam disso. Menno Simons ficou dois anos na cidade em que não era perseguido: batizava adultos e visitava igrejas anabatistas na região. Tudo mudou em 16 de abril de 1546, quando o arcebispo foi deposto por Roma, e um novo, simpático ao papa, foi empossado. Sendo assim, os protestantes tiveram que deixar a cidade; entre eles, Simons, sua esposa doente e seus filhos menores.

Nos anos seguintes, viveu uma vida de fugas, vagando de cidade em cidade, entre as quais: Lübeck, Emden e Goch. Apesar de todas as dificuldades, seguia consolando e animando seus irmãos na fé. Pregava, batizava, servia a Ceia do Senhor. Cada vez mais, experimentava que cristãos sinceros podem sofrer muito por seguirem a Jesus. Em 1549, conseguiu hospedagem no sótão de Claes Jans Brongers, que foi decapitado seis semanas mais tarde. O motivo: havia sido batizado por Menno Simons. Não era a primeira vez que alguém que havia recebido e sido batizado por Simons pagava com sua própria vida. A perseguição e morte se estendiam àqueles que se deixavam batizar por ele.

Juntamente com seu amigo holandês Dirk Philips, no verão de 1549, empreendeu uma longa viagem à Prússia Ocidental. Naquela região, havia muitos anabatistas refugiados vindos da Holanda. Após um tempo em Lübeck, próximo à cidade de Hamburgo, em 1553, Simons fixou residência em Wismar - cidade que, desde 1524, era luterana. Toleraram a presença de Simons durante um ano, apesar de não receberem bem pessoas que tivessem um pensamento diferente. Enquanto estava lá, aconteceu que um navio de reformados ingleses ficou preso no gelo, próximo ao porto. Os luteranos da cidade negaram ajuda, pois os naufragos eram pessoas de outra religião. Os Menonitas, indignados com tamanha indiferença, foram ao encontro das vítimas do navio e os acolheram com pão e vinho. Apesar de sua pobreza, também ofereceram alguma ajuda financeira, que não foi aceita. A ajuda foi oferecida “para trazer conforto e força a para os doentes e cansados”. (WÖLK, 2013, p. 47).

Passados alguns dias, o pastor reformado Backerel, que estava junto com o grupo, chamou Simons para uma disputa sobre a humanidade de Cristo e o batismo. Martin Micron foi outro reformado que entrou na disputa contra Simons. Inclusive Calvino foi consultado, e ele respondeu, “dizendo que Simons era um burro e um cachorro”. (WÖLK, 2013, p. 47). O resultado da disputa e agitação foi prejudicial aos dois grupos: ambos foram expulsos da cidade. Os anabatistas tinham prazo para sair até 11 de novembro de 1554. Em 1 de agosto de 1555, seis cidades da região proibiram a presença deles. A partir de então, Simons achou um lugar seguro na cidade de Holstein, numa vila denominada Wüstenfelde, na propriedade de um senhor chamado Bartholomäus von Ahlefeldt.

Bartholomäus havia morado na Holanda em sua juventude e acompanhado o martírio dos anabatistas. Sempre ficava impressionado com a sua fé e os reconhecia como um povo pacífico. Ele permitiu que morassem em suas terras, em troca de um valor anual. Sua propriedade chamava-se Fresenburg e, em pouco tempo, estava repleta de anabatistas que procuravam um lugar seguro para viver. O rei Christian III da Dinamarca, autoridade do local, nunca interveio contra; e, assim, Menno Simons teve um lugar de residência fixo onde pôde viver em paz seus últimos sete anos de vida. Enquanto os outros reformadores - Lutero, Zuínglio e Calvino - sempre tiveram proteção do estado, Simons não teve a mesma sorte. Por causa de sua convicção – a igreja deve existir separada do estado - foi perseguido praticamente a vida toda e teve que lutar arduamente por sua sobrevivência.

Jamais conseguiu dar uma vida digna à sua família. Sua esposa faleceu antes que ele, já antes de 1558. Também seu filho e algumas filhas não suportaram a vida difícil e faleceram antes que ele. Em Fresenbug, ele teve o auxílio de uma gráfica. Assim, pôde escrever e publicar alguns trabalhos. Sua saúde foi se deteriorando com o passar do tempo. Também sofria com os problemas entre seus irmãos na fé. Faleceu em 31 de agosto de 1561<sup>9</sup> e foi enterrado por seus vizinhos em seu próprio quintal. Sua sepultura nunca mais foi encontrada.

## 6.2 BATISMO DE ADULTOS: O PRINCIPAL MOTIVO DE PERSEGUIÇÃO A MENNO SIMONS

Se existe algo que não mudou da fase 1 ou primitiva do anabatismo para a fase 2 ou de expansão do anabatismo, do qual Menno Simons é o personagem principal, é o motivo para tanta perseguição: o batismo de adultos. Conforme se percebe claramente na descrição de vida de Simons, seus problemas começaram quando decidiu ser “rebatizado” e aumentaram muito quando ele próprio batizou outros. Alguns que por ele foram batizados pagaram com suas próprias vidas. Recusar o batismo infantil e batizar adultos: no século XVI, era muito perigoso. “Embora, hoje em dia, esse ato não pareça especialmente corajoso, naquele tempo era. Recusar o batismo infantil e rebatizar as pessoas era ilegal por ser considerado heresia e sedição” (OLSON, 1999, p. 427).

Ao defender com grande convicção o batismo de adultos, parece que Simons estava olhando exclusivamente para a Bíblia e para o que cria. Não estava levando em conta que isso, na prática, significaria o rompimento da igreja com o estado e poderia resultar em perseguições e mortes, assim como ocorrera na Suíça. Para ele, a salvação genuína sempre deveria estar acompanhada de arrependimento consciente dos pecados. A fé em Jesus implicava em uma conversão de vida radical que iniciava com a regeneração e incluía a santificação. “Como o batismo é um testemunho da regeneração e um compromisso de discipulado, não pode anteceder a salvação” (OLSON, 1999, p. 435).

Simons defendia que o próprio Jesus ordenou o batismo baseado na fé da pessoa. Só pode ser batizado quem crê em Jesus (Mc 16,16). Os apóstolos também

---

<sup>9</sup> De acordo com Wölk, 2013, p. 50.

só batizavam pessoas mediante a fé (At 8,37-38). Ele entendia que as exigências do batismo não podiam ser cumpridas por crianças (Rm 6,4; Cl 2,12). Fé genuína e consciente em Jesus não podia ser expressada por bebês e crianças. Para ele, outro problema era que qualquer cidadão europeu no Sacro Império Romano era considerado cristão, mesmo que não tivesse expressado sua fé consciente em Jesus. O batismo infantil proporcionava esse grande erro, segundo Simons. “Pois a fé não é consequência do batismo, mas o batismo é consequência da fé” (SIMONS, 2013, p. 268).

Como o batismo poderia ser realizado somente após a conversão e demonstração de fé genuína em Cristo, na prática anabatista, ele marcava a entrada da pessoa no corpo de Cristo. O batismo infantil torna impossível saber quem pertence verdadeiramente à igreja e quem não. Isso era o que vinha acontecendo na igreja oficial romana e nas demais igrejas reformadas, as Luteranas e as que seguiam Zuínglio na Suíça. Esse era um princípio anabatista fundamental, que Simons também defendia; e, por isso, era perseguido.

No entanto, parece que suas convicções estavam acima do seu medo de ser perseguido ou morto em virtude das suas crenças. “Nós ensinamos o batismo baseado na fé... esse batismo confirmamos e defendemos com nosso bem e nosso sangue; pois acreditamos verdadeiramente que a Escritura, que ilumina nossos pés (Sl 119,105), confirma que esse batismo é uma ordenança do Senhor”. (SIMONS, 2013, 664-665). Por essas palavras, pode-se deduzir que ele estava disposto até a morrer pelos princípios em quais acreditava. Se precisasse pagar com a própria vida por acreditar que o batismo de adultos era o correto, sem dúvidas, ele o faria. Agindo assim, Simons se mostrava muito fundamentado em suas convicções e, como os “Irmãos Suíços”, também fez jus ao nome por qual os anabatistas eram conhecidos: “os radicais”. Provavelmente, sua radicalidade e/ou teimosia foram fundamentais para que o movimento anabatista não sucumbisse a tamanha perseguição nos anos iniciais.

### 6.3 EXEMPLOS DE PERSEGUIÇÕES A MENNO SIMONS

Conforme já mencionado acima, após deixar a igreja oficial romana, no início de 1536, as perseguições começaram a atormentar a vida de Simons. Na Holanda, foram oferecidos 100 Gulden para quem o denunciasse. Era difícil viver dessa

maneira, não tinha liberdade para ir e vir: pois, a qualquer momento e em qualquer lugar, poderia ser reconhecido, preso e morto. Seu nome, dicas sobre suas roupas e detalhes sobre sua aparência eram fixadas em forma de cartazes em portas de igrejas. Ainda assim, ele nunca foi morto, faleceu de morte natural, em 31 de agosto de 1561. Essa é a parte mais impressionante de sua história, viveu muito tempo; segundo ele, graças a proteção divina.

Outro detalhe interessante é que, nos últimos anos de vida, foi protegido por um homem que era temido por muitos. Bartholomäus von Ahlefeldt, que reconhecidamente era uma pessoa com má fama e avaliado como horrível pela sociedade, permitiu que os anabatistas vivessem em suas terras. Dessa maneira, Fresenburg se tornou um refúgio para muitos perseguidos, e também para Simons. Não deixa de ser irônico que, nas terras de um homem reconhecidamente mau, ele finalmente encontrou a paz em seus últimos anos de vida.

Algo que causava ainda mais sofrimento a Simons é não poder dar um lar seguro à sua frágil esposa e filhos menores. Em seus relatos, ele afirma que as perseguições duraram dezoito anos: "... tive que enfrentar ansiedades sem medida, pressões, tristezas, miséria e perseguições, tive que viver com perigo de vida e muito medo". (SIMONS, 2013, p. 62). Ele não tinha vida social, vivia escondido e com medo de ser descoberto. Até mesmo o latido de cachorros deixava sua família em pânico, pois poderia ser o anúncio da chegada das autoridades. Enquanto outros pregadores eram exaltados, ele era considerado um herege sedutor, que desviava as pessoas do caminho correto. Esse isolamento e uma vida debaixo de ameaças, fugas e constantes perseguições, sem nenhuma liberdade, aumentava bastante seu sofrimento.

A vigilância e perseguição à Menno Simons eram tão fortes e implacáveis que atingiam até mesmo pessoas do seu convívio. Ter contato ou hospedá-lo já era motivo suficiente para ser punido com a morte. Bastava receber um dos seus seguidores para que a condenação à morte fosse decretada. Em 8 de fevereiro de 1539, Tjaert Reyndertz e outras quatro pessoas foram condenadas por terem hospedado Menno Simons alguns dias em Leeuwarden, Holanda. Até mesmo os inimigos de Tjaert reconheciam que ele era uma pessoa correta e santa. Eram tempos muito complicados e perigosos para os anabatistas:

Era um tempo em que a tirania e perseguição aos cristãos tementes a Deus era muito forte e desprovida de qualquer compaixão. Os invejosos papistas, que odiavam a verdade, espalhavam desenhos dos melhores professores e líderes da igreja de Jesus Cristo nos portões e lugares públicos. Eram oferecidas recompensas em dinheiro para aqueles que os denunciassem aos juízes e autoridades. (BRAGHT, 1870, p. 85 da primeira parte).

Nessa época, Simons já era uma das mais destacadas figuras do anabatismo holandês. Por isso, sua vida corria constante perigo. Em suas pregações e ensinamentos, defendia com convicção o batismo de adultos e se opunha intensamente ao batismo infantil. Por volta de 1543, saiu um decreto na Frísia Ocidental, Holanda, incentivando todos os criminosos a caçarem Menno Simons. Quem conseguisse trazê-lo às autoridades teria perdão dos seus atos pelo imperador. Também receberia uma recompensa de cem “Karlsgulden”, a moeda local. Por causa de tamanha perseguição na Holanda, Simons foi para o norte da Alemanha, no estado da Frísia Oriental.

Em consequência dessa resolução, Simons e sua família passaram por grandes privações. Até mesmo comprar algo era difícil, pois cartazes com a descrição da sua pessoa estavam espalhados por muitos lugares. Quem ousasse ser misericordioso com a família era severamente castigado. Em 1546, um homem teve quatro casas confiscadas, por ter alugado uma delas por pouco tempo para a esposa e os filhos menores de Menno Simons. Analisando as situações perigosas enfrentadas, percebe-se que o preço pago por se manter fiel aos princípios nos quais acreditava foi muito alto.

Havia, inclusive, delatores comprados pelas autoridades que se faziam passar por anabatistas e seguidores de Simons, somente para denunciá-lo. Digno de nota é que, mesmo assim, nunca conseguiram caçá-lo. Certa vez, um delator, na companhia de uma autoridade, chegou a cruzar com Simons pelo caminho. No entanto, segundo seu relato, não conseguiu falar para denunciar o procurado. Parecia que sua língua estava travada. Quando finalmente conseguiu dar o alarme, Simons já havia desaparecido nos campos. Obviamente, a história do denunciante não convenceu as autoridades e ele foi decapitado. Menno Simons acreditava que Deus sempre o protegeu das investidas dos seus inimigos. Ele cria que Deus aprovava seu trabalho, pois, apesar de forte perseguição, sua vida sempre era poupada.

#### 6.4. O PENSAMENTO TEOLÓGICO DE MENNO SIMONS SOBRE A PERSEGUIÇÃO

Como já muito explorado, o movimento anabatista foi muito perseguido. Desde o início, na Suíça (fase I), foi assim. A partir do surgimento de Menno Simons, primeiro na Holanda e depois na Alemanha (fase II), a perseguição continuou. Analisando a dureza e a violência com que foram perseguidos pelo estado, igreja romana oficial e outros movimentos reformados, parece que o objetivo era acabar com o movimento. Atualmente há aproximadamente dois milhões, cento e trinta mil anabatistas<sup>10</sup>, filiados ao Congresso Mundial Menonita, que reúne as igrejas que oficialmente professam a fé anabatista. São pessoas batizadas em 86 países, seguindo o princípio de batizar somente a partir do momento que a pessoa consiga, conscientemente, expressar sua fé em Jesus Cristo. Uma idade padrão, seguida em algumas igrejas Menonitas, é de doze anos de idade.

Atualmente, a distribuição dos anabatistas está assim ao redor do mundo: África: 36, 43%; Ásia e Pacífico: 20, 58%; Europa: 2, 98%; América Latina e Caribe: 9, 51% e América do Norte: 30, 50%. A Europa, o berço do movimento, conta atualmente com o menor grupo. Por outro lado, o maior crescimento se dá no continente africano. Há outras tantas igrejas anabatistas espalhadas pelo mundo que não fazem parte do Congresso Mundial. Olhando para a história de perseguição e para os atuais números, é difícil explicar como um movimento tão perseguido e maltratado sobreviveu por quase 500 anos e conseguiu reunir mais do que dois milhões de pessoas ao redor do mundo.

Como o movimento anabatista conseguiu sobreviver à tamanha e severa perseguição? Como seus seguidores não desistiram, preferindo salvar suas vidas a continuar defendendo princípios que eram punidos com a morte? A resposta a essas perguntas passa pela figura central do movimento, aquele que ajudou na transição da fase I para a fase II. Aquele que não somente continuou, mas que não desistiu e fez ainda mais: ampliou e fundamentou teologicamente o movimento. Menno Simons que, apesar de ser muito perseguido, não foi assassinado pelos seus perseguidores. Experimentou uma morte natural aos 65 anos de idade. Em meio às fugas, e

---

<sup>10</sup> Dados obtidos do site oficial do Congresso Mundial Menonita: <https://mwc-cmm.org/world-map-and-statistics?language=es>.

principalmente nos últimos anos de vida, teve a oportunidade de fundamentar e organizar minimamente o movimento anabatista.

Nesse ponto, será investigada a “Pensamento teológico de Menno Simons sobre a perseguição”. O que esse homem cria e que o fazia continuar, apesar de toda perseguição e sofrimento? Como ele enxergava teologicamente a perseguição? Quais princípios bíblicos sobre a perseguição que mantiveram esse homem ativo e não o deixaram desistir? A investigação será fundamentada em uma publicação de 1554, denominada: “A cruz dos santos”. Para o objetivo dessa pesquisa, esse escrito tem fundamental importância. É uma fonte primária do principal líder Menonita da história que está sendo investigado nessa pesquisa. Além do mais, nesse livro, ele trata e expõe seu pensamento sobre a “perseguição”, outro tema de fundamental importância na pesquisa. A importância desse texto é a mesma que o texto de Mt 5,10-12 tem para a primeira parte da pesquisa (capítulos 2 a 4). Portanto, extrair, detalhar e sistematizar o pensamento teológico de Menno Simons sobre perseguição é essencial e ocupará o restante do presente capítulo.

O objetivo é focar em Menno Simons, como ele entendia teologicamente a perseguição. Esse trabalho é fundamental, para que se possa comparar o pensamento teológico de Simons, com o pensamento de Jesus sobre perseguição, que é o objetivo principal da presente pesquisa. Além de ser uma importante e desconhecida obra, datada de meados do século XVI, as circunstâncias da escrita valorizam ainda mais a escrita. Nessa breve obra, de aproximadamente 45 páginas, Simons consola e orienta a comunidade anabatista que, juntamente com ele, havia sido expulsa de seis cidades do norte da Alemanha: Lübeck, Hamburgo, Rostock, Stralsund, Wismar e Lüneburg. Quem não obedecesse à ordem, seria severamente castigado. O livro surge em um momento crítico da história Menonita, em que a perseguição dos governantes era implacável e colocava em risco a sobrevivência do grupo.

Essa expulsão do grupo anabatista foi uma consequência de uma disputa de Simons com o pastor reformado Backerel sobre a humanidade de Cristo e o batismo. O resultado da disputa - e consequente agitação - foi prejudicial a anabatistas e reformados. Os dois grupos foram expulsos da cidade. “Os anabatistas tinham prazo para deixar a região até 11 de novembro de 1554”. (WALTNER, WÖLK, FAST, PENNER, MOUSSALT; 2013, 738). Esse conflito motivou a mudança de Simons, que achou um lugar seguro na cidade de Holstein, numa vila denominada Wüstenfelde, na

propriedade de um senhor chamado Bartholomäus von Ahlefeldt. A propriedade se chamava Fresenburg, e foi lá que Menno Simons passou seus últimos sete anos de vida, até seu falecimento em agosto de 1561.

Não se sabe ao certo se a impressão desse livro sobre perseguições aconteceu ainda na impressora anabatista em Lübeck, ou se já foi impresso na impressora que Simons montou em Fresenburg. Nele, Simons consola e orienta a comunidade perseguida espalhada em muitos países. Ele enfatiza que as acusações dos perseguidores são falsas, como o sofrimento é útil na caminhada cristã e que a recompensa eterna do cristão é muito superior aos sofrimentos atuais. Chega a afirmar que o cristão precisa ser confrontado com o sofrimento de Cristo, senão não pode ser um seguidor de Jesus. O objetivo agora é extrair, organizar e sistematizar o pensamento teológico de Menno Simons sobre a perseguição.

Obviamente, alguns argumentos teológicos de Simons são difíceis de entender e o autor da pesquisa nem sempre concorda com os mesmos. Se forem comparados com pensamentos de outros teólogos, também poderiam ser questionados e desconstruídos. Todavia, esse não é o objetivo neste ponto. Nesse momento, o desafio é extrair com maior exatidão possível o pensamento teológico de Menno Simons sobre a perseguição, para que se possa fazer a comparação com as palavras de Jesus sobre o mesmo tema (capítulo 7). Levando-se em consideração a distância do texto escrito por Simons (467 anos), a dificuldade de interpretação da língua (alemão do séc. XVI), a estrutura do texto típica da idade medieval e a escassez de dados e fatos sobre Simons, essa tarefa já é muito desafiadora e inédita.

Além disso, Menno Simons era um homem condenado à morte, seguidamente prêmios eram oferecidos para quem o denunciasse, ele e sua família foram perseguidos implacavelmente. Vivia escondido, e ainda assim conseguia, consolar os perseguidos e escrever textos para incentivar a minoria perseguida. No entanto, se os escritos fossem descobertos por seus adversários, serviriam de provas e denunciariam sua localização, sua divulgação e livre circulação eram um perigo para Simons. Esse contexto ilustra bem as dificuldades que envolviam a obra: “A cruz dos santos” e sua importância e para os dias atuais.

Simons começa sua argumentação citando o versículo de Mt 5,10 “Bem-aventurados os perseguidos por causa justiça, pois deles é o reino do céu”. Não são feitos maiores comentários sobre a passagem, mas é sugestivo que ela seja a primeira apresentada em seu escrito. A primeira impressão é que ele se identifica com os

perseguidos apresentados por Jesus. Esse versículo também faz parte do texto que foi muito explorado nos primeiros capítulos deste trabalho, (Mt 5,10-12). E um dos objetivos é verificar se os anabatistas do século XVI podem ser considerados um grupo que se encaixa nos “perseguidos” mencionados por Jesus.

É importante ressaltar que o método que Simons utiliza para ler e interpretar a Bíblia parte da situação de perseguição vivida por ele e seu povo. A situação sociocultural e política vivida é o combustível para a busca da Palavra de Deus para orientação e consolo. Esse mesmo método epistêmico será adotado para extrair o pensamento teológico de Simons sobre a perseguição:

Assim não está interessada em uma interpretação do texto bíblico em si, mas em uma leitura tirada da situação vivida pelo povo. Quando o povo está oprimido, volta-se para a Bíblia com uma visão de fé, procurando que o sustente em suas lutas e esperanças. (FITZMYER, 1997, p. 62).

Apesar de não ser um método tradicional, conter alguns perigos e ser muito diferente do método empregado na primeira parte dessa pesquisa (capítulo 4), tem o seu valor. Por esse motivo, julga-se o método como o mais adequado para extrair e sistematizar o raciocínio de Simons registrado em seu escrito. A Pontifícia Comissão Bíblica o reconhece como “A abordagem da libertação” e percebe suas vantagens:

Percepção da presença do Deus salvador para seu povo, insistência na dimensão comunitária da fé; premente necessidade de amor e justiça na sociedade moderna; e nova leitura da própria Bíblia como fonte de inspiração para a práxis e a mudança social. (FITZMYER, 1997, p. 62).

#### **6.4.1 A cruz de Cristo**

Um conceito chave para o entendimento de todo o raciocínio teológico sobre perseguição em Menno Simons é a “cruz de Cristo”. É muito importante compreender o que ele entendia sobre essa expressão, que será utilizada várias vezes em sua argumentação. A “cruz de Cristo” é tirada do seguinte versículo: “Então Jesus disse aos discípulos: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”. (Mt 16,24). Para Simons, “a cruz de Cristo” foi colocada sobre cada cristão, para ser carregada pelos mesmos.

Portanto, assim como os primeiros cristãos tiveram que levar a sua cruz, todos os que seguem a Jesus precisam fazê-lo também: em especial, Simons – que

acreditava estar vivendo o final dos tempos – e seus contemporâneos. “É necessário levar sobre si a opressora cruz, toda pobreza, todo abuso, todo sofrimento, todo o lamento e seguir o desprezado, sangrento e crucificado Jesus”. (SIMONS, 2013, p. 741). A cruz de Cristo significa perseguição, que precisa ser suportada para que a coroa prometida seja alcançada. A cruz de Cristo também tem relação com o “caminho estreito”, que cada cristão deve seguir nesse mundo.

É preciso que cada cristão negue a si mesmo e negue tudo que é seu. É necessário levar sobre isso a pesada cruz da pobreza, do desprezo e das aflições. Quem quiser seguir a Cristo deve estar preparado para carregar sua cruz, porque Jesus mesmo também foi desprezado e crucificado. Quem não estiver disposto a carregar a cruz de aflições e deixar pai, mãe, filhos, irmãos, casa, propriedades, dinheiro, bens, nem sua própria vida, não pode ser seguidor de Cristo. Jesus mesmo alertou que seus seguidores seriam enviados como ovelhas no meio de lobos (Mt 10, 16-18). Vários versículos do capítulo 10 de Mateus são utilizados por Simons para argumentar que os seguidores de Jesus precisam estar preparados para carregar a cruz de Cristo, ou seja, estar dispostos a uma vida de sofrimento e perseguições por amor a Jesus.

Ele cita, sem comentar, outros versículos para fundamentar sua argumentação: “Então sereis entregues à tortura e vos matarão; e sereis odiados por todas as nações por causa do meu nome”. – Mt 24,9. “Eles vos expulsarão das sinagogas. E chegará a hora em que aquele que vos matar julgará estar prestando serviço a Deus” – Jo 16, 2. “Renovando o ânimo dos discípulos, exortando-os a preservar na fé, dizendo que em meio a muitas tribulações nos é necessário entrar no reino de Deus” – At 14,22. “Na verdade, todos os que querem viver uma vida piedosa em Cristo Jesus sofrerão perseguições”. – 2 Tm 3,12. “Esta palavra é digna de crédito: Se já morremos com ele viveremos; se perseverarmos, com ele também reinaremos; se o negamos, ele também nos negará”. – 2 Tm 2,11-12. Com os versículos acima, Simons tenta demonstrar que a Palavra de Deus está repleta de exemplos que confirmam que os cristãos serão perseguidos e passarão por sofrimentos. Passar por isso significa carregar a cruz de Cristo.

#### 6.4.2 Quem persegue os Menonitas?

Após uma breve explicação sobre o que é a “cruz de Cristo”, é possível prosseguir com a argumentação teológica sobre a perseguição. Simons busca respostas às seguintes perguntas: Quem são as pessoas que nos perseguem? Quem são esses, que causam tanta dor e aflição a nós? Que caminhos os perseguidores seguem? De que pai ou “espírito” eles são nascidos? Segundo Simons, os perseguidores não são cristãos, mas um povo descrente, mundano, cego, mentiroso, que não segue Deus, invejoso, vingativo, que não tem misericórdia. Os perseguidores são um povo que se denomina “cristão”, mas não reconhece Cristo como seu senhor e Salvador. Falam em nome de Cristo, mas não vivem como discípulos dele. Andam em caminhos errantes, não sabem nada do amor de Cristo e sobre paz. Pelo contrário, seus corações e mãos estão encharcados de sangue.

A avaliação que Simons faz dos perseguidores é muito dura: afirma que eles pensam que são cristãos, mas, na realidade, são seguidores daquele que sempre foi identificado como assassino e mentiroso na Bíblia. “Esses são filhos e seguidores daquele que desde o início é um assassino e mentiroso”. (SIMONS, 2013, p. 743). Com essa dura afirmação, parece que ele os conecta ao próprio Diabo, pois afirma que os perseguidores estão sujeitos ao terrível juízo de Deus, e que terão que suportar o terrível fogo e sofrimento eternamente. Todavia, ressalta que há uma saída para eles: é necessário que acordem do seu sono mortal, arrependam-se dos seus pecados, creiam em Jesus e seu evangelho e comprovem por suas atitudes que realmente se tornaram cristãos. Não importa quem sejam: imperadores, reis ou pessoas simples, homens ou mulheres, todos têm salvação.

Apesar de entender que os perseguidores não são cristãos, Simons solicita que os perseguidos não tratem mal os que lhes causam dor e aflição. Não obstante, é necessário ter misericórdia dos perseguidores. Portanto, é preciso orar por eles, seguindo o exemplo de Jesus e Estêvão, pois não sabem o que estão fazendo. É possível que Deus abra seus olhos e eles mudem de atitude, arrependendo-se dos seus terríveis atos. Os cristãos não devem esquecer que, um dia, já foram como eles, servindo juntos ao mesmo e falso senhor. E o que são agora não é graças a esforço próprio, mas pela graça de Deus, através de Jesus Cristo. Assim como Deus resgatou Simons e seus seguidores, também pode fazer o mesmo com os perseguidores. No entanto, se eles não se converterem do seu mal procedimento, estarão sujeitos à condenação eterna (Ap 21,8). Simons é duro, mas misericordioso, pois não incentiva

o uso da violência contra seus algozes. Entretanto, mantém a esperança de que eles conheçam a Cristo e sejam salvos por ele, mudando também suas atitudes malvadas em relação aos anabatistas.

A não vingança - assim como a não violência contra os malfeitores - é bastante enfatizada. Simons enfatiza que o sofrimento causado pelos perseguidores é passageiro, e lembra que as vítimas têm a ajuda da graça divina para impedir que alimentem o ódio, a inveja e todo sentimento de vingança. Vai ainda mais longe, instruindo que os perseguidos orem com dedicação pelos seus inimigos. “Não se irem com os perseguidores, mas orem por eles”. (SIMONS, 2013, p. 743). É preciso orar com toda humildade ao Senhor, que é o único ajudador em meio ao sofrimento. Deus vai preservar a alma dos perseguidos e irá protegê-los. Eles devem clamar por ajuda somente ao Senhor, não devendo, em hipótese nenhuma, retribuir mal com mal, ou praticar a vingança.

#### **6.4.3 Por que os Menonitas são perseguidos?**

Simons pergunta e procura entender por que os Menonitas<sup>11</sup> são tão duramente perseguidos. No início, a argumentação é bastante geral: explica que eles são perseguidos porque seguem somente a Jesus. Somente ele é o seu salvador, conselheiro, senhor, rei e pastor. Cada ordem, mandamento, ensino e cerimônia humanos são confrontados com os ensinamentos e ordens de Jesus. Deus é honrado acima de todas as coisas e pessoas, somente sua Palavra é que os orienta. Não é possível seguir falsos pregadores, sedentos por sangue. Simons também percebe que são perseguidos porque, com muito amor e humildade, alertam seus perseguidores, que andavam em caminhos errantes. Provavelmente, o chamado ao arrependimento cause raiva e ódio aos perseguidores.

Todavia, Simons observa que o fato do mundo perseguir os santos de Deus não é novidade, sempre foi assim. Ele compara os perseguidores com leões e lobos bravos e sedentos, conduzidos pelo espírito sedento do seu pai. Ou melhor, “lobos e leões selvagens comparados aos perseguidores, são apenas cordeiros e animais mansos”. (SIMONS, 2013, p. 745). Eles estão tão cegos, que não conseguem mais

---

<sup>11</sup> Termo dado aos seguidores de Simons pela primeira vez em 1544, conforme já explicado no item 6.1 desse trabalho. A partir de agora, seus seguidores serão identificados assim, pois o escrito analisado é datado de 1554. Nesse trabalho, os anabatistas são considerados os antecessores dos Menonitas.

entender os mandamentos de Deus e de Jesus Cristo. Também não escutam nenhum alerta feito por Simons e seus seguidores, cujo intuito é mostrar que atitudes deles não condizem com a vontade de Jesus. Os perseguidores andam orgulhosos, sem temor algum em relação ao julgamento de Deus ou à ação do Espírito Santo. Tomam o lugar de Deus, exercendo juízo segundo seu limitado e cego conhecimento e vontade, através de uma espada de ferro. Matam cristãos santos, puros de coração, salvos por Jesus, fundamentados em seu entendimento carnal.

Ninguém tem autorização para julgar os seguidores de Cristo, pois eles são santos e fiéis a Ele, dispostos, inclusive, a morrer por causa da sua fé nele. Essa disposição dos anabatistas - de morrer pelos princípios em que criam - pode ser uma explicação do porquê de o movimento anabatista nunca ter sido extinto. Simons conecta os perseguidores com o próprio Diabo, pois, conduzidos pelo “ódio satânico”, dispõem-se a utilizar a espada mortal contra o próprio Jesus, perseguindo e matando seus seguidores. E também pede que Deus abra a visão dos pastores e teólogos, para que eles “toquem suas trombetas no tom e tempo corretos, ou que as deixem penduradas na parede, para que através disso não alimentem o grito da morte e não pervertam por mais tempo a terra cega e carnal”. (SIMONS, 2013, p. 745).

Com suas mensagens erradas, os pastores e teólogos da época<sup>12</sup> incitam e pervertem o pensamento das autoridades, que perseguem e matam os Menonitas como se mata um cachorro ou um veado. Que Deus tenha misericórdia do pobre e simples povo perseguido e que as autoridades não escutem mais os sanguinários e os que pervertem a verdade, incitando a violência. Isso faria bem à sua alma. Todavia, ele duvida que isso aconteça, porque acredita que a “cobra mentirosa, mortal e invejosa” continuará agindo. Isso fará com que a nova e lutadora Eva com seus filhos terão a cobra os mordendo em seu calcanhar até o fim. Ela terá a companhia do sofrimento até o final da vida.

---

<sup>12</sup> Nesse ponto, Simons não cita de quais pastores e teólogos está falando. Todavia, em outro ponto do escrito, faz referência a líderes “papistas”- os que seguem o papa, luteranos e zuinglianos. (SIMONS, 2013, p. 760).

#### 6.4.4 Exemplos bíblicos de pessoas perseguidas – Antigo Testamento

Uma parte importante na argumentação teológica de Simons é a citação de exemplos bíblicos de pessoas que foram perseguidas. Ele o faz para “trazer consolo e esperança àqueles que estavam sendo perseguidos na época em que escreveu (1554)”. (SIMONS, 2013, p. 746). Ele inicia pelo Antigo Testamento, analisando os seguintes personagens: Caim e Abel, Esaú e Jacó, Saul e Davi e Jeremias. No Novo Testamento, são destacados: João Batista, Estêvão, Paulo e o próprio Jesus Cristo. A análise dos personagens será feita na mesma ordem, respeitando a divisão entre os dois Testamentos bíblicos.

Caim e Abel, os dois filhos de Adão e Eva, apresentaram sacrifícios ao Senhor. Caim, como agricultor, trouxe como sacrifício um fruto da terra. Abel, como pastor de ovelhas, trouxe partes gordas das primeiras crias do seu rebanho em oferta ao Senhor. Deus aceitou a oferta de Abel, mas rejeitou a de Caim. Esse acontecimento fez que Caim, assim como o fazem os perseguidores, enfurecesse seu rosto e se transtornasse. Deus, do mesmo modo que aceitou a oferta de Abel, ama e aceita o sacrifício dos que temem a Deus. Para Simons, os perseguidores representam Caim, que tem um coração invejoso e sedento de sangue. Assim como os perseguidores, Caim mata Abel, o irmão inocente. Caim era uma pessoa má, que não suportou ver que seu irmão era aceito por Deus.

Esaú e Jacó são o segundo exemplo citado por Simons. Interessante que, para ele, Jacó - apesar de ter enganado seu pai e irmão - é o exemplo bom, que representa os Menonitas perseguidos. A interpretação é bastante incomum, pois, para Simons, Jacó representa a igreja de Cristo, e Esaú, a sinagoga, inimiga de Cristo (Gn 25,23). Esaú é conectado com os perseguidores porque, assim como eles, queria matar seu irmão Jacó (Gn 27,43). Por causa da ira de Esaú, o abençoado Jacó teve que fugir e deixar a casa de seus pais. Simons entende que os verdadeiros cristãos são como Jacó: com a força do Espírito Santo e a fé, pisoteiam o Diabo, o mundo, a carne e o sangue. Os cristãos também são os primogênitos, inscritos no céu. Por isso, são perseguidos e vivem fugindo de cidade em cidade, enfrentando masmorras, amarras, fome, surras. São afogados, queimados e enfrentam a espada durante toda a sua vida.

Saul e Davi são o terceiro exemplo citado por Simons. Ele percebe que a ira de Saul se acendeu contra Davi, a partir do momento que as mulheres exaltaram mais Davi do que Saul (1 Sm 18,8). Desse dia em diante, Saul teve inveja e sede de

vingança contra Davi. Ele não conseguia aceitar que Davi era aprovado por muitas pessoas, inclusive por seu filho Jônatas. Sendo assim, perseguiu Davi, que teve que fugir de Saul enquanto esse viveu. A morte de Saul é um exemplo como Deus castiga os maus, os que atentam contra ele e contra a vida dos escolhidos dele. Outros exemplos são: o faraó, Antíoco, Acabe e Jesabel e Herodes. O Senhor pode proteger e preservar a vida do seu povo, assim como fez com o povo de Israel durante a travessia do mar Vermelho; com Elias e Eliseu; e Daniel na cova dos leões.

O exemplo de Saul e Davi reforça que, em todos os lugares, os príncipes orgulhosos e carnais, apesar de gostarem de ser chamados de cristãos, não o são. Pelo contrário: são vingativos, perseguem e matam, a exemplo de Davi e, posteriormente, também Jesus Cristo. Esses que são pacíficos, tementes a Deus e sem culpa nunca conseguirão viver em paz por causa de pessoas como Saul. Os maus sempre perseguirão os bons, até o final dos tempos. Apesar disso, não é necessário se assustar, pois todos os perseguidores terão seu fim, mesmo que tenham sido muito grandes e poderosos (Is 40,60). Porém, os seguidores de Jesus devem florescer e frutificar, pois o reino de Jerusalém está prometido a eles. Os fiéis serão recompensados, a casa celestial está preparada para eles.

Jeremias é o último exemplo do Antigo Testamento. Ele foi escolhido por Deus para ser semeador da palavra e profeta. Muitas vezes, trouxe palavras duras de advertência ao povo, mas também ensinou sobre misericórdia e como melhorar. Profetizou a vinda do Messias e o castigo divino sobre o povo, que viria em forma de cativo. Por causa disso, teve que carregar a pesada cruz, sendo oprimido por ela. O fiel servo de Deus foi taxado como traidor e sonhador. Diversas vezes, foi preso, açoitado e jogado em um poço; sua morte foi planejada pelos opositores. A perseguição era tão forte, que ele já tinha decidido que não iria mais transmitir a Palavra de Deus. Jeremias chegou a amaldiçoar o dia do seu nascimento, sofreu muita perseguição por ter sido fiel a Deus.

Na conclusão do tópico, ainda outros personagens do Antigo Testamento são citados: José do Egito; Isaías; Ezequiel; Zacarias – filho de Beraquias; Elias; Daniel e seus amigos; Eleazar; entre outros. O propósito com esses exemplos do Antigo Testamento é mais uma vez demonstrar que todos os fiéis seguidores de Deus, ou cristãos, serão perseguidos pelo mundo. “Assim sempre aconteceu até aqui, e em minha opinião assim será até o final”. (SIMONS, 2013, p. 748). É dessa maneira que o mundo recompensa os cristãos, não se pode esperar nada diferente na vida. Simons

é bastante insistente nessa conclusão, ela aparece várias vezes em sua argumentação. Os cristãos são fiéis a Deus, mas odiados pelo mundo.

Simons identifica os perseguidos de sua época com os personagens do Antigo Testamento citados. Todavia, quem permanecer firme e fiel a Deus apesar das perseguições, será vitorioso através da sua graça, e permanecerá forte e fiel até o final. É perfeitamente possível questionar os argumentos e sua conclusão de que os personagens do Antigo Testamento citados são exemplos de que fiéis seguidores de Deus serão perseguidos. Nem sempre é assim, há vários exemplos que demonstram o contrário. No entanto, é preciso lembrar que Simons lê a Bíblia e faz interpretações a partir da situação de extrema e cruel perseguição que ele estava passando.

#### **6.4.5 Exemplos bíblicos de pessoas perseguidas – Novo Testamento**

O objetivo de Simons, citando exemplos de personagens bíblicos que foram perseguidos, é mostrar que todos os fiéis a Deus foram perseguidos e sofreram. Na sequência, ele mostrará como no Novo Testamento, em sua visão, esse princípio também vale. Serão citados exemplos de pessoas que sofreram por causa da sua fidelidade a Deus. O versículo utilizado para fundamentar esse pensamento é: “Na verdade, todos os que querem viver uma vida piedosa em Cristo Jesus sofrerão perseguições” – 2 Tm 3,12.

O primeiro exemplo do Novo Testamento é João Batista, um homem enviado por Deus e, como dizia Jesus, uma luz brilhante, do qual o profeta Isaías já tinha profetizado: “Voz do que clama no deserto, preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”. – Mt 3,3. Um homem cheio do Espírito Santo desde o ventre da sua mãe, que pregava sobre conversão e arrependimento em toda a Judeia. Ele apontava para Jesus, testificando que “Este é o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”, Jo 1,29. O próprio Jesus testificava que João Batista era o novo Elias e que não havia ninguém maior do que ele entre os nascidos de mulher. Apesar disso, foi decapitado como um bandido; e sua cabeça, oferecida e exibida como prêmio num prato.

Simons clama a Deus, lamentando que, nesse mundo, os santos, os que procuram seguir fielmente a Deus são perseguidos e mortos, e ninguém se compadece disso. Eles são tão maltratados, que os tolos devem pensar que os fiéis foram abandonados por Deus e que não podem esperar por consolo e recompensa na eternidade. “Mas não, Deus seja louvado! Apesar de sua vida parecer loucura aos

olhos do mundo tolo, e seu fim parecer sem honra, nós sabemos que são o povo de Deus". (SIMONS, 2103, p. 751). Está claro que são filhos de Deus, que ele os valoriza e os recompensará com vida eterna no reino dos céus. Eles desfrutarão do descanso e da paz eterna.

Estêvão é o segundo exemplo do Novo Testamento sublinhado por Simons. Ele é descrito como um homem cheio do espírito e da força do Espírito Santo, que fez muitos milagres e sinais entre o povo. Era um homem cheio de sabedoria, que trouxe vergonha a todos os seus inimigos, os cireneus e alexandrinos. Porém, quando perceberam isso, despertou neles o espírito dos seus pais, como era sua prática desde o início. Inventaram mentiras sobre o santo Estêvão, dizendo que blasfemava contra Moisés e contra Deus (At 6,11). Também o acusaram de ter falado que Jesus destruiria esse lugar (Templo) e mudaria os costumes dados a eles por Moisés (At 6,14). Agindo assim, concordavam com a mentira da cobra (que mentiu para Eva no jardim do Eden) contra justiça. Novamente, um justo do Senhor foi atacado com mentiras.

Todavia, Estêvão continuou pregando a Palavra de Deus sem medo, apontando para Jesus, que fora profetizado por Moisés e todos os outros profetas. As palavras de Estêvão foram muito claras, dizendo-lhes que eram muito teimosos e resistentes ao Espírito Santo. Também relembrou que seus pais perseguiram todos os profetas, mesmo quando esses anunciavam a vinda de Jesus, que eles agora traem e matam (At 7,51-53). Então, não puderam suportar essas duras palavras e o apedrejaram até a morte. Estêvão, o servo fiel de Deus, morreu, mas recebeu a coroa da vida que Deus prometeu a todos os que em toda a verdade o temem, amam e buscam. Simons novamente conclui que o exemplo de Estêvão ensina que todos os que creem na Palavra de Deus e agem através do Espírito Santo, proclamando palavras de graça e sabedoria, alertando o mundo sobre seu pecado, serão apedrejados e perseguidos. Ele pede que seus irmãos "orem muito e se preparem, pois vocês entrarão no reino de Deus passando por muitas tribulações. Por isso, irmãos, estejam vigilantes". (SIMONS, 2013, p. 752).

O exemplo seguinte é o apóstolo Paulo. O padrão é o mesmo: em primeiro lugar, Simons exalta as qualidades e o exemplo do personagem. Paulo foi um instrumento escolhido por Deus, um apóstolo e professor dos gentios, chamado por Deus, e não por homens. Tinha uma vida exemplar, trabalhou mais que todos os apóstolos, expulsou demônios em nome de Jesus, que ressuscitou Êutico, curou

doentes. Teve uma cobra presa em suas mãos sem lhe causar danos, foi levado ao terceiro céu, amava a Deus e ao próximo. Todavia, apesar de tão fiel a Deus, também teve que suportar muita perseguição. Logo após sua conversão, precisou deixar a cidade de Damasco em um cesto para não ser morto.

Foi preso inúmeras vezes: três vezes foi açoitado com varas; uma vez, apedrejado. Após ter feito muitas viagens e suportado frio, calor, sede, fome, trabalho, preocupações, perigos e medos, ainda foi preso e surrado pelos judeus em Jerusalém - (2 Cor 11,24-28). Foi acusado, enviado a Cesareia e, posteriormente, a Roma, após sua apelação. Depois de muito sofrimento, segundo a tradição, foi morto durante o governo de Nero em Roma. Os discípulos de Jesus também enfrentaram perseguições semelhantes: a igreja primitiva foi dispersa e Tiago, morto com a espada por Herodes. Segundo Simons, quem quiser mais exemplos de perseguições deve ler a História da Igreja de Eusébio, que traz inúmeros testemunhos de perseguições e mentiras contadas contra os cristãos. Muitos foram mortos por causa da sua fé.

Novamente, Simons destaca que os perseguidos devem se sentir contentes e consolados no Senhor. Devem atentar que todos os exemplos do Antigo e Novo Testamento citados até agora mostram que todas as pessoas tementes a Deus, profetas, apóstolos e até mesmo o próprio Cristo, que será mencionado em seguida, confirmam que é preciso passar pelo caminho estreito. É necessário enfrentar o caminho da cruz, do sofrimento. Sim, esse é o único caminho pelo qual todos os cristãos devem passar. Jesus mesmo o ensinou: “E, chamando a multidão com os discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”. - Mc 8,34.

Ele insiste, alertando que seus irmãos não “temam quem podem tirar seus bens, pois Jesus e o céu não podem ser tirados deles. Quem mata o corpo não tem poder para matar a alma. É preciso temer de todo coração, somente aquele que tem poder para enviar para o inferno tanto o corpo como a alma”. (SIMONS, 2013, p. 755). Quem quiser ser discípulo de Cristo “precisa estar preparado para carregar a cruz de Cristo, essa é sem dúvidas, a verdade que não pode ser esquecida”. (SIMONS, 2013, p. 755).

O último exemplo do Novo Testamento citado por Simons é Jesus Cristo. Apesar de ser aquele que derrotou a cobra e de ser o Messias prometido - o Emanuel; a raiz de Davi; o Senhor, rei da paz; o verdadeiro filho do Deus vivo - também teve que sofrer nessa terra. Ele encarnou e pregou sobre arrependimento e conversão com todo o amor, humildade e obediência. Também pregou sobre o terrível juízo de Deus.

Ele mesmo era a Palavra da justiça, o exemplo de sabedoria, amor e verdade, que nunca pecou. Mesmo assim, foi odiado e perseguido pelo mundo. O rei dos reis e Senhor dos senhores foi mais pobre que as raposas ou pássaros, não tinha onde reclinar sua abençoada cabeça. Nasceu numa manjedoura e, logo após o nascimento, teve que fugir para o Egito.

Jesus fez muitas boas obras: curou cegos, mudos, surdos e leprosos; expulsou demônios, ressuscitou mortos, alimentou famintos milagrosamente; nunca fez nada de errado. No entanto, os invejosos e sedentos por sangue o trocaram pelo bandido Barrabás, que estava condenado pela lei. Jesus foi zombado e sofreu na carne, inclusive, a pior morte possível, a crucificação. Foi considerado um bandido, esse foi o agradecimento que recebeu por todo bem que lhes havia feito. Quando teve sede, no auge da sua dor, ofereceram-lhe vinagre. Foi tão maltratado, que clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste”? – Mt 27,46. Jesus também lamentou através dos profetas (Sl 22,7). Provavelmente faria suas as palavras de Jeremias: “Vós que passais pelo caminho, não vos comoveis? Olhai e vede se há sofrimento maior do que o que estou passando, com que o Senhor me afligi, no dia do furor da sua ira”. Lm 1,12.

Cristo, que era Deus, ficou pobre para trazer salvação à humanidade. Ele foi perseguido e experimentou a morte. Simons alerta seus irmãos: “se os trabalhadores da vinha não pouparam nem o filho do seu Senhor, mas o expulsaram e o mataram, quanto mais perseguirão seus servos”. (SIMONS, 2013, p. 756). A comparação com Jesus reforça a argumentação que ele vem sustentando desde o início: o cristão será perseguido. Esse raciocínio é sustentado por algumas citações bíblicas, palavras do próprio Jesus: “Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais os membros de sua família”? – Mt 10,25. “Se perseguiram a mim, também vos perseguirão”. – Jo 15,20. “Se o mundo vos odeia, sabeis que primeiramente odiou a mim”. – Jo 15,18. “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre; e ao servo, como seu Senhor”. – Mt 10,24-25.

A intenção de Simons com esses exemplos bíblicos é ressaltar que os perseguidores não são cristãos, mas são de “um pai e espírito diferente”. Ele reafirma que, em sua visão, a perseguição aos cristãos durará até a volta de Cristo, o perseguido que voltará como juiz. Para os cristãos, não há alternativas, somente o estreito caminho da cruz que conduz à vida. “Tomem a vida de Jesus como exemplo”. (SIMONS, 2013, p. 757). Também aqui a conclusão de Simons pode ser vista como

geral e limitada, mas é uma leitura a partir da situação desesperadora que ele e seu povo viviam. As seguintes formas de perseguição aos seguidores de Jesus são mencionadas: mentiras, prisão, crucificação, apedrejamento, decapitação, afogamento, sufocamento, entre outros. Todas essas formas foram praticadas ao longo da história, inclusive no tempo de Simons.

Apesar de toda perseguição e sofrimento que os cristãos terão que enfrentar até o fim do mundo, Simons consola e incentiva a perseverança. Seus irmãos devem estar firmados no Evangelho da paz, crer nas promessas de Deus, crer em Jesus, negar a si mesmo, ter paciência e fé no reino de Deus. Tudo isso deve contribuir para que não se assustem, mas permaneçam fiéis no caminho correto e não retornem ao caminho carnal. Eles devem se livrar de todos os pecados, tropeços e todas as preocupações que podem desviá-los do estreito caminho da verdade. Jesus deve ser seu exemplo, assim como todos os justos de Deus, os apóstolos e profetas fizeram. Eles prepararam seus corações e foram sustentados de tal maneira por Deus que só buscavam a recompensa celestial e a vida eterna. Seu viver e morrer eram somente Jesus Cristo, não procuravam sua paz aqui na terra.

Apesar de toda a perseguição, amavam somente a Deus e ao próximo como a si mesmos. Por isso, o mundo sanguinário e cruel os perseguiu e matou. “Eles preparavam seus corações e foram fortalecidos por Deus, para que nada procurassem, amassem ou desejassem, além do eterno galardão celestial, a essência incorruptível, Deus e a vida eterna”. (SIMONS, 2013, p. 757). Simons se esforça para incentivar a fidelidade a Deus dos seus seguidores. É imprescindível permanecer em Deus, apesar das grandes perseguições e angústias. Essa é uma lição que os perseguidos do Antigo e do Novo Testamento ensinam.

#### **6.4.6 Menonitas são perseguidos como profetas e apóstolos bíblicos foram**

Não somente profetas e apóstolos são exemplos de pessoas tementes a Deus. Na época de Simons, também há exemplos de cristãos piedosos que seguiam a Jesus com todo o temor. Segundo Simons, essas pessoas não seguiam a vida perversa do mundo, não escutavam os falsos profetas, não adoravam ídolos feitos de pedra ou madeira. Elas somente seguiam a Deus; por isso, eram caluniadas e odiadas, as pessoas desviavam delas. Simons percebe uma inversão de valores, pois os perseguidores imediatamente são reconhecidos como bons pregadores e

professores. Os cristãos tementes a Deus, as vítimas, sofrem com várias mentiras. São acusados de ter a intenção de dominar cidades e países, e até mesmo perverter o mundo todo.

Também acusam os Menonitas de serem adúlteros, bandidos e assassinos. A situação chegou a tal ponto, que, na avaliação do mundo, quem não denuncia ou calunia os tementes a Deus não é cristão. Na sequência, Simons relata quais tipos de perseguições - além de calúnias e mentiras - os “santos filhos de Deus” estavam sofrendo naquela época:

São expulsos de suas casas, perdem seus bens, que eram destinados aos cofres do imperador. Foram denunciados, perseguidos, expulsos de cidades e países, maltratados. Os pobres órfãos e crianças foram abandonados nas ruas. Alguns são mortos em forcas, e castigados com tirania desumana, sendo enforcados por cordas amarradas em postes e pórticos. (SIMONS, 2013, p. 759).

Outras pessoas foram queimadas vivas enquanto ainda falavam sobre a Palavra de Deus. Umas foram mortas pela espada e seu corpo dado aos pássaros, ou aos peixes. Algumas tiveram suas casas destruídas, outras foram jogadas em pântanos. Simons mesmo observou como uma pessoa teve seus pés amputados. Muitas foram obrigadas a fugir, vagando com muitas necessidades, doenças e sofrimentos. Escondiam-se em montanhas, desertos, cavernas e buracos na terra. Dessa maneira, todos os que perseguiram algum cristão acham que fizeram um trabalho para Deus, como Jesus fala em João 16,2: “Eles vos expulsarão das sinagogas. E chegará a hora em que aquele que vos matar julgará estar prestando serviço a Deus”.

Simons faz um alerta a seus irmãos: “Percebam, queridos irmãos, quão longe o mundo todo está de Deus e da sua Palavra: com que rapidez eles derramam sangue inocente” (SIMONS, 2013, p. 759). O mundo odeia a luz e persegue os que querem viver conforme o evangelho de Cristo. Nesse momento, ele acusa quem os persegue: não somente os “papistas<sup>13</sup> e turcos”, mas também todos os que dizem seguir a Palavra de Deus e que, no início, criam e pregavam essa palavra. Os que pregavam que a fé era um dom de Deus, e não recebida mediante a opressão pela espada de

---

<sup>13</sup> Para Menno Simons, “papistas” são os seguidores do papa, membros da igreja oficial romana, da qual ele tinha saído.

ferro. Com essa afirmação, Simons parece direcionar suas críticas às igrejas oriundas da reforma Protestante.

Ele afirma que os estudiosos desse grupo perverteram seu ensino e apagaram essas lições dos seus livros. Segundo sua avaliação, desde que eles dominaram e impuseram sua doutrina carnal a cidades e países, praticavam exatamente o contrário do que consta em seus livros. Parece que esqueceram que a fé é dom de Deus e não vem pela imposição. Eles entregam muitos cristãos inocentes nas mãos de carrascos, somente porque esses os contradizem, fundamentados na Palavra de Deus. Os santos e fiéis cristãos são punidos porque acreditam numa fé que age com amor, ocasionando uma mudança de vida. Também porque eles são obedientes a Deus com relação ao batismo, ceia e disciplina, como Jesus ensinou e ordenou.

Sim, quem caminha em amor sincero é acusado de ser um amaldiçoado anabatista, rebelde, subversivo e herege. É preciso que todos os tementes a Deus se preparem para isso. Apesar de os perseguirem, querem ser reconhecidos como a igreja santa, sem que olhem para suas condutas errantes e anticristãs, vidas sem misericórdia, contra a Palavra de Deus. Muitos deles têm as mãos sujas de sangue de cristãos, e uma vida em contradição com os ensinamentos de Cristo. Simons novamente dirige essa acusação aos líderes, senhores, pregadores e escritores, mas também ao povo comum, entre eles: “Papistas, Luteranos e Zuinglianos, seguidores de Ulrico Zuínglio”. (SIMONS, 2013, p. 760).

Simons espera que os pobres e cegos perseguidores percebam e reconheçam seus erros. Eles serão envergonhados quando estiverem na presença de Deus ao perceberem que perverteram tão grandemente o caro sangue de Jesus. Um verdadeiro cristão nasceu de novo, segundo o Espírito de Deus, tornou-se uma nova criatura em Jesus Cristo. Crucificou sua carne e seus desejos, e odeia todo o pecado. Seus frutos são: justiça, paciência, verdade, obediência, misericórdia, pureza sexual, amor, graça e misericórdia. Procura viver uma vida agradável a Deus, em conformidade com a graça recebida. Se os perseguidores entendessem que um cristão é um filho amoroso e pacífico de Deus, não odiariam ninguém; porém seriam eles mesmos odiados. Não mentiriam sobre ninguém, não humilhariam, não denunciariam, não roubariam, não matariam ninguém, mas eles mesmos é que sofreriam essas maldades.

Simons levanta alguns questionamentos: Se nossos perseguidores fossem cristãos como afirmam, por que então não nasceram da Palavra de Deus? Por que

continuam sendo a velha e amaldiçoada criatura? Por que se deixam levar pelo espírito do Diabo? Por que não temem a Deus e sua Palavra? São perguntas que ele faz para, em seguida, sugerir: Queridos irmãos, deixem eles se orgulharem, mas Jesus não reconhece esses cristãos sanguinários. Ele só reconhece os que têm seu espírito, que confiam nele de todo coração e o obedecem. Aqueles que a si mesmo negam, que pegam a cruz de Cristo sobre si e o seguem. Assim como diz o apóstolo Paulo: “Quem nos separará do amor de Cristo”? – Rm 8,35. Com essas palavras, Simons encerra a “apresentação” do povo que persegue a ele e seus seguidores.

#### **6.4.7 Acusações dos perseguidores e refutações de Menno Simons**

Nesse momento, o objetivo é verificar quais acusações são feitas pelos perseguidores. São quatro acusações principais, e Simons não aceita as incriminações recebidas dos perseguidores: ele as considera fracas, e não têm a aprovação divina. Para ele, cada pecador procura argumentos para justificar sua atitude e evitar uma acusação de não ser cristão. Ele rebate todas as acusações feitas pelos inimigos.

A primeira acusação feita pelos perseguidores é que os Menonitas são rebeldes como os Münsteritas<sup>14</sup> e que não obedecem às autoridades. Simons concorda que os Münsteritas foram rebeldes e agiram contra Deus e sua Palavra em muitos pontos. No entanto, rechaça com toda energia que ele e seus seguidores têm alguma ligação com esse grupo. Ele chega a afirmar que os Menonitas são inimigos do coração desse grupo. “Reconhecemos que os Münsteritas agiram contra a Palavra de Deus em muitos pontos, e negamos veementemente que somos um mesmo grupo”. (SIMONS, 2013, p. 761).

Simons afirma que não concorda com rebeldias contra o rei, busca de poder do mundo, o uso da espada, a prostituição, uma vida fingida – hipócrita, e outras coisas mais. Ele e seu grupo não têm comunhão com pessoas com tais comportamentos. Só teriam, se houvesse arrependimento e mudança de atitude da parte delas. Ele dá um exemplo curioso para mostrar o quanto está longe das ideias dos Münsteritas e de outras seitas derivadas deles: mais longe do que os papistas estão dos luteranos. Essa é a verdade que ele e seu grupo demonstram através dos seus escritos, das

---

<sup>14</sup> Fanáticos, que seguiam algumas ideias anabatistas e promoveram uma invasão à cidade alemã de Münster. O domínio da cidade iniciou em 1534 e durou até 1535.

suas vidas e da sua pregação. Ele não tem culpa que o mundo não acredita em sua argumentação, o importante é que Deus veja que está sendo sincero. Simons segue a orientação do apóstolo Paulo, procura viver em paz com todas as pessoas. Mesmo que isso não seja possível, ele deixa o juízo e a vingança para Deus: “A vingança e a recompensa são minhas”. (Dt 32,35).

Em seguida, Simons refuta que os Menonitas sejam rebeldes, o que eles não são. Além disso, os perseguidores não fazem uma auto avaliação de sua conduta, pois agem de forma sanguinária e possuem uma rebeldia mortal, que não tem fim e nem respeita fronteiras. Ele lamenta:

Ó Deus, quantos principados, cidades e países eles destruíram, quantos incêndios iniciaram. Quantos milhares eles asfixiaram? Quantos pobres pacíficos e inocentes tiveram suas terras e pertences confiscados? Quantas mulheres e virgens foram estupradas? São tiranos brutais, que não atentam a seus próprios atos, mas defendem suas atitudes. (SIMONS, 2013, p. 762).

Esse modo de agir definitivamente não combina com o que Cristo ensina. Todos que os observam precisam enxergar isso. Os tiranos se defendem, comparando suas apavorantes guerras e seu derramar de sangue com as guerras de Moisés, Josué, etc. Afirmam que as guerras servem para realizar uma boa obra. Lamentavelmente, não compreendem que Jesus Cristo deixou um novo mandamento e uma outra espada, não a de ferro. O uso da espada de ferro e as guerras terminaram com Moisés e seus seguidores.

Seus perseguidores não percebem que a espada de ferro é utilizada por eles também contra os Menonitas, que são seus irmãos e também receberam o batismo, compartilham do mesmo pão e são membros do mesmo corpo. Simons recorda que os luteranos também foram rebeldes sanguinários durante alguns anos, enquanto implantavam seus ensinamentos, “eu gostaria de lembrá-los disso” (SIMONS, 2013, p. 762). Apesar disso, os Menonitas, mesmo inocentes, são classificados como hereges rebeldes; e eles, como cristãos santos e pacíficos. Ele enfatiza que o entendimento do mundo é errado. Todavia, eles que nos tratem como acham melhor. No entanto, Deus, o misericordioso Pai, irá cuidar dos seus seguidores.

Simons continua sua defesa afirmando que ele e seus seguidores não utilizam nenhuma outra espada além da única que Jesus mesmo trouxe do céu para a terra e que os apóstolos também utilizaram: a espada do espírito. Essa é mais afiada do que uma espada de dois gumes, capaz de separar a alma e o espírito e que é um juiz dos

pensamentos e das intenções do coração. Somente com essa espada querem destruir o reino do Diabo, punir toda a injustiça e implantar a justiça. Essa espada coloca o pai contra o filho, a mãe contra a filha; assim como Jesus, os santos apóstolos e profetas fizeram um dia aqui na terra. Simons alerta que não seja mal-entendido, ele não está se referindo aos profetas Elias e Samuel, que utilizaram a espada de ferro. Ele se refere a Isaías, Jeremias, Zacarias e Amós, que somente disciplinavam com o ensino.

Essa também é a espada que os Menonitas utilizam, e que não deixam de utilizar por ordens do imperador, dos reis ou qualquer outra autoridade, pois Pedro disse: “É mais importante obedecer a Deus que aos homens”. At 5,29. Simons faz uma declaração muito profunda, que mostra a sua convicção: “A Deus, que nos deu, precisamos louvar e servir, independentemente se o que nos espera seja a vida ou a morte, que aconteça segundo a vontade de Deus.” (SIMONS, 2013, p. 763). Não é de se admirar que o mundo, apesar de o tratarmos com amor, nos acuse de sermos rebeldes. Esse é o procedimento do mundo, fizeram o mesmo com Jeremias, Jesus Cristo, Paulo e os apóstolos. É preciso ter paciência, não é Jesus e seus seguidores que são rebeldes, mas o mundo é rebelde, tirano e violento contra eles.

Simons refuta a acusação de que os Menonitas não são obedientes às autoridades impostas por Deus. São obedientes, seguem as leis relativas aos diques, estradas e suprimentos de água, pagam seus impostos e juros. No entanto, não aceitam leis que sejam acima ou contra Jesus Cristo, que afetam a consciência. Nesse caso, preferem perder bens e sangue, do que obedecer às ordens de algum rei ou imperador, que os façam pecar conscientemente contra Jesus e sua Palavra. É um posicionamento radical, fruto do temor a Deus. Simons pede que Deus abra os ouvidos e os olhos do mundo cego, para que as pessoas se convertam e evitem a perdição eterna.

A segunda acusação feita pelos perseguidores é que os Menonitas são teimosos, não mudam de opinião se estão errados, não são convertidos e não se deixam ensinar. Simons refuta essa acusação, ela não é verdadeira. Mesmo que fosse verdade, os perseguidores que dizem ser cristãos não têm o direito de perseguir, causar sofrimento ou matar, pois a Bíblia afirma que quem faz isso terá castigo eterno. A fé é dom de Deus, portanto, não pode ser implantada com a espada, mas somente com o ensino da santa Palavra, da oração humilde, com a graça de Deus e a ajuda do Espírito Santo. Também não é objetivo do Senhor da colheita arrancar o joio antes do último dia, assim como é ensinado na Bíblia. Simons pergunta:

Se os perseguidores de fato são cristãos, como afirmam, por que não obedecem à Palavra de Deus? Por que arrancam o joio antes do tempo? Por que não têm medo de arrancar o trigo ao invés do joio? Por que fazem o trabalho dos anjos, que são os que devem separar o joio e o lançar no fogo eterno? (SIMONS, 2013, p. 764).

Os Menonitas, com sua fé, ou sua falta de fé (pois, de acordo com os inimigos, tem que ser isso), não prejudicam ninguém no mundo, diz Simons. A justiça, com relação a eles, deve ser feita por Deus e não pelos violentos pagãos, que os perseguem com suas espadas. O papel de um cristão verdadeiro é auxiliar o pecador a se arrepender, não o maltratar, como fazem com eles. Simons completa, afirmando que comparando suas atitudes com o Evangelho, não é difícil perceber quem são, de fato, os filhos de Deus.

Simons e seus seguidores estão dispostos a receber, até a morte, todo o ensino, advertência e disciplina na justiça. Não se negam a nenhum trabalho; sempre o fazem com dedicação, desde que encontrem senhores dispostos a dar-lhes o pão da vida, pois seus corações têm sede da água viva. Quem estiver disposto a ensiná-los será recebido com muita humildade e atenção. No entanto, o fermento dos fariseus e saduceus, as mentiras dos falsos profetas, o roubo dos bandidos e assassinos são rejeitados, independentemente das consequências que Deus permitirá. Eles já encontraram a verdade em Cristo, o verdadeiro Messias. Por isso, viram as costas para o anticristo, não querem mais obedecer a seus ensinamentos. Nunca mais seguirão sua ordem do batismo infantil e a ceia idólatra. Simons complementa, afirmando que, se agirem assim, estarão falhando com Deus e com sua igreja, como os perseguidores. Assim sendo, teriam sido enganados por seus pais da fé e até pela própria Bíblia. Porém, esse não é o caso, pois a Palavra de Deus é a verdadeira, mesmo que as pessoas que vivem na terra se firam com ela.

Em seguida, Simons novamente aponta motivos pelos quais ele e seus seguidores são perseguidos, ridicularizados, chamados de rebeldes, pessoas não convertidas e hereges. Tudo isso acontece porque “não mais seguem seus sacramentos inventados, sua idolatria, o culto falso; não mais se envolvem com seu estilo de vida mau”. (SIMONS, 2013, p. 765). Ele alega que os Menonitas se tornaram inimigos de tais práticas através do Espírito de Deus, da sua Palavra e do testemunho das suas consciências. Ele espera que seu povo não seja assustado com essas infundadas acusações, e lembra mais uma vez os exemplos bíblicos. Os profetas,

apóstolos e o próprio Jesus Cristo foram fiéis à verdade até morte, contra todo falso ensino, martírio e tirania. Não é mais possível deixar a luz e seguir novamente a escuridão, nem deixar a verdade e a vida eterna. Não podem mais seguir a mentira e a morte em troca de uma passageira vida agradável, seria melhor não ter nascido. A esperança é que Deus, através do seu grande amor, os protegerá da morte.

Simons prossegue em sua argumentação ao alertar que, de acordo com as Escrituras, o fim dos perseguidores será a morte: porque seus ensinamentos são falsos e pervertidos, seus sacramentos e cultos são idólatras e contradizem a Palavra de Deus. Suas vidas são carnavais, conforme Tiago 3,15: “Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e demoníaca”. Na verdade, eles são o que acusam: rebeldes, pagãos, pessoas com coração mais duro que um diamante, pessoas que não conhecem seu Deus, assim como o profeta diz sobre seu povo, em Isaías 1,3-4. Os perseguidores fazem um culto falso. Simons os acusa, utilizando as palavras de João Batista: Devem mostrar frutos de misericórdia e não somente falar que são cristãos, como os fariseus diziam que eram filhos de Abraão. Deus não reconhece esses cristãos carnavais. As árvores que não produzem frutos serão cortadas e jogadas no fogo.

O apóstolo Paulo alerta: os bêbados, avarentos, invejosos, idólatras, adúlteros e os imorais não herdarão o reino dos céus. Com misericórdia, Simons alerta os perseguidores que praticam esses atos: “melhorem sua conduta! Infelizmente, todos eles, quer sejam, senhores, príncipes, estudados ou leigos, cidadãos, agricultores, homem ou mulher, estão caídos. Caminham errantes, mostrando frutos amaldiçoados, recheados de má intenção e maldade”. (SIMONS, 2013, p. 766). Pervertem a Deus e sua Palavra, entristecem o Espírito Santo, crucificam toda justiça e santidade, não conhecem o temor a Deus e seu amor.

Mesmo tão longe de Deus, ainda têm coragem de dizer: melhorem, para os que de fato caminham pela verdade e buscam seguir Jesus de todo coração. Desejam que os Menonitas se submetam, como se esses fossem os mentirosos e eles prezassem a verdade. Invertem toda a história. No entanto, o julgamento é Deus quem fará. Todavia, eles precisam reconhecer que o amor e obras cristãs dos seguidores de Simons são muito superiores às deles. Ainda assim, são tratados como hereges; e os perseguidores, como cristãos verdadeiros. O mundo é injusto, as obras sangrentas são elogiadas, e os Menonitas, infantilmente, acusados. O desejo de Simons é que

seus perseguidores sejam alcançados pela graça de Deus e tenham suas vidas transformadas.

A terceira acusação direcionada aos Menonitas é que eles pervertem pessoas e as levam à perdição. Simons afirma que uma análise segundo a carne pode realmente sugerir isso. Pois todos os que seguem os ensinamentos e a fé anabatista colocam em risco tudo o que receberam de Deus: o bom nome e a reputação, terras, ouro, prata; pai, mãe, irmã, irmão, esposa, filho, filha; e até a própria vida. Além disso, são xingados, agredidos, odiados, caluniados, delatados e lançados à morte. São enforcados, afogados em poças malcheirosas, mortos com estacas ou através da espada. Também são castigados com fome, sede, lágrimas, surras, prisões e gangues; passam necessidades, sofrimentos, pobreza, medo, tribulação.

Quem tem algum relacionamento, presta algum serviço ou é simpático aos Menonitas coloca sua própria vida em risco. Um pai não pode acolher um filho, nem o ajudar; e vice-versa. Eles são marcados como pessoas incapazes. Desaprovam todo orgulho e altivez, toda bebedeira e glotonaria: atitudes que o mundo idolatra e que dão prazer às pessoas do mundo. Ao invés disso, ensinam humildade, sobriedade, uma vida simples e em temor a Deus: vida que o mundo odeia e descarta. Simons conclui, afirmando que não o surpreende que o mundo cego e errante - que não conhece nem tem o Espírito Santo, mas só faz coisas erradas e julga erroneamente, que vive de mentiras e perversão - os odeie e persiga. Todavia:

Os que foram ensinados por Deus, que ressuscitaram para uma nova vida com Cristo, que vivem com e de acordo com o Espírito Santo e são espirituais, vendo e analisando tudo em acordo com o espírito esses não se importam com quaisquer mentiras ou seduções. (SIMONS, 2013, p. 767).

Simons valoriza a mudança de vida, que é alcançada quando a pessoa tem um encontro com Cristo, o que se torna visível através do batismo. E então, amam a Deus mais do que ouro e prata, mais do que a sabedoria, a riqueza e a honra, mais do que tudo que há abaixo do céu. Porque reconhecem que é através desse ensino que alcançarão a recompensa eterna. Por isso, também não procuram o visível, mas o invisível, e juntam um tesouro que é acumulado no céu. Eles buscam a sabedoria eterna, portanto são ridicularizados pelo mundo. E também almejam a coroa eterna e deixam o reino terreno para aqueles que o desejam.

Para Simons, é importante analisar a situação do ponto de vista espiritual. O mundo chegou a tal ponto que o ensinamento de Jesus e seus santos apóstolos é chamado de heresia. Quem deseja viver e pregar os ensinamentos de Jesus é tratado como mentiroso e perverso. “Vejam, como nossos perseguidores são cegos e tolos em relação a Deus, pois, por causa da verdade, tão vergonhosamente nos oprimem, perseguem e matam”. (SIMONS, 2013, p. 768). Ele reforça que é preciso paciência e fé para preservar a confiança da alma. Aconteça o que acontecer, é necessário orar pelos inimigos com todas as forças. Orar pelos inimigos - ao invés de perseguir e maltratar - é um pedido insistente de Simons a seus seguidores.

A quarta e última acusação feita pelos perseguidores é que os Menonitas se separaram do ensino, dos sacramentos, da vida eclesiástica e do convívio com eles, ou seja, se desviaram da sã doutrina. Não desejam mais nenhuma comunhão com os perseguidores; e, por isso, estão condenados ao inferno. Simons rebate, explicando que os Menonitas não podem seguir os ensinamentos e sacramentos, nem o estilo de vida carnal dos seus malfeitores, porque o que fazem está contra Deus e sua Palavra. Seus pastores fazem um trabalho para o qual não foram chamados, seu ensino é equivocado, pervertido e mentiroso.

A vida dos perseguidores é errante: eles servem por um salário e falam o que o mundo espera deles. “A olhos vistos, eles estão em desacordo com Deus e com sua Palavra”. (SIMONS, 2013, p. 768). O fundamento da sua fé são imperadores, reis, príncipes e autoridades; o que esses liberam, eles ensinam; o que proíbem, eles não ensinam. Seu batismo infantil não tem base bíblica, sua Ceia é idólatra, fingida e é preparada e recebida sem sinceridade. Seu culto é contra o ensino dos apóstolos, e seu exemplo de vida tão carnal e sem Deus, que afasta qualquer santo. Percebe-se claramente que o batismo de crianças e a Ceia incomodam profundamente a Simons.

Como esperam que tenhamos comunhão com eles? - Questiona Simons. E afirma que essa comunhão entre os Menonitas e os perseguidores não é possível, baseando-se nas palavras do apóstolo Paulo em 2 Cor 6,14-18. É impossível que aqueles que já experimentaram a verdadeira luz, a justiça e a pura fé, que são templos do Espírito Santo e filhos eleitos de Deus, continuem tendo comunhão com a escuridão, com Belial, com a injustiça, com pessoas sem fé e idólatras. Uma vez que a verdade foi conhecida, é impossível voltar atrás, conviver e concordar com os erros dos perseguidores. É impossível servir a dois senhores, ter comunhão com Jesus e com o Diabo. Não é possível ser filho e servo de Deus e de Satanás simultaneamente.

Quando se ama o certo, odeia-se o errado; se aceita a verdade, é preciso deixar a mentira.

Novamente Simons enfatiza que os Menonitas são odiados porque não concordam com a pregação e o testemunho dos perseguidores, cujas atitudes são más; por isso, com seus corações repletos de ódio e vingança, agem como pessoas que não conhecem a Deus. Os que não temem a Deus sempre agiram assim:

Cerquemos o justo, porque nos incomoda e se opõe às nossas ações, nos censura as faltas contra a Lei, nos acusa de faltas contra a nossa educação. Declara ter o conhecimento de Deus e se diz filho do Senhor; ele se tornou acusador de nossos pensamentos, basta vê-lo para nos importunarmos; – Sb 2,12-14.

Naquela época, o Espírito Santo desenhou uma figura correta sobre os perseguidores, revelando que os Menonitas são perseguidos porque se afastaram deles. Como não querem mais ter essa comunhão, os Menonitas são merecedores da raiva, tirania e sofrimento, como o apóstolo Pedro alertou. Por esse motivo, também Isaías, Jeremias, Sadraque, Mesaque, Abede Nego, Daniel, Jesus Cristo e todos os santos tiveram que carregar sua cruz. Eles também discordavam do mundo até a morte.

Esse é o único motivo porque os Menonitas são rotulados de anabatistas ou rebatizadores, hereges, perversos e formadores de bandos violentos. Assim, os perseguidores têm motivos para os aterrorizarem com água, fogo e força. Graças a Deus, os Menonitas conhecem o motivo de tanta perseguição. Também confiam que Deus, aquele que os chamou para a graça, os protegerá e salvará. A acusação de que Simons e seus seguidores se afastaram dos perseguidores por erro e teimosia é falsa diante de Deus, aquele que sabe o que há nos corações. Ele sabe que se afastaram somente porque queriam seguir totalmente a Deus e sua Palavra, apesar da própria fraqueza.

Desejam testemunhar ao mundo com amor, para que os perseguidores - que estão longe de Deus - ainda possam crer nele e mudar de atitudes. Os Menonitas precisam manter uma vida correta para que possam ensinar paz, castidade e humildade. É impossível ensinar alguém sem ter um bom testemunho de vida. “Estão dispostos permanecer afastados até a morte, através da palavra e das atitudes, para provar que os perseguidores fazem maldades”. (SIMONS, 2013, p. 769). Simons é

muito decidido e enfático, está determinado a manter a distância dos inimigos, pois acredita que eles não servem a Deus.

Não é suficiente que um verdadeiro cristão fale sobre a verdade, mas seus atos e atitudes precisam comprovar sua pregação, senão ouvirá a mesma advertência feita aos fariseus: “você falam, mas não fazem”. Ou ainda, o que Paulo escreve aos judeus:

Tu, pois, que ensinas os outros, não ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furto, furtas? Tu, que dizes que não deve cometer adultério, adulteras? Tu, que abominas os ídolos, rouba-lhes os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? – Rm 2,21-23.

Um cristão faz o que ensina; reconhece e age; confia e obedece; mostra o caminho e ele mesmo o segue; sua palavra e obras combinam. Se não for assim, é um hipócrita, e não um cristão. Infelizmente, hoje há muitas pessoas assim: que confiam em sua sabedoria e conhecimento, mas que não apresentam frutos.

Ao contrário do que os perseguidores afirmam injustamente, Simons diz que os Menonitas não os condenam ao inferno. “Não é verdade que condenamos alguém ao inferno, por pior que seja a pessoa”. (SIMONS, 2013, p. 770). Isso não é verdade, pois a Palavra de Deus ensina: “Não julgueis, para que não sejais julgados”. Mt 7,1. Há somente um que, no tempo certo, julgará a todos, de acordo com suas obras. Quem faz um julgamento antecipado não ficará sem castigo. Não é possível saber se os pecadores ainda receberão graça antes da sua morte; por isso, é preciso permanecer limpo e sem culpa perante o Senhor. No entanto, é possível perceber, através da Bíblia, que se os avaros, adúlteros, bêbados e idólatras não se arrependerem e confiarem em Cristo, não são cristãos; portanto, não herdarão o reino de Deus. A Escritura é que ensina isso: “Quem me rejeita, e não aceita as minhas palavras, já tem seu juiz: a palavra que tenho pregado, essa o julgará no último dia”. – Jo 12,48.

Deus não pode contradizer sua palavra para santificar alguém, pois ele é a verdade e não pode mentir. Onde não há fé, nenhum novo sentido, nenhuma nova mente, nenhum coração contrito e arrependido, infelizmente Cristo já deu a sentença: “Por isso que vos disse que morrereis em vossos pecados; porque, se não credes que Eu Sou, morrereis em vossos pecados”. – Jo 8,24. “Se não vos arrependerdes, todos vós também perecereis”. - Lc 13,5. Por causa dessas palavras de Jesus, Simons e

seus seguidores não julgam ninguém pela sua palavra e nem antes do tempo. Cristo e sua Palavra farão o julgamento no tempo certo.

Os Menonitas também não condenam seus perseguidores com seu afastamento, como acusados. Também não os julgam e condenam, como é feito com eles. “Não julgamos ninguém com nossa palavra antes da hora, mas deixamos que Jesus Cristo e sua Palavra os julquem na hora certa”. (SIMONS, 2013, p. 771). Ao invés disso, ensinam e alertam através da palavra e das atitudes, com toda perseverança. Ensinam que seus perseguidores devem deixar toda a maldade, fazer o bem, procurar a Deus de todo o coração e temê-lo, para que não morram em seus pecados e falta de fé, e fiquem eternamente debaixo do juízo e da ira de Deus. No entanto, o amor puro e o serviço fiel dos santos normalmente são entendidos erroneamente.

Os perseguidores, procurando se justificar, afirmam: “Não somos nós que os julgamos, mas o imperador e suas leis os condenam”. Simons refuta esse raciocínio, desafiando-os a analisar se o imperador e Cristo pertencem ao mesmo espírito. Será que o imperador segue o caminho ensinado por Jesus? Também é importante analisar as leis do imperador em comparação com o evangelho de Cristo. Caso percebam que há conflito entre ambos, precisam reconhecer que o imperador não é cristão e que suas leis são amaldiçoadas por Deus. É lamentável que eles, que se dizem cristãos, coloquem o pobre e limitado imperador acima de Jesus. “É muita cegueira colocar as ultrajantes ordens do imperador tão acima do evangelho do amor, e apesar disso, afirmarem que são cristãos”. (SIMONS, 2013, p. 771). O maior desejo dele é que o imperador seja cristão. Assim, muito sangue inocente – que jorrava como água, contra toda a palavra e a humanidade - seria poupado.

Simons questiona aqueles que se sujam com sangue inocente, os quais se justificam, afirmando que obedecem ao imperador: Onde, na vida de Jesus, vocês encontram um único exemplo que autoriza as pessoas a derramarem sangue ou a resolver questões de fé com a espada? Onde os apóstolos ensinaram isso ou agiram assim? Questões de fé não devem ser resolvidas com o espírito? Por que vocês (perseguidores) e o imperador no lugar de Deus, julgam temas que desconhecem e nem têm autonomia para julgar? Vocês não sabem o que aconteceu ao faraó, Antíoco, Herodes e muitos outros que não temiam a Deus e agiam contra seu povo? “Não esqueçam, tiranos e homens sanguinários, lembrem que Jesus está sobre o imperador, e não o contrário. Não é o imperador que dominará e julgará a Cristo, e

sim, o contrário”. (SIMONS, 2013, p. 772). Simons questiona por que os perseguidores são tão orgulhosos e contra Deus, seu criador. E também pergunta se acham que sua perseguição e zombaria durarão eternamente.

Em seguida, aponta que Jesus voltará; e, naquele momento, todos os seres humanos terão que se ajoelhar perante ele e confessar que ele é o Senhor. Quando ele chamar, vocês (os perseguidores), precisarão se apresentar no “pátio do julgamento”. Naquele momento, não vai adiantar quem eles são ou quais sejam suas reivindicações. Tampouco haverá desculpas ou justificativas. Quando Jesus chamar, terão que comparecer diante dele para prestar contas. Ainda resta pouco tempo e aí aquele que não teme a Deus não mais viverá. Apesar de parecer que o trono de Deus alcance as nuvens do céu e que sua glória alcance até o fim do mundo, desaparecerá em pouco tempo, inalcançável aos que não creram.

Simons consola seus seguidores, dizendo que podem ser alegres e consolados em Jesus, pois os perseguidores passarão como capim, assim como sua força e glória passarão como a flor do capim. Por isso, não é preciso ter medo de homens mortais, mas temer aquele que os escolheu. Todas as pessoas murcharão como a relva, sumirão como a neblina, mas os fiéis a Deus viverão eternamente, de acordo com a Escritura. O dia do alívio está perto: nesse dia, os fiéis estarão com grande poder em frente a seus perseguidores, que tomaram seu sangue e sua vida. Nesse dia, os perseguidores estarão como cinzas embaixo dos pés dos perseguidos. “Tardamente irão perceber que imperador, rei, duque, príncipe, coroa, cetro, majestade, poder, espada e mandato não são nada além de terra, pó, vento e fumaça”. (SIMONS, 2013, p. 772).

Esse dia é que traz consolo a todos cristãos perseguidos, os que agora estão carregados com a cruz de Cristo. Esses terão uma vida melhor no futuro; e deixarão que os tiranos sejam julgados por Deus. Os cristãos perseveraram em Cristo e sua santa Palavra, pela qual orientam seu ensino, sua fé, seus sacramentos e sua vida. Não dão ouvidos a outros ensinamentos ou mandamentos, além daqueles que foram colocados pelo pai do céu e ensinados e vividos por Jesus Cristo e pelos apóstolos. A conclusão de Simons é que suas argumentações conseguiram provar que as acusações dos perseguidores são infundadas e contra Jesus e sua Palavra. Ele deseja que o Deus misericordioso e amoroso conceda um santo entendimento da sua Palavra e um coração reto a todos os que sofrem por causa da verdade.

#### 6.4.8 As vantagens da perseguição

O objetivo agora é verificar quais benefícios que a cruz, as aflições e tentações terrenas trazem. Simons argumenta que o ser humano é fraco e tem uma natureza pecaminosa, inclinada ao mal desde a juventude. Não há nada de bom na carne humana, somente injustiça e pecado. Ele cita as palavras de Elifaz, amigo de Jó, que afirma: mesmo que a humanidade busque a Deus, ainda se fundamenta em coisas erradas e passageiras. Por causa disso, o Deus amoroso e gracioso, sempre preocupado com seus filhos, preparou um antídoto para a maldade humana: a cruz de Cristo.

A cruz de Cristo faz com que as pessoas creiam nele, por causa da sua própria fraqueza. É através do sofrimento, do medo, das prisões, da perda da liberdade por amarras nas prisões, do roubo dos bens que os Menonitas se livram dos desejos da carne. Dessa maneira, deixam morrer os desejos do mundo e da carne e amam somente a Deus, buscando somente as coisas do alto, onde Jesus está assentado à direita de Deus, como o apóstolo Pedro atesta:

Portanto, uma vez que Cristo sofreu na carne, armai-vos também desse mesmo pensamento; pois aquele que sofreu na carne já está livre do pecado; para que, no tempo que ainda vos resta na carne, não continueis a viver para os desejos dos homens, mas para a vontade de Deus. - 1 Pd 4,1-2.

Simons acredita ser impossível que uma pessoa que segue voluntariamente a Palavra de Deus e se submete a ele volte a valorizar as coisas mundanas, que são mentirosas e erradas. “Me parece impossível que aqueles que estão dispostos a se manter fieis à Palavra de Deus, mesmo sob ameaças, perseguições, prisões, roubos e morte, voltem a amar as coisas do mundo e agir conforme os valores do mundo”. (SIMONS, 2013, p. 773). Além do mais, os Menonitas creem que há um tesouro muito melhor esperando por eles no céu. A recompensas e alegrias mundanas são passageiras. Eles nem têm prazeres carnis, pois estão constantemente correndo perigo de vida. Nunca podem viver despreocupados, pois, a cada momento, podem ser presos pela polícia e ser colocados aos cuidados do carrasco, que os castiga, martiriza, afoga, queima, além de utilizar outras maneiras de morte.

O mundo não é um lugar agradável aos Menonitas. “Como, pois, o mundo poderia nos oferecer algo de bom, se todas as pessoas nos consideram perversos, hereges, escarnecedores e idiotas”? (SIMONS, 2013, p. 774). Com certeza, sua

fraqueza é conhecida pela eterna sabedoria, e o bem-estar passageiro pode desviá-los de Deus. Por isso, a cruz de Cristo é uma vara que os mantém atentos, ela é um instrumento amoroso, através do qual o Deus fiel os alerta e ensina. Assim como Salomão ensinou: “Meu filho, não rejeites a disciplina do Senhor, nem te canses da sua repreensão; porque o Senhor repreende a quem ama, assim como o pai repreende o filho a quem quer bem”. – Pr 3,11-12. Outra passagem citada para argumentar que Deus disciplina a quem ama é Hb 12,7-10. Em seguida, Simons destaca três vantagens que o sofrimento traz.

O sofrimento aproxima as pessoas de Deus, pois ele corrige a quem ama. As palavras contidas no livro de Hebreus são amorosas e cheias de consolo para os que precisam carregar a cruz de Cristo. Assim como um fiel e bem-intencionado pai humano - que ama seus filhos e quer ensinar o melhor, muitas vezes, com surras duras ou castigos, mas com amor paterno - também faz o pai celestial. Deus corrige seus filhos eleitos com sua vara paterna, para que eles obedeçam à sua santa Palavra, sua vontade e seus mandamentos. Muitas vezes, dói; mas o objetivo é que os cristãos temam a Deus e se submetam a ele, e não se misturem com o mundo. Mas, que sejam filhos obedientes a Deus, que recebam sua herança prometida.

No entanto, se eles não aceitam a correção, ignoram a cruz de Cristo e, apesar da correção do seu pai, se tornam mais depravados e indisciplinados, precisam ser desligados. Nesse caso, não podem mais ser considerados como filhos, mas como desonrosos e excluídos. Portanto, não ignorem a disciplina e a vara do seu pai amoroso. A correção visa o melhor, para que os pecados sejam deixados e Deus seja temido, amado e obedecido. A disciplina do Senhor é amorosa e boa. “Por isso, queridos irmãos, não evitem o castigo e a vara do seu amado Pai”. (SIMONS, 2013, p. 774). Deus castigou seu povo através de povos pagãos: filisteus, assírios, caldeus. Quando seu povo desobedecia ou ficava indisciplinado, ele os disciplinava para que voltassem a buscar a Deus, a obedecer a seus mandamentos e se afastar do mal. No entanto, no caso de Israel, a disciplina do pai várias vezes não teve resultados. Para os filhos maus, não há vara que resolva.

Fome, pragas, aflições e medo são flagelos enviados para castigo e melhora. Apesar disso, eles não se converterão da sua maldade e não mais se lembrarão dos flagelos e das surras. “Tu os feriste, mas não lhes doeu; tu os consumiste, mas se recusaram a receber a correção. Endureceram o rosto mais do que uma rocha e não quiseram se converter”. – Jr 5,3. Essas palavras do profeta mostram porque o povo

de Israel era constantemente corrigido e disciplinado, pois deveriam se converter. Todavia, pelas queixas dos profetas, percebe-se que foi tudo em vão. Simons adverte: “Queridos irmãos, aceitem esse alerta, para que não sejam iguais ao teimoso e desobediente Israel”. (SIMONS, 2013, p. 775). Submetam-se voluntariamente à correção misericordiosa do seu pai, conforme está escrito: (Quando, porém, somos julgados pelo Senhor, somos corrigidos, para não sermos condenados com o mundo.) – 1 Cor 11,32.

O alerta aos irmãos e irmãs no Senhor continua. “Não ignorem a disciplina e instrução do seu pai amoroso, mas a recebam sua amorosa correção com grande alegria e agradecimento”. (SIMONS, 2013, p. 775). Ele os escolheu como filhos amados em Cristo Jesus, chamados e ensinados através da sua Palavra e iluminados através do Espírito Santo. Para que, através da influência da cruz de Cristo, seja curada sua pobre e mortal vida, que passa por tantas doenças e privações. Assim, através da cruz de Cristo e de sua morte, eles poderão participar da ressurreição dos mortos, como afirma o apóstolo Paulo:

Sofremos pressões de todos os lados, mas não estamos arrasados; ficamos perplexos, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo no corpo o morrer de Jesus, para que também sua vida se manifeste em nosso corpo. - 2 Cor 4,8-10.

Os que estão vivos são entregues diariamente à morte, pela vontade de Jesus, para que a vida de Jesus seja vista em sua carne mortal. Por isso que Deus ensina, alerta, disciplina e castiga: para que deixem as atitudes do mundo, da carne e do Diabo. É necessário buscar somente o tesouro celestial e amar somente o eterno, verdadeiro e vivo Deus. Nele, eles vivem com paciência e confiança, aguardando a volta de Jesus, que se deu para salvá-los de toda injustiça. Ele formou e purificou um povo para si, para lhe servir durante toda sua vida, com toda a justiça e santidade. Por isso, Tiago afirma:

Meus irmãos, considerai motivo de grande alegria o fato de passardes por várias provações, sabendo que a prova da vossa fé produz perseverança: e a perseverança deve ter ação perfeita, para que sejais aperfeiçoados e completos, sem vos faltar coisa alguma. – Tg 1,2-4.

O ouro é purificado através do fogo; assim também o cristão é purificado através do forno das aflições. Através desse processo, ele aprende a humildade e é

limpo para o eterno louvor e glória do pai. Dessa maneira, o cristão não terá mais empecilho para temer, amar e glorificar seu Deus. Essa palavra encontra-se em Sabedoria 3,5-8:

Por um pequeno castigo receberão grandes favores. Deus os colocou à prova e os achou dignos de si. Examinou-os como o ouro no crisol e aceitou-os como perfeito holocausto. Julgarão as nações, dominarão os povos, e o Senhor reinará sobre eles para sempre.

Por isso, é preciso estar cheio do consolo de Deus e receber as aflições como piedosos seguidores de Cristo. Agindo assim, aquele que os escolheu e os chamou tem alegria por eles: “E se um atleta competir nos jogos públicos, não será coroado se não cumprir o regulamento”. – 2 Tm 2,5.

A segunda vantagem é que os perseverantes serão salvos. Mesmo que, aparentemente, os maus prosperam e a maldade vale a pena. É preciso ser perseverante na batalha, para que seu rei fique satisfeito com eles. Todavia, se tiverem medo e largarem seus escudos e armas e abandonarem a batalha, também não receberão a coroa: “Mas quem perseverar até o fim será salvo”. – Mt 24,13. Na sequência, Simons expressa uma preocupação: ele teme que os irmãos mais jovens e inexperientes se assustem com pensamentos que vêm do coração. “Eu temo que eles questionem porque os incrédulos prosperam e os justos precisam sofrer tanto”. (SIMONS, 2013, p. 776).

Na situação perigosa e cheia de perseguições em que os Menonitas vivem, realmente parece que os injustos nasceram para ter sorte, pois eles crescem e prosperam como os ramos verdes. Eles casam e são pedidos em casamento; semeiam e colhem bem, gerando bastante recursos. Suas casas são lindas e confortáveis; vestem-se com ouro e prata, com seda e veludo; alegam-se como se sempre fosse feriado. Seus campos florescem muito; seu gado é sadio e traz resultados; seus filhos são felizes e cheios de vida. Eles tocam flautas e tambores, cantam e pulam, dizendo: “Seja feliz enquanto você vive”.

Seus pregadores os fortalecem e consolam e, em seus cultos, há somente prazer e prosperidade. “Até parece que eles foram abençoados e amados com um amor especial por Deus, enquanto o justo é odiado e amaldiçoado”. (SIMONS, 2013, p. 777). O justo parece uma planta fraca em terra árida, assim como uma coruja noturna afugentada, perseguida por todos os outros pássaros, assim como um abutre

no deserto, como um pássaro solitário no telhado (Sl 102). Todos que o veem, o ridicularizam; quem o conhece, o odeia; nenhum reino, nenhum principado, nenhuma cidade, nenhum país são tão grandes que possam oferecer um lugar de paz para um pobre e perseguido cristão. Todos os que os caluniam e importunam, entendem que, agindo assim, fazem um serviço a Deus. Se a análise e juízo fossem feitos de maneira humana, com certeza seria em forma de lamento, como o de Jeremias: “Ó Senhor, tu és justo quando apresento minha causa perante ti. Contudo, desejo falar contigo sobre a tua justiça. Por que o caminho dos ímpios prospera? Por que vivem em paz todos os que procedem de modo traiçoeiro”? - Jr 12,1.

Em seguida, Simons cita diversos versículos bíblicos para sustentar seus argumentos. “Por que ficas apenas olhando para os perversos e te calas enquanto o ímpio devora quem é mais justo do que ele”. Hab 1,13b. A todos os que são acometidos por dúvidas, Simons recomenda que coloquem seu coração e olhos sobre a Palavra de Deus e percebam o que lá está escrito sobre o final dos tempos. Sobre os que não temem a Deus, Davi diz: “Não te aborreças por causa dos homens maus, nem tenhas inveja dos malfeitores. Pois em breve secarão como relva, murcharão como erva verde”. – Sl 37,1-2. “Pois a mentalidade da carne é morte; mas a mentalidade do Espírito é vida e paz”. – Rm 8,6.

A terceira e última vantagem da perseguição, sob a ótica de Simons, é que, no fim, o justo prevalecerá. Sobre o final dos justos, Simons lembra dos seguintes versículos: “As aflições do justo são muitas, mas o Senhor o livra de todas elas”. – Sl 34,19. Em seguida, faz menção a dois versículos muito importantes no presente trabalho, que já foram destacados nos primeiros capítulos: “Bem-aventurados sois, quando vos insultarem, perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, pois a vossa recompensa no céu é grande; porque assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós”. – Mt 5,11-12. Logo após citar esse versículo, Simons comenta:

Deus retribuirá com tribulação aos que causaram tribulação. Mas para vocês que sofreram tribulação, a paz esteja convosco quando Jesus vier do céu com anjos e com seu poder. Com chamas de fogo trará vingança aos que não reconhecem Deus e sobre os que desobedeceram ao Evangelho do Senhor Jesus Cristo. (SIMONS, 2013, p. 777, 778).

Todos os que conhecem as Escrituras e confiam nelas conseguem discernir a diferença entre bons e maus, que será feita no final dos tempos. Os curtos e

passageiros períodos de bonança e alegria dos maus não serão invejados. Porém, o próprio sofrimento, as aflições e a cruz serão suportados através da graça e do consolo divino.

Carregar a cruz é muito difícil e amargo para todas as pessoas. Normalmente, a cruz não é vista como algo alegre e bom. Todavia, ela também traz benefícios e alegrias. Através dela, os santos se tornam mais santos, afastam-se mais do mundo e da carne e se aproximam mais de Deus e da sua Palavra. Ou seja, a cruz traz motivação aos santos. A cruz também é útil para que os santos sejam preservados e os hipócritas sejam revelados. Assim sendo, todos os verdadeiros filhos de Deus estão dispostos, através do amor, a fazer a vontade do pai com alegria: “Mas longe de mim orgulhar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo”. – Gl 6,14.

Por experiência própria, Simons afirma que “a cruz machuca e oprime sua pobre e fraca carne. Isso também é perceptível na vida de Jó, Jeremias, Elias e outros personagens bíblicos”. (SIMONS, 2013, p. 778). O próprio Jesus pediu que, se possível, o cálice fosse afastado dele e, por causa do grande medo, suou como se fossem gotas de sangue. Simons aconselha que, com fé e humildade, eles busquem refúgio somente no Senhor, como todos os santos que carregaram suas cruzes fizeram desde o início, e com toda confiança buscaram nele, graça, ajuda e consolo. Deus nunca ignora quem nele confia. Ele ouve todos os que clamam. Ele é seu Deus e pai, Senhor e rei, ajudador e protetor, sua força e fundamento, seu consolo e refúgio na necessidade, sua salvação e sua sombra no calor. Com seu Deus, ele pode saltar muralhas, diz Davi (Sl 18,30).

“Se Deus é por nós, quem pode ser contra nós? Podemos tudo em Cristo, que nos fortalece”. (SIMONS, 2013, p. 778). Ele faz sua vontade nos santos. Alguns ele salvou das mãos dos tiranos; uns salvou da fogueira, fechou a boca de leões; outros salvou de prisões. A outros deu coragem para, através de sua fé vencer a fome, sede, zombaria, vergonha, nudez, surras, prisão, medo, enforcamento, tortura, água, fogo e morte. Eles foram motivados pelo amor de Deus, aquele que transforma o amargo em doce e o terrível em suportável. Palavras de Salomão: “O amor é tão forte como a morte, ... as muitas águas não podem apagar o amor, nem os rios afogá-lo”. Ct 8,6-7. Todos os que são dominados e judiados deveriam saber que nada os separará do amor de Cristo. Nenhuma tribulação, angústia, perseguição, fome, privação, ou perigo de espada, conforme escrito pelo apóstolo Paulo em Romanos 8,35-39.

Por isso, Simons anima seus queridos irmãos, que carregam a cruz de Cristo: “reconheçam, temam e amem seu Deus; confiêm e tenham fé e o sirvam de todo o coração, segundo o exemplo de todos os santos e de Jesus”. (SIMONS, 2013, p. 779). Fazendo isso, o Senhor misericordioso, fiel em seu amor, não irá abandoná-los. Ele vai carregar suas preocupações, vai sustentá-los em toda a necessidade e tribulação, vai estender sua mão e protegê-los na vida ou na morte. Fará isso de acordo com sua vontade e para a glória do seu eterno nome, bem como para a santificação das suas almas. Deus é tão gracioso e bondoso que não permite que sejam tentados acima das suas possibilidades; mas, em sua infinita misericórdia, encontrará uma saída para eles, se confiarem firmemente em suas palavras e forem fiéis a ele.

Simons continua afirmando que, se seus queridos irmãos permanecerem firmes em toda tribulação e angústia, e se beberem com paciência o cálice do Senhor, engrandecerão o nome de Deus. Também é preciso praticar a Palavra de Deus e se comportar como humildes cordeiros rumo ao abate; dessa maneira, o nome do Senhor será honrado, santificado e glorificado. Agindo assim, a esperança dos santos é revelada, o reino de Deus avança, a Palavra de Deus é reconhecida e seus pobres irmãos na fé são fortalecidos e ensinados. Desse mesmo modo, são ensinados até os dias de hoje através do sacrifício de sangue de Abel, da fé e obediência de Abraão, Isaque e Jacó. Também através da castidade de José, da paciência de Jó e Tobias, da bela confissão de Eleazar (2 Mc 6,18-31) e da mulher com seus sete filhos (2 Mc 7); e da sinceridade, perseverança e santidade de todos os santos que viveram antes deles. São ensinados através do amor sincero, humildade, justiça e paz e o sacrifício de Jesus, que é seu inconfundível professor e exemplo da bondade de Deus, seu pai celestial. Jesus foi enviado a nós, do alto céu, por amor.

#### **6.4.9 Conclusão do pensamento teológico de Simons sobre a perseguição**

Simons resume o motivo de ter escrito esse artigo sobre a perseguição. Ele o escreveu para seus irmãos e irmãs espalhados em diversos países, motivado por amor cristão e sentimento de responsabilidade. Nesse momento, é feito um resumo sobre o conteúdo do mesmo. Em primeiro lugar, ele quis mostrar quem é o povo que persegue os Menonitas com tanto desprezo, tirando seus bens e matando-os. Em segundo lugar, refletir por que eles são perseguidos. Em seguida, ele sublinha que todos os santos, inclusive Jesus Cristo, sofreram perseguição e tiveram que sofrer,

como é possível verificar. Em quarto lugar, ele mostra como são fracos os argumentos dos perseguidores, com os quais tentam justificar a perseguição e incriminar os Menonitas. O objetivo é provar que eles têm razão e os Menonitas merecem toda vergonha e castigo. Em último lugar, ele ressalta a importância da cruz de Cristo que, segundo a Palavra de Deus, eles precisam carregar diariamente. A cruz precisa ser levada porque eles escutam Jesus, confiam nele e querem obedecer-lhe. Simons crê que esses cinco pontos - analisados com cautela, em conjunto com a Bíblia e com pureza de coração - podem ser um auxílio muito grande em meio a toda aflição, perseguição, medo e necessidade. Finalmente, Simons ressalta que nunca se deve esquecer o que está previsto e prometido a todos os que perseverarem em Cristo no futuro:

O reino eterno, a coroa da justiça e da vida eterna. Por isso, ele incentiva que o povo de Deus se prepare e arme para a batalha. Não com armas externas, como os sanguinários e o mundo mau fazem, porém, somente com uma inabalável confiança, perseverança e oração fervorosa. (SIMONS, 2013, p. 780).

Não há outra solução, a luta da cruz precisa ser vencida e a miséria precisa ser pisada. “Ó noiva e irmã de Cristo, se prepare. A coroa de espinhos precisa machucar sua cabeça e os pregos precisam atravessar suas mãos e pés. Seu corpo precisa ser açoitado e seu rosto precisa ser cuspidor”. (SIMONS, 2013, p. 780).

Os alertas continuam: Se prepare, pois você precisa sair da cidade com o Senhor e noivo e carregar sua desgraça. Para o Gólgota você precisa trazer seu sacrifício. Vigie e ore, seus inimigos são mais numerosos que seus cabelos sobre sua cabeça ou mais numerosos que a areia do mar. Mesmo que o coração, as mãos, os pés e os escudos dos perseguidores estejam tingidos de sangue, não temas, pois Deus é seu líder. Sua vida na terra é uma constante luta. Lute com perseverança; e, assim, receberás a coroa prometida. Simons deixa claro novamente que, para ele, é preciso passar por sofrimento.

Em seguida, ele procura incentivar, destacando um versículo do livro de Apocalipse. “Ao que vencer, eu lhe permitirei comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus”. – Ap 2,7. Quem vencer: Deus o colocará como pilar em seu Templo e seu nome, juntamente com o nome da nova Jerusalém, será escrito sobre ele. Quem vencer não experimentará qualquer sofrimento da segunda morte. Quem vencer será vestido de vestes brancas e seu nome não será tirado do livro da vida. Jesus

reconhecerá seu nome perante o pai celestial e seus anjos. Quem vencer sentará com Jesus sobre seu trono, assim como Jesus venceu e se assentou no trono com seu pai. “Ó, guerreiro de Deus, não tenha medo! Você precisa pisotear as uvas, nesse caminho estreito você precisa andar, e por esse portão estreito passar para entrar na vida”. (SIMONS, 2013, p. 781). As palavras de incentivo e encorajamento continuam:

O Senhor é sua força, consolação e seu refúgio, ele está contigo na masmorra e quando você está amarrado. Ele foge com você para países desconhecidos, ele está com você no fogo e água, ele não te deixará ou abandonará. Sim, ele voltará logo e trará sua grande recompensa. (SIMONS, 2013, p. 781).

Após deixar apresentar um quadro um tanto complicado e deixar claro que, para ele, todos cristãos verdadeiros serão perseguidos, Simons se esforça para trazer esperança e coragem nos últimos parágrafos de seu escrito.

Na sequência, Simons cita outro versículo que é fundamental nessa pesquisa: “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino do céu”. – Mt 5,10. Imediatamente após o versículo, está o seguinte comentário: “Não se deprima por ser desprezado, pois você é agradável para o rei. Você precisa crescer como a rosa entre os espinhos, e suportar as picadas. Alegre-se, pois o rei percebe sua beleza”. (SIMONS, 2013, p. 781). Apesar de Jesus ter vindo da primeira vez como um cordeiro sem culpa, que foi sacrificado sem abrir sua boca, ele voltará como um príncipe triunfante e um rei para o julgamento. Então, seus perseguidores perceberão quem eles fizeram sofrer, e: “dirão aos montes: Cobri-nos! E às colinas: caí sobre nós!” – Os 10,8. Todavia, ele e seu povo saltarão, tomados de grande alegria. A alegria não os deixará, pois seu rei, noivo e salvador - Jesus Cristo - estará eternamente com vocês. “Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram”. – Ap 21,4.

O louvor, a honra e o agradecimento a Deus fluirão eternamente de suas bocas. Repito novamente: “Lutem. A coroa de honra está preparada para vocês”. (SIMONS, 2013, p. 781). Não cedam nem vacilem; “pois aquele que vem, virá dentro em breve e não tardará. Mas o meu justo viverá da fé. Se recuar, a minha alma não se agrada de dele”. – Hb 10,37-38. Estejam vigilantes, para que o fogo da cruz não os consuma como madeira ou feno e que os temporais e ventos da perseguição não derrubem suas casas. Também cuidem para que o calor do sol não derreta a cruz, para que não façam como os cães, engolindo o que vomitaram (2 Pd 2,22). Não sujem novamente

suas roupas e pés que vocês lavaram; pois, dessa maneira, entram em vocês sete espíritos, e o erro inicial se torna muito pior do que o primeiro.

Por isso, é preciso que os queridos irmãos e irmãs no Senhor devem temê-lo de todo coração e com toda a sua alma, e procurá-lo com todas as suas forças. “Vigiem de noite e de dia. Batam no trono da sua graça, para que ele os sustente com sua mão paternal em todo o sofrimento, toda angústia e miséria. Que o Senhor os preserve graciosamente em seu caminho, sua Palavra e sua verdade”. (SIMONS, 2013, p. 781). Isso é necessário para que eles não tropecem em uma pedra e assim vacilem em sua vida e testemunho, caindo e sendo envergonhados. Porém, preservem o tesouro prometido limpo e sem danos até aquele dia. Assim, com todos os santos, receberão a terra prometida, o reino, a vida e a coroa da vida. “Essas coisas o amado Deus, através do seu abençoado filho Jesus Cristo, dará a vocês e a nós. Na força do seu eterno Espírito Santo, para sua honra e glória. Amém!” (SIMONS, 2013, p. 782).

## **7 COMPARAÇÃO DA TEOLOGIA DA BEM-AVENTURANÇA EM MATEUS COM A TEOLOGIA DE MENNO SIMONS NO CONTEXTO DA PERSEGUIÇÃO**

O objetivo principal da presente pesquisa é verificar se os anabatistas do século XVI se encaixam no perfil de “perseguidos” mencionados por Jesus no Sermão do Monte (Mt 5,10-12) e podem ser considerados um grupo que sofreu a perseguição por ele mencionada. A hipótese proposta no trabalho é justamente essa. Até esse ponto, um longo caminho foi percorrido, e a verificação final da hipótese será feita comparando-se as palavras de Jesus sobre “perseguição” e o pensamento teológico de Menno Simons sobre o mesmo tema, desenvolvido no capítulo 6.

A comparação será fundamentada na análise teológica de Mateus 5,10-12 e na teologia de Menno Simons sobre a perseguição. A comparação será resumida e apontará quatro pensamentos teológicos decorrentes do sofrimento de Menno Simons, que permanecem até hoje. São contribuições teológicas que, à época, eram novas, algumas reprimidas, até; mas que atualmente contribuem para enriquecer o pensamento teológico. Como demonstrado no capítulo 6, Simons provavelmente era mais pastor do que teólogo e, muitas vezes, utilizava do recurso da alegoria em suas interpretações bíblicas. Como um verdadeiro pastor, era muito preocupado com o bem-estar do seu povo e lutou para mantê-lo vivo e animado em meio à perseguição.

Todavia, não só atingiu esse objetivo, como também trouxe valiosas contribuições que enriquecem a Teologia – e, até certo, ponto diferem os Menonitas de outros grupos religiosos. Os quatro pensamentos ou pilares da Teologia Menonita surgiram após a comparação do pensamento de Jesus com o de Menno Simons sobre perseguição, analisando-se oito perguntas auxiliares, já empregadas nos capítulos 4 e 5. Essas perguntas continuarão servindo para a comparação e inspiração ou fundamento para os quatro pensamentos teológicos resultantes delas: Vida cristã coerente, Igrejas livres do poder do estado, Resistência no sofrimento e: Pacifismo e não violência

Esses quatro pilares teológicos são resultantes da perseguição sofrida. A perseguição molda e forja suas vítimas. A espiritualidade do grupo é fortalecida; o sofrimento gera resistência, fidelidade, aumenta a força interior e a fé. As dores acabam gerando um grupo mais forte, capaz de trazer contribuições teológicas profundas e importantes. Esse é o caso dos Menonitas, cuja experiência histórica de perseguição vivida no século XVI não produziu somente dores, angústias e aflições. Gerou, entre outros, pensamentos teológicos valiosos que não podem ser esquecidos, pois são frutos de grande sofrimento, perseguição e morte. Na sequência, será feita a análise desses pontos, em conjunto com as perguntas que os produziram.

### 7.1 VIDA CRISTÃ COERENTE

A primeira pergunta, intitulada: “Quem era o perseguido?” Tinha o objetivo de verificar quem eram os perseguidos nos tempos de Jesus e, posteriormente, na época de Menno Simons. O contexto do primeiro século em Israel era muito parecido com o contexto do século XVI, época em que os anabatistas surgiram. O mesmo Império Romano, embora muito menor no século XVI, ainda estava dominando a parte da Europa onde os anabatistas surgiram e se desenvolveram (Suíça, Holanda e Alemanha). O poder temporal era o mesmo. A violência empregada contra os opositores tampouco havia mudado. Aliás, a violência iniciou na região de Israel com a chegada dos romanos, em 63 a.C.

A partir dessa data, uma série de atrocidades e perseguições contra os judeus foram executadas. O capítulo 2 mostra claramente como uma “cultura de perseguições” foi implementada na região. Quem ousasse discordar era perseguido e morto, sem nenhum constrangimento ou freio. Os romanos perseguiram e matavam tanto os judeus e posteriormente os cristãos do primeiro século, bem como os

anabatistas do século XVI. No capítulo 6, percebe-se o tamanho da crueldade contra os Menonitas.

Uma diferença significativa entre os dois períodos (séc. I e séc. XVI), é que os judeus tinham certa liberdade para praticar sua religião, pois estado e religião ainda não formavam um poder sólido e unificado. A religião romana era bem diferente da judaica, mas existia certa tolerância. Os judeus foram perseguidos quando extrapolavam e criavam atritos fortes com o poder do império. A partir do século IV, no tempo de Constantino, igreja e estado formaram uma união muito forte e mais difícil de ser enfrentada. Essa união dos poderes temporais e religioso estava bem solidificada, enquanto os Menonitas do século XVI estavam em desvantagem, pois não havia liberdade religiosa nenhuma fora do poder constituído, no caso, o Império Romano. Quem ousasse ter um entendimento diferente era perseguido e morto: como, de fato aconteceu.

A grande dúvida levantada no item 4.7.1 da presente pesquisa é se Jesus falava somente para os discípulos ou também para a multidão quando abordou o tema “perseguição”. Há certa divisão quanto ao tema. Uns entendem que a bem-aventurança vale somente para os discípulos mais próximos e outros defendem que todos os cristãos serão perseguidos. Essa dúvida não existe na Teologia Menonita. Simons e a grande maioria dos teólogos Menonitas depois dele entendem que os Menonitas, de fato, são perseguidos por serem discípulos ou seguidores de Jesus. Simons confirma essa percepção, falando a seu povo: “Eu fui perseguido, e vocês também serão”. (MOUSSAULT, 2013, p. 18). Eles não conheciam outra forma de vida: quando eram batizados, a perseguição iniciava. Parece que só contavam com essa possibilidade. A única opção que lhes restava era resistir em meio à perseguição.

A conclusão é que os Menonitas sofreram perseguições por seguirem a Jesus. Sendo assim, encaixam-se no perfil mencionado por Jesus, pois são perseguidos por causa da justiça e por causa de Cristo. No entanto, eles não são o único grupo que se alinha na situação. Há inúmeros outros grupos de cristãos, em todos os tempos, que foram e serão perseguidos por causa de Cristo. Essa perseguição não é exclusividade dos Menonitas. Eles são um, em meio a outros muitos grupos de cristãos que passaram e passam pela mesma situação. Toda pessoa que é perseguida e morta por seguir a Jesus é um bem-aventurado, segundo as palavras do próprio Jesus em Mt 5,10-12.

A busca por repostas “a quem era o perseguido” evidencia pontos interessantes da Teologia Menonita com relação à vida cristã. Pois, para eles, a vida cristã inicia-se com um “novo nascimento”. A pessoa torna-se cristã através do novo nascimento, um conceito muito importante para Simons. Nascer de novo significa: nascer segundo o Espírito de Deus; tornar-se uma nova criatura em Jesus Cristo. Um cristão que crucifica sua carne, seus desejos, odeia todo o pecado e procura levar uma vida agradável a Deus é uma pessoa pacífica e amorosa. Quando a pessoa nasce de novo, torna-se um discípulo de Cristo.

A vida de um discípulo de Cristo inicia-se com o batismo, que - para os Menonitas - é “um andar na ressurreição de Cristo” (CONFISSÃO, 1527, p.1). Esse princípio já aparece registrado na primeira confissão de fé anabatista, acordada e redigida por líderes do movimento em 24 de fevereiro de 1527, num lugar chamado Schleithem, sul da Alemanha. O batismo só pode ser concedido àqueles que se arrependeram de seus pecados e que creem que somente Jesus pode perdoar seus pecados. Um verdadeiro discípulo de Cristo, a partir de seu batismo, precisa imitar a Jesus, andar como ele ensinou. Para os Menonitas, o batismo também marca o início da perseguição na vida de um discípulo de Cristo.

Simons identificava-se como um fiel discípulo de Cristo. Afinal, tinha certeza que ele e seus seguidores eram perseguidos porque eram discípulos fiéis de Jesus. Para ele, todos os cristãos serão perseguidos; e os Menonitas não fugiam à regra: eram perseguidos por pessoas que tinham uma vida incoerente, que se diziam cristãos, mas não agiam como tal. Essa cruel perseguição que sofreram por “falsos cristãos” fez com que dessem tanta importância a uma vida cristã coerente. Segundo Simons, seus inimigos são um povo descrente, desumano, cego, mentiroso, invejoso, vingativo e sem misericórdia. Dizem-se cristãos: mas não o são, pois não vivem como discípulos de Cristo. Quem diz ser cristão precisa viver em coerência com a Palavra de Deus. As atitudes devem ser coerentes com o que a pessoa afirma seguir.

Para os Menonitas, o batismo era composto de três partes: o batismo nas águas, no espírito e o batismo de sangue. O último é um termo um tanto desconhecido e novo nessa pesquisa. No entanto, a explicação somente reforça crenças anabatistas já mencionadas anteriormente, pois indica que, assim como Jesus, seus seguidores passariam por aflições e sofrimentos. Batismo de sangue significava estar disposto a sofrer com Jesus: isso não era acidental, mas consequência da fidelidade a Cristo:

Esse batismo era o sofrimento e a perseguição que recebiam por parte do mundo. Tratava-se de um sofrimento de valor testemunhal do martírio. Nisto se identificavam com Jesus e com a igreja primitiva, pois tornavam suas as palavras de Paulo: preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja (Cl 1,24). (DRIVER, 1995, p. 37).

Receber o batismo significava estar disposto a obedecer a Cristo radicalmente. Essa disposição era fundamental no momento do batismo, precisava ser respondida e praticada pelo candidato. Era uma mudança radical em relação ao que era praticado até então. O batismo não poderia mais ser recebido por crianças inocentes, somente por pessoas conscientes do seu passo. Não à toa, pagaram caro por essa mudança radical. Estima-se que, somente nos primeiros dez anos do movimento anabatista, houve aproximadamente 5.000 mártires dispostos a morrer pela causa. Essa disposição continuou na segunda fase, com Menno Simons em solo holandês e, depois, alemão.

Os anabatistas – e, posteriormente, Menonitas - recusavam-se a batizar seus filhos: desafiavam, assim, o poder temporal e religioso de sua época, pois “celebravam os batismos de crentes, sem autorização oficial, nas cozinhas de suas casas, com conchas ou jarros; ao ar livre, com água de um balde; ou nos rios.” (DRIVER, 1995, p. 31). Se algum deles fosse perguntado quem ele era para ser perseguido e morto, diria simplesmente que é um seguidor de Cristo, preocupado em seguir radicalmente o que seu Senhor tinha ordenado. Ser perseguido e morto era consequência da sua obediência a Cristo; portanto, dificilmente poderia ser evitado.

Para eles, o fato de se renderem a Jesus torna-os seus discípulos. Quando recebiam o batismo, precisavam seguir radicalmente a Jesus, ter uma nova vida e obedecer-lhe: “Portanto, fomos sepultados com ele na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida”. – Rm 6,4. Paulo ainda complementa: “Pois sabemos isto: a nossa velha natureza humana foi crucificada com ele, para que o corpo sujeito ao pecado fosse destruído, a fim de não servirmos mais ao pecado”. – Rm 6,6. Para os cristãos, “está valendo essa equação incrível: como Cristo, nós agora podemos levar uma vida na novidade! ”. (POHL, 1999, 107). O batismo simboliza e testemunha publicamente que o cristão se rendeu a Jesus e está iniciando uma nova vida.

Os Menonitas entendem que os cristãos podem e devem viver uma nova vida. “Antes, essa força coerciva é a licença, a autorização, a obrigação e a vontade do meu novo ‘eu’, criado em Cristo”. (BARTH, 2003, p. 300). Por conta desse

pensamento, para Simons, só pode ser cristão quem vive o que prega. “Eles criam que o cristão é diferente devido à sua regeneração, à nova lei de Cristo e à sua submissão a um novo Senhor”. (DRIVER, 1994, p. 132). Ainda em vida, a graça precisa produzir frutos visíveis que revelem a salvação da pessoa. Os frutos precisam ser coerentes com a pregação dos cristãos.

Nesses pontos, os Menonitas diferem até mesmo dos demais reformadores evangélicos porque dão importância ao exemplo de vida de Jesus, não se importam somente com seu nascimento, morte e ressurreição. Jesus viveu nesse mundo e deseja ser imitado por aqueles que se dizem seus seguidores. “O que ele fez e ensinou entre a manjedoura e a cruz?": é uma pergunta fundamental e de grande importância na Teologia Menonita. “A cobertura exterior está lá - o nascimento, a morte e a ressurreição de Jesus. Mas quem está envolto pelo manto? O que Jesus fez entre um momento e outro? Tem alguém lá? Isso importa?” (WRIGHT, 2019, p. 18). A vida de Jesus, seus dizeres e feitos ocupam a maior parte dos Evangelhos; portanto, precisam ser considerados. Não é à toa que a vida de Jesus está relatada: é preciso viver conforme ele ensinou e viveu.

Essa preocupação em imitar e obedecer a Jesus é fundamental na fé Menonita. O “novo nascimento” é o início da caminhada. Ninguém pode ver e participar do reino de Deus se não nascer de novo (Jo 3,4). O batismo é o ritual que evidencia o “nascer de novo” e o início de uma vida em imitação a Jesus (Rm 6,4). Esse passo precisa ser dado de maneira consciente, com fé. A vida do cristão é que demonstrará se a pessoa está realmente imitando a Jesus. O testemunho e uma vida de discipulado são fundamentais (Mt 7,16), evidências primárias de uma vida cristã coerente e são princípios moldados a partir da perseguição sofrida pelo grupo.

## 7.2 IGREJAS LIVRES DO PODER DO ESTADO

A segunda pergunta foi: “Por quem eram perseguidos?” Novamente, comparando a situação dos cristãos do primeiro século e os Menonitas do século XVI e verificando quem os perseguia: há grandes semelhanças. Nos dois períodos, o poder temporal opressor é o mesmo: o Império Romano. Como já mencionado no ponto anterior, no século XVI, ele está bem menor, com menos extensão, mas ainda é capaz de causar perseguições. No tempo de Jesus, tanto judeus e depois cristãos experimentaram a perseguição das autoridades.

Após o surgimento do Cristianismo, também existia a perseguição dos judeus aos cristãos. No livro de Atos, é bem visível como os primeiros perseguem os cristãos, configurando uma perseguição religiosa entre dois grupos que alegam seguirem ao mesmo Deus. Esse também é o cenário no século XVI, conforme já mencionado no ponto anterior (7.2), quando Simons relata a perseguição sofrida pelos Menonitas por outros grupos religiosos (papistas, luteranos, zuinglianos e reformados).

Simons cita como perseguidores: “a espada tirana do senhor e príncipe”, “os desumanos e mentirosos eruditos”, “e as mentiras, os insultos e a zombaria do povo comum” (SIMONS, 2013b, p. 49). Em seguida, ele “pede humildemente à majestade imperial, aos reis, senhores, príncipes, autoridades e funcionários públicos” que deixem todo o ressentimento e opinião errada contra os Menonitas”. (SIMONS, 2013b, p.49). Parece que ele tem em mente, principalmente, três classes de perseguidores: autoridades civis, religiosas e o povo. Mais adiante, no mesmo livro, ele dedica várias páginas a esses mesmos personagens, alertando que causam sofrimento aos Menonitas e clamando para que cessem com as perseguições.

As duas perguntas seguintes - “quando e onde houve perseguição” - trazem conclusões bastante simples. Todos os cristãos estão sujeitos a perseguição. Nem todos cristãos serão perseguidos, mas todos correm perigo e podem ser perseguidos. Os poderosos certamente perseguirão os que “são inconvenientes (Sl 35,37; Sb 2, 12-24). O Jesus crucificado pertence a esta tradição. O particípio passivo perfeito em Mt, 5.10 indica perseguição passada que continua”. (CARTER, 2012, p. 217). Essa resposta encontra-se quando Simons compara a perseguição mencionada em Mateus àquela sofrida pelos Menonitas durante o século XVI. Quanto ao local, a resposta mais adequada é que pode haver perseguição em todos os lugares onde houver cristãos. Não é o local que é decisivo na possibilidade de perseguição, mas a presença de cristãos.

Atualmente, é difícil entender porque alguém seria perseguido por conta da forma que pratica o batismo. No entanto, como já explorado durante a pesquisa, o batismo representava o maior poder existente na época: a união da igreja com o estado. Parece que a igreja e o estado não estavam tão preocupados com a forma do batismo em si, mas com o fato de que batizar adultos e não mais bebês traria cisões e enfraqueceria o poder dominante, controlador e opressor existente na época. Esse poder era praticamente inseparável e invencível: quem ousasse enfrentá-lo -

pensando de maneira diferente - pagaria com perseguição e morte, como aconteceu com os Menonitas.

A partir do batismo da criança, a família pagava tributos tanto ao estado como à igreja: “o dízimo era um tributo como os demais impostos imperiais e urbanos, recolhido pelas autoridades civis que pagavam o salário dos sacerdotes. Zwinglio recebia, portanto, do Conselho da cidade de Zurique”. (NETO, 2016, p. 83). Sendo assim, se menos dinheiro fosse repassado ao estado e à igreja, haveria perda financeira e uma possível crise econômica. Isso, em uma época onde se lutava contra os otomanos (muçulmanos), que ameaçavam a estabilidade da Europa cristã, principalmente após a queda de Constantinopla (1453). Portanto, o movimento anabatista, que pleiteava a separação da igreja do poder do estado, era uma ameaça real à estabilidade econômica e ao poder exercido até então.

Outro ponto relevante, já perceptível na citação anterior, é que os anabatistas não queriam que o estado pagasse seus pastores. Eles repudiavam qualquer interferência estatal na igreja. Esse princípio já estava registrado na Confissão de Schleitheim. O pastor será “assistido pela igreja que o elegeu, de forma que ele, que serve ao Evangelho, possa viver do Evangelho como o Senhor ordenou”. (CONFISSÃO, 1527, p.2). Os anabatistas - e, depois, os Menonitas - sonhavam em restabelecer o governo eclesiástico praticado pela igreja primitiva antes de Constantino. Eles entendiam que a igreja precisa ter a liberdade de obedecer a Deus, e não obedecer ao poder dominante: pois, assim, precisariam submeter-se também ao imperador.

Desde o início do movimento anabatista, ainda na Suíça - com a decisão de não mais praticar o batismo infantil e lutar por uma igreja independente do estado - foram perseguidos pelos governantes e pelas autoridades eclesiásticas. Parece que Zwinglio, prevendo uma grande ruptura com o status quo político-social, acabou recuando de suas convicções iniciais: “Zwinglio desistiu da sua primeira concepção da falta de fundamento bíblico para o batismo infantil visto que, com isso, muitas pessoas perderiam sua cidadania”. (CAIRNS, 2008, p. 274). Provavelmente, já prevendo que as mudanças seriam profundas e ousadas, Zwinglio abandonou suas ideias. Seus alunos queriam mais, e não cederam no ideal de ter uma igreja livre.

Simons tinha esse mesmo sonho e ideal. Por isso, criticava duramente as autoridades civis por sua interferência e perseguição à igreja. E praticou o que sonhou: mesmo perseguido, não desistiu do seu objetivo. Pregou baseado na Bíblia e batizou

inúmeros adultos que, como ele, criam que o batismo sucede a fé. Organizou a igreja, consolou e incentivou os perseguidos. Pagou um preço muito alto por praticar e viver de acordo com o que cria. Como já visto, milhares foram mortos por acreditar que a igreja deveria ser livre do poder do estado. O que hoje é padrão na maioria dos países, foi conquistado às custas de muito sangue inocente derramado. Parece que os Menonitas viveram à frente de seu tempo, seus ideais de liberdade não combinavam com a época em que viveram:

As igrejas Menonitas são consideradas parte das chamadas igrejas livres, designação eclesiológica para uma ampla gama de grupos religiosos que rompeu com as igrejas estatais e com a submissão à autoridade estatal e seu territorialismo, principalmente na época da Reforma do século XVI. (HARDER, 2019, p. 4).

Em seu tempo, essa ideia era inovadora e ousada, pois parecia inconcebível separar a igreja do estado. Não é exagero atribuir o movimento em prol das igrejas livres - do poder do estado - aos Menonitas. Eles foram os precursores, e o estopim foi o batismo de adultos. “Para os anabatistas, a ocasião para a ruptura veio, de maneira prática, com a rejeição ao batismo infantil e a introdução do batismo de adultos”. (HARDER, 2019, p. 4). O pensamento de que igrejas podem e precisam ser livres da autoridade do estado é um legado teológico importante da igreja Menonita. Graças à coragem e persistência desse grupo, hoje essa realidade é possível na maioria dos países livres e democráticos. As igrejas têm liberdade de culto e, por vezes, auxiliam voluntariamente o estado: a relação é pacífica e respeitosa.

### 7.3 RESISTÊNCIA NO SOFRIMENTO

A primeira pergunta que inspirou a resistência diante do sofrimento é: “Por que foram perseguidos?”. Na busca pela resposta, é preciso lembrar que, em Mt 5,10, a perseguição era por causa da justiça. No item 4.7.5, chegou-se à conclusão que “justiça” significa ter boas relações com Deus, que se consegue quando se submete à sua vontade. Uma pessoa justa também deseja que haja justiça pessoal e social. O segundo motivo de perseguição está contido em Mt 5,12, e é “por minha causa”, ou seja, por causa de Jesus. Com essa expressão, Jesus provavelmente se referia a seus seguidores, àqueles que procuram imitá-lo e viver de acordo com os seus ensinamentos.

Após observar a exaltação de Jesus aos perseguidos, Menno Simons concluiu que os Menonitas se encaixam exatamente nesse perfil. Ou seja: Simons enxerga a perseguição sofrida pelos Menonitas como fruto da fidelidade deles a Deus e Jesus. Ainda segundo Simons, não há outro caminho. Seu entendimento sobre a conversão - e a obrigatoriedade de mudança de vida - também reforça essa ideia. Quando alguém se diz cristão, seguidor de Cristo, precisa necessariamente viver como Jesus viveu e ensinou. A vida e os frutos do convertido mostrarão se ele realmente é um discípulo de Jesus. Se esse for o motivo da perseguição, a pessoa estará sendo perseguida por causa de Jesus.

Nesse caso, novamente, a perseguição se encaixa nos ensinamentos de Jesus. Na visão de Simons, eles eram perseguidos porque queriam viver exatamente como Jesus havia ensinado. Obviamente, quando se verifica as acusações direcionadas aos Menonitas pelos perseguidores, percebe-se uma opinião totalmente diferente. Na ótica destes, os Menonitas são hereges e merecem sofrer e morrer por isso. Quando os matam, acabam purificando sua religião, porque a livram de pessoas que não se encaixam no que eles entendem como Cristianismo.

A segunda pergunta era: “Como foi a perseguição?”. Quando se compara as palavras de Jesus sobre como aconteceria a perseguição e a lista de perseguições que Simons menciona, percebe-se conexões interessantes. A palavra “perseguidos” aparece em Mt, 5.10. O significado da palavra grega parece refletir o que o reformador do século XVI descreve. Ela significa “correr atrás, caçar, afugentar, perseguir com severidade, procurar assiduamente”; além de “perseguir”. Todos esses sentidos parecem combinar muito bem com o que acontecia com os Menonitas: eles foram caçados, afugentados e perseguidos severamente até a morte em diversas ocasiões.

Em Mt 5,11, Jesus menciona como será a perseguição: “mentindo, disseram todo o mal contra vós por minha causa”. Jesus não menciona a morte, que foi o fim para muitos anabatistas e Menonitas. No entanto, as outras formas de perseguições estão em total sintonia com o que Simons descreve. Parecem até uma forma muito branda de perseguição, pois o que eles - anabatistas e Menonitas - sofreram foi muito pior do que isso. Jesus também não menciona castigos e sofrimentos físicos, aflições muito comuns enfrentadas por Simons e seu povo.

Todavia, estão em acordo com o que a maioria dos onze discípulos de Jesus experimentou. Muitos cristãos também foram mortos pelo Império Romano nos primeiros três séculos de vida do Cristianismo. O apóstolo Paulo também é um

exemplo de cristão perseguido. Ser cristão nos primeiros três séculos e no tempo de Simons, no século XVI, era muito perigoso; e significava ser morto a qualquer momento. Os judeus também sofreram violência e morte por parte dos romanos. Isso ficou ainda pior à medida que enfrentavam seus algozes.

A mudança para uma narração em segunda pessoa, observada no versículo 11 – que confere um cunho mais pessoal ao texto - também assemelha a situação dos Menonitas com o que Jesus está tratando. Sendo assim, novamente parece que os Menonitas têm grande semelhança com os perseguidos mencionados por Jesus. Obviamente, os outros cristãos da época discordariam de uma análise assim. Porém, a perseguição sofrida faz toda a diferença e é decisiva para essa conclusão. As igrejas que tinham o apoio de algum governo não foram perseguidas; ou em escala muito menor.

Simons não menciona o texto de Mt 5,10-12. Todavia, cita Jo 16,2: “Eles vos expulsarão das sinagogas. E chegará a hora em que aquele que vos matar julgará estar prestando serviço a Deus”. Com essa passagem, ele conecta seu povo com os seguidores de Jesus, mencionados pelo próprio Cristo. Para Simons, o fato de estarem sendo expulsos e perseguidos indica que são fiéis a Deus. Também entende que assim como previa Jesus, os perseguidores acham que estão prestando um serviço a Deus. Entretanto, obviamente estão enganados: afinal, não podem ser cristãos, pois sua vida está repleta de ódio e violência.

O que impressiona na história dos Menonitas é a grande resistência ao sofrimento. Não somente resistiram e sobreviveram, mas também deixaram um importante legado teológico. Obviamente, seu pensar teológico foi diretamente influenciado pelo contexto de perseguição que viveram. Essa situação não é nova, e não o desmerece; pelo contrário, permite visões que, em tempos de paz e bonança, não seriam possíveis. A maioria dos autores do Novo Testamento também escreveram sob a perseguição do Império Romano. Mais recentemente, outros regimes totalitários como o nazismo, comunismo ou a ditadura brasileira também tiveram o efeito de fomentar o pensamento teológico. Muitas vezes, é no sofrimento e perseguição que grandes ideias e pensamentos surgem.

Os irmãos suíços ou anabatistas - como eram denominados no início, em 1525, na Suíça - e também os Menonitas só conheciam autoridades e cristãos violentos e perseguidores. Por isso, para eles, ser uma autoridade temporal (imperador, rei ou príncipe) ou ser uma autoridade religiosa (papa, padres, pastores e eruditos)

significava ser violento e perseguidor, que não ousaria usar a força contra os que não se alinhavam com suas ideias. O que trazia um pouco de consolo em meio à dor era perceber que a Bíblia é farta em exemplos de pessoas alinhadas com Deus e que também sofreram violência e perseguição. Então, isso significava que a perseguição é natural para pessoas tementes a Deus e eles igualmente eram perseguidos por serem cristãos: “Acontece como aconteceu desde o princípio, que os piedosos em todas partes sofrem muito por causa dos ímpios, assim como Abel sofreu por causa de Caim, Isaque por causa de Ismael, Jacó por causa de Esaú, etc.” (SIMONS, 2013, p. 153).

Em um cenário de grande perseguição, uma atitude comum é retribuir com violência. Uma resistência armada, bem como rebeliões e revoluções seriam consideradas aceitáveis nesse cenário. No entanto, não é o que acontece com os Menonitas. A resistência é totalmente pacífica. Desde o início do movimento, na Suíça, firmeza, coragem, resistência sem violência foram suas marcas. A maioria dos mártires foi para a morte com o semblante alegre e tranquilo, resistindo com mansidão, procurando seguir o exemplo de Jesus Cristo até o final:

Homens e mulheres, ocasionalmente crianças, eram inabaláveis em sua fé. Naturalmente, eles não forçavam seu martírio. Mas, eles tampouco compraram sua liberdade negando suas convicções, baseadas na Palavra de Deus, quando estavam nas mãos de seus perseguidores. Nem argumento habilidoso, nem severidade os confundiu”. (SCHOWALTER, 1953, p. 5).

Em Simons, percebe-se o pensamento de que um seguidor de Cristo não maltrata outro cristão, nem seu semelhante, mesmo que esse não seja um cristão. Não é possível que cristãos usem violência e perseguição contra as outras pessoas, independentemente de sua fé. Provavelmente, esse era totalmente inovador à época, final da Idade Média e início da Modernidade. É preferível morrer a ser violento com os inimigos. Em conexão com a passagem de At 5,29, ele afirma que, se for necessário, e da vontade de Deus, está disposto a morrer por Ele. Não é uma disposição tão evidente como nos anabatistas suíços, mas também está presente. Todavia, parece que Simons tem outras prioridades: antes de ser sacrificado pela causa, percebe-se seu empenho em convencer as autoridades que não os persigam mais. A maior parte da sua argumentação é nesse sentido, buscando uma vida mais justa e tranquila para ele e seus seguidores.

O caminho de escolhido por Simons é clamar por misericórdia e lembrar que as autoridades prestarão contas a Deus por seus atos violentos. Ele afirma que os Menonitas não resistem ao imperador, nem a nenhuma outra autoridade. Eles resistem somente a ordens anticristãs; obedecem mais a Deus que aos homens e estão dispostos a obedecer a Deus até à morte. Querem dar ao imperador o que é dele, mas a Deus o que ele pede. Ao mesmo tempo, exorta os príncipes e governantes - as autoridades - para que creiam na Palavra de Deus. Simons lembra que também eles precisarão prestar contas e serão julgados por Deus. Ainda os acusa de serem incoerentes e sanguinários, pois sua violência está contra os ensinamentos de Cristo. Portanto, não são discípulos de Cristo.

O exemplo de Jesus novamente entra em pauta. Segundo Simons, seus perseguidores precisam olhar para o Senhor, que tinha uma vida simples e também foi perseguido. Para Simons, está claro: a fidelidade a Cristo traz perseguição. Portanto, procura ajudar os seus perseguidores, advertindo-os que precisam de mudança de vida para que entrem no reino dos céus. São “pregadores de sangue”, e não discípulos de Cristo. Não é possível se dizer cristão e ter uma vida violenta, perseguindo outros cristãos. Simons faz uma afirmação ousada: “É Jesus de Nazaré que vocês perseguem, quando nos perseguem”. (SIMONS, 2013b, p. 50). Apesar das palavras duras, a resistência no sofrimento dos Menonitas é pacífica e ordeira. Mais sobre esse ponto essencial da Teologia Menonita será visto no próximo ponto.

#### 7. 4 PACIFISMO E NÃO VIOLÊNCIA

“Qual foi sua reação à perseguição?” É a primeira pergunta dessa seção. A reação dos judeus à perseguição romana contrasta radicalmente daquela esperada por Jesus e da praticada por Simons e seus seguidores, pois lutavam contra os romanos: empunhavam armas, organizavam-se em diversos grupos e, literalmente, iam para a luta. Havia grupos judeus violentos, que enfrentavam os perseguidores. Insistiram tanto que uma guerra contra os romanos acabou acontecendo: a guerra judaica, que iniciou por volta de 66 d.C. Promover guerras não era a reação que Jesus esperava dos seus seguidores. Também era muito diferente da reação dos Menonitas, que discordavam da violência contra eles, mas jamais promoveram guerras para mostrar sua insatisfação.

A alegria é a reação dos perseguidos esperada por Jesus: Alegrai-vos e exultai, é a ordem em Mt 5,12. Como já mencionado no item 4.7.7, não é uma atitude simples em meio a severas perseguições e sofrimentos. A alegria num contexto assim só é possível quando se crê que Jesus voltará e resgatará seus seguidores. Nesse dia, ele, como justo juiz, corrigirá injustiças e recompensará aqueles que sofreram por causa dele. A recompensa no céu será grande; e, com certeza, faz com que seja possível suportar severas perseguições.

A reação de Simons à perseguição é surpreendente e parece diferente da reação dos primeiros anabatistas na Suíça (fase 1). Lá, muitos foram mortos, e percebia-se uma disposição a isso. Vários iam para a fogueira levantando as mãos para o céu, louvando e bendizendo a Deus. Parecia que estavam felizes por poderem morrer por Cristo. Essa reação é perceptível em alguns dos personagens apresentados no ponto 5.3. Naquele período, a morte dos anabatistas parecia inevitável: provavelmente, a maioria deles já contavam com ela e, através dela, recebiam a confirmação de que estavam vivendo de maneira correta.

A segunda pergunta que gerou o presente ponto é: “Qual a recompensa é prometida ao perseguido?”. As vantagens da perseguição citadas por Simons são muitas; e ele é muito repetitivo em algumas, provavelmente para consolar e encorajar seus seguidores que eram muito perseguidos. O objetivo era mantê-los animados e perseverantes, não desistindo da sua fé. No entanto, como verificado, a ligação com a promessa de Jesus é total. Assim como Jesus promete o Reino dos Céus e uma grande recompensa no céu, Simons também o faz. Ele inclusive baseia seu raciocínio nas palavras de Cristo (Mt 5,10-12). Incentiva e encoraja seus seguidores a seguirem em frente, com base no que Jesus promete aos seus seguidores.

Olhando para a severa perseguição sofrida pelos Menonitas, é difícil entender como a suportaram e não desapareceram. O caminho natural seria a extinção do grupo. Todavia, não somente sobreviveram, mas também contribuíram para a Teologia. Atualmente, a maior parte das igrejas evangélicas ao redor do mundo praticam o que eles defendiam: batismo de adultos e igrejas livres, separação da igreja do estado. Como conseguiram?

Apesar de ter enfrentado muitos perigos e ameaças, Simons não foi morto. Zelava por sua vida, procurava se proteger e escapar dos seus perseguidores. Mudava frequentemente de lugares e cidades, buscava refúgio para evitar que fosse morto. Não se percebe a mesma disposição de morrer pela causa como se vê nos

anabatistas suíços. Faleceu aos 65 anos de idade, provavelmente de alguma doença. Teve uma vida um pouco mais longa e, apesar de muito agitada e tensa, conseguiu escrever sobre muitos temas. Inclusive sobre perseguição, como destacado no capítulo 6.

Uma história que começou de maneira conturbada com um povo vítima de graves perseguições tinha tudo para ter uma vida breve ou criar mais um grupo violento, disposto a vingar toda a violência sofrida. Todavia, não foi isso que ocorreu. Para que sobrevivessem, os Menonitas teriam que encontrar uma saída. Parece que o diálogo pacífico, sem violência, foi sua grande virtude. Simons não aceitava passivamente a perseguição, e escrevia para as autoridades civis e religiosas. Nesses escritos, percebe-se claramente dois tópicos: ele alertava para o tratamento injusto e cruel que os Menonitas estavam recebendo e pedia que as perseguições e sofrimentos cessassem. Ele era duro nas acusações contra as autoridades, não tinha medo de apontar o que considerava errado. No entanto, não desafiava nem confrontava, pois era completamente avesso ao uso da violência. Já se percebe essa disposição ao diálogo em seus escritos.

Ainda que tenha sido perseguido durante a maior parte da sua vida, Simons espera que seus seguidores sejam pacíficos, não retribuam a violência sofrida com violência. Ele alerta seus seguidores que a vingança não é uma atitude correta. Pelo contrário, é preciso ter misericórdia e orar por eles, seguindo o exemplo de Jesus e Estêvão. Ele entende o Sermão do Monte de maneira simples e literal; portanto, procura seguir o que Jesus ensina: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”. – Mt 5,43-44. A oração pelos inimigos e a não vingança é algo particularmente complicado, mas ele insiste nesses pontos.

Como vítimas de grande violência e perseguição, os Menonitas tornam-se referência como pacificadores: eram perseguidos por se recusarem a pegar em armas e participar de guerras. Também entendiam que Jesus não autoriza nenhum cristão a matar nem perseguir qualquer pessoa, conforme seus ensinamentos em Mt 5,38-48, com ênfase nos vers. 43 e 44: “Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”. A insistência, nesse princípio, contribui para que, com o passar dos anos, os Menonitas fossem reconhecidos como pacificadores. Nem sempre foi assim: pois,

no início do movimento anabatista, na Suíça, eles também eram violentos contra os que não aceitavam suas ideias.

Analisando a situação atual, percebe-se que a igreja Menonita é reconhecida no mundo todo como uma igreja que busca a paz, através do diálogo. O Conselho Mundial de Igrejas - uma comunhão de igrejas que promove a unidade cristã a nível mundial - expressa sua opinião sobre as atuais igrejas Menonitas:

São conhecidas como 'Igrejas Históricas da Paz'. Eles derivam originalmente do movimento anabatista não violento que surgiu na Europa como uma expressão radical da Reforma do século XVI. Os Menonitas receberam o nome do reformador holandês e primeiro líder influente Menno Simons (c.1496-1561)". (CHURCHES, 2021, p. 1).

Essa realidade é fruto do que os Menonitas viveram ao longo da sua história, ou seja, geralmente são a minoria perseguida. Uma rápida pesquisa na Enciclopédia online, "Global Anabaptist Mennonite", que reúne artigos sobre história e teologia Menonita, mostra que há 786 artigos que tratam do tema: "igrejas de paz" (GAMEO, 2021, p. 1-40). Ao contrário de terroristas e militares, os Menonitas entendem que violência gera violência, e não é esse o caminho ensinado por Jesus. Promover a paz e, se necessário, realizar protestos e revoluções pacíficas, sempre preservando a integridade física e respeitando a opinião dos envolvidos em um conflito. Esse o legado teológico deixado por Simons está vivo e presente nas atuais comunidades e academias Menonitas espalhadas pelo mundo.

O Congresso Mundial Menonita possui uma comissão denominada "Comissão de Paz", que possui o seguinte objetivo: "possibilitar conversas sobre questões de paz enfrentadas por igrejas, países e continentes; oferecer fóruns para diálogos, nos quais as igrejas podem considerar em conjunto questões relacionadas à paz, que de outra forma enfrentariam sozinhas; fortalecer a identidade comum de paz por meio do reforço e diálogo mútuos e incentivar esforços cooperativos em prol da paz"<sup>15</sup>. A comissão é formada por oito pessoas, representantes de todos os continentes, que incentivam programas que promovam a paz em todas as igrejas. O objetivo é que todas as igrejas Menonitas ao redor do planeta sejam comunidades que se empenhem em promover a paz, como alternativa a conflitos violentos.

---

<sup>15</sup> Disponível na página oficial do Congresso Mundial Menonita: <https://mwc-cmm.org/peace-commission?language=es>.

Essa comissão foi formada no início da Primeira Guerra Mundial, em 1914. A primeira missão foi enviar uma carta ao presidente dos EUA, “para reafirmar sua fé nos princípios da paz e formalizar sua oposição à guerra”. (NEUENSCHWANDER, 1959, p. 1). Obviamente, tal iniciativa pode ser recebida como simples e sem muito efeito prático, pois a guerra aconteceu e muitas vidas inocentes foram ceifadas, apesar dessa singela reprovação. Todavia, também mostra que, desde o início, a comissão se importa em deixar claro que os Menonitas entendem ser possível viver em um mundo sem guerras, perseguições e violência.

A duas últimas bem-aventuranças continuam tendo grande valor na igreja Menonita atualmente. Como interpretam o Sermão do Monte literalmente, e se consideram discípulos de Jesus, empenham-se em ser “pacificadores” (Mt 5,9). Também entendem que, por promoverem a paz, serão “perseguidos” (Mt 5,10-11). Porém, essa realidade não os assusta, pois, sua história de perseguições e sobrevivência os motiva a seguir em frente. O exemplo de Simons os motiva, pois ele também entendia que a recusa em utilizar a espada fazia com que os Menonitas fossem mais perseguidos.

Ainda hoje é assim: pois, em um contexto de guerras e violência que se vive, muitas vezes, quem se recusa a participar dessa prática é perseguido. Por isso mesmo, é necessário continuar buscando a paz, com diálogo e sem violência. É uma alternativa viável! Portanto, os Menonitas entendem que sua história e vivência de perseguições os capacitam e desafiam a ensinar ao mundo que uma convivência pacífica e sem violência é possível.

## **8 CONCLUSÃO**

A hipótese lançada ainda na introdução e que fundamentou a presente pesquisa pode ser resumida em quatro indagações: Será que os Menonitas se encaixam nas características dos perseguidos, ensinadas por Jesus? Eles – os Menonitas - podem ser considerados um grupo de discípulos que foram perseguidos por causa de Cristo? É possível verificar semelhanças entre os perseguidos das bem-aventuranças e os Menonitas? É possível enxergar contribuições teológicas resultantes da resistência à perseguição dos Menonitas? Essas perguntas caracterizaram a hipótese da pesquisa e respostas a elas foram procuradas ao longo do trabalho.

É chegado o momento de colocar a hipótese à prova. Como já destacado, o objetivo principal da pesquisa é verificar se os Menonitas do século XVI, seguidores de Menno Simons, representam um grupo de perseguidos que tem as mesmas características dos perseguidos citados por Jesus em Mt 5,10-12. Depois de todas as análises anteriores e com um longo caminho percorrido, é possível responder a essa pergunta e chegar a uma conclusão. Para facilitar a visualização e entendimento, será mostrado abaixo um quadro-resumo com as conclusões encontradas.

Novamente, o quadro será montado, levando-se em consideração as oito perguntas auxiliares, lançadas ainda na introdução e que serviram de fundamento e guia na busca pela comprovação ou não da hipótese: 1. Quem era e será perseguido? 2. Por quem eram perseguidos? 3. Quando (data) será a perseguição? 4. Onde (local) será a perseguição? 5. Por que (motivos) será a perseguição? 6. Como era a perseguição? 7. Qual a reação Jesus espera do perseguido? 8. Qual a recompensa Jesus oferece ao perseguido?

ITEM	PERGUNTA	JESUS	SIMONS	CONCLUSÃO
1	Quem é o perseguido?	Discípulos, cristãos	Menno Simons, Menonitas	Forte conexão, se os Menonitas forem considerados seguidores de Jesus.
2	Quem é o perseguidor?	Império Romano, Judeus	Império Romano, demais igrejas cristãs	Grandes semelhanças. Forte conexão.
3	Quando?	Primeiro século Todas épocas	Século XVI Todas as épocas	Conexão incontestável.
4	Onde?	Onde houver cristãos	Onde houver cristãos	Conexão incontestável.
5	Por quê?	Por causa da justiça, por causa de Jesus. Porque	Batismo de adultos, igreja livre, precisam carregar a "cruz de	Forte conexão. Os Menonitas são perseguidos por

		procuram imitar a Jesus.	Cristo”, são seguidores de Cristo, porque são pacificadores.	mais motivos. Também pelos motivos que Jesus menciona.
<b>6</b>	Como?	Correndo atrás, caçando, insultando, mentindo, falando mal.	Expulsão, confisco de bens, morte por enforcamento, fogo, asfixiamento, estupro de mulheres, famílias destruídas e separadas, xingados, agredidos, odiados, caluniados, delatados	Conexão incontestável. Os Menonitas sofrem muitas formas de perseguição, mas todas se encaixam no significado da palavra: “correr atrás, caçar”.
<b>7</b>	Reação?	Alegrai-vos e exultai-vos.	Simons acusa, adverte e solicita que cessem. Disposição para morrer e alegria pela recompensa eterna.	Forte conexão. A alegria não é a principal reação de Simons, mas também é mencionada.
<b>8</b>	Recompensa?	A recompensa no céu será grande, vida eterna.	Há vantagens na perseguição, os maus não prevalecerão, Deus julgará e dará a vida eterna aos justos.	Forte conexão. Simons vê vantagens na perseguição. No entanto, a recompensa no

				céu está garantida.
--	--	--	--	------------------------

Analisando o quadro-resumo acima, é possível perceber que há grande conexão entre as características dos perseguidos mencionadas por Jesus no evangelho de Mateus e as características dos perseguidos Menonitas do século XVI, durante a vida de Menno Simons. O período de perseguição a Simons vai do ano 1536 - ano da sua adesão ao movimento anabatista - até o ano de 1561, ano do seu falecimento.

Novamente, é importante frisar que, para se chegar às conclusões acima, diferentes métodos interpretativos foram utilizados. A exegese da perícopes de Mateus 5,1-16, foi feita seguindo-se, principalmente, o método Histórico-Gramatical. Esse é um método bem conhecido e muito utilizado. Após uma aproximação ao texto (capítulos 2 e 3), a interpretação foi feita no capítulo 4. A segunda parte da pesquisa, a análise da perseguição aos Menonitas, também iniciou com um capítulo introdutório (capítulo 5). No capítulo 6, fez-se a interpretação do pensamento teológico de Menno Simons sobre a perseguição. Como Simons escreveu enfatizando o sofrimento a partir da situação do seu povo, da realidade que viviam, não foi possível utilizar o método Histórico-Gramatical para sua interpretação.

A práxis hermenêutica de Menno Simons assemelha-se muito à abordagem da libertação, explicitada muitos séculos mais tarde pela Pontifícia Comissão Bíblica. É um método muito utilizado por pessoas que passam por um profundo sofrimento e, em meio à dor e angústia, voltam-se à Bíblia para buscar entendimento, consolo e esperança. É uma interpretação que parte da práxis, da experiência de vida que se está passando. Para se obter uma interpretação mais precisa, e em concordância com o método já empregado por Simons, optou-se pela utilização dessa ferramenta. O resultado da comparação da Teologia da bem-aventurança e do pensamento de Simons sobre perseguição, apresentado no quadro acima, será brevemente comentado abaixo.

A primeira pergunta procura identificar quem são os perseguidos. Os Menonitas não tinham nenhuma dúvida de que eram realmente discípulos de Jesus. Se essa interpretação estiver certa, podem ser reconhecidos como um grupo de perseguidos, conforme Jesus previu. Obviamente, os perseguidores jamais concordariam: afinal, eles próprios se consideravam a representação máxima do verdadeiro Cristianismo,

do qual os Menonitas se afastaram de modo inegável. Se a aplicação vale aos Menonitas, evidentemente, também é aplicável a outros grupos cristãos que sofreram e ainda sofrem perseguição. Não é uma aplicação exclusiva aos seguidores de Simons.

A segunda pergunta mostra uma grande semelhança entre os perseguidores. O Império Romano continuava aparecendo como agente opressor: era o principal perseguidor no tempo de Jesus e ainda desempenhou um papel importante no século XVI. Também é notória a perseguição sofrida por outros grupos religiosos. Ainda na época de Jesus, os judeus perseguiam – e muito – cristãos e os discípulos de Jesus. Já no século XVI, os Menonitas foram perseguidos por “irmãos na fé”, que pensavam diferente e pertenciam a outras igrejas. Ou seja: tanto a igreja oficial romana como as igrejas oriundas da Reforma perseguiam. Por esse motivo, percebe-se uma forte conexão entre as duas situações.

A pergunta 3 é decisiva para mostrar que a perseguição a cristãos é possível em todas as épocas. Ela não se resumia somente à época em que o discurso de Jesus foi proferido. Esse argumento não atesta os Menonitas como um grupo de bem-aventurados perseguidos, mas abre a possibilidade de que eles sejam um grupo assim. Assim como na primeira pergunta, não confere exclusividade a eles, pois muitos outros grupos cristãos foram, são e ainda serão perseguidos. Todavia, independente do período em que viveram, mostra que em qualquer tempo é possível que pessoas ou comunidades sejam perseguidos por causa de Cristo.

O mesmo raciocínio pode ser empregado na quarta pergunta, com relação à localização dos perseguidos. A pesquisa mostrou que a posição geográfica não altera em nada a possibilidade de perseguição: ela pode acontecer onde houver a presença de cristãos. A presença deles é que traz riscos de perseguição, e não o lugar onde estão. Novamente, percebe-se uma forte conexão com os Menonitas; pois, pela pesquisa, observa-se que: onde estavam, eram perseguidos. No entanto, ainda é necessário encontrar argumentos mais esclarecedores.

A pergunta 5 - “Por que foram perseguidos?” - Traz revelações interessantes. Evidentemente, os Menonitas entendiam que eram perseguidos porque eram discípulos de Cristo. E, para eles, ser discípulo significa carregar a “cruz de Cristo”. Entretanto, também eram perseguidos porque batizavam adultos, eram contra o pedobatismo. Como já visto ao longo da pesquisa, tinham argumentos teológicos robustos para fundamentar esse pensamento. Todavia, os perseguidores também se

diziam fundamentados na Palavra de Deus para discordar. Parece que o verdadeiro motivo da perseguição é uma diferença na interpretação das Escrituras em relação ao batismo.

Outro motivo pelo qual eram perseguidos é que sonhavam com uma igreja livre, separada do estado. Os Menonitas entendiam que Constantino fez um mal para a igreja ao tornar o Cristianismo a religião oficial do Império Romano. Tal decisão solidificou o poder “igreja – estado”, desviando a igreja do verdadeiro propósito. Para eles, a igreja que Jesus fundou deveria ser independente do poder estado. A igreja primitiva - até o século IV - era o exemplo de igreja que Jesus queria, livre das influências do estado. Igreja e estado têm objetivos diferentes, que não deveriam se misturar. Novamente, uma interpretação diferente das escrituras e uma tradição de mais de 1000 anos da união da igreja e estado trouxe perseguição sobre eles. Se a interpretação bíblica dos Menonitas fizer sentido, pode ser considerado que foram perseguidos por se esforçarem a seguir Jesus.

O que a princípio parece ser uma perseguição por conta de interpretações teológicas divergentes pode esconder raízes mais profundas. Como já mencionado, no século XVI, havia grande unidade e poder na união da igreja com o estado. Após aproximadamente mil anos, esse vínculo era muito forte e difícil de ser contestado ou rompido. Se o batismo de adultos se tornasse regra entre o Cristianismo, esse poder igreja / estado estaria sob grande ameaça. O batismo, para os Menonitas, simbolizava a independência do estado e da igreja. Eles sonhavam com igrejas livres, em que pudessem obedecer unicamente a Deus, sem a interferência do estado.

Sob essa ótica, parece que o estado e igreja estatal temiam que, se o batismo infantil fosse abolido, a unidade, coesão e o grande poder exercido estariam sob sérias ameaças. Haveria uma cisão muito grande, e a estabilidade político-econômica-social da época estaria grandemente ameaçada. Sendo assim, é possível entender que o motivo da perseguição não foi unicamente por causa de uma interpretação bíblica divergente, mas havia um temor pela perda do poder. É muito provável que a luta pela manutenção do poder é a causa escondida, e o motivo primário da perseguição aos Menonitas.

A pergunta 6 trata da maneira como seria a perseguição. A semelhança entre o que Jesus ensina e o que aconteceu aos Menonitas é muito grande. Eles realmente foram caçados, insultados e caluniados. Uma diferença importante é: parece que a violência contra eles foi ainda mais grave, pois resultou em mortes. Suas famílias

foram destruídas; mulheres, estupradas; muitos foram mortos de maneiras horríveis. Nesse ponto, a semelhança entre o que Jesus previu e os Menonitas é evidente, ou melhor, a reação contra os Menonitas foi ainda pior do que Jesus tinha previsto.

Na sétima pergunta, a questão é sobre a reação dos perseguidos. Jesus espera que eles se alegrem e se exultem. É uma exigência difícil de ser cumprida. A alegria, apesar da ameaça de morte, é muito evidente na chamada fase I do anabatismo, ainda na Suíça. Naquele período, os anabatistas de fato se alegravam, apesar da morte certa. Menno Simons também parece não temer a morte, se ela for necessária. Nesse ponto, a conexão com o que Jesus ensinou é total: percebe-se a alegria, apesar da realidade da morte. No entanto, percebe-se, em Simons, uma diferença importante. Ele procurava proteger-se: não era passivo com relação à proteção da sua vida e da vida de sua família. Ainda mais, questionava as autoridades e clamava por misericórdia e mudança de atitude. Argumentava que ele e seus seguidores eram pacíficos e não mereciam tanto sofrimento e perseguição. Era um homem que não aceitava a injustiça, e tinha argumentos para defender sua posição.

Apesar de não aceitar passivamente a perseguição, nunca reagiu ou incentivou o uso da violência contra os perseguidores. Isso marca uma grande diferença com relação ao início do movimento, ainda na Suíça (fase I). Naquela época, alguns anabatistas eram a favor do uso de armas e da violência para se defender. Há registros de revoltas armadas dos camponeses - simpáticos ao movimento anabatista - contra as autoridades. Simons, ao contrário: apesar da perseguição sofrida, sempre ensinava que o julgamento e a vingança pertencem a Deus. Ele não admitia o uso de armas e violência contra os opositores. Jesus ensinou que se deve amar os inimigos e orar pelos perseguidores (Mt 5,44). Simons interpretava essa passagem literalmente e procurou viver dessa maneira e ensinar sua comunidade a fazer o mesmo.

A última pergunta auxiliar (8) trata da recompensa aos perseguidos. Mais uma vez, a conexão com o que Jesus prometeu e o que Simons ensinava e esperava é total. Jesus ensinou que, apesar da perseguição e dificuldades enfrentadas em vida, a recompensa no céu é grande. Mesmo que a vida terrena se tornasse quase insuportável, a vida eterna prometida recompensava todo o sofrimento. Simons, ao consolar seus seguidores perseguidos, mostra que há, inclusive, vantagens para os perseguidos. Os sofrimentos os mantêm mais próximos de Deus porque, apenas com forças próprias, não conseguiriam suportá-los. Além disso, os sofrimentos terrenos são passageiros, ao contrário da recompensa futura.

Os perseverantes herdarão a vida eterna, desistir não é uma opção. Simons incentivava seus seguidores a continuar lutando com confiança e perseverança. É preciso ter resistência em meio ao sofrimento. A recompensa será sempre maior do que os passageiros sofrimentos. O Deus juiz é justo, e não se furtará de julgar os maus e recompensar os seguidores de Jesus, perseguidos injustamente. Essas palavras de incentivo estão completamente de acordo com as palavras de Jesus. Ao referir-se a elas, Simons mostra o quanto é perseverante e resistente, mesmo em condições dolorosas e extremamente difíceis.

Olhando para a igreja Menonita atualmente, parece que a visão de Simons prevaleceu. Sua resistência e resiliência valeram a pena. Suas ideias forjaram o que a igreja é hoje: reduzida em números (aproximadamente 2,2 milhões de membros em todo mundo), mas que luta pela paz e pelo respeito às minorias. Parece que a igreja aprendeu a ser minoria; por isso, procura a paz e a não perseguição de grupos menores. A igreja Menonita, através das perseguições sofridas, aprendeu que nenhuma minoria pode ser calada ou perseguida. Todos merecem a oportunidade do diálogo. Por maior e mais poderoso que um movimento seja, o julgamento pertence somente a Deus. Ninguém deve ser morto por causa do que pensa, mesmo quando sua opinião está em desacordo com a maioria. Diálogo, entendimento, e não violência: esse é o caminho. Nesse ponto, a conexão com o que Jesus ensinou parece total.

A contribuição teológica, já destacada no capítulo 7, é real e importante. O sofrimento e a resistência não foram em vão. As dificuldades contribuíram para fortalecer a espiritualidade do grupo. A história de perseguições sofridas não pode ser apagada, mas precisa ser canalizada para algo bom. É uma história muito dolorida, de enorme opressão, mas que gera o pensar teológico. E as contribuições teológicas de uma experiência de vida tão marcante não podem ser desprezadas. Também não é possível viver em amargura; pelo contrário, é preciso reverter as dores e angústias do passado para se viver melhor no futuro. É preciso tirar lições que contribuam para gerar melhores cristãos e seres humanos. Só assim o sofrimento terá valido a pena.

Em consequência de toda opressão sofrida, os Menonitas entenderam que é necessário que o cristão tenha uma vida coerente. Aquele que segue a Jesus precisa demonstrar que tem uma vida alinhada com o que prega. Seu testemunho, sua vida diária precisa demonstrar que ama e segue a Jesus. Incoerências entre palavras e procedimentos demonstram que a vida cristã não é autêntica. O batismo é uma evidência visível que se deseja seguir a Jesus. Ter igrejas livres do poder do estado -

que hoje é algo corriqueiro na maioria dos países democráticos - também é um legado teológico deixado pelos primeiros anabatistas e Menonitas. A custo de muito sangue, dores e perseguições, a liberdade tão sonhada por Simons e seus seguidores foi conquistada. Eles são os pioneiros no movimento das igrejas livres.

A grande resistência dos Menonitas ao sofrimento impressiona muito mais porque ela ocorre de maneira pacífica. É possível buscar e promover a paz, mesmo em situações adversas, de grande hostilidade. Essa é outra contribuição de Simons e seu povo. Sua própria sobrevivência atesta que somente porque buscaram a paz e não retribuíram com violência é que sobreviveram. Como sempre foram minoria, a vingança, com toda certeza, contribuiria com a extinção do grupo. Atualmente, a igreja Menonita é conhecida como aquela que procura viver em paz mesmo com os inimigos. Aprenderam que viver em paz é sempre a melhor opção, porque Jesus ensina que um cristão deve amar os inimigos e orar pelos perseguidores.

A conclusão é que os Menonitas podem ser considerados um grupo de perseguidos, conforme os ensinamentos de Jesus em Mt 5,10-12. Também é possível e necessário aprender algo com a história deles. Pelo que foi pesquisado, é perfeitamente possível que Menno Simons e os Menonitas sejam considerados um grupo de perseguidos por causa da sua fé em Jesus. Obviamente, pelos critérios adotados, eles não são os únicos que se enquadram nos padrões. Há outros grupos de cristãos, em outras épocas, que também se encaixam nos “perseguidos” mencionados por Jesus.

Parece que sempre, em todas as épocas, houve e haverá cristãos que se encaixam nesse padrão. E mais: apesar de dolorida, a experiência dos Menonitas e dos demais oprimidos, com certeza, gera valiosas lições que jamais deveriam ser esquecidas. Somente lembrando e aprendendo com elas é possível sonhar com um futuro melhor, com mais tolerância e respeito, e menos violência e perseguição. A diversidade de ideias deve servir para a provocação e fundamentação de diálogos sadios e respeitosos. É possível manter e buscar ativamente a paz, mesmo em situações conflituosas: esse é provavelmente o maior legado deixado pelos Menonitas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. **Bíblia Sagrada. Bíblia de Jerusalém.** Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo, SP: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1994.

AGOSTINHO, Santo. **Patrística Santo Agostinho – O Sermão da Montanha e Escritos sobre fé.** São Paulo: Paulus, 2017, versão Kindle.

ALLISON, D.C; DAVIES, W. D.. **International Critical Commentary – Mathew 1-7.** New York: T & T Clark, 1988.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. **Diccionario Exegético del Nuevo Testamento I.** Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 2005.

BALZ, Horst; SCHNEIDER, Gerhard. **Diccionario Exegético del Nuevo Testamento II.** Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 2002.

BARBAGLIO, Giuseppe. **Jesús, hebreo de Galilea. Investigación histórica.** Salamanca, Espanha: Secretariado Trinitario, 2003.

BARTH, Karl. **Carta aos romanos.** São Paulo: Editora Nova Século, 2003.

BECKER, Palmer. **O que é um cristão anabatista? – Missio Dei número 18.** Elkhart EUA: Mennonite Mission Network, 2010.

BECKER, Palmer. **Princípios anabatistas essenciais. Dez marcas de uma fé singular.** Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2019.

BENDER, Harold S; HORSCH, John. **A vida e os escritos de Menno Simons.** Boituva, SP: Editora Monte Sião, 2015.

BEYREUTHER E., FINKENRATH, G. **Alegria, Regozijar-se:** in Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BIBLE WORKS, LLC. **Software bíblico: Bible Works versão 10.** Virginia, EUA: 2018.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada. Almeida Século 21.** São Paulo, SP: Vida Nova, 2013.

BÍBLICA, Pontifícia Comissão. **A interpretação da Bíblia na igreja.** Roma: 1993. Disponível em:

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/pcb\\_documents/rc\\_con\\_cfai th\\_doc\\_19930415\\_interpretazione\\_po.html#IV.%20INTERPRETA%C3%87%C3%83 O%20DA%20B%C3%84BLIA%20NA%20VIDA%20DA%20IGREJA](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_documents/rc_con_cfai th_doc_19930415_interpretazione_po.html#IV.%20INTERPRETA%C3%87%C3%83 O%20DA%20B%C3%84BLIA%20NA%20VIDA%20DA%20IGREJA).

BRAGHT, Van J. T. **Der Blutige Schauplatz oder Märtyrer Spiegel der Taufgesinnten oder wehrlosen Christen.** Ephrata, Pensilvânia: Märtyrerspiegel.blogspot.de, 1870.

- BRUCE, F.F. **História do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- CAIRNS, Earle Edwin. **O Cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CARSON, D. MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd Publicações, 2011.
- CARSON, D. A. **O Sermão do Monte – exposição de Mateus 5 - 7**. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- CARTER, W. O. **O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CESARÉIA, de Eusébio. **História Eclesiástica**. São Paulo: Paulus, 2000.
- CHURCHES, World Council. **Moravian and Historic Peace Churches**. WCC, 2021. Disponível em: <https://www.oikoumene.org/church-families/moravian-and-historic-peace-churches>.
- COENEN, Lothar, BROWN Colin, Leon. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- Confissão de Schleithem**. Schleithem, 1527. Disponível em: <http://jornaltochadaverdade.blogspot.com/2011/04/confissao-de-schleithem.html>. Acessado em 10.11.20.
- DOS SANTOS, Claudiano, A. **Didaquê**. São Paulo: Paulus, 2013, edição Kindle.
- DRIVER, Juan. **Contra a Corrente - Ensaios de Eclesiologia Radical**. Campinas. Editora Cristã Unida, 1994.
- DRIVER, Juan. **Ouçã Jesus**. Campinas. Editora Cristã Unida, 1995.
- DYCK, Cornelius J. **Uma Introdução à história Menonita**. Campinas. Editora Cristã Unida, 1992.
- EDITORIAL, Equipe. **Vorwort**. In: Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. Páginas 15 a 16.
- ESTEP, William, R. **A história dos anabatistas**. São Paulo: Monte Sião, 2017.
- FERREIRA, Franklin. **A Igreja Cristã na História. Das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- FITZMYER, Joseph A. **A Bíblia na Igreja**. São Paulo: Loyola, 1997.

GAMEO. **Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online**. Disponível em: [https://gameo.org/index.php?title=Welcome\\_to\\_GAMEO](https://gameo.org/index.php?title=Welcome_to_GAMEO).

GNILKA, Joachim. **Das Mathäusevangelium**. Alemanha: Herder, 1998.

GUSSO, Antonio Renato. **Gramática Instrumental do grego**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

HARDER, Helmut. **Ecclesiology**. GAMEO, 2019. Disponível em: [https://gameo.org/index.php?title=Ecclesiology#A\\_Mennonite\\_Free\\_Church\\_Self-understanding](https://gameo.org/index.php?title=Ecclesiology#A_Mennonite_Free_Church_Self-understanding).

HENGEL, Martin. **Studies in the Gospel of Mark**. Eugene, Oregon, EUA: Wipf & Stock Publishers, 2003.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o império: o reino de Deus e a nova desordem mundial**. 2ª. edição. São Paulo: Editora Paulus, 2004, edição Kindle.

HORSLEY, Richard A.; HANSON, John S. **Bandidos, profetas e messias. Movimentos populares no tempo de Jesus**. São Paulo: Editora Paulus, 2007.

JENNY, Beatrice. **Das Schleithemer Täuferbekenntnis 1527**. Versão em pdf.

JEREMIAS, J. **Jerusalém nos tempos de Jesus: pesquisas e história econômico-social no período neotestamentário**. São Paulo: Paulinas, 1983.

\_\_\_\_\_. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

JONES, D. M. L. **Estudos no Sermão do Monte**. São Paulo: Fiel, 2017.

JOSEFO, Flavio I. **História dos Hebreus. De Abraão à queda de Jerusalém. Obra Completa**. 24ª. imp. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2013.

JOSEFO, Flavio II. **Las guerras de los Judios**. Milan Italia: Spanish Edition. Greenbooks editore, 2019. Edição do Kindle.

JUNIOR, Stoll A. William. **Rei, Reino** in Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2000.

KEENER, S. Craig. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia - Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KISSINGER, S. Warren. **The Sermon on the Mount. A History of Interpretation and Bibliography** EUA: The Scarecrow Press, INC., Metuchen, N.J. and The American Theological Library Association, 1975.

KLEIN, Jeremias, C. **Os Sacramentos na tradição reformada**. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

KÜMMEL, W. G. **Introdução do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1982.

KUNZ, Claiton A. **Exegese do Novo Testamento a partir do método Histórico-Gramatical**. Ijuí: Revista Batista Pioneira, n.4, v. 1, 2015.

LIÃO, Irineu de. **Patrística - Contra as Heresias Denúncia e refutação da falsa gnose**. São Paulo: Paulus, 1990.

LOHSE, Eduard. **Contexto e Ambiente do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2000.

LOUTH Andrew. **Martírio**. In: Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2014.

LUZ, Ulrich. **El evangelio según San Mateo**. (Obra completa em 4 volumes). Salamanca: Sigueme, 1993.

MARSHALL, I. Howard. **Teologia do Novo Testamento. Diversos testemunhos, um só evangelho**. São Paulo: Vida Nova, 2012.

MARTÍNEZ, Juan F. **História e Teologia da Reforma Anabatista. Um Desafio Atual**. Campinas - SP: Editora Cristã Unida, 1997.

MAZZINGHI, Luca. **História de Israel. Das Origens ao Império Romano**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

MCGRATH, Alister. **A Renovação Protestante**. Brasília, DF: Editora Palavra, 2012.

MOUSSAULT, Auguste. **Menno Simons und sein Werk**. In Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. (Págs. 17-20)

MÜLLER, D. **Discípulo, Reino** in **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

MWC. Congresso Mundial Menonita. [www.mwc-cmm.org](http://www.mwc-cmm.org).

NESTLE Eberhard, NESTLE Erwin. **Nestle-Aland Novum Testamentum Graece – 28a. Edição Revisada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

NETO, João Oliveira Ramos. **Fé Subversiva: Uma análise do conflito sociopolítico da ideologia anabatista com as demais propostas da Reforma Protetante na Europa Central entre os anos de 1525 a 1555**. Goiânia: Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, 2016.

NEUENSCHWANDER, A. **Peace Committee**. GAMEO, 1959. Disponível em: [https://gameo.org/index.php?title=Ecclesiology#A\\_Mennonite\\_Free\\_Church\\_Self-understanding](https://gameo.org/index.php?title=Ecclesiology#A_Mennonite_Free_Church_Self-understanding).

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã. 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Editora Vida, 1999.

OMANSON, Roger.L. **Variantes textuais do Novo Testamento – Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

PAULS, Alfred. Menonita, conte sua história! In: Quem Somos? 1930-2010. A Saga Menonita – rompendo a barreira cultural. Curitiba: Esperança, 2010.

POHL, Adolf. **Carta aos Romanos: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 1999.

REILLY’O, J. A. **Os Mártires do Coliseu**. Rio de Janeiro: CPAD, 2014 - versão Kindle.

RIENECKER, Fritz. **Mateus: Comentário Esperança**. Curitiba: Esperança, 1998.

SCHOWALTER, Paul. **Martyrs**. GAMEO, 1953. Disponível em: <https://gameo.org/index.php?title=MARTYRS>.

SCHÜRER, Emil. **Historia del pueblo judio en tiempos de Jesus I – Fuentes y marco histórico**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

SCHÜRER, Emil. **Historia del pueblo judio en tiempos de Jesus II – Instituciones Políticas y Religiosas**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1985.

SEEBASS, H. **Justiça in Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

SHEDD, Russel. **A felicidade segundo Jesus. Reflexões sobre as bem-aventuranças**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

SIMONS, Menno. **Das Fundament. Das Fundament und klare Anweisung**. In: Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. Páginas 244 - 386.

SIMONS, Menno. **Das Kreuz der Heiligen**. In: Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. Páginas 737 a 782.

SIMONS Menno. **Die Christliche Taufe**. In: Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. Páginas 149 a 212.

SIMONS Menno. **Die Schriften des Menno Simons**. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013.

SIMONS, Menno. **Ein Bekenntnis von der Rechtfertigung - 1552**. In Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. Páginas 647 a 674.

SIMONS, Menno. **Menno Simons' Bekehrung – und Austritt der Römischen Kirche**. In Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. Páginas 53 a 63.

SIMONS, Menno. **Un Fundamento de Fe**. San Lorenzo, Paraguay: CETAP 2013b.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. São Paulo: Paulus, 2008, versão Kindle.

SWETNAM, James. **Gramática do Grego do Novo Testamento - Volume I**. São Paulo: Paulus, 2002.

TASKER, R.V.G. **Mateus: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

TAYLOR, W. C. **Dicionário do NT Grego**. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

WALTNER, Gary, WÖLK Gerhard, FAST Viktor, PENNER Jakob, MOUSSALT Auguste. **Ein ergänzender Bericht über die harten Verfolgungen Menno Simons**. In: Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. p. 63 – 66.

WALTNER, Gary, WÖLK Gerhard, FAST Viktor, PENNER Jakob, MOUSSALT Auguste. **Einleitung zur „Das Kreuz der Heiligen**. In: Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. p. 738.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia**. São Paulo: Paulus / São Leopoldo: Sinodal, 2002.

WIENS, Victor. **Refugiados e embaixadores - Missões Menonitas no Brasil**. North Charleston, EUA: CreateSpace Independetn Publishing Platform, 2018.

WÖLK Gerhard. **Fürsorger der Taufergemeinden Menno Simons – 25 Jahre Ältester der Täufer**. In: Die Schriften des Menno Simons. Bolanden-Weierhof / Steinhagen, Germany: Mennonitische Forschungsstelle Weierhof u. Sammenkorn, Christlicher Schriften – und Liederverlag, 2013. Páginas 25 a 52.

WRIGHT, N. T. **Como Deus se tornou rei**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019. Edição do Kindle.

ZABATIERO, T Paulo Júlio. **Rei, Reino** in **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

ZEILINGER, Franz. **Entre o Céu e a Terra. Comentário ao Sermão da Montanha (Mt 5-7)**. São Paulo: Paulinas, 2008.